

*O cara
dos meus sonhos*
(OU QUASE)

Jenn Bennett

PLATA
FORMA 21



TÍTULO ORIGINAL **Alex, Approximately**

© 2017 by Jenn Bennet. Publicado originalmente por Simon Pulse, um selo da Simon & Schuster, Inc.

Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL. Todos os direitos reservados.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO **Fabrizio Valério e Flavia Lago**

EDITORA-ASSISTENTE **Thaíse Costa Macêdo**

PREPARAÇÃO **Flora Manzione**

REVISÃO **Vanessa Gonçalves e Flávia Yacubian**

DIREÇÃO DE ARTE **Ana Solt**

PROJETO GRÁFICO **OLIFANT – Valeria Miguel Villar**

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Juliana Pellegrini**

CAPA **Regina Flat**

IMAGEM DE CAPA © 2017 by svetikd/Getty Images

IMAGEM DE LOMBADA E ORELHAS © 2017 by leetatee/Thinkstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bennett, Jenn

O cara dos meus sonhos (ou quase) [livro eletrônico] / Jenn Bennett; tradução

Carla Bitelli. – 1. ed. – São Paulo: Plataforma21, 2017. 2 MB; Epub

Título original: Alex, Approximately

ISBN: 978-85-92783-46-4

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

17-09738 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para aqueles que fogem, evitam, desviam, dão um passo atrás.

Deve haver um bom motivo para vocês se esconderem.

Que sejam capazes de lidar com isso e descubram sua força interior.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > ARQUIVADAS

@alex: Acabaram de anunciar a programação de verão das sessões gratuitas na praia que dão início ao festival anual de cinema. Adivinha qual Hitchcock vão passar? *Intriga internacional*!

@zibelina: Sério?! Te odeio. Mas já vi *Intriga* na telona ano passado, então...

@alex: Assim não conta. Sessões na praia são bem mais legais. São como um *drive-in*, mas sem aquela canseira do carro. E quem não quer assistir a uma cena de perseguição no monte Rushmore com o pé enfiado na areia? Tive uma ideia: diga ao seu pai que quer visitá-lo em junho, aí nós podemos ir juntos.

@zibelina: Não curto muito praia, lembra?

@alex: Você nunca foi a uma de verdade. As praias da costa leste são péssimas.

@zibelina: TODAS as praias são péssimas. *espiada na programação do festival de cinema* Além disso, SE eu fosse visitar meu pai, preferiria ir na última semana do festival pra ver todos os filmes do Georges Méliès que vão passar... DO LADO DE DENTRO. Ou seja: sem areia.

@alex: —> ESTE SOU EU PIRANDO. (Tá falando sério?! Por favor, sem brincadeira. A gente pode se encontrar de verdade?)

@zibelina: Não sei.

@alex: Se estiver falando sério, então venha ver *Intriga internacional* comigo. Ao ar livre, na praia, como a natureza deseja.

@zibelina: Filmes não foram feitos para serem vistos ao ar livre, mas tudo bem. Se eu for mesmo, a gente se encontra e assiste a *Intriga internacional* na praia.

@alex: Tá marcado o encontro!

@zibelina: Ei, segura a onda. Eu disse *se* eu pegar um avião pra Califórnia pra visitar meu pai. Só estou imaginando. Provavelmente nunca vai rolar...

Capítulo 1

“Acho que não ouvi seu nome.”— Cary Grant, *Intriga internacional* (1959)

Ele poderia ser qualquer uma destas pessoas.

Afinal, não sei como é a aparência de Alex. Não sei nem o nome verdadeiro dele. Quero dizer, a conversa há meses, então sei coisas importantes: ele é inteligente, delicado e engraçado, e nós dois acabamos de terminar o penúltimo ano do ensino médio; compartilhamos a mesma obsessão: filmes antigos; e nós dois gostamos de ficar sozinhos.

Se tivéssemos só isso em comum, eu não estaria surtando agora. Mas Alex mora na mesma cidade que o meu pai, o que torna as coisas... complicadas.

Porque, agora que estou descendo uma escada rolante de um aeroporto da Califórnia central, numa região expandida que inclui a cidade de Alex, vendo estranhos passarem na direção oposta, possibilidades infinitas se enfiam na minha cabeça. Será que Alex é baixinho? Será que ele mastiga fazendo barulho ou tem algum bordão irritante? Será que ele cutuca o nariz em público? Será que ele tem tentáculos biônicos no lugar dos braços? (Nota mental: eu não mudaria de ideia por causa disso.)

Então, é... Conhecer o Alex da vida real poderia ser ótimo, mas também poderia ser uma decepção bem constrangedora. É por isso que não tenho muita certeza de que quero saber mais sobre ele.

Veja, não lido bem com confrontamentos. Nunca lidei, na verdade. O que estou fazendo agora, atravessando o país uma semana depois do meu aniversário de 17 anos para viver com papai, não é um ato de bravura. É uma obra-prima de evitação. Meu nome é Bailey Rydell, e sou uma *evitadora* habitual.

Quando minha mãe trocou meu pai por Nate Catlin da Advocacia Catlin Ltda. — juro por tudo que é sagrado que ele se apresenta assim mesmo —, escolhi morar com ela em vez de com papai, mas não por causa de tudo o que ela me prometeu: roupas novas, um carro só pra mim, uma viagem à Europa. Coisas de peso, sem dúvida, mas nada disso importava. (E nada disso se tornou realidade. Só para registrar.) Só fiquei com ela porque estava envergonhada pelo meu pai, e a ideia de ter que lidar com ele encarando a nova vida pós-pé na bunda era demais pra mim. Nem foi porque não me importo com ele. É o contrário, aliás.

Mas muita coisa muda num ano e, agora que mamãe e Nate brigam o tempo todo, chegou a hora de eu sair de cena. Esse é um ponto de ser uma evitadora: você precisa ser flexível e saber quando desistir antes que tudo

fique esquisito. É melhor para todo mundo, na verdade. Sou uma doadora.

Faz meia hora que meu avião pousou, mas fui por um caminho tortuoso até onde espero que seja a lateral da esteira de bagagem, onde meu pai e eu combinamos de nos encontrar. O segredo para evitar situações desconfortáveis é fazer um ataque preventivo: garanta que veja a pessoa primeiro. Antes que você me acuse de covardia, pense duas vezes. Não é fácil ser zoada assim. É algo que exige planejamento e reflexos afiados. Uma mente divergente. Minha mãe diz que eu seria uma ótima ladra, pois conseguiria desaparecer antes que a pessoa fosse capaz de dizer “Onde está minha carteira?”. Sim, uma legítima personagem de Charles Dickens, como aqueles de *Oliver Twist*. Eis Matreiro, bem aqui!

E eis que vejo meu pai ali. Outro Matreiro, mais velho. Como eu disse, faz um ano desde a última vez que o vi, e o homem de cabelo preto parado sob um feixe de luz do entardecer é diferente daquele da minha lembrança. Está em boa forma, sem dúvida, mas não é nenhuma surpresa. Comemorei com ele seu novo corpo delineado pela musculação conforme ele mostrava os braços em nossas videochamadas de domingo à noite. E o cabelo mais escuro também não é novidade; Deus sabe quanto sarro tirei da cara dele por tingir o cabelo grisalho na tentativa de rejuvenescer seus últimos anos na casa dos quarenta.

Porém, enquanto o espio escondida atrás de uma placa ensolarada em que se lê O SONHO DA CALIFÓRNIA!, percebo uma coisa que jamais esperei ver em papai: ele está tão... feliz.

Talvez isso tudo não vá ser tão doloroso, no fim das contas. Respire fundo.

Um sorriso abre em seu rosto quando saio do meu esconderijo.

– Zibelina – diz ele, me chamando pelo meu apelido bobo da adolescência.

Não ligo, porque ele é o único que me chama assim na vida real, e todo mundo ali na esteira da bagagem está tão ocupado cumprimentando seus próprios familiares desconhecidos que não presta atenção em nós. Antes que eu possa evitar, ele me ergue e me abraça tão forte que minhas costelas estalam. Nós dois nos afastamos um pouco. Engulo a constrição presa em minha garganta e me obrigo a me acalmar.

– Nossa, Bailey! – Ele dá uma olhada tímida em mim. – Você já tá praticamente uma adulta.

– Você pode me apresentar como sua irmã se quiser parecer mais novo para os seus amigos nerdões de ficção científica – brinco numa tentativa de dissolver o estranhamento, apontando para o robô em sua camiseta da famosa loja geek *Forbidden Planet*.

– Jamais. Você é meu maior tesouro.

Ugh. Sinto vergonha de ficar tão surpresa com essa declaração, por isso não consigo pensar numa respostinha inteligente. Acabo suspirando algumas vezes.

Seus dedos tremem quando ele prende atrás da minha orelha mexas do meu cabelo loiro oxigenado e enrolado, estilo Lana Turner.

– Tô tão feliz que esteja aqui. Você vai ficar, né? Ou mudou de ideia durante o voo?

– Se acha que pretendo voltar na maior boa vontade praquela luta de ^{MMA} que eles chamam de casamento, você não me conhece nem um pouco.

Ele é incapaz de esconder seu triunfo besta, e eu não consigo deixar de sorrir. Ele me abraça de novo, mas agora tudo bem. A pior parte do nosso encontro desconfortável passou.

– Vamos pegar suas coisas. Todo mundo do seu voo já recolheu as malas, então não vai ser muito difícil achar as suas – diz ele, indicando as esteiras com um olhar significativo e uma sobrancelha arqueada.

Ops. Eu devia saber. Não dá para matreirar um Matreiro.

Cresci na costa leste e nunca fui a oeste para além de Chicago, numa viagem com a escola, por isso é estranho receber a luz do sol brilhante e ver um céu enorme de um azul tão azul. Aqui ele parece liso, sem as densas copas de árvores da área central da costa leste bloqueando o horizonte – tão liso que consigo ver a serra montanhosa circulando todo o domínio do Vale do Silício. Pousei em San José, uma cidade grande de verdade e onde fica o aeroporto mais próximo, então pegamos 45 minutos de estrada até a casa nova de papai no litoral. Não é nada dramático, especialmente quando vejo que vamos num carro de colecionador azul brilhante e com a capota abaixada.

Meu pai é contador. Ele costumava dirigir o carro mais sem graça do mundo. Acho que a Califórnia deve ter mudado isso nele. O que mais será que mudou?

– Este é o seu carro da crise de meia-idade? – pergunto quando ele abre o porta-malas para guardar minha bagagem.

Ele dá risada. Com certeza é.

– Entre – diz ele, dando uma olhada na tela do celular. – E, por favor, mande uma mensagem pra sua mãe avisando que você não morreu num incêndio no avião, pra ver se ela para de me encher.

– Sim, sim, capitão Pete.

- Sua boba.
- Seu esquisito.

Ele me dá um empurrãozinho com o ombro e eu retruco o gesto; estamos voltando à nossa antiga rotina. Graças a Deus. O carro novo (velho) cheira ao produto que os neuróticos por limpeza borrifam no couro, e não há nenhuma papelada de contabilidade largada aos pés dos assentos, o que significa que estou recebendo tratamento VIP. Quando ele dá a partida no motor superbarulhento, ligo meu celular pela primeira vez desde que pousei.

Mensagens de mamãe: quatro. Respondo do modo mais sucinto possível enquanto deixamos o estacionamento do aeroporto. Enfim estou saindo do estado de choque em relação ao que fiz – caramba, acabei de me mudar para o outro lado do país. Me lembro de que não é nada de mais. Afinal, eu já tinha trocado de escola uns meses antes, já que Nate Ltda. e mamãe nos fizeram mudar de Nova Jersey para a cidade de Washington. E também não cheguei a namorar ninguém desde que papai foi embora, então não havia nada nesse departamento. Mas, ao verificar as notificações não urgentes no meu telefone, vejo uma resposta de Alex no aplicativo do grupo de cinema e fico nervosa de novo sobre estarmos na mesma cidade.

@alex: É errado odiar alguém que era seu melhor amigo? Por favor, me convença a parar de planejar o funeral dele. De novo.

Envio uma resposta rápida:

@zibelina: Você deveria simplesmente mudar de cidade e fazer novos amigos. Teria menos sangue pra limpar.

Se eu passar por cima de qualquer receio meu, consigo admitir que é bem emocionante pensar que Alex não faz ideia de que estou aqui. Mas o fato é que ele nunca soube de verdade onde exatamente eu estava. Ele acha que ainda moro em Nova Jersey, porque não me dei ao trabalho de alterar a cidade no meu perfil *on-line* quando mudamos para a capital.

Quando Alex me convidou pela primeira vez para vir para cá e assistir a *Intriga internacional* com ele, não tive certeza do que pensar. Não é bem o tipo de filme para o qual você convida uma garota que você está tentando conquistar – não a *maioria* das garotas, pelo menos. Considerado um dos principais filmes de Alfred Hitchcock e estrelado por Cary Grant e Eva Marie Saint, é um suspense sobre confusão de identidade. Começa em Nova York e termina no oeste do país, quando Cary Grant é perseguido até o monte Rushmore, em uma das cenas mais icônicas da história do cinema. Mas agora, toda vez que penso em assistir a esse filme, me vejo como a sedutora Eva Marie Saint e vejo Alex como Cary Grant, e nos vejo loucamente apaixonados, apesar de mal nos conhecermos. É, sei que isso é só uma

fantasia e que a realidade pode ser bem mais esquisita, por isso tenho um plano: rastrear Alex em segredo antes da exibição de *Intriga internacional* no festival de verão de cinema.

Eu não disse que era um bom plano. Nem que era fácil. Mas é melhor que um encontro embaraçoso com alguém que parece incrível na teoria mas que, na vida real, pode destruir meus sonhos. Então vou fazer isso no estilo Matreiro: a uma distância segura, de um modo que nem ele, nem eu poderemos nos ferir. Tenho bastante experiência com estranhos malvados. Essa é a melhor opção, acredite.

– É ele? – pergunta papai.

Guardo rapidinho meu celular no bolso.

– Quem?

– Aquele lá. A sua alma gêmea do cinema.

Mal contei sobre Alex para papai. Quero dizer, ele sabe que Alex mora nesta região e até jogou isso como isca, de brincadeira, para eu vir para cá quando finalmente decidi que não dava mais para viver com mamãe e Nate.

– Ele está considerando cometer um assassinato – digo ao papai. – Acho que vou encontrá-lo num beco escuro hoje à noite e vou entrar na van dele. Não tem nada de mais, né?

Um rastro de tensão se passa entre nós dois, por um único segundo. Ele sabe que estou só enchendo, que eu jamais me colocaria nesse tipo de perigo, não depois do que aconteceu à nossa família quatro anos atrás. Mas isso é passado, e papai e eu agora estamos focados no futuro. Nada à frente além do brilho do sol e das palmeiras.

Ele bufa.

– Se ele tiver mesmo uma van, não vá pensando que dá pra rastreá-la. – Droga. Será que ele sabe que considerei essa opção? – Lá aonde vamos, todo mundo dirige vans.

– Vans de molestadores bizarros?

– Mais do tipo hippie. Você vai ver. Coronado Cove é diferente.

Ele me mostra o motivo assim que viramos na rodovia... desculpe, na “via expressa” (papai me avisou de que é assim que se fala por aqui). Antes uma locação para uma missão histórica na Califórnia, Coronado Cove tornou-se uma agitada cidade turística entre São Francisco e Big Sur. Vinte mil habitantes e o dobro de turistas. Eles vêm por três coisas: a floresta de sequoias, a praia de nudismo fechada e o surfe.

É isso mesmo: eu disse floresta de sequoias.

Eles vêm por mais uma coisa também, que muito em breve eu verei bem de perto, e pensar nesse assunto faz meu estômago doer. Por isso não penso. Não agora. Porque a cidade é ainda mais bonita que nas fotos que papai me enviou. Cheia de morros, com ruas ladeadas por ciprestes. Edifícios de estuque no estilo espanhol com telhados de cerâmica. Montanhas de um roxo fumegante à distância. Entramos na avenida Gold, uma via de duas pistas com curvas seguindo a orla da praia, e por fim eu vejo: o oceano Pacífico.

Alex tinha razão. As praias da costa leste são péssimas. Esta aqui é... deslumbrante.

– É tão azul – digo, mesmo percebendo como pareço boba, mas sem conseguir pensar numa descrição melhor para a água verde-azulada brilhante quebrando na areia. Consigo inclusive sentir o cheiro dela. É salgada e limpa, diferente da praia lá de casa, cujo fedor iodado e metalizado não me faz querer baixar o vidro.

– Eu falei, não falei? Aqui é o paraíso – comenta papai. – Tudo vai melhorar agora. Prometo, Zibelina.

Viro para ele e sorrio, desejando acreditar que ele tem razão. Sua cabeça pende de leve para a frente e os pneus guincham até o carro parar.

Meu cinto de segurança parece uma vara de aço batendo contra meu peito quando vou com tudo para a frente e boto as mãos no painel para me segurar. Uma dor passa pela minha boca e sinto um gosto acobreado. O grito agudo que percebo sair de mim é alto e dramático demais; exceto por eu ter mordido a língua, ninguém está ferido, nem mesmo o carro.

– Tá tudo bem? – pergunta papai.

Mais envergonhada que tudo, faço que sim com a cabeça antes de virar para ver a causa do nosso quase acidente: dois garotos adolescentes no meio da rua. Os dois parecem propagandas ambulantes de óleo bronzeador de coco: cabelos despenteados e clareados pelo sol, bermuda de tãtã e corpo magro e musculoso. Um de cabelo castanho, o outro loiro platinado, que está furioso e bate com os punhos no capô do carro.

– Olha por onde anda, babaca – grita o rapaz, apontando para uma placa colorida de madeira pintada à mão que indica uma fila de surfistas com suas pranchas sobre uma faixa de pedestre, no estilo Abbey Road. Na parte de cima, lê-se: BEM-VINDO A CORONADO COVE. Na parte de baixo: SEJA GENTIL, DÊ PREFERÊNCIA AOS SURFISTAS.

Humm.... A placa não tem nada de oficial e, mesmo que fosse, não há uma faixa de pedestre na rua e esse cara sem camisa e de cabelo quase branco não

está carregando uma prancha. Mas não há a menor chance de eu falar nada disso porque: a) acabei de soltar um grito à la dona de casa dos anos 1950; e b) não sou de confrontar, muito menos um garoto que parece ter acabado de tragar um cachimbo com alguma droga preparada num porão sujo.

O de cabelo castanho ao menos tem a decência de usar uma camiseta ao atravessar a rua sem olhar para os dois lados. Além disso, ele é absurdamente bonito (dez pontos) e está tentando puxar o amigo para fora da pista (vinte pontos). Nesse meio-tempo, tenho uma visão rápida de uma linha feia e irregular de cicatrizes rosa-escuro que sai da manga de sua camiseta puída até um relógio vermelho brilhante em seu pulso, como se há muito tempo alguém tivesse recosturado seu braço, tal como Frankenstein fez com seu monstro; talvez esta não seja a primeira vez que ele precisa arrastar o amigo para fora da rua. Ele parece tão envergonhado quanto eu me sinto de fato, sentada aqui com vários carros buzinando atrás de nós, e, enquanto ele tenta conter o amigo, levanta uma mão para papai e diz:

– Desculpa aí, cara.

Papai acena educadamente e espera até que os dois estejam a salvo antes de pisar no acelerador. *Pelo amor das lesmas, vá mais rápido.* Aperto a minha língua dolorida contra o lado de dentro dos meus dentes, testando o ponto da mordida. O rapaz loiro que está sendo arrastado continua gritando conosco, mas o garoto com a cicatriz no braço me encara, o vento soprando para o lado seus cachos rebeldes e iluminados pelo sol. Por um segundo, prendo o ar e o encaro de volta, então ele sai de vista.

Luzes vermelhas e azuis piscam brevemente na pista oposta. Ótimo. Será que esse tipo de coisa é considerado acidente por aqui? Parece que não, porque a viatura passa bem devagar por nós. Viro o rosto e vejo uma policial maquiada com sombra roxa-escuro esticar o braço para fora da janela e, como uma advertência, apontar para os dois garotos.

– Surfistas – murmura papai como se fosse o xingamento mais sujo do mundo. Conforme a policial e os garotos desaparecem na areia dourada atrás da gente, não deixo de me preocupar ao pensar que papai talvez tenha exagerado sobre o paraíso.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > ARQUIVADAS

@alex: Tá ocupada hoje à noite?

@zibelina: Só tenho que fazer lição de casa.

@alex: Quer ver *O grande Lebowski* comigo? Dá pra você ver por *streaming*.

@zibelina: *pisca* Quem é você? Será que algum universitário engraçadinho roubou sua senha?

@alex: O filme é BOM. É um clássico dos irmãos Coen, e você adorou *E aí, meu irmão, cadê você?* Diz que sim... Vai ser divertido. Não seja esnobe com filmes.

@zibelina: Não sou esnobe com filmes. Sou esnobe com CINEMA.

@alex: E mesmo assim eu gosto de você... Não me deixe aqui, entediado e sozinho, enquanto espero você ter coragem de implorar aos seus pais por passagens aéreas pra vir à Califórnia assistir a *Intriga internacional* na praia com um adorável amigo cinéfilo. Estou com um olhar bem pidão agora.

@zibelina: Nossa, nem disfarça.

@alex: Você percebeu? *sorrisinho* Ah, vai. Assiste comigo. Vou ter que trabalhar até tarde hoje.

@zibelina: Você vê filmes no trabalho?

@alex: Só quando o movimento tá fraco. Acredite, ainda assim trabalho melhor que meu colega, também conhecido como baseado humano. Acho que ele NUNCA veio trabalhar sem estar ligado.

@zibelina: Oh, seus californianos transviados. *balança a cabeça*

@alex: Tá marcado, então? Você pode fazer sua lição de casa durante o filme. Eu posso ajudar. Ou você tem outra desculpa? Vou detonar todas já: dá pra lavar o cabelo durante os créditos iniciais, podemos dar play depois do seu jantar, e, se seu namorado não gostar da ideia de você assistir a um filme com alguém pela internet, ele é um idiota e você deveria terminar com ele agora mesmo. E aí, o que me diz?

@zibelina: Bem, é seu dia de sorte se você escolher outro filme. Meu cabelo tá limpo, costume jantar às oito e atualmente tô solteira. Não que tenha alguma importância.

@alex: Hum. Eu também tô. Não que tenha alguma importância...

Capítulo 2

“Eu não deixo ninguém se aproximar de mim. Não é pessoal.” – Anna Kendrick, *A escolha perfeita* (2012)

Eu tinha visto a casa nova de papai durante nossas videochamadas, mas a experiência ao vivo foi estranha. Escondida numa rua silenciosa e sombreada que circunda uma floresta de sequoias, parece mais uma cabana que uma casa, com uma lareira de pedra no andar de baixo e dois quartos pequenos no andar de cima. Costumava ser alugada para temporadas de férias, por isso felizmente tenho meu próprio banheiro.

A parte mais legal é a varanda de trás fechada com tela, que não só tem uma rede de descanso como também foi construída ao redor de uma sequoia que cresceu bem ali no meio, atravessando o teto. Contudo, era o que estava do lado de fora da varanda, na entrada para carros, que deixava meus nervos em polvorosa a cada vez que eu olhava: uma scooter Vespa vintage, de um azul-turquesa brilhante e um banco com estampa de oncinha.

Scooter.

Minha.

Eu numa scooter.

Quêêê?

Seu motor pequeno e os pneus minúsculos com calotas brancas chegam somente a 65 quilômetros por hora, mas seus ossos dos anos 1960 foram totalmente restaurados.

– É um veículo de fuga – disse papai orgulhoso quando me levou lá atrás para me mostrá-la pela primeira vez. – Sei que você precisa de um jeito pra ir ao trabalho durante o verão. E você vai poder ir sozinha à escola no outono. Não precisa nem de habilitação especial.

– Que loucura – eu lhe disse. E que maravilha. Mas loucura. Fiquei tensa por chamar a atenção.

– Tem centenas de scooters circulando na cidade – explicou ele. – Era isso ou uma van, mas, como você não precisa carregar pranchas de surfe, achei esta opção melhor.

– É bem Matreiro – admiti.

– Você pode fingir que é a Audrey Hepburn em *A princesa e o plebeu*.

Nossa, ele foi muito bem no argumento. Já vi esse filme mais de dez vezes, e ele sabia disso.

– Gostei do banco de oncinha.

E ainda havia um capacete combinando. Assim, batizei a scooter de Baby, em homenagem a um de meus filmes favoritos de todos os tempos, *Levada da breca* – uma comédia maluca estrelada por Cary Grant e Katharine Hepburn, em que um casal incompatível se envolve por causa de um leopardo de estimação, Baby. Quando tomei a decisão do nome, me comprometi. Não tinha mais volta. Ela era minha agora. Papai me ensinou a usá-la – andei com ela para lá e para cá na rua de casa um milhão de vezes depois do jantar –, e eu acabaria reunindo coragem para andar com ela pela cidade, fizesse chuva ou sol ou até se aparecessem surfistas drogados que atravessam a rua sem olhar.

Papai pede desculpas por ter de trabalhar no dia seguinte, mas não ligo. Passo o dia desfazendo as malas e alternando entre dar voltas com minha scooter e tirar cochilos na rede da varanda para sanar o *jet lag*. Mando algumas mensagens para Alex, mas sustentar a ilusão do que estou fazendo nas férias de verão é bem mais difícil do que pensei. Talvez fique mais fácil quando eu me firmar aqui.

Depois do meu dia de repouso e de uma noite jogando Colonizadores de Catan com papai, nosso jogo de tabuleiro favorito, me obrigo a testar minha independência recém-descoberta. Arrumar um emprego de verão foi uma das minhas desculpas para vir para cá, mas papai mexeu uns pauzinhos. Pareceu bacana quando eu ainda estava em Washington. Agora que cheguei, estou meio arrependida de ter topado, porém é tarde demais para desistir.

– A temporada turística de verão não espera por ninguém – papai me fala alegremente quando reclamo.

Ele me acorda supercedo, antes de sair para o trabalho, mas sem querer caio no sono. Quando acordo de novo, estou atrasada, então me arrumo rapidinho e corro até a porta. Uma coisa que eu não esperava ao me mudar para cá é esta neblina costeira matinal. Ela se agarra às sequoias como um cobertor de renda cinza, deixando tudo fresco até o meio da manhã, quando o sol a dissipa. Claro, a neblina tem certa magia silenciosa, mas, agora que preciso conduzir uma scooter pelo bairro arborizado de papai, onde ela ocasionalmente fica baixa e agarra os galhos como dedos, não é das minhas coisas favoritas no mundo.

Armada com um mapa e com um nó no estômago do tamanho da Rússia, encaro a neblina e conduzo Baby pela cidade. Papai já me levou de carro para mostrar o caminho, mas mesmo assim fico repetindo mentalmente as direções a cada placa de PARE. Ainda não são nem nove da manhã, por isso a maioria das ruas até a temida avenida Gold está vazia. Meu destino fica somente a alguns

quarteirões dessa pista sinuosa e com tráfego intenso, mas tenho que atravessar todo o calçadão (roda-gigante, música alta, minigolfe), tomar cuidado com os turistas que atravessam a rua para pegar uma praia depois de terem exagerado no café da manhã no Pancake Shack – aliás, o cheiro que vem dali é ma-ra-vi-lho-so – e, AI, MEU DEUS, de onde saíram esses skatistas?

Quando estou quase morrendo de algum tipo de derrame por estresse, vejo penhascos se elevando pela costa ao fim do calçadão e uma placa: A CAVERNA

PALACIANA.

Meu emprego de verão.

Reduzo a velocidade de Baby com um apertão nos freios manuais e viro na direção da entrada para funcionários. À direita está a avenida principal, que sobe pelo penhasco até o estacionamento para visitantes, o qual está vazio hoje. A “Caverna”, como é chamada pelos moradores daqui, de acordo com papai, está fechada para treinamento e algum tipo de dedetização externa, cujo cheiro sinto de onde estou, tamanho o fedor da coisa. Amanhã é o início oficial da temporada turística de verão, então hoje vai haver orientação para os novos funcionários temporários. Dentre os quais, eu.

Papai prestou um serviço de contabilidade para a Caverna e conhece o gerente geral. Foi assim que me conseguiu este emprego. Só assim mesmo, porque duvido de que eles ficariam impressionados com meu currículo enxuto, que inclui exatamente um verão como babá e vários meses arquivando papeladas jurídicas em Nova Jersey no período após as aulas.

Tudo isso é passado. Pois, embora eu esteja nervosa a ponto de vomitar agora mesmo no lindo velocímetro dos anos 1960 de Baby, meio que estou empolgada de trabalhar aqui. Gosto de museus. Bastante.

Isto foi o que descobri sobre a Caverna na internet: Vivian e Jay Davenport ficaram ricos quando, durante a Primeira Guerra Mundial, vieram para São Francisco, compraram esta propriedade para usar como casa de praia e encontraram 13 milhões de dólares em moedas de ouro escondidas numa caverna do penhasco. O excêntrico casal usou sua fortuna para construir uma mansão de cem quartos na praia, logo acima da entrada da caverna, e a encheu de antiguidades exóticas, raridades e esquisitices coletadas em viagens pelo mundo. Eles deram festas loucas regadas a álcool nos anos 1920 e 1930, convidando pessoas ricas de São Francisco a se misturarem com estrelas de Hollywood. No início dos anos 1950, a história terminou em tragédia quando Vivian matou Jay com um tiro antes de cometer suicídio. A mansão ficou desocupada por vinte anos, até que os filhos do casal decidiram fazer algo de útil com ela, abrindo-a ao público e a transformando numa atração turística.

Então, pois é, sim, a casa sem dúvida é excêntrica e esquisita, e metade da dita coleção não é verdadeira, mas dizem que lá dentro há alguma *memorabilia* da Era de Ouro de Hollywood. E, bem, trabalhar aqui não tem como ser pior que arquivar documentos judiciais.

Uma fileira de sebes esconde o estacionamento dos funcionários atrás de uma das alas da mansão. Consigo estacionar Baby na vaga próxima a outra scooter sem destruir nada – parabéns para mim! –, então baixo o cavalete central e passo uma corrente pelo pneu traseiro para deixá-la em segurança. Enfio meu capacete no baú do assento, que trava. Estou pronta.

Eu não sabia que tipo de vestuário seria considerado apropriado para a orientação; estou com um vestido vintage leve dos anos 1950 e um casaquinho por cima. Meus cachos estilo Lana Turner parecem ter sobrevivido à viagem e minha maquiagem ainda está boa. Entretanto, quando vejo duas pessoas de bermuda e chinelo entrando pela porta lateral, sinto que exagerei no visual. Mas é tarde demais, e então eu também entro.

Parece ser um corredor dos fundos da casa, com escritórios e uma sala de descanso. Ali dentro, uma mulher entediada aguarda atrás de um púlpito. Não vejo em lugar nenhum as pessoas que segui, mas outra garota é parada junto comigo no púlpito.

– Nome? – pergunta a mulher entediada.

A garota ao meu lado é pequena, parece ter a minha idade, de pele marrom-escura e cabelo preto e curto. Ela também exagerou no visual, o que faz eu me sentir melhor.

– Grace Achebe – responde ela com a voz mais fina e aguda que já ouvi na vida. Ela tem um sotaque forte da Inglaterra. Seu tom é tão suave que a mulher atrás do púlpito pede para ela repetir. Duas vezes.

Enfim ela é marcada na lista e recebe uma pastinha com a papelada para recém-contratados antes de ser orientada a ir para a sala de descanso. Recebo o mesmo tratamento quando chega minha vez. Parece que já tem vinte ou mais pessoas preenchendo a papelada. Não há nenhuma mesa vazia, por isso me sento com Grace.

– Você também nunca trabalhou aqui? – pergunta ela num sussurro.

– Não. Sou nova – digo, e acrescento: – na cidade.

Ela espia minha ficha.

– Oh. Nós temos a mesma idade. Brightsea ou Oakdale? Ou numa particular?

Levo um segundo para entender o que ela quer dizer.

– Vou começar na Brightsea no outono.

– Idênticas – diz ela com um sorriso largo enquanto aponta para o campo “educação” em seu formulário. Depois que outros recém-contratados passam, ela compartilha mais informações sobre este lugar. – Eles contratam, tipo, 25 pessoas todo verão. Ouvi dizer que é chato, mas fácil. Melhor que limpar vômito de algodão-doce cor-de-rosa no calçadão.

Não tem como discutir. Eu já havia preenchido os formulários principais pela internet, mas eles entregaram um manual e uma porção de outras papeladas esquisitas para assinar. Termos de confidencialidade. Permissão para exames aleatórios para drogas. Garantias de que não usaríamos o wi-fi do museu para assistir a pornôes estranhos. Alertas sobre roubar uniformes.

Grace está tão confusa quanto eu.

– Concorrências? – murmura ela, olhando para um termo que devemos assinar, segundo o qual devemos prometer não aceitar nenhum emprego similar num raio de cem quilômetros de Coronado Cove nos três meses subseqüentes ao fim de nosso trabalho aqui. – O que eles consideram emprego similar? Isso aqui é permitido por lei?

– Provavelmente não – sussurro em resposta, pensando em Nate Ltda. despejando recomendações legais à minha mãe, como se ela não fosse advogada também.

– Be-e-em, esta não é legalmente minha assinatura – diz ela com seu belo sotaque inglês enquanto faz um rabisco vago e ondulado no formulário e agita as sobancelhas para mim. – E, se eles não me derem horas suficientes, vou direto para a mansão cavernosa mais próxima num raio de cem quilômetros.

Eu não pretendia rir tão alto, e todo mundo olha para mim, então rapidamente suprimo as risadinhas e nós duas terminamos a papelada. Depois que a entregamos, somos direcionadas aos nossos armários no vestiário e recebemos o colete mais feio que já vi na vida. Eles são da cor de abóbora estragada. Não precisamos usá-lo durante a orientação, mas precisamos usar a etiqueta na qual se lê OLÁ, MEU NOME É... Quando todo mundo já grudou o nome no peito, somos pastoreados pelo corredor de funcionários, por uma porta de aço (com uma placa nos lembrando de sorrir) e pelo saguão principal.

É enorme, e nossos passos ressoam pelas paredes de pedra conforme entortamos o pescoço para olhar ao redor. A entrada para a caverna é na parte de trás do saguão, e todas as estalagmites e estalactites são iluminadas com luzes alaranjadas, o que só aumenta o aspecto assustador. Somos conduzidos através do saguão espaçoso, passando por um balcão circular de informações, uma lojinha de presentes que parece ter sido transportada da Londres de 1890,

e uma sala de estar rebaixada, cheia de sofás que pareciam ter sido roubados do set de filmagem do seriado *The Brady Bunch*... todos da mesmíssima cor de nossos coletes horrorosos. Prevejo um padrão aqui.

– Bom dia, novas contratações temporárias – diz um homem de meia-idade. Ele está vestindo o colete cor de abóbora e uma gravata toda estampada com o logo *art déco* da Caverna Palaciana. Me pergunto se é item obrigatório para os funcionários homens ou se ele o comprou na lojinha com o desconto para funcionários. – Sou o sr. Cavadini, supervisor do museu. Vocês responderão a supervisores de grupo, e esses supervisores respondem a mim. Sou eu quem faz as escalas e quem aprova seu cartão de ponto. Então vocês podem me considerar a pessoa a quem mais devem impressionar nos próximos três meses.

Ele diz isso com a empolgação de um diretor de funeral e consegue franzir o cenho durante todo o discurso, mas talvez isso seja porque seu cabelo loiro-escuro está arrumado de um jeito não natural, muito para baixo, fazendo parecer que sua testa tem metade do tamanho que deveria.

– Que idiota cretino – diz Grace com sua vizinha perto de meu ombro.

Eita. A doce e gentil Grace tem a boca suja. Mas ela não está errada. Quando o sr. Cavadini começa a nos contar a história da Caverna e dizer que ela atrai meio milhão de visitantes todos os anos, eu me pego olhando pelo saguão, espiando os lugares para os quais eu poderia ser designada: balcão de informações, visitas guiadas, loja de presentes... Me pergunto qual será o posto que me permitirá lidar o menos possível com visitantes descontentes. Na minha inscrição, marquei as preferências “bastidores” e “trabalhar sozinha”.

Mesas de café estão dispostas numa varanda aberta no segundo andar, e começo a torcer para não cair na parte de alimentação. Entretanto, pensando bem, se eu trabalhasse na cafeteria, poderia olhar não só para uma reprodução em tamanho real de um navio pirata suspenso no teto como também para o esqueleto de um monstro marinho atacando o tal navio. Arquite isso na parte “não genuína” da coleção de esquisitices dos Davenport.

Um movimento capta meu olhar. De um conjunto de escadas flutuantes de ardósia que circunda o navio pirata descem dois seguranças do museu vestindo uniformes genéricos pretos. Aperto os olhos, sem conseguir acreditar. Esta cidade é mesmo tão pequena assim? Porque um daqueles guardas é o cara de cabelo mais escuro de ontem, que estava puxando o amigo drogado para fora da rua. Sim, sem dúvida é ele: o surfista gostoso com as cicatrizes de Frankenstein no braço.

Meu medidor de pânico se crispa.

– Agora – diz o sr. Cavadini – vocês vão se dividir em dois grupos para um tour pelo museu com um de nossos seguranças. Vocês aqui, sigam Jerry Pangborn, nosso oficial de segurança sênior que trabalha para a Caverna Palaciana desde a inauguração, há quarenta anos.

Ele aponta para o pessoal que está à esquerda e em seguida para um trapo frágil de um velho, cujo cabelo branco espetado fazia parecer que ele tinha acabado de explodir um béquer em um laboratório químico. Ele é muito simpático e gentil, e, embora provavelmente não seja capaz de impedir que um ladrãozinho de dez anos roube um doce da loja de presentes, orienta com ansiedade sua equipe de recrutas para o lado esquerdo do saguão, rumo a um grande arco em que se lê ALA DE VIVIAN.

O sr. Cavadini gesticula para o garoto surfista se aproximar do grupo remanescente.

– Este é Porter Roth. Ele trabalhou conosco no ano passado. Alguns de vocês talvez já tenham ouvido falar de sua família – diz ele em um tom de voz seco e desinteressado que me faz pensar que ele não tem grande estima por eles. – O avô de Porter era a lenda do surfe Bill “Pennywise” Roth.

Uns *ooh* ondulam pela multidão conforme o sr. Cavadini nos apressa com uma mão e diz irritado para nós todos o encontrarmos aqui em duas horas, para a determinação de escalas e tarefas. Um lado do meu cérebro está gritando: *Duas horas?* O outro lado está tentando lembrar se já ouvi falar desse tal de Pennywise Roth. Ele é uma verdadeira celebridade ou apenas uma figura local que teve quinze minutos de fama? Porque a placa do Pancake Shack proclama que sua panqueca de amêndoa é mundialmente famosa, mas vamos combinar, né?

O sr. Cavadini volta para o corredor dos funcionários, deixando-nos a sós com Porter, que, sem se preocupar com ninguém, circunda devagar o grupo para nos olhar. Ele segura uma pilha de impressões enroladas como um tubo, que bate contra a perna enquanto anda. Não notei isto ontem, mas ele tem uma barba rala castanho-clara – o tipo de barba que finge ser de um rapaz malvado, sensual e rebelde, mas é bem cuidada demais para ser casual. E ele tem esses cachos soltos e queimados de sol, que podem ser ótimos para o Surfista, mas parecem longos e irreverentes demais para o Segurança.

Ele está se aproximando, e a evitadora em mim não está feliz com essa situação. Tento ficar tranquila e me escondo atrás de Grace. Mas ela é uns bons quinze centímetros mais baixa que eu – e olha que tenho só 1,67 de altura –, por isso de repente me vejo encarando o rosto de Porter através do cabelo curtinho dela.

Ele para bem à nossa frente e por um instante segura o canudo de papéis

diante do olho como uma luneta.

– Bem, vamos lá – diz ele com o tom californiano preguiçoso e arrastado, e sorri devagar. – Acho que tirei a sorte grande e fiquei com o grupo de gente bonita. Olá, Gracie.

– E aí, Porter – responde Grace com um sorriso recatado.

Ah, então eles se conhecem. Gostaria de saber se Porter é a pessoa que disse a ela que este trabalho era “chato, mas fácil”. Nem sei por que me importo. Acho que estou mais preocupada com a possibilidade de ele se lembrar de mim do incidente com o carro ontem. Cruzo os dedos para ele não ter ouvido aquele grito covarde que soltei.

– Quem está pronto para o tour? – pergunta ele.

Ninguém responde.

– Calma, um de cada vez. – Ele solta um dos papéis de seu tubo enrolado (leio MAPA DOS FUNCIONÁRIOS na parte de cima da folha) e entrega para mim enquanto dá uma olhada nas minhas pernas. Ele está me secando? Não sei muito bem como me sentir em relação a isso. Agora começo a me arrepender de não ter vestido uma calça.

Quando tento pegar o mapa, ele fica segurando, e sou forçada a arrancar da mão dele. O cantinho rasga. *Que criancice!* Dou uma olhada feia, mas ele só sorri e chega mais perto.

– Calma, calma – diz ele. – Você não vai gritar que nem ontem, vai?

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > ARQUIVADAS

@alex: Já te aconteceu de se sentir uma fraude?

@zibelina: O que quer dizer?

@alex: Tipo, esperam que você seja uma pessoa na escola, outra com a família e ainda outra com os amigos. Fico tão cansado de viver de acordo com as expectativas dos outros... Às vezes tento lembrar quem eu sou de verdade, e não faço ideia.

@zibelina: Passo por isso todo dia. Não sei lidar muito bem com as pessoas.

@alex: Não? Tô surpreso.

@zibelina: Não é que eu seja tímida nem nada. É só que... O.k., vai soar bizarro o que vou dizer, mas não gosto de ficar sob holofotes. Porque uma coisa é alguém falar comigo, fala fala fala, e tudo bem, até que ela pede minha opinião, tipo “O que você acha de biscoito com gotas de chocolate?”. E eu odeio biscoito com gotas de chocolate.

@alex: Odeia?

@zibelina: Nem todo mundo gosta, sabe. (Gosto de biscoitos de açúcar, caso esteja se perguntando.) ENFIM, quando alguém me faz uma pergunta, quando me colocam sob o holofote, eu travo e tento descobrir no rosto da pessoa o que ela espera que eu diga, então digo exatamente isso. Ou seja, eu acabo respondendo que gosto sim de biscoito com gotas de chocolate, quando na verdade não gosto. Aí me sinto uma fraude, e fico pensando “por que fiz isso?”.

@alex: EU FAÇO ISSO O TEMPO TODO. Mas é pior ainda, porque no fim das contas eu nem tenho certeza se gosto de biscoitos com gotas de chocolate ou não.

@zibelina: Mas você gosta?

@alex: Adoro. Sou fã de todos os sabores de biscoito, exceto de aveia.

@zibelina: Viu como foi fácil? Sempre que precisar descobrir quem você é de verdade, basta me perguntar. Eu te ajudo a encontrar a resposta. Sem pressão nem expectativas.

@alex: Combinado. Com você, vou ser 100% meu verdadeiro eu, o odiador de aveia.

Capítulo 3

“Não é culpa minha se você tá apaixonada por mim ou algo assim!” – Lindsay Lohan, *Meninas malvadas* (2004)

Porter distribui o restante dos mapas enquanto as vozes do outro grupo desaparecem a distância. Obedientemente o seguimos para o outro lado do saguão, passando pelo arco em que se lê ALA DE JAY, e mudamos do ar muito seco e gelado para o muito azedo e quente da mansão.

Sinto que esta é a parte da orientação que eu deveria estar curtindo, mas estou tão chocada com o fato de Porter ter me reconhecido que não consigo prestar atenção à minha volta. Quero ficar para trás para fugir dele, mas só estamos em quinze pessoas, e Grace me puxa pelo braço toda feliz na frente do grupo. Agora andamos logo atrás dele – tão perto que ele deve achar que somos devotas do seu bumbum, o qual é bem bonito, devo admitir.

– Existem 42 cômodos na Ala de Jay, também conhecida como a maior “caverna masculina” do mundo – conta Porter ao parar no meio de uma sala de estar tomada por tudo o que se refere a trens. Placas de trens. Trilhos de trens. Assentos estofados aveludados da primeira classe de um trem da era vitoriana. No fundo há inclusive uma cabine londrina antiga de venda de passagens que parece ter sido transformada num bar.

– Nosso querido e insano milionário adorava caçadas, jogos de azar, ferrovias, álcool e piratas – diz Porter. – Especialmente piratas. Mas quem não gosta, não é verdade?

Certo, então o garoto tem seu charme. Não sou imune a charme. Enquanto ele fala, percebo que sua voz baixa e grave lembra a de atores que dublam jogos de videogame: tranquila e ao mesmo tempo arrogante. Nossa, aposto que ele é cheio de si.

Por que ele está levando a gente neste tour, afinal? Achei que seguranças deveriam ficar parados, esperando a vez de gritar para os maloqueiros pararem de botar as mãos sujas nos quadros.

Quando chegamos à área seguinte, descubro o porquê.

– Esta é a Sala dos Caça-Níqueis – diz ele, andando de costas. A sala é um labirinto de balcões aos quais se pode sentar para jogar em uma das centenas de caça-níqueis de mesa antigos. Parece que os mais raros estão cercados por cordões.

Porter para.

– A esta altura, talvez vocês estejam se perguntando: *Será que todas as*

salas recebem o nome do que tem dentro delas? A resposta é: sim. Os donos do museu não são muito criativos, exceto pra se aproveitar da força de trabalho; nesse caso, eles são extremamente criativos. Vejam meu trabalho, por exemplo. Para que ter um gerente de atendimento ao cliente para lidar com discussões entre visitantes se você pode mandar alguém da equipe de segurança? Vocês logo vão perceber que o irrepreensível sr. Cadáver... desculpe, sr. Cavadini – ele ganha alguns risos com essa – gosta de que todo mundo seja capaz de atuar em qualquer função, só para o caso de ter que substituir alguém. Então não fiquem muito confortáveis, pois vocês também podem ter de fazer o tour com os recém-contratados em algumas semanas. Melhor decorar agora mesmo o mapa que eu dei.

Ugh. Que ótimo. Não gosto dessa ideia. Talvez não seja tarde demais para me candidatar ao trabalho de limpar vômito de algodão-doce cor-de-rosa sobre o qual Grace falou mais cedo.

Durante a próxima meia hora, mais ou menos, Porter faz comentários ácidos, mas num tom agradável, enquanto passamos pelos cômodos desta ala. Salas cheias de múmias falsas (Sala das Múmias), estranhos equipamentos médicos vitorianos (Sala dos Equipamentos Médicos) e com paredes de aquários (Sala dos Áquarios). Há até mesmo uma coleção de peças providas de apresentações itinerantes alojada dentro de uma tenda de circo gigantesca. Este lugar é uma grande sobrecarga sensorial, e tudo parece um grande borrão; não há uma explicação lógica para a arquitetura da mansão, que tem voltas sinuosas e escadas secretas e salas ocultas atrás de lareiras. Se eu fosse visitante do museu e tivesse várias horas disponíveis, ficaria emocionada. Cada detalhe é maravilhoso de ver. Porém, saber que devo memorizar tudo é um prato cheio para dor de cabeça.

Ao fim do primeiro andar, o labirinto se abre para uma sala imensa e escura com um pé-direito duplo. As paredes são de pedra falsa, um céu noturno polvilhado de estrelas de LED cintila sobre búfalos e pumas empalhados, há uma fogueira falsa brilhante e várias tendas cônicas – as quais diversos integrantes da parte masculina do nosso grupo decidem explorar, como se fossem meninos de 5 anos. Aqui cheira a couro e pelo mofado, por isso opto por aguardar ao lado da fogueira falsa com Grace.

Infelizmente, Porter se junta a nós. Antes que eu possa sair de fininho, ele aponta para a etiqueta com meu nome.

– Seus pais tinham uma obsessão pelo circo quando você nasceu ou eles tinham um lance com creme de licor de uísque irlandês?

– Provavelmente tanto quanto seus pais deviam gostar de vinho.

Ele me lança um olhar.

– Acho que você quis dizer cerveja.

– Tanto faz. – Talvez eu possa me enfiar dentro de uma das tendas com os outros. Finjo estar olhando para algo do outro lado da sala na esperança de que ele me ignore e siga adiante: uma tática evasiva de baixo nível, mas que normalmente funciona.

Não desta vez. Porter continua falando:

– E, sim, meus pais me deram o nome por causa da cerveja. Estavam divididos entre Porter e Ale, e...

Grace empurra de brincadeira o braço de Porter e o repreende com sua fina voz britânica.

– Cala a boca, não é nada disso. Não dê ouvidos a ele, Bailey. E não o deixe começar com essa história do nome. Ele me chamou de Grace “Atchim” durante metade do ensino fundamental... até que eu passei uma rasteira nele na aula de educação física.

– Foi então que eu soube que você nutria um amor secreto por mim, Gracie, aí senti pena de você e te deixei em paz. – Ele desvia do golpe dela e dá um sorriso, e eu meio que odeio esse sorrisinho, porque é um belo exemplar do típico sorriso de garoto, e eu preferia que não fosse.

Grace, contudo, é imune a seu poder. Ela só revira os olhos. Então conta mais coisas sobre mim, apesar de ninguém ter perguntado.

– Bailey é nova aqui. Ela vai estudar na Brightsea com a gente.

– É mesmo? – diz Porter, erguendo uma sobrancelha na minha direção. – De onde você é?

Por um momento, sinceramente não sei o que responder. Não tenho certeza do motivo, mas meu cérebro está preso na pergunta dele. Não ficou claro se ele quer saber o bairro onde papai mora. Talvez eu devesse dizer cidade de Washington, porque é onde eu estava morando com mamãe e Nate... Ou talvez até mesmo Nova Jersey, que foi onde nasci e cresci. Não respondo de imediato, e ele parece não saber o que fazer comigo. Ele só me encara na expectativa, esperando minha resposta, o que me faz engasgar mais ainda.

– Deve ser Manhattan – diz ele por fim, dando uma olhada em mim. – Só pelo jeito como você está vestida, como se estivesse indo para um coquetel do *Mad Men*. Se vai ficar aí quieta e me fazer adivinhar, esse é o meu chute.

Isso foi um insulto? Como eu deveria saber que o código de vestimenta era bermuda e chinelo? Ninguém me falou nada!

– Ahn, não. Cidade de Washington. E suponho que você seja de uma

família local famosa ou algo do tipo.

– Meu avô. Tem uma estátua dele na cidade e tudo mais – explica ele. – É difícil ser tão lendário.

– Aposto que sim – murmuro, incapaz de evitar a frieza na voz.

Ele me olha e dá uma risadinha, como se não soubesse como lidar com minha observação. Encaramos um ao outro por vários segundos, e de repente fico muito desconfortável. Também estou arrependida de ter dito qualquer coisa a ele. Nada disso é do meu feitio. De jeito nenhum. Eu não discuto com estranhos. Por que esse cara está me irritando e me fazendo dizer essas coisas? É como se ele estivesse me provocando. Talvez ele se comporte assim com todo mundo. Bem, não comigo, parceiro. Encontre outra pessoa para encher o saco. Vou evitar você pra caramba.

Ele começa a me perguntar outra coisa, mas graças a Deus Grace o interrompe.

– Então, qual é o melhor trabalho daqui? – ela pergunta a Porter. – E como eu consigo esse trabalho?

Bufando, ele cruza os braços, e suas cicatrizes denteadas brilham à luz da fogueira falsa. Talvez Grace me diga a origem das cicatrizes de Porter; eu definitivamente não vou perguntar a ele.

– O melhor trabalho é o meu, e não rola pra você. O segundo melhor é na cafeteria, porque fica acima do andar principal. O pior é na bilheteria. Acredite, você não quer aquela porcaria.

– Por quê? – pergunto, autopreservação triunfando sobre meu desejo de não interagir com ele. Pois se há um posto que devo evitar aqui, quero saber o motivo.

Porter lança um olhar para mim, depois observa os homens do nosso grupo saírem de dentro da tenda maior, um por um, rindo de alguma piada que não ouvimos.

– Pangborn diz que a cada verão eles contratam mais temporários do que podem pagar, porque sabem que pelo menos cinco vão pedir demissão nas primeiras duas semanas, e são sempre os que ficam na bilheteria.

– Achava que o balcão de informações era pior – comenta Grace.

– Não é, acredite em mim. Eu já trabalhei em todos. Mesmo agora, passo metade do meu dia na bilheteria resolvendo problemas que não têm nada a ver com segurança. É uma bosta gigante. Ei, não toque nisso aí – grita ele para um cara que está enfiando o dedo no nariz de um búfalo. Porter balança a cabeça e resmunga baixinho. – Aquele ali não vai durar uma semana.

Todo mundo já acabou de explorar esta sala, por isso Porter nos conduz para fora do Oeste Selvagem e pelo restante da ala, tomando um caminho que serpenteia de volta para o saguão – que está vazio, porque nós chegamos antes do grupo de Pangborn. Enquanto esperamos, Porter nos leva para perto de uma parede ao lado da seção de achados e perdidos e abre um painel. Dentro há um nicho pequeno com um telefone preto.

– Sei o que todos vocês estão pensando – começa Porter. – Pode parecer uma antiguidade, mas não é uma peça do museu. Eu sei, chocante! Vejam, muito tempo atrás, as pessoas usavam telefones que tinham cordões. E apesar de haver alguns raros exemplos de avanços tecnológicos neste museu, como as câmeras de segurança dos anos 1990 ou as impressoras velhacas na bilheteria, o sistema telefônico não é um deles.

Ele pega o fone e aponta para os três botões laterais.

– Dá para fazer ligações externas por este telefone, mas, a não ser que seja uma emergência, provavelmente vocês seriam demitidos. A única razão para usar esta bela antiguidade é para fazer ligações internas. O botão verde, em que se lê SEGURANÇA, permite que vocês me interfonem se houver alguma emergência que não consigam resolver sozinhos. Funciona assim... – Ele aperta o botão, e um radiozinho na manga de sua camisa apita. – Viram? É como mágica. O-o-o.

Ele então aponta para o botão vermelho.

– Este aqui, em que se lê TODOS, é pra falar com tooooooooooo o museu – ele diz como se estivesse cantando num cânion. – O único motivo pra usar este botão é se você trabalha no balcão de informações e precisa informar todos de que o museu está fechando ou está pegando fogo. Ou seja, não é pra usar.

– E o que faz o botão amarelo? – pergunto. Quero dizer, suponho que seja idiota achar que tem como não falar de trabalho com ele, né? Afinal, ele tem informações de que eu preciso. Se eu for profissional, talvez ele também seja.

Ele aponta para mim.

– Boa pergunta, Creme de Licor Baileys. O botão amarelo é o interfone do saguão... Viu? *S-A-G-U-Ã-O*. É usado principalmente pelo balcão de informações para chamar tontos preguiçosos que se perderam de seus filhos ou de suas esposas. – Ele aperta o botão e um som desagradável estoura dos alto-falantes ocultos. Ele estende o fone para mim. – Vamos lá, diga alguma coisa, estrela.

Balanço a cabeça. De jeito nenhum. Não gosto de estar sob holofotes. Agora estou arrependida de ter perguntado sobre o botão amarelo.

Ele tenta me incentivar a pegar o fone com aquela sua voz contida, mas seus olhos estão 100% desafiadores, como se estivéssemos em algum tipo de competição e ele quisesse saber quem vai ceder primeiro.

– Vamos lá. Não dê uma de tímida agora, menina fabulosa.

Outro apelidinho provocador? Qual é o problema dele? Bem, pode esquecer. Agora é uma questão de princípio. Cruzo os braços.

– Não.

– É só um interfone de nada – diz ele, agitando o fone na minha frente.

Afasto a mão dele. Está bem, talvez eu tenha dado um tapa. Mas cheguei no meu limite com Porter. Estou irritada de verdade.

Não sou a única. Seu jeito tranqüilão some do seu rosto, e dá para ver que ele também está meio bravo comigo. Não me importo. Ele não é meu chefe, e não vou fazer o que ele manda.

Seu maxilar desliza para o lado por um momento. Então ele se inclina e diz com uma voz calma e condescendente:

– Tem certeza de que você dá conta? Porque falar no interfone faz parte das atividades da sua função.

– Eu... – Não consigo completar o raciocínio. Estou brava e envergonhada, e estou congelando de novo, como aconteceu quando ele perguntou de onde eu era. Parte de mim quer sair correndo, e outra parte quer dar um murro na barriga de Porter. Porém, só consigo ficar ali parada como um peixe moribundo, abrindo e fechando a boca.

Ele leva cinco segundos inteiros para perder a paciência comigo. Vejo o instante em que seus olhos miram as pessoas atrás de nós – o momento em que ele percebe que deveria estar falando com elas, e não comigo – e algo parecido com constrangimento passa por seu semblante. Ou talvez eu tenha imaginado, porque não dura um piscar de olhos.

Ele aproxima o interfone da própria boca.

– Teste, teste – diz ele, e o som ecoa pelo saguão cavernoso. – Meu nome é Bailey e eu sou da cidade de Washington, onde aparentemente sapatos despareados estão na moda.

Algumas pessoas abafam o riso quando eu olho para os meus pés. Para meu horror, ele tem razão. Estou usando sapatilhas do mesmo estilo: uma preta e uma azul-marinho. Tenho três pares, cada um de uma cor diferente, e eles são tão pequenos e confortáveis que enfiei um par na minha bagagem de mão. Pela manhã, eu estava tão nervosa passando meu vestido que peguei dois

sapatos sem nem olhar antes de sair pela porta. O QUE HÁ DE ERRADO COMIGO?

E, para completar, percebo agora que Porter nunca ficou olhando para minhas pernas: durante todo esse tempo, ele estava fitando meus sapatos.

Minhas bochechas ficam em chamas. Quero derreter e virar uma poça para me enfiar debaixo do tapete laranja brega. Não consigo olhar para ele agora, que dirá pensar numa réplica espirituosa. Minha mente ligou o piloto automático e apagou, e só consigo captar o som da minha própria pulsação nos meus ouvidos. Estou tão apatetada que não consigo sentir nada além de uma gotícula de alívio quando Pangborn aparece e troca de grupo com Porter para que possamos visitar a outra ala.

Juro que mesmo que essa seja a única vez que vejo esse garoto, mesmo assim terão sido vezes demais. E, se a vida for minimamente justa, vão me alocar num serviço a anos-luz de distância dele. Faço qualquer coisa. Limpo privada. Tiro o lixo. Faço até os anúncios por aquele interfone idiota. Desde que eu tenha o menor contato possível com a porcaria do Porter Roth, faço qualquer coisa com um sorriso no rosto. Porque parece que um dos requisitos da função dele é tirar com a cara da Bailey, e eu preferiria pegar um avião de volta para casa e ficar com mamãe e Nate se é assim que vão ser as coisas por aqui.

Penso em Alex e em como me sentiria melhor se pudesse ir para casa e lhe contar tudo. Ele com certeza me entenderia. E preciso desabafar com alguém, porque, vamos combinar, tem como este dia ficar pior?

Ao fim do tour recebemos do sr. Cavadini a escala de funções, e descubro que, sim, oh, claro que sim, o dia pode ficar bem pior.

Fico olhando os meus horários impressos sem conseguir acreditar. Fui escalada para a bilheteria.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Comecei no meu emprego de verão hoje. Foi horrível. Odiei mais que o sotaque falso de Dick Van Dyke em *Mary Poppins*.

@alex: EITA. É muito ódio, parcêra! Você tá trabalhando com sua mãe, que nem no verão passado? Ou não posso perguntar? Ou é um tópico da Zona Proibida? Estou checando mentalmente a lista e não encontrei esse item.

@zibelina: Não é com a minha mãe. (Tá na lista, mas vou deixar passar desta vez. A lista é MESMO meio longa.)

@alex: Você pode reduzir quando quiser. É só dizer e eu te passo meu e-mail. Ou até meu *segura a emoção* nome!

@zibelina: o.O

@alex: Tá bem, tá bem. Me conta do seu dia péssimo, terrível, bem ruim mesmo. Seu chefe é chato?

@zibelina: Humm. Ainda é cedo pra dizer. Fiquei com a função bosta e um dos meus colegas é o maior babaca. Ele vai tornar minha vida um inferno. Já dá pra dizer.

@alex: Faz a mesma coisa com ele. Coloca ele no lugar!

@zibelina: *cof* *puf* *bocejo*

@alex: Anime-se. Você vai acabar com esse trouxa. Meninos são idiotas.

@zibelina: Verdade. E como foi seu dia?

@alex: Não foi ruim. Agora que o verão começou, voltei à rotina de trabalhar em tempo integral em dois lugares. Normalmente eu tenho colegas bem burros no meu emprego principal, mas parece que dessa vez eles foram enviados para o seu. Além disso, ainda estou com esperanças de que minha excelente Zibelina reúna coragem de vir visitar o pai nesse verão e veja *Intriga internacional* comigo no festival de cinema. Como você consegue resistir a Hitchcock? (E você se acha uma esnobe sobre cinema... Vai ter que provar!)

Capítulo 4

“O que aconteceu com o cavalheirismo? Será que só existe em filmes dos anos 1980?” – Emma Stone, *A mentira* (2010)

O restante do meu treinamento é um borrão. Nem sei direito como consegui achar o caminho de volta para a casa de papai. Só sei que, no instante em que Pete Rydell volta do serviço e pisa em casa, estou pronta e munida com uma lista decorada de motivos justos e bem pensados para eu não trabalhar na Caverna... o que rapidamente se transforma em pedidos descarados para que porfavorporfavorporfavor ele me deixe pedir demissão. Mas ele não cede. Nem mesmo quando eu prometo mandar meu currículo para o Pancake Shack e trazer para casa panquecas todos os dias para todo o sempre.

– É só uma bilheteria, Zibelina – diz ele, impressionado com que eu esteja tão insultada por ter de pegar dinheiro de estranhos. Quando tento justificar meu desagrado pungente em relação a Porter, uma de suas sobranças se ergue, e sua suspeita crescente é tamanha que poderia inflar um balão de ar quente. – O garoto que quase atropelamos na faixa de pedestre?

– Não é bizarro? – Ele se lembra do amigo drogado. Ele agora vê a luz.

Só que não. Na verdade, ele comenta sobre o trabalhão que teve para mexer os pauzinhos e me conseguir esse emprego e sobre como seria ruim para mim pedir demissão tão cedo, e como a vida aqui era cara, especialmente para alguém que é pai solteiro – e que não recebe um salário de advogado, como mamãe –, e que ele gostaria que eu ajudasse a pagar o seguro da Vespa e minha conta de celular.

– Vai ser bom pra você – diz ele com a voz mais suave, apertando meus ombros. Ele ainda está vestindo seu “uniforme” de contador, uma camisa de manga comprida e uma gravata, e não suas camisetas nerds de ficção científica dos anos 1980, por isso neste momento ele parece mais um adulto responsável. E não me lembro de ele já ter sido tão decidido e firme. É estranho, e não sei bem como me sentir. Estou ficando um pouco sentimental. – Sei que não acredita em mim agora, mas vai ver. Às vezes a gente precisa passar por situações dolorosas pra perceber que é bem mais forte do que imaginava.

Ugh. Ele é tão sincero. Sei que ele está se referindo ao que viveu durante o divórcio, o que me deixa desconfortável. Solto um suspiro longo e profundo, o suspiro de uma garota derrotada, e, quando escapo com um movimento fácil de seu gentil toque paterno, sinto alívio imediato.

Tiro um tempo para pensar racionalmente nas coisas e entendo o que ele

quer dizer... em tese. Se o motivo para eu continuar indo à Caverna for porque preciso trazer meu pagamento e mostrar a papai que consigo ser responsável, só me resta suportar. Preciso pensar num jeito de ver Porter Roth o mínimo possível.

Posso ser de evitar, mas talvez não de desistir. É só um emprego de verão, afinal de contas! É o que digo a mim mesma.

Além disso, tenho outras coisas em que pensar.

Na manhã seguinte, abro um mapa de Coronado Cove no segundo em que não escuto mais o ronco do carro de papai. Hora de dar uma de detetive. A Caverna só me escalou para meu primeiro turno amanhã, então ao menos eu tenho um dia de trégua antes de ser forçada a cumprir minha condenação. Já mandei uma mensagem a Alex, só que ele não responde na hora. Me pergunto se é porque está no seu emprego diurno. Durante o período letivo, ele só trabalha nesse emprego depois da aula e em alguns fins de semana. Mas ele disse que agora no verão está trabalhando lá quase toda manhã e depois batendo cartão em outro emprego.

Meu estômago revira só de pensar.

O que sei sobre o emprego diurno de Alex é o seguinte: que é um negócio de família e que ele odeia. Sei que fica na praia, porque ele disse que consegue ver as ondas da janela. Também sei que tem um balcão, então obviamente é um comércio. Um estabelecimento varejista no calçadão. Isso filtra as opções para... não sei, cerca de várias centenas de lojas? Mas dois detalhes que podem me ajudar a reduzir a lista são uns que pareceram pouco importantes quando ele mencionou. Primeiro: ele reclama que o cheiro de canela o deixa com fome o tempo todo, porque tem um carrinho de churros perto. Segundo: ele alimenta um gato vira-lata que toma sol do lado de fora da loja e atende pelo nome de Sam-I-Am.

Não é muito, mas é um começo.

Depois de analisar o mapa, visto meu capacete e conduzo a scooter pela avenida Gold na ponta mais ao norte do calçadão – a menos de dois quilômetros da Caverna Palaciana. A luz do sol queima através da neblina da manhã, o ar cheira a panquecas e oceano. A praia já está cheia de pessoas: moradores e turistas, e são tipos dos mais diversos possíveis. Eles se aglomeram no calçadão como formigas num piquenique. A água está agitada demais para nadar, mas isso não impede que as pessoas deitem sobre cangas e toalhas na areia. Todo mundo está pronto para adorar o sol.

Sempre desgostei de praia, mas, ao encontrar uma vaga perto da ponta norte do calçadão e bezuntar minhas pernas e meus braços deficientes de

vitamina D com protetor solar megasuperssensível criado para bebês, pessoas delicadas e idosos, estou começando a sentir um pouquinho menos de raiva em relação à horda de biquínis balançando e de bermudas de tãtã com estampa tropical que passa por mim, rindo e cantando conforme segue para a areia. Não há uma única alma aqui que preciso impressionar. Ninguém com quem eu esteja preocupada de encontrar sem querer. Vir para o oeste é minha nova chance. Um recomeço.

Essa foi uma das razões pelas quais eu quis me mudar para cá. Não era só porque eu tinha saudade de papai, ou por causa das brigas entre mamãe e Nate Ltda., nem mesmo pela possibilidade de conhecer Alex. De um modo estranho, o fato de eu não saber muito sobre Alex, e vice-versa, foi um dos meus maiores incentivos.

Mamãe é advogada especializada em divórcios (ah, a ironia). Quatro anos atrás, quando eu estava com 14, mamãe aceitou um caso que acabou dando à mulher a guarda total da filha, uma garota da minha idade. Acontece que o marido rejeitado tinha um parafuso a menos. Greg Grumbacher, determinado a se vingar da minha mãe, descobriu nosso endereço na internet. Isso foi antes, quando meus pais ainda estavam juntos. Houve um... incidente.

O cara foi preso por muito tempo.

Enfim. É um alívio ter um país inteiro entre mim e o velho Greg.

E é por isso que minha família não posta nada público na internet. Nenhum nome real. Nenhuma foto. Nenhuma escola ou faculdade onde estudou nem locais de trabalho. Nenhuma postagem alegre com localização marcada ou comentários com data e hora, do tipo *Nossa, Stacey! Estou tomando meu chá favorito na Nona Avenida e vi uma garota com um vestido lindo de morrer!* Porque é assim que pessoas dementes conseguem nos achar e fazer coisas ruins conosco e com pessoas que amamos.

Tento não ficar paranoica nem deixar isso destruir minha vida. Nem todo mundo que deseja encontrar uma pessoa é sádico. Veja, por exemplo, o que estou fazendo agora, procurando Alex. Não sou parecida com Greg Grumbacher. A diferença é a intenção. A diferença é que Greg queria nos ferir, e eu só quero ter certeza de que Alex é um ser humano real da minha idade, preferencialmente de convicção masculina, e não um nojento que só está tentando coletar meus globos oculares para experimentos esquisitos e malvados em laboratórios. Isso não é *stalkar*, é investigar. É proteção para nós dois, na verdade – para mim e para Alex. Se formos feitos um para o outro, e se ele for a pessoa que imagino que seja, então tudo vai ficar bem. Ele vai ser incrível e, até o fim do verão, estaremos loucamente apaixonados, assistindo a *Intriga internacional* no festival de cinema na praia, com minhas

mãos passeando por ele. É isso que passo um tempão imaginando fazer com o corpo virtual desse sortudo.

E se com minha investigação eu descobrir uma informação ruim e vir que este relacionamento parece ter mais fumaça que fogo? Então só vou desaparecer nas sombras, e ninguém sai ferido.

Viu só? Estou preocupada com nós dois.

Com os ombros caídos, ponho óculos de sol e sigo um grupo de garotas bronzeadas, usando-as como escudo até chegarmos ao calçadão, de onde elas continuam direto para a praia e eu sigo à esquerda.

A área do calçadão tem um pouco mais de meio quilômetro de extensão. Uma zona de passeio central se esparrama num largo píer para pedestres, que é ancorado por uma roda-gigante em sua base e atravessado por um cabo que leva casais sentados em bancos teleféricos até os morros. E tudo isso é ladeado por barracas de jogos, montanhas-russas com looping, hotéis, restaurantes e bares. É meio assim: um estilo californiano descontraído, skatistas, arte de rua, gibiterias, chá orgânico, gaivotas. E também meio assim: música ruim dos anos 1980 arrebatando alto-falantes minúsculos, um daqueles brinquedos La Bamba de procedência duvidosa, sinetas tocando, crianças chorando, lojas de camisetas baratas, lixeiras transbordando.

Quaisquer que sejam meus pensamentos sobre o que é este lugar, suspeito de que não vai ser fácil encontrar Alex. Essas suspeitas se fortalecem ainda mais quando me afasto da área intermediária e, ao chegar a um trecho de comércio perto do calçadão (será que é aqui?), percebo que o cheiro que está me enlouquecendo desde ontem não é do Pancake Shack, e sim de massa frita. Isso porque há um carrinho de churros oficial de Coronado Cove a cada cinco ou dez metros descendo o passeio do calçadão. Eu não sabia, mas descobri que churros são como bastões mexicanos de massa de *donut* fritos e polvilhados com açúcar e canela ou, como a placa informa, com açúcar sabor morango. Eles cheiram divinamente. Nunca comi um churro de verdade, mas, a meio caminho do passeio, tomo a decisão de desistir de tudo: de encontrar Alex, de encontrar outro emprego, de descobrir o sentido da vida. Só quero essa massa doce frita.

Entrego o dinheiro e levo minha recompensa para um banco sombreado. É tudo o que eu esperava, senão mais. Onde você esteve minha vida toda? O churro faz eu me sentir melhor a respeito da minha manhã perdida. Quando estou lambendo o açúcar com canela da ponta dos meus dedos, vejo um gato malhado alaranjado e gordo tomando sol na calçada perto do banco.

Não. Será?

Dou uma olhada do outro lado do calçadão. Parece haver uma loja de roupas vintage, uma loja de surfe – Penny Boards, que pode ou não ter sido batizada em homenagem ao avô bobo de Porter –, uma clínica de maconha medicinal e uma cafeteria. O gato se espreguiça. Baixo o olhar. Nossos olhos se encontram. Será que estou encarando o gato vira-lata de Alex?

– Ei, gatinho – chamo com doçura. – Sam-I-Am? É esse seu nome, será? Ei, bonitinho.

Seu olhar apático não registra minha voz. Por um momento, me pergunto se ele morreu, então ele rola para um lado, virando um ombro frígido para mim com sua serenidade mal-humorada de felino.

– Esse foi seu almoço? – pergunta uma vozinha inglesa.

Meu coração dispara. Viro a cabeça e vejo um rosto familiar e amigável me encarando. Grace, do trabalho. Ela está vestindo short e uma blusinha de alças finas em que se lê NÃO em *strass* dourado.

– Foi a coisa mais deliciosa que já comi na vida – conto. Quando ela me dá uma olhada de lado, explico: – Sou de Nova Jersey. Na praia de lá, só temos o *funnel cake* sem graça de sempre.

– Pensei que você fosse da cidade de Washington.

Aceno, dispensando a informação.

– É uma longa história. Só vivi na cidade de Washington por uns meses. Minha mãe e meu padrasto estão lá. Meu pai fez faculdade na Califórnia, na Politécnica Estadual, e voltou a morar aqui há um ano. Faz uns meses que decidi vir morar com ele e, bem... aqui estou.

– Meu pai é técnico de laboratório. Ele é nigeriano – revela ela. – Não conheço a Nigéria porque ele foi embora de lá e encontrou mamãe em Londres. Mudamos pra cá quando eu tinha 10... então faz o quê, sete anos? Pra dizer a verdade, a não ser quando vou pra Inglaterra no Natal, só saí do estado uma vez, e foi pra ir aqui do lado, em Nevada.

– Nhé. Não tá perdendo nada – brinco.

Ela me analisa por um momento, ajustando a alça da bolsa no ombro.

– Sabe, você não tem muito o sotaque de Nova Jersey, mas meio que soa como se fosse da costa leste.

– Bem, você não tem o sotaque da Califórnia, mas meio que soa como uma *Tinker Bell* britânica.

Ela solta uma risadinha.

Dou um sorriso.

– Enfim, foi meu primeiro churro, mas não será meu último. Estou planejando pedir demissão do museu e ter meu próprio carrinho de churros. Então, se você não me vir na bilheteria amanhã, deixe meu abraço para o sr. Cavadini.

– De jeito nenhum – grita ela, parecendo verdadeiramente em pânico. – Não me deixe sozinha na bilheteria. Prometa que vai aparecer. Porter disse que três pessoas já pediram demissão. Somos as únicas agendadas pra trabalhar amanhã à tarde.

De repente, meu churro não cai bem no estômago.

– Você e Porter são mesmo bem amiguinhos. – Não pretendo parecer tão grosseira, mas não consigo evitar.

Ela dá de ombros.

– Somos amigos há anos. Ele não é tão ruim assim. Ele vai te provocar sem dó até você revidar. Só está testando os seus limites. Além disso, ele passou por poucas e boas, então dou um desconto pra ele.

– Tipo o quê? O avô mundialmente famoso ganhou troféus de surfe demais? Deve ser uma porcaria mesmo ver estátuas de membros da própria família pela cidade.

Grace me encara por um momento.

– Você não sabe o que aconteceu?

Encaro-a de volta. Obviamente não sei.

– O quê?

– Não sabe da família dele? – Ela está incrédula.

Agora estou me sentindo bem idiota por não ter me dado ao trabalho de pesquisar na internet sobre a família de Porter quando cheguei em casa ontem à noite. A verdade é que estava tão brava com ele que não me importei. Ainda não me importo, na real.

– Não ligo muito pra esportes – digo como se pedisse desculpa, mas, para ser sincera, não tenho certeza se surfe é considerado um esporte, uma atividade ou arte. As pessoas sobem em pranchas e se equilibram em ondas, mas é uma coisa olímpica ou algo assim? Não faço a menor ideia.

– O pai dele também era surfista profissional – conta ela, parecendo estar realmente incrédula por eu ainda não conhecer a história. – O avô morreu, então o pai dele... Foi bem horrível. Você não notou as cicatrizes de Porter?

Começo a dizer que sim, só que estava ocupada demais sendo humilhada na frente dos meus colegas de trabalho, mas Grace se distraiu. Alguém a está chamando de uma loja mais abaixo no calçadão.

– Preciso ir – interrompe ela com sua voz fina. – Por favor, apareça amanhã.

– Eu vou – prometo. Não tinha mesmo escolha, afinal.

– Aliás – diz ela virando-se e, com um sorriso de esperta no rosto, apontando para o gato alaranjado. – O gato não está te respondendo porque ele é ela.

Meu coração afunda. Gato errado.

Bem, estamos apenas no começo do verão, e sou uma garota paciente. Se eu tiver que seguir meu caminho comendo um churro de cada carrinho do calçadão, faça chuva ou faça sol, vou encontrar Alex antes de *Intriga internacional*.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Adivinha o que recebi pelo correio hoje? Um exemplar novinho de *Núpcias de escândalo*.

@alex: Legal! Adoro esse filme. A gente devia assistir juntos algum dia se eu achar uma cópia.

@zibelina: Com certeza. É um dos meus filmes favoritos da dupla Cary Grant/Katharine Hepburn!

@alex: Bem, ainda falando de coisa boa, como eu sei que você AMA muito filmes de gângster [insira sarcasmo], acabei de te mandar um montão de cenas de *Poderoso Chefão* com legendas Alexadas, pra você variar um pouco.

@zibelina: Estou vendo agora. Você se acha bem engraçado, né?

@alex: Só se você também achar.

@zibelina: Saiu suco de laranja pelo meu nariz.

@alex: Era tudo o que eu queria, Zibelina.

@zibelina: Seus sonhos podem estar mais perto de se realizar do que você imagina...

Capítulo 5

“Não tem nada de barato aqui!” – Lana Turner, *O destino bate à porta* (1946)

Meu primeiro turno na Caverna começa no dia seguinte ao meio-dia, e, quando vejo o estacionamento lotado, quase dou meia-volta com a Vespa e retorno para a casa de papai. Contudo, Grace me avista antes. Ela está parada na porta dos funcionários, agitando os braços, e não há nada que eu possa fazer a não ser marchar rumo à minha desgraça. Entramos, guardamos nossas coisas nos armários e vestimos os coletes laranja.

Agora a coisa ficou séria.

O sr. Cavadini e seu cabelo loiro pontudo de vampiro nos cumprimentam na sala de descanso, de prancheta na mão.

– Você é...?

– Bailey Rydell – respondo. Passou um dia e ele já esqueceu.

– Grace Achebe.

– Como? – indaga ele, chegando mais perto para escutá-la.

A irritação nos olhos dela é suprema.

– A-C-H-E-B-E – soletra Grace.

– Sim, claro – murmura ele, como se já soubesse. Ele nos entrega crachás plásticos com nosso nome. A etiqueta do meu, com “Bailey” impresso, foi colada torta. Parece um mau presságio. – Certo, moças. Sua supervisora é Carol. Ela está ocupada com um problema na cafeteria agora. O turno da manhã na bilheteria vai acabar em três minutos, então precisamos nos apressar. Vocês estão prontas para fazer a magia acontecer?

Tanto Grace quanto eu o encaramos.

– Formidável – fala ele sem nenhum sentimento, nos incitando pela porta e pelo corredor de funcionários. – A primeira coisa a fazer é ir até a segurança – ele aponta para a direção oposta – para contar um novo caixa de dinheiro, como mostramos no treinamento. Mas hoje não temos tempo. Vocês vão ter que confiar que a supervisora do turno não roubou nada nem se equivocou na contagem do caixa, porque qualquer diferença sai do seu salário...

Congelo. É Grace quem fala primeiro:

– Espere, como é que é?

– Vamos, vamos – insiste o sr. Cavadini, empurrando-me para a frente. – Dois minutos. Apressem-se. O segurança vai encontrá-las na cabine da

bilheteria para ajudá-las a se ajeitar e para responder quaisquer perguntas. Se durarem uma semana, vamos considerar lhes dar uma chave da bilheteria. Caso contrário, terão que bater para entrar, porque ela bloqueia automaticamente. Boa sorte, e não se esqueçam de sorrir.

Com isso, ele nos guia para o saguão e prontamente nos abandona.

O museu estava vazio durante a orientação. Agora não. Centenas de vozes ecoam pelas paredes rochosas da Caverna enquanto os visitantes se espalham pelo ambiente espaçoso, seguindo para as duas alas. A cafeteria, subindo as escadas, está cheia. As pessoas comem sanduíches nos degraus de ardósia, falam ao celular sob o navio pirata flutuante. Muitas. Pessoas. Mesmo.

Só que a única pessoa que eu realmente vejo está de pé, recostada na bilheteria.

Porter Roth. Belo corpo. Cabeça cheia de cachos soltos. Sorriso arrogante.

Meu arqui-inimigo.

Os olhos dele encontram os meus. Então seu olhar desce para os meus pés. Ele está conferindo se meus sapatos combinam. Mesmo que eu saiba que sim, verifico-os outra vez, então sinto vontade de tirá-los e usá-los como arma para bater na cabeça grande e idiota dele.

Ele não toca no assunto.

– Senhoritas – diz, acenando com a cabeça quando nos aproximamos. Talvez não seja tão ruim quanto da última vez. Equilibrando duas gavetas de caixas registradoras cheias de dinheiro em uma mão, com a outra ele dá quatro batidas rápidas na porta traseira da cabine da bilheteira antes de se virar para nós. – Prontas pra emoção de ter dinheiro vivo nas mãos?

A porta da bilheteria se abre. Pelo que parece uma eternidade, Grace e eu esperamos Porter entrar na cabine e trocar as gavetas, e duas pessoas de olhos arregalados saem da bilheteria, secando o suor como se tivessem entrado no quarto do próprio diabo e visto atos indecentes e depravados que as assustaram para toda a vida.

Agora estou ficando realmente nervosa.

Porter está irritado. Ele fala algo obsceno no microfone do rádio em sua manga, e por um segundo me pergunto se ele está repreendendo o sr. Cavadini, mas então um monte de cabelo branco vem saltando pelo saguão e o outro segurança, o sr. Pangborn, aparece. Ele está com cara de acabado. E cansado demais para fazer este trabalho.

– Desculpe, sinto muito – diz ele completamente sem fôlego.

Porter solta um suspiro longo e balança a cabeça, agora menos irritado e mais esgotado.

– Só acompanhe estes dois aqui de volta pra sangrar o caixa e fazer a contagem até que Carol desça da cafeteira. – Ele se volta para nós e assobia, apontando um polegar para a cabine. – Você duas, pra dentro.

– Ai, cacete – murmura Grace. – Esqueci como faz pra rodar o programa dos ingressos!

– Você vai conseguir fazer de olhos fechados, Gracie – garante Porter. Por um segundo, ele quase parece legal, e não o garoto que me humilhou na frente de toda a equipe. É uma miragem, digo a mim mesma.

A cabine é pequena. Bem pequena. E fedida. Fede muito. Há dois bancos giratórios, um balcão com o monitor dos computadores e uma prateleira embaixo dele, de onde os bilhetes saem de impressoras velhas. A porta traseira fica entre os dois bancos, e quase não há espaço para uma terceira pessoa – que dirá Porter – ficar atrás de nós e dar instruções. À nossa frente, uma placa de acrílico coberta de manchas de impressões digitais nos separa de uma fila de pessoas que dá voltas, seguindo os pedestais ligados por fitas. Tantas pessoas. Elas não estão felizes com a demora.

O cara na frente da minha janela está mexendo os lábios como quem diz *quatro*, e segura quatro dedos erguidos, dizendo algo desagradável sobre eu ser uma mulher idiota. Aquele carrinho de churros está parecendo cada vez melhor.

– Verde significa ligado, vermelho é desligado. – A voz de Porter sai próxima da minha cara, um pouquinho perto demais. Um arrepio indesejado percorre meu braço onde seu cabelo solto toca meu ombro. Tem um cheiro salgado, como água do mar; eu me pergunto se ele surfou hoje. E me pergunto por que me importo. Seu braço passa ao lado do meu corpo e bate no balcão, me fazendo sobressaltar.

– Certo, sim – digo.

Em silêncio, olho para os controles de comunicação de duas vias, marcadas “fora” (para ouvir os clientes) e “dentro” (para que possam me ouvir). Verde. Vermelho. Entendi.

– Você vai precisar manter o microfone externo ligado o tempo todo, mas, se quiser manter sua sanidade mental, só vai ligar o interior em caso de necessidade. Dedo no gatilho – aconselha ele.

Eles disseram isso no treinamento. Agora lembrei. Grace está surtando, então Porter se desloca até o banco dela. O idiota na frente da minha janela

está pressionando quatro dedos impacientes contra o vidro. Não dá mais para enrolar. Aperto os dois botões verdes e sorrio.

– Bem-vindo à Caverna Palaciana. Quatro inteiras?

O computador faz todo o trabalho. Pego o cartão de crédito do homem, imprimo os ingressos, e o sr. Idiota passa pela catraca com sua família idiota. Próximo. Este paga em dinheiro. Eu me atrapalho um pouco com o troco, mas não vou tão mal.

E assim por diante.

Em dado momento, Porter dá uma escapulida e ficamos sozinhas, mas está tudo bem. Podemos lidar com a situação.

Por causa do frio que fazia no saguão da Caverna durante a orientação, vesti um casaquinho. Dez clientes depois, entendo por que a bilheteria foi apelidada de Sauna. Não tem ar-condicionado do lado de dentro. Estamos presas em uma caixa de vidro da cintura para cima, com o sol batendo no rosto, nos iluminando como se fôssemos orquídeas em uma maldita estufa.

Tiro o casaquinho pelos buracos dos braços do colete. A cada poucos minutos tenho que girar para deixar alguém entrar pela porta – Carol, a supervisora do turno; o cara do balcão de informações nos mandando tirar uma nova foto para um passaporte de temporada porque o cliente tinha “odiado” a outra; sr. Pangborn, o bom velhinho, com troco para todos os gastadores que querem pagar com notas de cem. Sempre que giro para abrir a porta da bilheteria, uma destas duas coisas acontece: a) arrebento meus joelhos na caixa registradora de metal ou b) uma rajada de ar cavernoso congelante passa pela minha pele úmida.

Então a porta se fecha e a Sauna esquenta de novo.

É tortura. Do tipo usada pelos militares para dobrar combatentes inimigos quando querem obter informações. Onde estão as Convenções de Genebra quando se precisa delas?

A situação piora quando temos de começar a fazer malabarismos com outras coisas, como mostrar a direção dos banheiros e lidar com queixas sobre o aumento anual do preço dos ingressos. Este museu dá medo? Por que pararam de dar desconto para idosos? O vento levou meu ingresso, quero outro.

É um show de horrores. Quase sem exagero. Não admira que as pessoas desistam no primeiro dia.

Nós não. Grace e eu conseguimos. Somos campeãs, e comemoramos nos cumprimentando por baixo do balcão. Eu lido com o trabalho da melhor

maneira possível: evitando contato visual; me fingindo de boba; dando de ombros; evitando perguntas difíceis; indicando o balcão de informações ou a lojinha de presentes.

Se não suarmos todos os nossos fluidos corporais, vamos conseguir.

Cerca de duas horas depois do início do nosso turno, o ritmo diminui consideravelmente, ao ponto de não ter ninguém na fila.

– Será que a gente assustou todo mundo? – pergunta Grace, secando o suor da nuca.

– Acabou? – indago, espiando por cima do intercomunicador para ver os organizadores de fila. – Já podemos ir pra casa?

– Vou pedir pra alguém trazer água. Disseram que podemos fazer isso. Está muito quente. Que se dane. – Grace usa o telefone para enviar uma mensagem para Carol, e ela responde que vai mandar alguém. Aguardamos.

Alguns minutos depois, ouço quatro batidas rápidas na porta e, quando a abro, dou de cara com Porter. É a primeira vez que o vemos desde o começo de nossa sentença. Ele nos entrega garrafas plásticas de água e me dá aquele sorriso lento e preguiçoso que é absurdamente sensual para um garoto da nossa idade, o que me deixa nervosa de novo.

– Vocês duas iluminaram esta querida Sauna. Fica melhor com vocês do que com a última dupla. Por falar nisso, um deles foi... – Ele passa o indicador pela garganta, sinalizando que o garoto pediu demissão, e não que ele de fato se matou. Assim espero.

– Mais um? – murmura Grace.

Porter se recosta contra a porta com um pé apoiado nela enquanto olha o celular. Sua pose faz com que seu joelho invada meu espaço pessoal e fique a poucos centímetros do meu. É como se ele estivesse tentando me tocar de propósito.

– Este trabalho não é pros fracos, Gracie. A foto dos desistentes devia ficar no falso céu estrelado sobre as tendas na Ala de Jay.

– Que horas são? – pergunto.

Ele responde depois de consultar um grande relógio de pulso vermelho com uma tela digital engraçada. Como o encaro por muito tempo, ele me pega olhando e explica:

– Relógio de surfe. Direção da maré, altura das ondas, temperatura da água. Completamente à prova d'água, ao contrário deste telefone estúpido, que eu já tive que trocar duas vezes este ano.

Eu estava, na verdade, fitando aquelas cicatrizes de Frankenstein, pois lembrei que Grace tinha começado a me contar algo trágico a respeito da família dele ontem no calçadão, mas estou aliviada por ele ter achado que eu olhava para o relógio.

– Como você virou segurança, hein? – pergunto enquanto abro minha garrafa.

Ele desvia o olhar por um momento da tela e dá uma piscadinha para mim. Uma piscadinha de fato. Quem faz isso?

– Fazer 18 anos abre todo tipo de porta. Você pode votar, envolver-se legalmente com a pessoa de sua escolha em toda e qualquer atividade sexual consentida que puder imaginar e, melhor de tudo, você pode trabalhar em tempo integral como segurança na Caverna Palaciana.

– Só tem uma dessas coisas que eu quero fazer, e não preciso de uma lei pra me autorizar – diz Grace com doçura do outro lado da bilheteria.

Não olho para Porter. Se ele está tentando me deixar desconfortável com esse comentário de “toda e qualquer atividade sexual que puder imaginar”, pode se parabenizar, pois está funcionando. Mas ele não vai me fazer suar. Exceto pelo fato de eu ter suado muito nas últimas duas horas na Sauna.

– Faz uma semana que Taran viajou pro exterior e você já está recorrendo a mim pra satisfazer suas necessidades femininas? – indaga ele.

– Bem que você gostaria – replica ela.

– Todos os dias. E quanto a você, Rydell?

– Não, obrigada – respondo.

Ele suspira, fingindo estar magoado.

– Você deixou um namorado chorando de saudade lá no leste?

Dou uma grunhida evasiva. O banquinho de Grace range. Posso sentir os dois olhando para mim; quando não respondo, Porter diz:

– Eu sei o que vai resolver isso. Hora do teste.

Grace geme.

– Ah, não – reclama ela.

– Aaah, sim.

Arrisco um olhar para o rosto dele, e Porter está sorrindo sozinho, mexendo loucamente no celular.

– Um teste é a melhor forma de conhecer a si mesmo e aos outros –

comenta ele, como se estivesse lendo uma chamada de revista.

– Ele é obcecado por testes – explica Grace. – Obriga todo mundo na escola a participar. Os testes das revistas femininas são os piores.

– Acho que você quis dizer os melhores – corrige ele. – Aqui vai uma boa: “Por que você não tem um namorado, amiga? Responda às perguntas para descobrir como uma garota incrível como você está sozinha em casa no sábado à noite, e não num encontro com o garoto dos seus sonhos”.

– Nem pensar – diz Grace.

– Então vou levar isto embora – ameaça Porter, tentando arrancar a água das mãos dela. Eles lutam por um segundo, rindo; então ela dá um grito ao derramar água gelada em seu colete laranja da Caverna, o que me faz quase levar uma cotovelada de Porter na cara. Ele segura a água dela no alto, fora de alcance.

– Certo, você venceu – concede Grace. – Faça essa porcaria de teste. Deve ser melhor do que ficar sentada aqui sem fazer nada.

Porter devolve a água, recosta-se contra a porta e lê as perguntas.

– “Sua irmã mais velha leva você para uma festa no campus da universidade quando você vai visitá-la. Você: a) dança com ela e os amigos; b) nada pelada na piscina do quintal; c) pega um gatinho e vai com ele para um dos quartos do andar de cima; d) fica sentada sozinha no sofá observando as pessoas?”

Eu não me incomodo em responder. Um jovem casal chega à minha janela, e eu ligo os microfones pelo tempo suficiente para cumprimentá-los e vender dois ingressos. Quando termino, Grace escolheu a resposta A.

– E quanto a você, Rydell? – pergunta Porter. – Acho que sua resposta será B: exibicionista secreta. Se você não pedir demissão hoje, quem sabe o que pode acontecer? Posso conferir os monitores amanhã e encontrá-la tirando a roupa perto da piscina da Cleópatra na Ala de Vivian.

Eu bufo.

– É isso que você fica imaginando lá na cabine de segurança?

– A tarde inteira.

– Você é um babaca.

Ele me encara.

– Cancela. Acho que você na verdade é uma C. Você pegaria um “gatinho” – ele faz sinal de aspas com os dedos – e iria com ele até um dos quartos

vazios. Acertei?

Não respondo.

Ele não se convence.

– Próxima pergunta. – Ele passa o dedo pela tela do telefone, mas na verdade está me encarando. Tentando me intimidar. Tentando ver quem vai piscar primeiro. – Por que você saiu da cidade de Washington? a) Não conseguiu arranjar nenhum gatinho; b) seu namorado da costa leste é um mané e você ouviu falar da lendária piroca da costa oeste, então teve que vir conferir se os boatos são verdadeiros. – Ele dá um sorrisinho.

– Panaca – murmura Grace, balançando a cabeça.

Eu me sinto enrubescer. Mas logo consigo me recuperar e dar uma resposta.

– Por que você está tão interessado na minha vida amorosa?

– Não estou. Por que você está fugindo da pergunta? Você faz isso bastante, por sinal.

– Faço o quê?

– Foge de perguntas.

– E desde quando isso é da sua conta? – retruco, secretamente irritada por ele ter me desvendado. Quem ele pensa que é, meu terapeuta? Bem, se ele quer mesmo saber, estive em dois dos melhores terapeutas de Nova Jersey, uma vez com mamãe e uma vez sozinha, e nenhum daqueles supostos especialistas foi capaz de me manter na cadeira por mais de duas sessões. Disseram que sufoquei meus sentimentos, que eu não era comunicativa, que a evasão era o “mecanismo de enfrentamento inadequado” para não ter de lidar com fatores estressantes e que essa não era uma maneira saudável de evitar ataques de pânico.

Foi o que disse o homem que queria cobrar dos meus pais mais do que o valor total de um curso de ensino superior por seus conselhos especializados. Estou lidando com tudo muito bem, obrigada. Se apenas pessoas como ele me deixassem em paz...

Porter zomba.

– Considerando que este é o seu primeiro dia no trabalho e pode muito bem ser o último, dada a taxa de rotatividade deste posto de serviço, e considerando que sou um funcionário mais antigo que você, então eu diria que sim, é praticamente da minha conta.

– Você tá me ameaçando? – pergunto.

Ele bloqueia o celular e ergue uma sobrancelha.

– Quê?

– Isso pareceu uma ameaça – digo.

– Eita, você precisa relaxar. Não foi... – Ele nem consegue repetir a palavra. Está nervoso agora, prendendo o cabelo atrás da orelha. – Grace...

Ela levanta uma mão.

– Me deixe fora dessa confusão. Não tenho nem ideia do que tô testemunhando aqui. Vocês dois perderam o fio da meada.

Ele solta um grunhido barulhento e se volta para mim.

– Olha, só tô te enchendo... Fica tranquila. Mas o fato é que eu trabalho aqui há muito tempo. Você tá aqui faz só algumas horas.

– Mas você já não me desvendou? Não sabe tudo a meu respeito, sr. surfista famoso?

Ele acaricia o queixo ironicamente para demonstrar que está pensando.

– Hummm... Bem, pequena miss Vogue – diz ele naquele seu tom de voz baixo e grave. Aquele que achei sensual e charmoso quando ele nos levou pelo tour. – Vou arriscar um palpite. Você é uma garota esnobe e sofisticada da costa leste cujo pai conseguiu este emprego no qual é forçada a ter conversas normais com lixos do surfe como eu. – Ele cruza os braços e me lança um sorriso desafiador. – Como eu me saí?

Meu queixo cai. Estou tão atordoada que sinto como se tivessem tirado o ar dos meus pulmões. Tento desembaraçar suas palavras, mas há tanta coisa ali. Se ele realmente está só me enchendo, por que sinto... tanta amargura?

Como é que ele sabe que papai me ajudou a arrumar este emprego? Será que alguém no escritório lhe contou? Quero dizer, não é como se eu fosse uma riquinha mimada e incompetente com zero experiência e muitos contatos. Papai não passa de um contador! Mas eu não vou me dar ao trabalho de explicar isso nem qualquer outra coisa. Porque estou meio convencida de que se abriu um buraco no meu crânio pelo qual meus miolos estão vazando, fluindo para fora como lava derretida. Acho que odeio Porter Roth de verdade.

– Você não sabe nada sobre mim ou minha família, seu bundão! – digo, tão enfurecida que nem me importo que uma família de quatro pessoas esteja se aproximando da minha janela. Mas eu devia ter me importado. E devia ter notado que deixei o interruptor verde ligado desde o último par de ingressos que vendi. Mas os olhos arregalados no rosto de cada integrante da família me

dão uma pista.

Eles me ouviram xingar.

Por um momento terrível, a bilheteria gira à minha volta. Peço desculpas profusamente, mas os pais não gostaram. Nem um pouquinho. Por que seria diferente? Ai, minha nossa, a mulher está usando um crucifixo? E se essas pessoas forem fundamentalistas? Será que estas crianças são educadas em casa? Será que eu acabei de arruiná-las para todo o sempre? Put... digo, puxa vida. Será que eles vão pedir para falar com o sr. Cavadini? Será que vou ser demitida? No meu primeiro dia? O que papai vai dizer?

Se estava com calor antes, agora passou. Um medo gelado envia um exército de arrepios pela minha pele. Indico a janela de Grace para a família e pulo do meu banquinho, empurrando Porter ao correr cabine afora.

Nem sei para onde estou indo. Acabo na sala de descanso, em seguida saio para o estacionamento de funcionários. Por um segundo, considero subir na Baby e partir, até que me lembro de que não estou com a minha bolsa; ela ficou no armário.

Eu me sento na calçada e me acalmo, me recompo-nho. Afinal, tenho um intervalo de trinta minutos, não é? Trinta minutos inteiros para chafurdar na vergonha por dizer o que eu disse na frente daquela família... Trinta minutos para me perguntar como foi que permiti que Porter me provocasse a ponto de entrar em outra discussão. Trinta minutos para enlouquecer sobre ser demitida no meu primeiro dia. Eu! A Matreira. Como isso foi acontecer?

É tudo culpa de Porter. Ele me provocou. Tem alguma coisa nele que ressalta o pior de mim e me faz querer... confrontar. Ele pensa que sou uma esnobe? Ele não é o primeiro. Só porque eu estou quieta não significa que estou distante. Talvez só queira ficar sozinha. Talvez não seja boa em bater papo. Nem todo mundo sabe ser legal e sociável e *Ei, cara, e aí?*, como ele parece ser. Nem todos estão equipados para isso, e isso não me torna uma pessoa convencida. E por que ele continua falando sobre meu visual, pelo amor de Deus? Estou mais casual hoje que na orientação. Tenho culpa de ter estilo? Não vou mudar para agradá-lo.

Não tenho certeza de quanto tempo passa, mas eventualmente volto para a sala de descanso. Alguns funcionários estão trabalhando. Aguardo uns minutos, mas ninguém vem me buscar. Espero ser chamada ao escritório do sr. Cavadini ou pelo menos que a supervisora do turno queira falar comigo. Quando ninguém vem, não sei o que fazer. Ainda tenho muitas horas de serviço a cumprir, por isso volto para o saguão, procurando sinais de uma inquisição. Trombo com alguém. Levanto a cabeça e, quando vejo o sr. Cavadini com a prancheta esmagada contra o peito, meus batimentos

cardíacos triplicam.

– Desculpe – digo pelo que deve ser um número recorde de vezes na última meia hora. É isso. Acabou para mim. Ele veio para me cortar.

– Por favor, olhe por onde anda, senhorita... – Ele para enquanto seus olhos buscam meu crachá. – Bailey.

– Eu... – Não posso me desculpar de novo. Simplesmente não posso. – Sim, senhor.

– E como está na bilheteria? Fez um intervalo? – Seu nariz enruga. – Você não está pedindo demissão, está?

– Não, senhor.

Ele relaxa. Arruma sua gravata da Caverna Palaciana.

– Excelente. Volte ao seu posto – diz ele distraidamente, o foco de volta à prancheta enquanto se afasta. – Não se esqueça de sorrir.

Como se eu pudesse fazer isso agora. Sigo atordoada para a cabine da bilheteira, sem saber o que vou encontrar lá. Respiro fundo e bato à porta. Ela se abre. Porter se foi. Do outro lado do vidro se forma uma pequena fila, com a qual Grace está lidando sozinha. Seus ombros relaxam quando ela me vê. Ela desliga o microfone por um instante.

– Ei – sussurra ela. – Você tá bem?

– Sim. Não vou ser demitida?

Ela me olha como se eu tivesse ficado louca, então sacode a cabeça.

– Porter pediu desculpas à família e a deixou entrar de graça. As pessoas perdoam qualquer ofensa se recebem coisas grátis. Não peça demissão! Tá tudo bem. E eu preciso da sua ajuda agora, pode ser?

– Certo.

Fecho a porta depois de entrar e sento no meu banquinho, chamando a próxima pessoa da fila com um aceno. Não sei como me sinto. Aliviada? Aniquilada? Ainda humilhada e brava com Porter? Não faço mais ideia.

Antes de ligar o microfone, olho para baixo e vejo uma garrafa de água fresca e três biscoitos sobre um guardanapo timbrado da Caverna Palaciana. Um de chocolate, um de açúcar e outro de aveia. Na ponta do guardanapo, junto com o desenho de uma carinha triste, tem um recado em letra cursiva infantil: *Desculpa*.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@alex: Preciso me animar.

@zibelina: Eu também. Quer ver *Cavadoras de ouro*?

@alex: Os irmãos cara de pau?

@zibelina: *Dr. Fantástico*?

@alex: *O jovem Frankenstein*?

@zibelina: *O jovem Frankenstein*.

@alex: Você é demais.

@zibelina: E você não é dos piores. Me fala quando estiver pronto pra dar play.

Capítulo 6

“Às vezes é melhor não saber.” – Jack Nicholson, *Chinatown* (1974)

Passo a manhã seguinte inteira no calçadão. Não acontece nada de diferente da minha primeira manhã lá, o que significa que é um fracasso. Apesar de nenhum sinal de Alex, encontrei de novo aquela gata alaranjada idiota passeando perto do meu carrinho favorito de churros. Eu a apelidei de Señor Don Gato (inspirada na canção infantil predileta minha e de papai), afinal, ela me enganou da outra vez e me fez pensar que era um macho.

Depois de arrancar pedacinhos do meu churro para alimentar algumas gaivotas exigentes, ainda me sobra um tempo antes do meu turno da tarde na Caverna. Não estou ansiosa para encarar Porter de novo. Não nos vimos depois dos biscoitos. Sim, essa foi uma boa tentativa de compensar sua babaquice, mas e daí? Quando você precisa se desculpar, o ideal é não dizer nada além de “desculpa”.

Ugh. Só de pensar nele fico com vontade de chutar alguma coisa. Nisso, me lembro de que eu queria achar um lenço para prender meu cabelo, que grudou na minha nuca quando começou a suadeira na Sauna. Jogo no lixo o papel amassado do meu churro, me despeço da sonolenta Señor Don Gato e sigo para o estabelecimento comercial que encontrei na minha busca prévia por Alex: Déjà Vu. É uma lojinha de roupas vintage em cuja vitrine há manequins velhos montados com partes de vários diferentes manequins: masculino, feminino, marrom, rosa, alto, baixo. Quando entro, uma sineta toca em cima da porta, um som quase inaudível em meio à conga da música estilo *exotica* dos anos 1950 que reverbera dos alto-falantes. Está escuro na loja, e o odor ali é de um misto de roupas velhas mofadas e sabão de baixa qualidade. Tudo está entulhado, o sonho de qualquer vasculhador. Há somente outro cliente ali, e uma jovem de idade universitária com dreadlocks roxos está no caixa no fundo na loja.

Encontro um cabideiro giratório com lenços antigos perto do balcão. Bingo. Alguns têm um cheiro esquisito, outros são psicodélicos demais para o meu gosto, mas há dezenas de opções. Depois de analisar metade do cabideiro, encontro um listrado de cinza e preto que não vai destoar tanto do meu colete abóbora do trabalho. Pago à garota no caixa. Ela está passando a compra quando ouvimos a sineta da porta. Dou uma olhada para trás e vejo dois rapazes entrando. Um deles é um garoto latino corpulento de camiseta regata. O outro é magro e loiro claro, de bermuda e sem camiseta. Ele está mancando, como se tivesse uma perna machucada.

Droga. Eu o conheço. É o amigo de Porter. O outro cara da faixa de

pedestre: o drogado que socou o carro de papai. Os dois se aproximam.

– E aí, *mamacita*? – diz o loiro com sua voz preguiçosa e grave à garota ao se esgueirar perto de mim pelo balcão, enquanto ela pega meu troco no caixa. Espio o rosto dele. Tem maçãs altas e buracos fundos abaixo delas, pontilhados por cicatrizes de acne. Seu cabelo loiro-claro está bagunçado. Apesar disso, ele talvez seja de uma beleza ainda mais clássica que a de Porter. É uma beleza quase de modelo. Mas ele tem um ar mais assustador. Tem algo de errado ali.

– Eu te pedi pra não me incomodar no trabalho, Davy.

– Bem, é uma emergência. Vamos de carro até La Salva hoje à tarde. Você precisa ajudar seu bróder aqui.

– Agora não.

Ele apoia as mãos no balcão e se inclina para a frente, bloqueando minha visão do rosto deles. Ainda consigo ver os dreads roxos dela caídos sobre um ombro à mostra.

– Por favor – implora ele.

– Achei que você dava uma refrescada em dia de semana – comenta ela num sussurro.

– Sim, mas você sabe como é. Preciso só de um pouquinho. – O tom baixo dele combina com o dela, porém ainda assim consigo ouvir tudo o que estão falando. Esta conversa não é particular. Será que eles sabem? – É só pra hoje.

– Você disse isso na semana passada – argumenta ela.

– Vai, Julie. – Ele passa uma mão pelo braço dela, prendendo um dreadlock com a ponta dos dedos. – Julie, Julie, Julie.

Ela solta um suspiro.

– Vou fazer uma ligação e te mando mensagem. Talvez demore umas duas horas.

Satisfeito, ele se vira e só então parece notar minha presença.

– Oi.

Não respondo, mas posso senti-lo me olhando de cima a baixo enquanto aceito meu troco. Enfio o dinheiro na carteira, pego a sacola com o lenço e sigo pelo corredor estreito rumo à porta. Só quero sair daqui, tipo, ontem.

Mas não sou rápida o bastante. Ouço passos insistentes no meu encalço.

– O que você comprou? – Sinto um puxão na minha sacola e, quando me

viro, vejo Davy pegando meu lenço. – Você é uma vaqueira ou uma criminosa?

Arranco o lenço da mão dele.

– Nenhuma das duas coisas.

O amigo dele dá risadinhas.

– Ei, calma. Só tô curioso – diz Davy. – Nunca te vi por aqui. Como você chama?

– Nem sonhando.

– O-oh, se lascou – murmura o grandão.

– Que é isso, vaqueira – diz Davy. – Não seja assim.

Não consigo sair rápido o suficiente. E fui bem rápida. Pela segunda vez em 24 horas trombo com tudo com outro ser humano. O verdadeiro Matreiro ficaria muito decepcionado com minhas desajeitadas habilidades de fuga. Minha bochecha bate contra costelas feitas de aço. Retrocedo demais e quase perco o equilíbrio. Mãos agarram meus antebraços.

Estou encarando o logo da marca de pranchas Quiksilver. Fico boquiaberta e ergo os olhos. Agora estou encarando o rosto furioso de Porter Roth.

– Pelo amor dos céus – murmuro.

As linhas duras em volta dos seus olhos suavizam ao me ver. Só um pouquinho. Então ele olha por sobre minha cabeça e fica irritado de novo.

– Que merda você pensa que tá fazendo aqui? – Ele não está falando comigo. Nesse momento, percebo que não é comigo que ele está bravo, mas com a pessoa parada atrás de mim.

– Você é minha mãe, por acaso? – retruca a voz grave de Davy. – Relaxa, cara. Ray e eu só vamos pegar uma coisa pra comer e já vamos pra casa de Capo.

As mãos de Porter ainda agarram meus braços. Não sei dizer se ele está me segurando ou tentando me manter longe de Davy. Mas, tão de perto assim, sinto um perfume forte de óleo de coco e cera, o que cheira maravilhosamente bem, para ser sincera. Enquanto me ocupo inspirando fundo, ele segue dando uma bronca em Davy.

– Vai dizer que eu não acabei de te ver saindo da Déjà Vu?

Viro a cabeça e vejo Davy se desdizendo.

– Julie pediu pra gente entrar. Não foi nada. Só ficamos falando do

cachorro novo de Capo. Segura sua onda aí.

Hummm, ele está mentindo. Mas a testosterona no ar é suficiente para começar uma guerra, por isso nem sonhando que vou dedurar Davy. E o que me interessa? Não é da minha conta. Só quero sair daqui e ir para o trabalho. E por que Porter ainda está me segurando? Ele também parece notar isso, e, ao mesmo tempo que me solto dele, ele me larga e leva as mãos para trás como se eu fosse radioativa.

– E o que você está fazendo aqui? – ele me pergunta.

– Comprando um lenço – digo, me afastando. Por que ele sempre está perto demais?

– Vocês se conhecem? – pergunta Davy, esfregando a perna direita sem notar. Parece que é essa a perna machucada, o motivo de ele mancar.

– Trabalhamos juntos. – Porter olha para Davy, depois para minha sacola, como se não conseguisse acreditar em nenhum de nós dois. Fico ofendida de ser colocada no mesmo saco desse panaca.

– Que mundo pequeno – comenta Davy com um sorrisinho. – Vai me dizer seu nome agora, vaqueira?

– Me parece que você vai me chamar do que quiser mesmo, então pra quê?

– Caramba, garota. – Ele ergue a bermuda, então pergunta a Porter: – Ela é maldosa assim com você no trabalho?

Porter me espia. Eu o desafio com meus olhos a dizer algo inteligente. Vamos lá, parceiro. Quero ver você se mostrar. Conte como me provocou, agiu como um cretino, me chamou de esnobe e quase me fez ser demitida. Quero ver posar de durão na frente do seu amigo babaca.

Mas ele só diz:

– Ela é legal.

Hã.

Davy me inspeciona devagar e estala os dedos.

– Você deveria vir na festa da fogueira. Sábado à noite, ao pôr do sol, no Bone Garden.

Não tenho a menor ideia de onde fica isso nem me importo, na verdade. Especialmente depois daquele diálogo suspeito que ouvi na loja.

Porter bufa.

– Não pense que eu não sei que foi lá que você ficou com Chloe.

– E daí? – confronta Davy. – Chloe está em Los Angeles agora. Pra que você quer desenterrar o passado?

– Por que você tá convidando ela pra festa da fogueira? – Porter aponta para mim com o dedo.

Davy dá de ombros e seu amigo Ray o puxa pelo calção, afastando-o da loja de roupas vintage.

– Este é um país livre.

Não sei direito o que foi tudo isso, mas me sinto bem esquisita por estar sozinha com Porter.

– Preciso ir trabalhar.

O sol do meio-dia realça mechas douradas sobre os cachos escuros de Porter, e, quando ele vira a cabeça para o mar, sua barba por fazer parece quase ruiva.

– É, eu também.

Droga. Vamos trabalhar juntos de novo hoje? Esqueci de verificar os horários ontem, na minha pressa em sair da Caverna depois do que aconteceu. Não sei quanto mais deste encontro tenso consigo suportar. Mas ele está me olhando meio engraçado, coçando a nuca, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Então me lembro dos biscoitos que ele deixou para mim e me pergunto se ele também está se lembrando deles. Claro que foi um bom gesto. Contudo, até onde sei, ele pode ter roubado da cafeteria. Eu devia ter jogado os biscoitos no lixo, mas dei o de gotas de chocolate para Grace e comi os outros.

Desconfortável, murmuro um tchau e me viro para partir. A garota da loja, Julie, está parada do lado de fora, com os braços cruzados no peito e os dreads roxos caídos sobre eles, nos observando cautelosa. Evito contato visual e continuo andando.

– Nos vemos depois, vaqueira – grita Davy a alguma distância atrás de mim.

Espero que não. Quando passo pelo carrinho de churros, percebo que Porter está indo na mesma direção que eu, mas suas pernas musculosas são mais rápidas. Alguém assobia, e ele fica para trás. É um homem de meia-idade, talvez como meu pai, com cabelo castanho-acinzentado ondulado, cortado bem curto. Ele veste bermuda de tãel e uma camiseta regata e parece uma pessoa que foi bonita na juventude, mas que levou algumas pancadas fortes da vida. Um de seus braços está coberto de tatuagens desbotadas; o outro não está ali – ele não tem outro braço.

Fico surpresa em, ao passar por eles, reconhecer os olhos de Porter naquele homem, então olho para as cicatrizes rosas pregueadas no lugar onde antes havia um braço. Porter me pega encarando. Desvio rápido o olhar e sigo em frente, com o rosto em chamas.

Esse deve ser o pai de Porter e a coisa “horrível” sobre a qual Grace comentou.

O que raios aconteceu a essa família?

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > ARQUIVADAS

@zibelina: O que você quer fazer depois que se formar no ensino médio?

@alex: Quer dizer, na vida?

@zibelina: Quero dizer faculdade. Quando eu era mais nova, pensava que queria fazer cinema. Dirigir filmes. Mas não acho que eu me daria muito bem comandando. Não quero esse tipo de pressão. Agora acho que prefiro fazer algo nos bastidores, catalogando alguma coisa.

@alex: Entusiasta profissional de cinema?

@zibelina: *piscando* Esse trabalho existe? Estou torcendo para que o salário seja bem alto.

@alex: Tô contigo. Meu pai espera que eu assumo os negócios da família, mas não quero. Não me entenda mal: eu gosto dos negócios da família. Pra mim é tipo um hobby. Mas não quero a pressão de fazer isso por tempo integral e por dinheiro. E se eu quiser fazer outras coisas, sabe?

@zibelina: Sei como é. E acho que não tem jeito, a gente precisa começar a se inscrever nas faculdades no outono. Isso é meio assustador. Tem faculdades demais. Costa oeste? Costa leste? Não sei.

@alex: Aproveite sua multiplicidade de opções. Enquanto isso, estarei preso na faculdade comunitária, trabalhando em dois empregos. Meu futuro já foi planejado.

@zibelina: Isso não pode ser verdade.

@alex: Nem todo mundo tem sorte, Zibelina.

Capítulo 7

“Eu costumava odiar água.” – Roy Scheider, *Tubarão* (1975)

Papai diz que segundos dias são sempre melhores que os primeiros, porque você já sabe o que esperar, e ele tem razão. A Sauna está ligeiramente mais tolerável hoje. Sacrifico minhas ondas compridas e prendo o cabelo, amarrando o lenço num estilo pin-up, o que impede que o suor escorra pela minha nuca. Grace também tomou precauções: ela trouxe de casa um ventilador giratório movido a pilha e o posicionou entre nossas estações de trabalho. Nosso maior desafio é fazer malabarismos para conciliar as idas ao banheiro, porque estamos bebendo mais água que cavalos depois de uma corrida no hipódromo.

No meio do meu turno, faço minha pausa de trinta minutos. Despindo meu colete laranja, me dirijo escada acima até a cafeteria, que encontro sem fila. O biscoito de açúcar que Porter me deu ontem estava esplêndido, por isso compro dois e encontro uma mesa vazia em um recanto escondido debaixo do navio pirata. Puxo meu celular e pesquiso o que tem me incomodado desde que bati o ponto hoje.

Bill “Pennywise” Roth foi um surfista profissional que ganhou vários títulos do campeonato da Liga de Surfe Mundial e da Tríplice Coroa Havaiana nos anos 1980. De acordo com sua biografia na internet, ele segue categorizado como um dos maiores surfistas de todos os tempos. Parece que morreu há oito anos. Vejo uma foto da estátua em tamanho natural de seu memorial que fica no calçadão dos surfistas, tirada ao pôr do sol, com uma porção de flores e pranchas apoiadas nela.

Começo a ler sobre como ele cresceu numa família judia pobre e começou a surfar com 6 anos, e como ele fomentou uma família multigeracional de surfistas profissionais: o filho, Xander Roth, e a neta...

Espere. Porter tem uma irmã mais nova, Lana, 16 anos, uma surfista do ranking estadual e nacional que vai competir profissionalmente pela primeira vez neste outono e parece que vai seguir num tour de um ano a partir de janeiro. Mas Porter não? E o que aconteceu com o pai dele?

Uma sombra cobre meu telefone. Aperto o botão para bloquear a tela, mas não fui rápida o bastante.

– Tá lendo sobre mim?

Faço uma careta, apertando meus olhos fechados por um momento. Como ele me encontrou aqui em cima?

– Você tá me vigiando pelas câmeras de segurança?

– Cada passo seu – diz Porter. Pernas metálicas rangem contra o piso de ardósia conforme ele gira uma cadeira e se senta com uma perna para cada lado, como se estivesse montando um cavalo. Ele cruza os braços apoiados sobre o encosto. – Se queria saber algo da minha família, era só perguntar.

– Tô de boa, obrigada. – Começo a recolher minhas coisas, mas só comi metade do meu primeiro biscoito, o que denuncia que acabei de me sentar.

– Vi você encarando meu pai hoje. – Uma acusação.

– Eu não estava...

– Estava sim.

Um gemido pequeno escapa da minha boca. Meus ombros caem.

– Eu não sabia... Quero dizer, Grace meio que mencionou que alguma coisa aconteceu, mas eu não sabia o que exatamente, por isso só estava... – *Só o quê? Cavando mais um pouco minha cova?* Enfim termino: – Curiosa.

– Certo. – Ele assente devagar. – O que você descobriu?

Desbloqueio o celular.

– Cheguei até aqui – digo, mostrando o artigo.

Ele se inclina para a frente e dá uma olhada.

– Ah. É isso? Você então sabe quem foi meu avô e como ele morreu?

– Não cheguei na parte da morte – digo, torcendo para que isso não tenha soado tão ruim quanto me pareceu.

Ele não parece se ofender.

– Ele era um surfista de ondas gigantes, o que significa que tinha culhões. Se arriscava muito, mesmo quando ficou velho demais pra isso. No inverno, depois de tempestades fortes, as ondas sobem bem alto ao norte da enseada, no Bone Garden. Certa manhã, quando eu tinha 10 anos, ele resolveu se aventurar depois de uma chuvarada. Eu o fiquei observando do penhasco. A onda o engoliu inteiro e o cuspiu nas pedras. É por isso que o lugar é chamado de “jardim de ossos”, aliás. Ele não foi o primeiro idiota a morrer lá. Só foi o mais famoso.

Nem sei o que dizer. Uma família numerosa para perto da nossa mesa para posar para uma foto na frente do monstro marinho. Nos inclinamos para não sair na foto deles, uma vez, duas, três. Eles terminam a sessão, e ficamos sozinhos de novo.

Desinteressada em voltar a falar do avô dele, tento pensar em algum outro assunto. Minha mente dispara o que achei ter testemunhado na loja de roupas vintage.

– Aquele cara era seu amigo ou algo do tipo? O tal do Davy?

Porter grunhe.

– Nós crescemos juntos. – Ele me encara e pergunta: – Ele estava te incomodando?

– Ele tentou, mas não conseguiu.

Os cantos da boca de Porter se torcem. Ele dá uma risadinha suave.

– *Nisso eu acredito. Ele não é muito inteligente. Mas é maldoso. Tento ficar de olho nele o máximo possível, mas...* – Porter não termina a frase, como se fosse dizer mais, porém se cala ao pensar melhor. Percebo seu olhar passar por mim, da minha cabeça aos meus braços descobertos, e não de um jeito vívido. Seus olhos são firmes, cautelosos e perturbados, e tem algo por trás da emoção obscura conectada a Davy que não compreendo. Me pergunto se tem a ver com a tal Chloe que eles citaram.

O que quer que seja, decido não insistir. Outra tática de evasão que aprendi: mude de assunto tantas vezes quantas forem necessárias para evitar conversas desconfortáveis.

– Vi que sua irmã surfa.

– É – diz ele, também parecendo feliz de termos mudado de assunto. – A Lana tá detonando. Ela tem um potencial absurdo. Dizem que ela vai ser maior que meu pai, talvez maior até que meu vô.

Me pergunto se esse é um ponto de disputa entre eles, se isso fere seu orgulho masculino. Mas ele está pegando o telefone do bolso para me mostrar fotos. Uma menina em cima de uma prancha no túnel de uma onda gigante. Não dá para ver direito seu rosto, apenas que ela está vestindo um traje de neoprene amarelo e preto grudado ao corpo e que ela parece prestes a ser engolida pelo oceano. Porter me mostra outras imagens, algumas com mais zoom, algumas aparentemente impossíveis, em que ela está de cabeça para baixo no meio da onda. A última foto que ele me mostra são dos dois juntos na praia, com o cabelo encaracolado secando ao sol, trajes de neoprene baixados até a cintura, a pele marrom reluzindo. Ele está atrás dela, com os braços apoiados nos ombros da irmã, e os dois sorriem.

E neste momento, sentado diante de mim, não há nada em seu rosto além de orgulho. Ele nem tenta esconder. Seus olhos estão praticamente brilhando.

– Ela é bonita – comento.

– Parece minha mãe. É nosso gene *hapa*. – Ele me olha e explica: – Meio havaiano. Meus avós tinham ascendência polinésia e chinesa. Meu pai conheceu minha mãe quando tinham a minha idade, surfando em Pipeline na costa norte. Aqui. – Ele mostra outra foto da mãe. Ela é linda. E está parada no calçadão ao lado do meu carrinho de churros favorito, na frente de uma loja familiar: Penny Boards. Bem. Acho que isso responde; era a loja da família dele, no fim das contas. Nota mental: escolher outro carrinho de churros, para já!

Sentindo-me estranhamente tímida, espio seu rosto e logo desvio o olhar.

– É esquisito ver a irmã mais nova virar profissional? – pergunto, mais por nervosismo que por qualquer outra coisa.

Porter dá de ombros.

– Na verdade não. Ela vai participar do World Championship Tour feminino pela primeira vez no ano que vem. É bem importante. Ela vai viajar pelo mundo todo.

– E a escola?

– Meu pai vai junto. Ele vai dar aulas pra ela durante o tour. Eu vou ficar pra ajudar minha mãe na loja. – Porter deve ter percebido meu olhar de dúvida, porque ele pisca algumas vezes e balança a cabeça. – É, sei que não é ideal, mas Lana não quer esperar completar 18 anos. Tudo pode acontecer, e ela está num ponto ótimo agora. No tour, ela recebe um salário baixo e tem a chance de ganhar o prêmio em dinheiro. Mas o principal é a exposição, porque a grana de verdade tá nos patrocínios. A gente costumava viver meio que só disso antes de papai perder o braço.

Soa um pouco como aquelas mães de pequenas misses, que obrigam a filha a subir no palco por dinheiro, mas guardo a opinião para mim.

– Vocês não são donos da loja? – questiono, indicando o telefone dele.

– Sim, mas o que as pessoas não entendem é que a loja mal fecha as contas. O investimento é absurdo e o aluguel não para de subir. E agora que meu pai não está mais surfando... Bem, ninguém quer um homem de um braço só para ser modelo de bonés.

Putz. Esta conversa está tomando um rumo desconfortável. Me viro e dou de cara com um olho do grande monstro do mar me julgando – *Você tinha que pesquisar no trabalho, não é? Não podia ter esperado chegar em casa?* –, por isso volto o olhar para a mesa e pego meu biscoito mordido.

– Eu sabia que um dos três seria o certo.

– Mmm? – Engulo o biscoito enquanto tento parecer tranquila e quase engasgo.

– Você gosta de biscoitos de açúcar. Eu não sabia de qual sabor você gostava. Só torci para que você não fosse vegana, não fosse dessas pessoas que não comem glúten ou algo do tipo.

Balanço a cabeça.

Ele parte um pedaço do meu biscoito e come, e não tenho certeza de como me sinto em relação a isso. Não sei onde ele botou as mãos antes. Não somos amigos. E só porque o pai dele não tem um braço não quer dizer que eu o perdoei por ter sido um babaca de primeira linha.

– Você não vai me perguntar? – diz ele. – Ou já sabe?

– Já sei o quê?

– Como meu pai perdeu o braço.

Balanço a cabeça.

– Não, eu não já sei. Você vai me contar? – *Ou devo esperar você sair para eu pesquisar na internet? Por mim pode ser, obrigada, até mais, hasta luego.*

– Três anos atrás, eu tinha 15 anos, um a menos que a Lana agora. Fui pra Sweetheart Point ver meu pai surfar por uma causa beneficente. Não era uma competição nem nada. A maioria dos surfistas eram mais velhos, alguns nomes importantes. Do nada... – Ele pausa por um segundo, perdido em pensamentos, os olhos vidrados. Então ele pisca e volta ao normal. – Vi uma sombra enorme cortando a água, a uns metros de distância. A princípio eu não sabia o que era. A coisa foi direto para o meu pai e o derrubou da prancha. Então eu vi a faixa branca no pescoço e a boca aberta. Um branco.

Meu queixo cai. Eu fecho a boca.

– Tubarão?

– Um macho pequeno. Dizem que as chances disso acontecer são iguais às de ser atingido por um raio, mas acontece, veja só. E deixa eu te dizer uma coisa: não foi como no filme *Tubarão*. Havia centenas de pessoas na praia e ninguém gritou nem correu. Ficou todo mundo parado lá, assistindo enquanto aquele monstro de meia tonelada arrastava meu pai pela água, e ele ainda estava preso à prancha pelo tornozelo.

– Ah, meu Deus – murmuro, enfiando metade do segundo biscoito na boca.
– Ooo queee aconteceu depoooois? – pergunto com a boca suja de açúcar.

Porter pega a outra metade do biscoito, mordiscando um canto e mastigando ao mesmo tempo que balança a cabeça, parecendo ainda um

pouco atordoado.

– Parecia um sonho. Não pensei em nada. Só corri pra água. Eu nem sabia se meu pai ainda estava vivo ou se eu mesmo sobreviveria se trombasse com o tubarão. Nadei o mais rápido que consegui. Achei primeiro a prancha e segui a cordinha até o corpo.

Ele faz uma pausa e engole.

– Senti o gosto de sangue na água antes de encontrá-lo.

– Nossa.

– O braço não dava pra salvar – diz Porter baixinho. – A pele estava solta. Os músculos estavam pendurados. Uma confusão. E eu estava com tanto medo de piorar as coisas, puxando-o de volta pra praia. Ele era pesado e estava inconsciente, e ninguém vinha ajudar. Então o tubarão deu meia-volta e tentou pegar meu braço também. Consegui bater nele e o assustar, aí ele foi embora. Levei 69 pontos.

Ele estica o braço esquerdo até estendê-lo inteiro diante de mim e sobe a manga curta do uniforme de segurança. Ali, para cima de seu relógio de surfe vermelho brilhante, estão suas cicatrizes rosas em zigue-zague, expostas para minha análise. Olhá-las parece um ato pornográfico, como se eu estivesse fazendo algo que não devesse e fosse ser pega no flagra a qualquer momento... Ao mesmo tempo, porém, não consigo me forçar a desviar a atenção. A pele dourada, as cicatrizes de um tom pálido brilhante, uma ferrovia cruzando quilômetros de músculo esguio esculpido. É horripilante... e também a coisa mais bonita que já vi.

Ver as cicatrizes me lembra de algo a respeito de mim mesma. Algo que não posso contar a Porter. Mas elas puxam uma memória sombria dentro de mim na qual não quero pensar, e um alvoroço de emoções instáveis ameaça romper a superfície.

Respiro fundo para trancar de novo esses sentimentos; quando consigo, sinto mais uma vez aquele cheiro, o cheiro de Porter, de cera e coco puro. Não do tipo falso, de óleo bronzeador. De onde vem isso? Está me deixando louca. Não sei se é a atração desse cheiro maravilhoso, se é a história do tubarão, ou minha urgência em conter minhas memórias indesejadas, mas, antes que eu perceba, meus dedos estão tocando a ponta dentada de uma das cicatrizes no cotovelo dele.

Sua pele é quente. A cicatriz se ergue, uma linha dura e inflexível. Sigo-a ao redor do cotovelo até a parte de dentro, suave e sensível, onde o braço dobra.

Todos os pelos dourados do antebraço dele estão arrepiados.

Ele inspira rápido uma vez. Não acho que ele tinha intenção de fazer isso, mas eu ouvi. E foi aí que soube que ultrapassei algum tipo de limite. Puxo minha mão e tento pensar em algo para dizer, para apagar o que acabei de fazer, mas só consigo soltar um grunhido distorcido. O que deixa tudo ainda mais esquisito.

– Intervalo – digo por fim. – Preciso voltar.

Estou tão envergonhada que tropeço na minha cadeira ao sair. O som que se segue, de metal contra ardósia, ecoa pela cafeteria, e vários visitantes do museu erguem o olhar de seus cafés da tarde. Quem é Matreiro agora, Rydell? Isso nunca acontece comigo. Não sou desajeitada. Nunca, nunca, nunca. Ele está atrapalhando meu jogo. Não consigo mais olhar para ele, porque meu rosto está pegando fogo.

O que está havendo comigo? Juro: toda vez que tenho algum tipo de interação com Porter Roth, acontece alguma coisa bem estranha. Ele é uma tomada elétrica, e eu sou um bebê idiota que está sempre tentando cutucá-la e enfiar o dedo nos buraquinhos.

Alguém precisa colar uma placa enorme escrita PERIGO! nas costas desse garoto antes que eu me eletrocute.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Você já namorou a sério?

@alex: Sim. Eu acho. Meio que. O que entra na categoria “sério”?

@zibelina: Ei, foi você quem disse que sim. Eu só estava curiosa. Quanto tempo durou e por que vocês terminaram?

@alex: Três meses e o resumo é que ela disse que eu não queria mais me divertir.

@zibelina: Ai. E qual é a história completa?

@alex: A ideia dela de diversão era ficar com meu melhor amigo quando eu viajava.

@zibelina: Não sei o que dizer. Sinto muito.

@alex: Não precisa. Já superei. Não foi só culpa dela. Se você não presta atenção às coisas, elas dão errado. Aprendi minha lição. Agora fico atento.

@zibelina: Atento a quê?

@alex: Acho que você quer dizer a QUEM.

@zibelina: :P

@alex: Ninguém em particular. Só quero dizer que não sou a mesma pessoa de antes. Eu confessei; agora é sua vez. Tem alguém a quem você já ficou atenta?

@zibelina: Uns dois caras por umas duas semanas, nada de mais. Agora eu só cuido de mim mesma. É trabalho em período integral. Você se surpreenderia.

@alex: Um dia você pode precisar de ajuda.

Capítulo 8

“Você viu como sou chata com sapatos, e eles só calçam meus pés.”– Alicia Silverstone, *As patricinhas de Beverly Hills* (1995)

Não trabalho com Porter nos meus turnos seguintes. Nem com Grace, o que me deixa chateada. O museu me coloca com uma mulher mais velha, Michelle, que tem mais de 20 anos e não consegue contar o dinheiro rápido. Ela está emperrando a fila e me deixando louca. Louca o bastante para marchar até o escritório do sr. Cavadini, espiar lá dentro e... mudar de ideia e bater meu cartão de ponto em vez de dizer qualquer coisa.

Comigo é assim.

Certa manhã, em vez de perambular pelo calçadão de loja em loja, dando uma de Sherlock Holmes e enchendo a pança de churros, uso meu tempo para detonar papai em duas rodadas de minigolfe. Ele tirou meio período de folga do trabalho para ficar comigo, o que é bem legal. Ele me deu duas opções: golfe ou surfe com remo, e em hipótese nenhuma eu ia botar um dedo do pé sequer no oceano depois de ter ouvido o conto de terror em alto-mar de Porter. Nana-nina-não. contei a papai a história toda e ele também ficou meio noiado. Disse que viu o pai de Porter na porta da loja de surfe e sabia que a família era de surfistas, mas supôs que o incidente do braço tivesse ocorrido há muito tempo. Ele não fazia ideia dos acontecimentos nem de que Porter o tinha resgatado.

Veja só. Apenas dez dias morando na cidade e eu já estava contando fofocas incríveis que ele não tinha ouvido em um ano inteiro morando aqui. Esse homem claramente precisa de mim.

Meu prêmio por dar uma surra em papai no minigolfe é que eu escolho onde vamos almoçar. Estou querendo um reforço no Pancake Shack desde o café da manhã leve de antes do nosso passeio. O interior do restaurante tem um aspecto de lanchonetes americanas dos anos 1950, e nos sentamos em banquetas diante do balcão, onde uma garçonete com um uniforme rosa nos traz copos de chá gelado enquanto esperamos nossos pedidos. Meus sonhos enfim se tornaram realidade! Só que não, porque o Pancake Shack não consegue atender minhas expectativas, nem mesmo com sua panqueca de amêndoas “mundialmente famosa”, que classifico com um polegar para baixo.

Quando proclamo minha nota baixa, papai enfia o garfo no meu prato e pega um teco.

– O gosto me lembra o Natal.

– Como aqueles biscoitos de amêndoa que a vovó fazia.

– Aqueles que ficavam secos e nojentos – concorda ele. – Você devia ter pedido o sabor Dutch Baby. Experimente a minha panqueca. É incrível.

A dele é bem melhor, mas nem se compara a um churro.

– E então, ainda não achou o rapaz? – pergunta papai, e sei que quer saber de Alex. Eu lhe contei o básico da história, que estou apreensiva de confessar a Alex que me mudei para cá e que estou tentando encontrá-lo da minha maneira. Papai e eu somos bem parecidos em muitas coisas (infelizmente). Ele me entende. Mamãe não me entenderia. Para começo de conversa, mamãe teria perdido a cabeça só de saber da existência de Alex, então é isso. Mas ela não prestava muita atenção a nada do que acontecia na minha vida na cidade de Washington, então não precisei exatamente escondê-lo. E, agora que estou aqui, percebo que ela ainda não está nem um pouco preocupada, já que não recebi qualquer tipo de sinal dela desde aquelas ligações iniciais perguntando *Bailey, chegou bem?*. Que seja. Tento não pensar muito sobre como ela se preocupa pouco comigo.

Tiro da minha bolsa o mapa turístico do calçadão. É só um desenho da área, que peguei de graça numa certa manhã. Estou marcando um X nas lojas que já inspecionei e nas que não contemplam os parâmetros que Alex me proporcionou involuntariamente – não dá para ver o mar da janela, não tem balcão na loja etc.

– Isto é o que falta verificar – conto a papai, apontando para as seções do mapa que ainda não pesquisei.

Papai dá um sorriso e uma risadinha, balançando a cabeça. Tento pegar o mapa de volta, mas ele o segura contra o balcão da lanchonete, empurrando pro lado a frigideira de ferro fundido na qual repousa a panqueca meio comida dele.

– Não, não. Deixe-me ver esta coisa maravilhosa. Você é minuciosa e precisa; é seu pai, cuspida e escarrada.

– *Ugh* – reclamo. – Seu esquisitão.

– O que foi? É sangue de contabilidade do bom que corre pelas suas veias, bem aqui – diz ele com orgulho, batendo no mapa como um bobo. – Espere, como é que você sabe que ele apenas não estava na loja no dia em que você passou? Que não estava de repente descarregando um caminhão no beco?

– Não sei, mas pensei em passar duas vezes em cada loja. – Mostro minha legenda caseira no canto do mapa. Bolinhas para visitas em dias pares, quadrados para dias ímpares. Símbolo masculino para lojas que têm um

funcionário da minha idade, mas cuja possibilidade de ser Alex foi descartada depois de uma avaliação inicial. Triângulos para carrinhos de churros. E linhas onduladas para os três gatos malhados que encontrei no calçadão até agora, inclusive o Señor Don Gato.

Ele apoia o braço no meu ombro e beija a lateral da minha cabeça.

– Com habilidades dedutivas impressionantes como essas, como é que você ainda não o encontrou? Se ele não estiver à altura da caçada, você não tem nada do que se envergonhar.

– Eu sabia que gostava de você.

– Você meio que é obrigada – retruca ele com um sorrisinho.

Dou um sorrisinho para ele em resposta.

Uma pessoa se aproxima do balcão e papai se inclina para a frente, para olhar atrás de mim. O rosto dele fica engraçado. Ele pigarreia.

– Bom dia, sargento Mendoza.

Aguardando uma garçonete vir tirar seu pedido, vejo uma policial latina alta e curvilínea num uniforme azul-marinho. Seu cabelo ondulado, castanho com mechas cinza, está firmemente amarrado num rabo de cavalo grosso na altura da nuca. Em seu rosto, há óculos de sol com armação roxo-escura. Eu a reconheço: é a policial que acendeu as luzes da viatura para Davy e Porter na faixa de pedestres, no meu primeiro dia na cidade.

– Bom dia, Pete – cumprimenta ela com voz rouca. Um canto de sua boca se contorce. Só um pouquinho. Então seu rosto fica indecifrável. Acho que ela está me analisando, mas é difícil ter certeza, especialmente por causa dos óculos escuros. – Dutch Baby? – pergunta ela.

– Com certeza – responde papai, soltando uma risada esquisita.

Olho de um a outro. Papai pigarreia de novo.

– Wanda, esta é minha filha, Bailey. Bailey, está é a sargento Wanda Mendoza do Departamento de Polícia de Coronado Cove.

Como se não fosse óbvio. Ela sorri e estende o braço para me oferecer um aperto de mão firme. Caramba. Firme nível estalar ossos. Estou desperta agora. E, não tenho certeza, mas acho que ela parece desconfortável. Será que policiais ficam nervosos? Não pensei que fosse possível.

– Ouvi falar muito de você, Bailey.

Ouviu? Quem diabos é essa pessoa e por que papai não a mencionou? Eles são amigos?

– Eu faço o imposto da sargento – explica papai, mas soa como uma mentira, e os dois estão olhando para pontos diferentes: ele para o balcão e ela para o teto. Ela volta a cabeça para baixo e tamborila com as unhas no balcão. Dou uma olhada para a arma presa no coldre em seu quadril. Não gosto de armas; elas me deixam desconfortável, então acho que estamos quites.

– Gosto das suas sobrancelhas – diz ela por fim. – São glamorosas.

Sou pega de surpresa por um segundo. Mas fico satisfeita.

– Sou eu mesma que faço – conto. Enfim alguém que aprecia a importância de um arco bem-feito. Pinçar pelos é dolorido.

– Impressionante – confirma ela. – Então, está gostando da Califórnia?

– É outro planeta. – Percebo que isso talvez não pareça positivo, por isso acrescento: – Gosto das sequoias e dos churros.

Isso a faz sorrir. Quase. Ela ergue o queixo para papai.

– Você a levou ao *food truck* de *pozole*?

– Ainda não – responde ele. – Ela nunca comeu *pozole*. Ou já? – ele me pergunta com um olhar de dúvida.

– Não tenho a menor ideia do que vocês estão falando.

Ela bufa e balança a cabeça como se papai tivesse decepcionado todo o país.

– Meus horários estão bem complicados agora, mas em algum momento nas próximas duas semanas a gente deveria levá-la.

A gente? Levá-la? Eles são *a gente*?

– Você vai pirar – papai me garante enquanto a policial faz à garçonete seu pedido para viagem. Ele fica de pé e começa a remexer na carteira. – Isso me lembra... Bailey, espere um minuto. Preciso conversar com a sargento sobre uma coisa. – Ele me dá um maço de dinheiro para pagar nossa conta, então vai com a policial até a ponta do balcão, onde se aproximam um pouco mais, mas não parecem discutir nada de suma importância. É então que tudo entra em foco.

Carambola. Meu pai está namorando uma policial.

Ela parece bacana. Tem um aperto de mão impressionante. É bem gostosa. Tem a mesma altura dele. Espero que ela goste dele tanto quanto ele gosta dela, porque ele está sorrindo que nem um idiota. Então a ouço rir baixinho de algo que ele diz e a vejo erguer os óculos e apoiá-los no topo da cabeça, e me sinto melhor.

Enquanto espero o fim da troca de palavras entre o contador e a policial, guardo meu mapa do calçadão e dou uma olhada pela lanchonete. Sem o corpo do meu pai ocultando, noto uma pessoa sentada na banquetta ao lado. É um garoto da minha idade com cabelo loiro tom de areia. Ele está comendo ovos e tomando café. Quando move o braço, vejo duas coisas: a) ele está usando uma camiseta vermelha com uma estampa preta do rosto de Cary Grant e b) ele está lendo o guia do festival de verão de cinema.

Meu coração acelera quando meu olhar passa por ele. Ele come devagar, absorvido pela leitura, garfando porções pequenas de ovos mexidos. Sua bermuda bem ajustada revela pernas torneadas e bronzeadas. Sandálias gastas batem contra o apoio para pés de metal do balcão conforme ele balança o joelho. O chaveiro laranja e azul ao lado do prato dele tem um desenho familiar que reconheço do calçadão: Tour de Baleias do Killian. Não é uma loja de varejo por definição, mas é de frente para o calçadão e com vista para o mar. Uma loja com um balcão, e possivelmente uma empresa familiar. Recupero mentalmente meu mapa e identifico a loja a cerca de três estabelecimentos de um carrinho de churros. Não tem um gato residente lá, mas gatos são móveis, afinal.

Será...?

Meu cérebro está me dizendo para me acalmar, mas meu coração está pensando *Que sorte!*

Ele é uma graça. Mas não é nenhum Porter.

Nossa, o que há de errado comigo? Quem liga para o mané do Porter? Tiro ele da cabeça e foco o que tenho diante de mim, tentando combinar com a imagem que tenho de Alex. Esse cara sabe ser espirituoso? Sensível? Ele parece arrumadinho. Assassinos em série são arrumadinhos?

Isto é mais difícil do que pensei.

Recomponho-me e lembro que, se for mesmo Alex, ele não sabe quem eu sou. Para este rapaz, sou apenas uma garota sentada numa lanchonete. Não sou Zibelina. Respiro fundo.

– Grant – digo.

Ele ergue os olhos do folheto.

– Como é?

– Sua camiseta – explico. – Cary Grant. Em *O paraíso infernal*, se não estou enganada. – Não estou enganada. Estou é me exibindo. Que nerdone, mas não consigo evitar.

A cabeça dele pende para o lado. Ele sorri agora, e tem belos dentes: um

sorriso grande e branco.

– Isso mesmo. Faz quase um ano que tenho esta camiseta e você foi a segunda pessoa que reconheceu. – A voz dele é diferente do que imaginei. Mais afiada, de algum modo. Ainda assim boa.

– Sou uma grande fã do Grant – digo. – *Levada da breca, Núpcias de escândalo, Cupido é moleque teimoso, Jejum de amor*. – Vou contando nos dedos, empolgada, e fico com as bochechas coradas. *Acalme-se, Rydell*. Pigarreio. – E *Intriga internacional*, é claro – acrescento, jogando esse filme como isca, o que de fato é.

– Todo mundo adora esse – concorda ele.

Hã. Não dá para saber se ele está fazendo um gracejo ou sendo sarcástico. Mas Alex também tem um senso de humor elevado. Difícil dizer.

Ele pensa por um momento e diz:

– Se eu tivesse que escolher um, seria *Minha esposa favorita*.

– Sério? Eu amo esse filme – falo. – Irene Dunne e Randolph Scott estão brilhantes nele.

– Adão e Eva – concorda ele, sorrindo.

– Já assisti um milhão de vezes.

– Sabia que Randolph Scott e Cary Grant eram amantes?

Faço que sim com a cabeça.

– Provavelmente. Ninguém nunca provou, mas não duvido. Acho que ele devia gostar de homens e de mulheres. – Dou de ombros. Quem liga? Cary Grant era sexo puro. Mais importante, era charme puro. Pelo menos nas telonas. Não me importo com o que ele fazia fora delas.

– Meu nome é Patrick, aliás – diz ele, e levo um segundo para entender que ele está se apresentando.

Patrick. Hã. Não é Alex, é Patrick? Claro, não estávamos usando nossos nomes verdadeiros na internet, então isso não quer dizer nada. Mais importante: isto é certo? Não sei dizer, honestamente, mas meu coração está acelerado; se for um indicador, talvez a resposta seja sim. E ele ainda não tem a informação para conectar a Eu Sentada Aqui com a Eu On-Line, então acho que tudo bem eu dar meu nome real agora. Além disso, papai está a um metro de distância, sem falar da policial com o aperto de mão arrasador.

– Eu sou Bailey. – E decido acrescentar: – Sou nova aqui na cidade.

– Legal. É bom conhecer outro cinéfilo. – Ele desliza o folheto do festival

de cinema para mim. – Todo ano temos um festival de verão de cinema. A programação deste ano está mais ou menos. Algumas coisas boas, como os curtas do Georges Méliès e *Intriga internacional*.

Coração. Batendo. Tão. Rápido.

– Eu adoraria ver todos esses filmes – guincho num tom de voz mais agudo que o de Grace.

– Né? – diz ele, pegando as chaves e fazendo um sinal para o folheto. – Pode ficar. Acabou de chegar da gráfica. Enfim, preciso ir trabalhar. Estou no tour de baleias no calçadão... Killian. Laranja e azul, depois da velha rodagigante dourada. Não tem como errar. Se um dia quiser tomar um café e falar sobre Cary Grant, dá uma passada lá pra me ver.

– Olha que é capaz de eu aceitar a oferta. – Odeio café, mas que seja. Parece tão adulto, tão romântico. Ele não é um garoto que me faria ser demitida ou que me envergonharia na frente de dezenas de pessoas. Este garoto é sofisticado. Observação de baleias! Isso parece tão mais legal que surfar.

Ele ergue uma mão, com um triângulo de torrada preso na boca, e sai correndo pela porta.

Estou perplexa. Sério, perplexa de verdade.

– Quem era aquele garoto? – murmura papai no meu ombro, observando Patrick entrar no que parece ser um tipo de jipe vermelho.

– Não tenho cem por cento de certeza – digo. – Mas acho que tô chegando lá.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Alguma novidade na sua vida?

@alex: Tipo...?

@zibelina: Sei lá. Aconteceu uma coisa recentemente que me deu um pouco mais de esperança em relação ao futuro.

@alex: Comigo também, na verdade, agora que você comentou. Talvez. Da sua esperança futura... de que futuro estamos falando? Amanhã? Semana que vem? (Mês que vem?)

@zibelina: Sou o tipo de garota que dá um passo de cada vez. Então acho que vou tentar amanhã e ver onde dá.

@alex: Você não mergulha mesmo em nada, né? (Era uma indireta.)

@zibelina: Não mesmo. (Eu sei.)

@alex: Talvez você devesse de vez em quando. Arriscar. Fazer alguma coisa doida. (Você vai falar com seu pai sobre o festival de cinema?)

@zibelina: É o que você faria? (Talvez eu já tenha falado.)

@alex: Com a pessoa certa? Sim. (Quando vai me contar?)

@zibelina: Interessante. (Ele tá pensando no assunto. E eu também.)

Capítulo 9

“Você é um bom homem, irmã.” – Humphrey Bogart, *O falcão maltês: Relíquia macabra* (1941)

Fico parada atrás da Sauna com Grace e o sr. Pangborn. Ele perdeu a chave. Estamos segurando nossas gavetas de caixa registradora, aguardando Porter voltar da sangria do caixa e destrancar a porta para nós. Não tenho certeza nem se Porter já chegou ao saguão, acompanhando os agentes da bilheteria que nós deveríamos substituir. Droga, não sei nem se Porter sabe que estamos trancados para fora. O que eu sei é que já é meio-dia e pouco e a fila está bem grande. Freddy, o cara responsável por coletar os bilhetes na entrada, fica nos espiando lá do canto da catraca, com o semblante progredindo de ansioso para consternado.

O sr. Pangborn funga e esfrega o nariz.

– Vamos dar mais um minuto para ele na sangria antes de eu mandar uma mensagem. Não faz sentido alarmar o rapaz. Ele precisa levar as gavetas até a sala antes.

Grace e eu nos olhamos, damos de ombro e ficamos com cara de *ele tem razão*. O que vamos fazer? Não tem ninguém no balcão de informações agora. A moça que deveria estar a postos ali, que possui uma cópia da chave da bilheteria, está lá fora no estacionamento, fofocando com um grupo de turistas. O sr. Cavadini esticou seu horário de almoço com o supervisor do turno. Além disso, o sr. Pangborn não gosta de incomodá-lo, e quem sou eu para contrariá-lo?

Ele se recosta contra a porta da cabine, um pouco sem ar, e cruza os tornozelos, revelando meias listradas de preto e branco. Eu meio que as adoro. E meio que adoro Pangborn, embora seus olhos pareçam fendas e ele cheire a maconha. Grace me conta que o pegou vaporizando maconha dentro do carro antes do trabalho ontem. Ele deve ter uns 70 anos. Deixe o cara ter uns maus hábitos, é o que acho.

– Mês que vem vou fazer aniversário de quarenta anos de serviço no museu – devaneia ele com a voz suave. Tem um jeito gentil que faz você querer prestar atenção ao que ele diz. Não sei direito por que Porter fica tão frustrado com ele. É só um homem velho. Tenha coração.

Os lábios de Grace se contraem:

– Que doideira.

– Você deve gostar daqui para ter ficado tanto tempo – comento.

– É, eu gosto de conversar com as pessoas. E não fiz faculdade nem tenho

nenhum treinamento, então o que mais eu poderia fazer? Isto é tudo o que sei.
– Ele coça a cabeça e seu cabelo branco doido espeta em direções diferentes.
– Eles tentaram me aposentar uns dez anos atrás, mas eu não tinha muito o que fazer em casa. Nunca casei. Tenho uma cachorrinha, Daisy, mas ela fica cansada de me ver o dia inteiro. Por isso, apesar de eles não me pagarem, eu continuo aparecendo pra trabalhar.

– O quê? – diz Grace, incapaz de esconder sua incredulidade. – Faz quanto tempo isso?

– Ah, uns três meses, mais ou menos. O sr. Cavadini acabou se cansando de me mandar pra casa, então ele me recontratou e me incluiu nos turnos. – Ele dá um sorriso largo, erguendo os ombros. – E aqui estou eu. Ainda não me matou. Acho que Porter deve estar na sala da sangria agora. Tapem os ouvidos, moças. Ele não vai ficar nada feliz.

Grace encosta o ombro no meu enquanto Pangborn chama Porter pelo rádio.

– Estou feliz por enfim estarmos no mesmo turno de novo – diz ela.

– Eu também – respondo, e sinto isso de verdade. – Time Grailey, lidando com as paradas.

– Time Baice, botando pra quebrar.

Caímos na risada, até que Freddy nos espia da catraca de novo, e Grace faz xio pra ele. Ele nos deixa em paz.

– Tem planos pro fim de semana? – ela me pergunta.

– Não sei. Por quê?

– Vai ter uma festa da fogueira no sábado depois do trabalho. Festa na praia.

Agarro mais forte minha gaveta, pensando no Davy, amigo de Porter.

– É a festa em Bone Garden?

– Essa aí. Tá sabendo dela?

– Por cima.

– A maioria das pessoas é do grupo de surfe, mas vão aparecer outras também. No verão, costuma ter algo assim todo sábado à noite. Às vezes é chato, às vezes é divertido, mas pensei que seria uma boa oportunidade pra você conhecer o pessoal da Brightsea, já que é nova por aqui. Posso apresentá-la.

A evitadora em mim se acovarda, preparando uma desculpa para recusar o

convite, mas é estranho: eu quero ir. Especialmente com Grace. Por isso respondo:

– Claro, por que não?

E, antes que eu perceba, conto onde meu pai mora e combinamos de ela me buscar de carro. Vai saber! Acho que sou extrovertida. Devem ser o ar fresco e o sol daqui.

Ou talvez seja apenas porque estou me sentindo mais esperançosa em relação à vida em geral depois de descobrir que papai tem uma namorada. E que ela é uma policial durona.

– Somos amigos, nada mais. Estamos indo devagar – ele me garantiu na volta para casa ontem. Foi tudo o que concedeu, então paramos aí. Desde que ele esteja feliz e não tenha nenhuma esquisitice, estou de boa.

Por falar em estar de boa, tem outra coisa importante cutucando meu cérebro: trombar com Patrick no Pancake Shack. Patrick e, me lembro pela milionésima vez, nada além de Patrick, pois ele pode ou não ser Alex. Porém, na noite passada decidi que vou tomar iniciativa para falar com ele de novo. Estou sonhando acordada há horas. Solto o maior suspiro do mundo.

Uma rajada de ar frio do museu sopra meu braço, e meu devaneio é interrompido quando tenho que dar um passo ao lado para evitar Porter atacando a cabine da bilheteria como um búfalo.

– Vou arrancar seu intestino grosso, costurar esta chave na ponta dele e então enfiar tudo de volta pra dentro do seu corpo.

Porter abre a mão de Pangborn, bota a chave na palma e fecha os dedos do homem.

– Não. Perca. De novo.

O velho segurança sorri.

– Você é um bom rapaz, Porter. Obrigado. – Pangborn dá uns tapinhas no ombro dele, totalmente imperturbado pela falta de educação de Porter. Ele é um homem melhor que a maioria. – Venham, moças. O Freddy está com siricutico. Vamos diminuir esta fila e vender uns ingressos.

O time Grailey (eu venci a competição do nome) arrasa, como de costume, e nós de fato diminuimos a fila, porque somos ótimas. Nosso supervisor de turno elogia nosso bom trabalho e, quando o sr. Cavadini dá uma passada ali para ver como estamos indo, pela primeira vez acerta nosso nome. É um dia bom, até as quatro da tarde.

O tráfego de visitantes no museu baixou. Minha pausa está quase no fim e

estou quase pronta para enfrentar minhas duas últimas horas de trabalho, mas, como ainda tenho uns poucos minutos, vou passear pela Ala de Vivian. Estou na Sala São Francisco, onde há uma ponte Golden Gate, por baixo da qual os visitantes podem passar, e uma falsa rua de Chinatown, onde você pode espiar dentro das vitrines forjadas iguais às que existiam no final do século XIX. Estou fitando uma loja de chá chinês quando noto dois meninos com cerca de 13 ou 14 anos agindo de um jeito meio esquisito. Eles estão a alguns metros de distância, próximos ao painel estilo filme *noir* de São Francisco nos anos 1940, olhando para uma réplica do falcão maltês, que está sobre a mesa do famoso detetive ficcional Sam Spade – interpretado por Humphrey Bogart no cinema. Um deles, um menino loiro com camisa polo branca e mocassins, está tocando a estátua, enquanto o amigo, um garoto apático com uma mochila, mantém um semblante letárgico.

Dá para chutar o que estão planejando. Imbecis. Será que não notaram as câmeras de segurança? O garoto de mochila as vê, entretanto, e se move um pouco, bloqueando o amigo Riquinho com o corpo, olhando para a câmera acima e analisando o ângulo. Não sei o que eles esperam conseguir. Tudo no museu é colado, pregado, parafusado ou trancado.

Só que não.

O da camisa polo toca o falcão, e a estátua balança. Só um pouquinho. Mas o suficiente.

Eles vão tirá-la do suporte. Esses trouxas estão planejando um roubo.

Dou uma olhada ao redor. Só tem alguns visitantes na sala. Mantenho a cabeça baixa e ando casualmente até o outro lado, onde há um telefone escondido no painel da parede, o que sei porque decorei o mapa idiota dos funcionários. Depois de me certificar de que ninguém me viu, abaixo atrás de uma palmeira num vaso, abro o painel e aperto o botão da segurança. A voz de Porter explode pela linha antiga.

– Fala. – Ele está respondendo pelo negócio de rádio dele. Dá para saber por causa dos cliques e da estática.

– É Bailey – sussurro. – Estou na Sala São Francisco.

– Fica bem longe da bilheteria, Rydell. E fala mais alto. Não dá pra te ouvir. Ou você tá tentando dar em cima de mim? Essa é sua voz sensual? Gostei.

Solto um gemido e considero seriamente desligar.

– Cala a boca e me escuta. Acho que uns garotos estão tentando roubar.

– Acho que você ligou pro número errado, senhor.

– Porter! – digo. – Eles estão roubando o falcão maltês.

– Fica fria. Estou a duas salas de distância. Já chego aí. Não tire os olhos deles, mas não se aproxime. Eles podem ser perigosos ou algo assim. Estou falando sério agora, caso você não tenha percebido.

O telefone fica mudo. Fecho o painel, casualmente saio de trás da palmeira e finjo admirar alguns quadros ao mesmo tempo que mantenho os olhos nos meninos. Eles ainda estão balançando a estátua do falcão. Um casal passa por baixo da ponte Golden Gate; ao verem-no, os dois garotos pausam o roubo por um momento. Desapareço atrás da palmeira de novo.

Vamos, Porter. Sei que o falcão não é de fato um objeto do filme, como a maioria das outras coisas deste lugar; somente duas estátuas foram usadas no filme original, e uma foi leiloadada por vários milhões de dólares. Mas é o princípio do ato deles que me tira do sério.

– Cadê eles agora? – A respiração cálida de Porter roça o cabelo em volta da minha orelha. Meu pescoço e meu ombro se unem involuntariamente, e, por alguma razão, ele acha isso divertido e pergunta: – Você tem cócegas, Rydell?

Ignoro o comentário e baixo o galho da palmeira para mostrar os garotos, que voltaram a balançar a estátua.

– Ali. O de camisa polo branca e o de mochila.

– Bandidinhos sujos – murmura ele sem conseguir acreditar. – O falcão?

Não vou mentir. Sinto uma emoção passar por mim pelo fato de Porter estar tão indignado quanto eu. Gosto de estarmos em sintonia quanto a isso.

– O que vamos fazer? – sussurro.

– A regra número um na apreensão de ladrões e furtadores, de acordo com o manual da Caverna Palaciana, é que não pode rolar barraco, de jeito nenhum. Sem perseguições. Sem gritos raivosos. Nada que deixe os outros visitantes desconfortáveis, o que significa que vamos ter que levá-los pra fora numa boa.

– Não entendi – sussurro.

Porter baixa a cabeça para falar ainda mais baixo.

– Vamos deixá-los roubar.

– O quê? – Meu rosto está próximo do rosto dele, tão perto que consigo ver todas as manchinhas douradas em seus olhos castanhos. Eu sabia que eram castanhos? Não tinha notado até agora. – Não podemos permitir.

– Não só podemos como vamos fazer isso. Então vamos segui-los até a saída e dar uma surra neles no estacionamento.

– Ah – digo, mais que um pouco intrigada diante dessa possibilidade.

– Agora, pode ser que eles se separem. Isso me aconteceu no verão passado, com um par de abotoaduras de Jay. Os cretinos conseguiram fugir com alguns milhares de dólares em ouro e eu levei um esporro do Cadáver. Então eu posso precisar de ajuda. Você topa?

– Eu? Não sei... Meu intervalo acabou.

– Tá com medinho, é? – sussurra ele para mim, me provocando. A ponta do seu nariz encosta na ponta do meu, e estamos tão próximos que consigo ver seu peito subindo e descendo com a respiração... e a veia pulsante em seu pescoço. Os ombros dele foram sempre tão largos assim? Mãe do céu, ele parece maior de perto. Em vez de querer dar um soco na barriga dele, que deveria ser minha reação habitual a Porter, começo a querer outra coisa, algo que faz minha respiração acelerar. Minhas roupas de repente parecem muito apertadas.

Ai.

Meu.

Deus.

E daí? Ele é atraente e tem um charme meio perturbador. É só uma atração física. Perfeitamente natural. Não significa nada.

Como no meu intervalo fui para dentro do museu cheio de ar gelado, estou usando meu casquinho, que cobre a maior parte do problema do farol aceso que está rolando na minha região peitoral. Desastre prevenido. E a ideia de que foi por pouco é suficiente para jogar um balde de água fria na situação. Nossa, que coisa ridícula. É só o bobo do Porter. Do que estou com medo? De nada.

Para provar isso a mim mesma, me afasto e ergo a cabeça, encarando seus olhos e seu desafio.

– Passe um rádio pra Grace e diga que vou me atrasar.

O sorriso dele poderia iluminar um farol. Depressa ele contata Pangborn e explica a situação, dando ao velho guarda a descrição dos garotos e instruções para rastreá-los pelos monitores de segurança. Mas, antes que ele possa avisar Grace, nossos ladrõezinhos começam a se movimentar.

O falcão sumiu. Eu não os vi pegando-o. Contudo, os garotos estão grudados um no outro e a mochila está sendo tirada do ombro do mais baixo.

Eles estão escondendo o pássaro.

– Porter! – sussurro com vigor, puxando sua manga.

– Eu vi – diz ele, mantendo a folha da palmeira abaixada para espiar a sala. Ele passa outro rádio para Pangborn, que diz também ter visto.

– Tá tudo gravado – confirma o velho maconheiro, suas palavras saindo da caixinha preta no ombro de Porter. Além de perder chaves, isto provavelmente é a coisa mais emocionante que os dois tiveram em meses. – Vai lá dar um susto nesses meninos, Porter. Estou observando do céu.

Céu. A sala de segurança. Me pergunto se Porter fica mesmo me observando de lá ou se só estava se exibindo.

O garoto de olhar dopado fecha o zíper da mochila e a pendura no ombro direito, dá uma olhada ao redor, então os dois ladrõezinhos seguem por baixo da ponte, andando como se passeassem num shopping e não tivessem cometido um crime. Que caras de pau!

– Tá na hora – diz Porter, instigando-me para fora do nosso esconderijo com um tapinha no meu pulso. – Vamos seguir de uma distância segura, mas não longe demais. Existem muitas saídas, eles devem saber disso. A entrada principal e a lojinha de presentes são as rotas de fuga mais rápidas, mas também as mais fáceis de rastrear. As saídas de emergência vão disparar o alarme, mas eles poderiam correr e nos deixar pra trás... Foi assim que os bandidos das abotoaduras me derrotaram no verão passado. Tem também a porta de carga e descarga e a entrada de funcionários.

– Eles estão virando à direita – digo. – Indo pro saguão.

– Isso elimina três saídas de emergência. Não os encare muito. Só aja como se fôssemos ter uma conversa amigável. Que bom que você não está com seu colete. Parece que veio me pedir alguma informação. Talvez você seja apenas minha namorada que veio almoçar comigo.

Quase engasgo.

– Vai sonhando.

– O que foi? Não sou bom o suficiente pro seu gosto refinado?

– Não seja ridículo.

Ele bufa.

– Você vem pavonear aqui, querendo parecer uma estrela de cinema com suas roupas caras, dirigindo uma Vespa, a mãe advogada lá na cidade de Washington...

Seu tom é leve, quase provocador, nem um pouco como em nossas discussões habituais, mas é o conteúdo de sua fala que me surpreende. Paro no caminho, mas ele me empurra para a frente.

– Quer pegar esses caras? Eles estão entrando na Sala Egípcia. Talvez tenham me visto. Precisamos ser cuidadosos.

Ficamos para trás por um segundo enquanto Porter dá uma olhada na sala. Eu então pergunto:

– Como você sabe que minha mãe é advogada?

– Gracie me contou.

Ah.

– As minhas roupas não são caras, são vintage. Não posso fazer nada se sua ideia de estilo só engloba maconheiro chique e praieiro.

– Aaaii – diz ele, fingindo ter se ofendido. – Você me feriu, sou muito sensível, Rydell.

– E meu pai me comprou a Vespa. É restaurada. Não é nova ou algo assim.

– Aquele modelo vale mais que uma nova. Qualquer um que conheça motos sabe disso. A Caverna é um paraíso pra colecionadores de scooters. Você precisa manter aquela coisa presa o tempo todo.

– Não sou idiota – falo para ele.

– Droga!

– O quê? – Me inclino para ver atrás dele.

– O da camisa polo me viu com certeza. Eles estão dando a volta para o corredor principal. – Ele passa outro rádio para Pangborn: – Você ainda tá vendo os meninos?

– Sim. Eles estão nos projetores do corredor principal – diz a voz de Pangborn pelo rádio. – Parece que estão indo para o saguão.

O museu fecha às seis e já passou das quatro, por isso os corredores principais nas duas alas começam a se encher de visitantes querendo sair para o sol quente e o ar fresco. Nossos meninos patifes se abaixam na multidão e por alguns segundos os perdemos no fluxo. Meu pulso acelera quando fico na ponta dos pés e salto, tentando ver por sobre as cabeças do rebanho lento.

– Para com isso – diz Porter. – Você vai estragar nosso disfarce. Eu tô vendo os dois. Estão espremidos na parede sul, não acho que vão correr pro portão principal nem pra lojinha de presentes.

– Corredor dos funcionários?

– Talvez. Ou eles podem seguir direto pra Ala de Jay e tentar passar por uma saída de emergência lá.

As pernas de Porter são mais compridas que as minhas, e para mim é difícil acompanhá-lo sem dobrar meu ritmo.

– Eu não tenho gosto refinado. Só porque tenho estilo não quer dizer que eu seja esnobe. E, caso você ainda não tenha percebido, não estou mais morando com minha mãe; estou morando com meu pai. E estou trabalhando aqui, provavelmente recebendo um salário bem menor que o seu, sr. Já-Tenho-18—Anos-Posso-Trabalhar-Período-Integral-e-Todas-As-Minhas—Atividades-Sexuais-São-Permitidas-por-Lei.

– A não ser que seja com alguém como você, então seria ilegal, porque você é menor de idade.

– Certo. – Antes que eu consiga pensar numa resposta espirituosa, chegamos ao fim do corredor e nossos suspeitos viram com tudo à direita. Porter tinha razão: eles não seguiram para o portão principal nem para a lojinha de presentes. Mas eles também não estão indo para a área dos funcionários.

– O que... – mumura Porter. – Os fedelhos vão explorar a caverna?

E assim os dois meninos atravessam o saguão até a parte de trás, indo em linha reta para a boca aberta da caverna. Não entendo por quê. Não há nenhuma saída lá dentro, apenas um caminho escuro e circular que retorna à entrada ...

– Tem câmeras lá dentro? – pergunto.

– Algumas. A qualidade da imagem não é lá aquelas coisas – admite Porter.

– Eles estão tentando despistar a gente.

Ele reflete por um segundo e xinga baixinho. Corremos até a entrada da caverna, onde os meninos desceram os degraus de pedra e desapareceram sob as estalactites iluminadas por holofotes laranjas assustadores. O único problema é que os degraus seguem em duas direções: esquerda e direita. A rota principal serpenteia os penhascos, cruzando no centro como um *pretzel*, onde se abre para a caverna central. E os meninos se separaram.

– Vá pela esquerda – Porter me indica. – Eu vou pela direita. Se encontrar qualquer um dos dois, não tire os olhos dele.

– Te encontro no centro. – Desço as escadas, e o ar frio ergue meu cabelo quando corro. É escuro e assustador aqui embaixo, e o corrimão de metal que

existe neste lugar desde a inauguração do museu é melequento e me deixa tensa, por isso eu não o toco. Correr nessas condições é difícil, porque cavernas são escuras e úmidas, e as luzes baixas instaladas pela passagem, ainda que sejam incríveis para criar um ambiente bacana, não fornecem iluminação suficiente quando se está perseguindo alguém. Felizmente, não há muitas pessoas passeando pela caverna – e menos ainda correndo por ela. Avisto o Camisa Polo Branca alguns metros adiante, em outro patamar.

Não há muito o que ver na caverna, especialmente se comparado ao restante do museu, que é lotado de coisas; aqui, só há algumas placas informativas com fatos a respeito de cavernas na Califórnia e animais que vivem nelas, além de alguns bancos aqui e ali onde pessoas podem descansar e apreciar a vista sombria e tenebrosa. Passo por uma mulher apoiada em um desses bancos e sigo pelo *pretzel* na direção do brilho vermelho e verde da caverna central.

Paredes rochosas alinhadas com fissuras e orifícios naturais separam a caverna em múltiplas câmaras. É um ótimo lugar para se esconder, e esses babaquinhas sabem disso. Várias pessoas se aglomeram em torno da placa principal, marcando o local onde Jay e Vivian encontraram seu tesouro pirata. Um baú falso transbordando com dobrões de mentira fica no topo de uma rocha plana. É ridículo. Sinto vergonha por todos que têm que contemplar isso, inclusive eu mesma.

Contudo, sinto ainda mais vergonha por ter perdido o garoto idiota que eu devia estar seguindo. Enfim avisto Porter, e ele assente para mim com um movimento do queixo, mas posso ver pelo ângulo de sua sobranalha que ele também não consegue achar o garoto da mochila. Como é possível? Dou mais uma olhada ao redor, e pelo canto do olho vejo algo: dois tênis brancos se esgueirando por uma das formações de buracos maiores nas paredes rochosas da caverna. Não é o Polo, e sim o garoto da mochila. O macaquinho furtivo está tentando subir as escadas de volta.

A atenção de Porter está em outro lugar. Me recuso a perder esse garoto de novo, por isso disparo na direção dele. Vou para cima, voltando por onde vim, duas vezes mais rápido, batendo os pés contra os degraus de pedra.

O garoto da mochila lança um olhar para trás. Ele sabe que o estou perseguindo e não vai parar. Problema dele. Eu também não vou.

Quando ele chega à abertura da caverna, hesita tempo o bastante para avistar seu colega, que sobe depressa as escadas do outro lado. Então eles partem, correndo juntos pelo saguão.

Porter disse que não era para fazer estardalhaço, mas e agora? Devo simplesmente deixar esses panacas se livrarem desta? Decido: não, eu não

vou deixar.

Disparo o mais rápido possível, num ritmo de perseguição. Eles quase derrubam uma família, que pula assustada como patinhos numa lagoa, saltando para fora do caminho deles.

– Parem esses garotos! – grito.

Ninguém os para.

Penso em Porter cercado por pessoas naquele dia horrível na praia alguns anos atrás, quando ninguém o ajudou a salvar seu pai do tubarão. Se estranhos não ajudam quando alguém está morrendo, até parece que vão impedir dois garotos de correrem para fora do museu.

Com o sangue batendo nas têmporas, circundo o balcão de informações, movendo vigorosamente meus braços, e os vejo se separarem de novo. O Polo toma o caminho mais fácil: a saída principal, onde há 1) apenas um conjunto de portas por onde passar e 2) Hector, o funcionário mais preguiçoso da equipe.

O Mochila está indo na direção da bilheteria e das catracas interligadas. Freddy devia estar lá, mas, como não tem ninguém entrando no museu, em vez de cumprir sua função ele está batendo papo com Hector. As catracas estão livres.

Como um trambiqueiro profissional que jamais pagou uma passagem de metrô, o Mochila passa por cima das catracas com um único pulo. Ou assim teria sido, se sua mochila não escorregasse de seu ombro e a alça prendesse em um dos bastões da catraca. Enquanto ele se esforça para soltá-la, pego a rota mais fácil e vou pelo portão de acesso a cadeirantes.

Eu desprendo o trinco.

Ele solta a alça.

Passo pelo portão e, ao mesmo tempo que ele está se virando para correr, me impulsiono para a frente e...

Pulo nas costas dele.

Caímos juntos no chão. O ar escapa dos meus pulmões e meu joelho bate com tudo no ladrilho. Ele grita. Eu não.

Capturei ele, caramba.

– Me solta, sua vaca sem noção! – Ele se retorce embaixo de mim e me dá uma cotovelada nas costelas. Faço um gancho com minha mão e seguro seu braço firme no chão. Uma risada esbaforida e malvada escapa aos poucos de mim. Não consigo dizer nada; estou sem fôlego.

– Ah, não. Não, não, não – diz uma voz masculina triunfante que se aproxima.

Viro de lado e cuspo o cabelo que ficou preso na minha boca. Porter está arrastando o Polo pelo braço. Ele não parece nem de longe tão esbaforido quanto eu. Porcaria de genética surfista. Mas agora Freddy e Hector estão vindo... para ficar olhando a cena que nem tontos, suponho. E lá vem Grace; enfim alguém com bom senso.

– Mas o que é que tá rolando aqui? – pergunta ela.

– Fiquem de olho nele – diz Porter aos três recém-chegados depois de deixar Polo no chão. Então ele me tira de cima do Mochila.

– Ela é doida – repete o garoto. – Acho que ela quebrou minha perna.

– Que seja. Ela tem a força de um bolinho de batata – diz Porter, obrigando o garoto a ficar de pé; o Mochila reclama e manqueja, mas consegue se levantar.

– Aaaai – choraminga ele.

– Cala a porcaria da sua boca, seu ladrãozinho de merda. – Porter agarra o menino pela camiseta, arranca a mochila de seu braço e a joga para mim. – Verifique.

Abro o zíper. Envoltos em um moletom embolado encontro a estátua. Ergo-a como um troféu.

O garoto grunhe e tenta se soltar de Porter.

– Nana-nina-não – diz Porter, fazendo o garoto sentar ao lado do Polo e apertando o botão na manga de sua camiseta. – Você e o seu amigo maloqueiro não vão a lugar algum agora. Vamos esperar até meu amigo, o sr. Pangborn, fazer uma ligação para nossos colegas da delegacia. Entendeu, Pangborn? – pergunta ele pelo rádio.

– Entendi – responde a voz de Pangborn.

Enquanto os garotos trocam olhares em pânico, uma pequena multidão se forma. Espano minha saia com as mãos e percebo que um fio de sangue corre do arranhado feio no meu joelho. Nem ligo. Ainda estou no delicioso pico de adrenalina.

Porter dá um sorriso com as sobrancelhas erguidas.

– Caramba, Bailey. Você o fez lambar o chão. Foi uma derrubada atômica com força total. Não sabia que era capaz disso.

Nem eu, para ser sincera.

– Ninguém rouba de Sam Spade e foge pra contar a história – digo.

Ele ergue a mão espalmada e eu completo o toca-aqui, mas, em vez de ser um simples cumprimento, ele entrelaça os dedos nos meus, apertando-os. Provavelmente dura um segundo, mas parece se estender. Quando ele solta minha mão, me sinto um caos ambulante: os dedos formigando onde os dele estavam há um momento, a mente tentando entender o que aconteceu. Ele estava sendo apenas amigável ou era algum tipo de cumprimento do surfe?

Agora ele está agachando à minha frente, para inspecionar meu joelho.

– Ui – diz ele. Dedos gentis mexem na pele em torno do meu ferimento. – Você se machucou bem feio.

– É, pare de cutucar aí – peço, mas não estou brava.

– Você tá bem? – pergunta ele numa voz mais suave.

– Tá tudo bem.

Ele assente e fica de pé, então gesticula para o falcão, *me dá, me dá*. Quando entrego, ele se vira para os dois ladrõezinhos.

– Vocês sabem que isto aqui não vale nada, né? Se vocês, seus tolinhos, tivessem se apressado um pouco mais, acho que conseguiriam no máximo uns dez dólares no eBay, e no dia seguinte a gente compraria um novo pela internet. Mas agora vocês vão começar sua adolescência com antecedentes criminais.

– Vá se ferrar – diz o Camisa Polo. – Meu pai é advogado. Por uns cem contos ele vai fazer demitirem você e aquela vaca ali.

Porter ri e aponta um dedão para mim quando o sr. Cavadini vem depressa pela saída da lojinha.

– Valeu a tentativa. A mãe dela também é advogada.

Ahn, advogada especializada em divórcios que vive do outro lado do país, mas e daí? Nós trocamos um sorriso secreto. Quem diria que meu arqui-inimigo poderia se tornar um parceiro tão bom? Um parceiro na solução de crimes, nada mais. Nenhum outro tipo de parceiro. Preciso muito limpar minha mente dessas outras ideias, especialmente da coisa vigorosa e confusa que aconteceu logo antes de começarmos a perseguir esses dois garotos. E do enlace das mãos. E do sorriso secreto.

Ugh.

Preciso arrumar logo essa bagunça enorme, e acho que sei como.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Tenho um horóscopo pra você.

@alex: Tem? Manda aí, porque eu tive um dia BEM confuso e preciso de orientação.

@zibelina: Tá bom, aí vai: Se a vida de repente lhe dá a oportunidade de dizer sim a uma nova experiência, você deveria aceitá-la.

@alex: E se a experiência for um pé no saco?

@zibelina: Por que você presumiria isso?

@alex: Instinto. Já me queimei antes, lembra?

@zibelina: Instinto não se compara à razão.

@alex: A esta altura, não sei bem se um ou outro está do meu lado.

Capítulo 10

“História da minha vida: sempre recebo o pior das coisas.”— Marilyn Monroe, *Quanto mais quente melhor* (1959)

Estou decidida. É meu dia de folga, e sigo para a cabine do Tour de Baleias do Killian. A manhã está meio cinza e tão nebulosa que é quase meio-dia e ainda não dá para ver direito o oceano. Tudo bem por mim. Há menos turistas andando para lá e para cá. É como se eu tivesse o calçadão só para mim.

E daí que mudei de ideia duas vezes? Estou mesmo decidida agora. Afinal, o que tem de tão grave? É Alex. Pelo menos *espero* que seja Alex. Se for, eu saberei, porque o conheço. Eu deveria conhecê-lo, não? Faz meses que converso com ele pela internet. Somos praticamente almas gêmeas. Ok, talvez eu esteja exagerando, mas somos no mínimo amigos, de um jeito ou de outro. Temos uma ligação que se estende para além dos nossos interesses em comum.

E tem toda a situação com o Porter. Depois que os policiais vieram e pegaram os garotos ladrões ontem – dois policiais comuns, não a sargento Mendoza de papai –, Porter ficou enrolado com a burocracia referente ao assunto, por isso acabei não o vendo mais. O que é bom, porque todos aqueles sentimentos confusos em relação a ele que eu estava sentindo... eram somente um subproduto da adrenalina e da exaltação de capturar os dois meninos.

De qualquer forma, não estou pensando em Porter agora. E, mais importante, não estou pensando em seus dedos entrelaçados aos meus depois do toca-aqui da vitória. Isso foi banido do meu cérebro. Como se quisesse enfatizar a questão, uma buzina de neblina de um barco ruge em alto-mar, me fazendo pular assustada. *Aqui é perigoso, Rydell. Fique longe se sabe o que é melhor pra você.*

Afasto Porter da minha mente e continuo andando. O laranja e o azul do logo de Killian aparece. *Venha viver uma aventura da BOALEIA!* Caramba, se essa é mesmo a família de Alex, já entendo por que ele odeia trabalhar aqui. Que slogan bobo. O negócio está situado entre dois outros empreendimentos, Aluguel de Bicicletas Costeira e a cabine onde se vendem ingressos para a roda-gigante. Fico rondando perto do lugar que aluga bicicletas até avistar o cabelo loiro de Patrick.

Ele está trabalhando. E parece estar sozinho.

Espero ele dar direções do calçadão a uma pessoa em meio à neblina e então, antes de perder a coragem de novo, dou três longos passos e reduzo a

velocidade perto do banco entalhado em formato de baleia que fica bem na janela da bilheteria da roda-gigante. Uma dupla de gaivotas se afasta quando me aproximo.

– Oi – digo. – Lembra de mim?

– Do Shack – responde ele. Está vestindo um blusão laranja e uma bermuda branca. Suas costeletas estão aparadas mais curtas do que naquele dia na lanchonete, e a brisa matinal sopra o cabelo loiro em seus olhos. – Jamais me esqueço de uma cinéfila. Mas sempre esqueço nomes. Pode repetir?

Fico meio desapontada.

– Bailey.

Ele estala os dedos.

– Bailey, é isso. Patrick – diz ele estendendo a mão, e finjo que não me lembrava do nome dele também quando o cumprimento.

Agora preciso ser mais tranquila do que planejava, por isso digo:

– Estava só andando por aí, procurando alguma loja de DVD usado pelo calçado. – Sei que tem uma. Já fui lá três vezes. – Então eu te vi e pensei *Ei, talvez esse cara saiba*. – *Ugh*. Tão esquisito, mas ele não parece estranhar.

– É, tem um lugarzinho chamado Ray-Gun Vídeo, bem no meio do calçado. Tem uma arma futurista gigante na frente. Não tem como errar.

Droga. Vai ser mais difícil do que eu imaginava. Pensei que tivesse dado uma pista ontem à noite pela internet. A não ser que ele não seja Alex...

– Então, você tem alguma folga daqui a pouco? Não quer dar uma olhada nos DVDs comigo? – ouço-me dizer. – Você sugeriu tomar um café um dia desses, mas, sabe... – Minha voz vai ficando mais e mais baixa.

Não é possível. Se ele é mesmo Alex, com certeza vai lembrar da dica do horóscopo que dei ontem à noite... não vai? Quero dizer, ele é sempre tão atencioso pela internet. Lembra-se de tudo o que eu falo. Sempre entende minhas piadas, lembra inclusive do final de algumas brincadeiras feitas meses antes. Mas agora não consegue lembrar sequer meu nome verdadeiro? No fim das contas, talvez tenha sido mesmo uma boa ideia não ter lhe contado que me mudei para cá.

Hesitante, ele se inclina sobre o balcão e olha para um lado, depois para o outro, espiando a neblina.

– Tá bem. Sim, claro. Por que não? O movimento tá fraco. O grupo que tá no tour ainda vai demorar um pouco pra voltar, então acho que posso tirar meia horinha. Espera, deixa só eu fechar o portão e botar a placa.

Solto o ar longamente.

Ele levanta do banquinho e estica o braço para puxar uma grade metálica deslizante na frente da janela, então desaparece por alguns segundos. Quando reaparece por uma porta lateral da cabine, vejo que ele tem na mão uma placa em que se lê FUI VER BALEIAS! VOLTO EM POUCOS MINUTOS, a qual ele pendura na janela gradeada.

– Certo, Bailey. Vamos lá – diz ele com um sorriso convidativo.

Sentindo-me melhor, vou no ritmo dele e caminhamos pelo calçadão. Ele me faz perguntas educadas: Há quanto tempo estou na cidade? De onde vim? Ah, da capital. Já vi o presidente ou fiz um tour pela Casa Branca? Já fui a Dupont Circle?

Ao chegarmos à placa com a imagem de uma pistola de raios, só consigo lhe perguntar duas coisas: desde quando ele mora em Coronado Cove (desde sempre) e qual escola frequenta (Academia Berkshire). A escola particular. Fico surpresa. Nunca achei que Alex fosse do tipo que estuda em escola particular. Estou tentando entender isso conforme entramos na loja.

A Ray-Gun Vídeo tem um daqueles cheiros ótimos de poeira e mofo típicos de lojas antigas, embora a maior parte do inventário aqui não chegue a ter mais de alguns poucos anos. Eles são especializados em filmes de ficção científica exagerados, e, como papai curte isso, ele é apaixonado por este lugar. Alguns cartazes e brinquedos colecionáveis relacionados a filmes adornam as paredes em volta do caixa, atrás do qual se encontra uma TV passando *Godzilla*. Dois homens de meia-idade e cabelo comprido estão prestando mais atenção ao filme do que a nós quando passamos. Graças a Deus, porque vim aqui com papai faz poucos dias e não quero que eles me reconheçam.

A loja está mais movimentada do que eu esperava – não é bem o lugar ideal para um encontro tranquilo e romântico do tipo “vamos nos conhecer”, mas o que posso fazer? É todo o material que tenho no momento para trabalhar. Passamos reto por caixas enormes de doces em embalagens estilo cinema retrô e uma estante de blu-rays e DVDs disponíveis em pré-venda, e tento fingir que não sei para onde estamos indo conforme Patrick me conduz à seção de filmes clássicos.

– Eles não têm muita coisa agora – ele me conta, virando uma esquina por uma área cheia de estantes. – Estive aqui ontem mesmo. Mas olha só. – Ele pega algo de uma prateleira e me entrega. – Box com clássicos de gângster dos anos 1930. Uma pechincha.

Aceito a caixa e olho para o verso dela.

– Não sou muito chegada em filmes de gângster.

– Mentira! *Fúria sanguinária*? A versão de 1932 de *Scarface*? Ela foi insanamente violenta para a época, rompeu barreiras mesmo.

– Beeeem – falo devagar, devolvendo-lhe a caixa. – Não sou muito fã de armas.

– Ah – diz ele, retornando a caixa à prateleira. – Você é dessas?

– Como é que é?

Ele ergue as duas mãos.

– Ei, tô de boa com qualquer que seja seu lance. Da minha parte não tem discussão. Só acho que cinema é cinema, e que não cabe estender visões políticas pra uma obra de arte.

Nossa. Isto não está indo nada bem. Respiro fundo e paro por um momento. Será que a culpa é minha? Acho mesmo que não, mas me esforço para deixar pra lá.

– Não é isso. Eu tive uma experiência ruim, então é só... meio que uma coisa minha. Só não me apetece.

– Ah, meu Deus – diz ele, pousando uma mão compreensiva no meu ombro (só as pontinhas dos dedos, na verdade). – Desculpa. Falei sem saber. Tô sendo um babaca. Me perdoa?

– Tá perdoado – respondo com um sorriso.

– Ah! E quanto a *Bonequinha de luxo*? Todo mundo ama esse.

Ele está falando sério? Quero dizer, adoro Audrey Hepburn, mas não dá para ver Mickey Rooney interpretando um homem japonês amplamente caricaturizado só por umas risadas. Não, obrigada. Eu lhe digo isso. Seu argumento não é tão forte neste caso, mas ele não consegue acreditar que eu não esteja elogiando o filme.

É tão estranho. Estamos dessintonizados quanto a filmes. Claro que discordamos via internet (o tempo todo), mas é sempre amigável. Pessoalmente parece tão... pessoal. Passamos pela seção de clássicos, estante por estante, mas nada nos conecta. É como se fôssemos duas pessoas totalmente diferentes, e quanto mais testamos o gosto um do outro, menos gostamos um do outro. Estou começando a suar em pontos esquisitos do corpo e a soltar piadinhas galanteadoras que não colam.

Não está dando certo.

A pior parte é que ele também percebe.

– Às vezes eles têm mais coisas lá atrás – diz ele por fim quando ficamos

sem falar nada por vários longos e excruciantes segundos. – Espera, vou perguntar a Henry se eles receberam novidades. Já volto.

Ótimo. Agora estou preocupada que ele esteja fugindo de mim. É a primeira vez que tomo coragem para convidar um cara para sair – um cara sobre o qual tenho fantasiado há meses – e a coisa dá absurdamente errada. Estou realmente considerando eu mesma fugir se ele não voltar em um minuto.

– *Bonequinha de luxo* é uma obra bonitinha supe-restimada.

Congelo. Não há ninguém por perto. Olho pelo corredor nas duas direções. Foi minha imaginação? Ou será que alguém ouviu a minha conversa anterior com Patrick e agora eu estou ouvindo a conversa de outra pessoa?

– Não era para ser uma história de amor, sabe? O que é a ironia dessa situação específica, na verdade.

– Olá? – sussurro.

Um DVD desliza para o lado. Agora estou encarando um par de olhos. Alguém no outro corredor. Deslizo outro DVD pela prateleira e mais elementos de um rosto são revelados: barba por fazer, sorriso lento, cachos soltos dourados pelo sol. Minha mão se fecha.

– O que você tá fazendo aqui?

– É meu dia de folga.

– E você tá me seguindo? – pergunto exasperada.

– Não, é você que tá me seguindo. Eu já estava aqui quando você veio desfilando pendurada no braço de Patrick Killian.

Fico na ponta dos pés para espiar por cima da estante. Ele levanta a cabeça para me ver e arqueia as duas sobrancelhas com um olhar presunçoso no rosto. Meu coração começa a bater bem forte. Por que ele tem esse efeito sobre mim? Será que meu corpo é incapaz de funcionar normalmente perto dele?

– Como você o conhece? – sussurro zangada, dando uma olhada em volta para garantir que Patrick não esteja ouvindo. Não o vejo, por isso suponho que ou ele está lá nos fundos ou empreendeu sua fuga.

Porter apoia casualmente um braço no topo da estante de filmes.

– Eu o conheço desde criança. Ele se acha um grande conhecedor da sétima arte só porque o negócio de sua família é um dos patrocinadores do festival de cinema anual. Um mané.

Espere um minuto, droga. Grandes sinais de alerta explodem na minha cabeça. Acho mesmo que Alex teria mencionado se sua família patrocinasse o festival. É algo de que você iria se vangloriar para um amigo obcecado por cinema, deixando de lado as restrições de detalhes pessoais da Zona Proibida. De jeito nenhum ele ocultaria essa informação de mim. Nada disso faz sentido. Mas não acho que Porter esteja mentindo, porque agora me lembro de Patrick dizer, ao me entregar o folheto do festival de cinema, que tinha “acabado de chegar da gráfica”. Ele conseguiu uma cópia antecipada porque o pai patrocina o festival? O folheto está na minha bolsa, e estou lutando fortemente contra o desejo de pegá-lo e de buscar na página de patrocinadores o nome Killian.

Por dentro, estou entrando num pânico silencioso com a ideia de Patrick não ser Alex, mas só consigo dizer a Porter:

– Oh, e você é o especialista? – É uma provocação fraca, não estou investindo nela.

– Sei que você tem razão no que disse sobre *Bonequinha de luxo* – responde ele. – A novela de Truman Capote é sobre um homem gay e uma prostituta que Hollywood transformou num romance. E nem vou começar a falar de Mickey Rooney. Foi uma vergonha total. Mas...

– Mas o quê?

– Ainda acho que vale a pena assistir pela atuação de Hepburn. O que foi? Não fique tão chocada. Era o filme favorito da minha avó. Você não sabe tudo a meu respeito.

Ao que parece, não sei nada. *Quem é você, Porter Roth?*

– E não tenho certeza de que você saiba tudo sobre seu paquera...

– Deus do céu, precisa falar tão alto? – sussurro. – Ele não é meu paquera. – Não neste ritmo, pelo menos.

– O que quer que ele seja, tô te dizendo isto porque odeio vê-la desperdiçar tanto repertório de flerte de primeira categoria com alguém que não vai apreciar. – Ele se inclina sobre a estante, me chamando para mais perto. – Patrick tem um namorado na Guatemala.

Meu olho se contrai. Pisco. Encaro Porter.

Caramba... Lembro de quando conheci Patrick no Pancake Shack e de ele dizer que Cary Grant e Randolph Scott eram amantes. A hesitação de Patrick quando o convidei para vir aqui hoje. Não admira que ele tenha me perguntado sobre Dupont Circle; se eu o tivesse deixado falar em vez de ter aberto minha bocalha, ele provavelmente teria me perguntado logo depois se

eu tinha ido à Parada do Orgulho Gay que ocorre ali todo ano.

Não digo nenhuma palavra. Só baixo os calcanhares devagar até ficar plantada no chão, enquanto a parte de cima do rosto de Porter desaparece da minha vista. Ajeito minha saia e me viro, resignada, somando isto à minha conta de humilhações desta manhã. 1) Meu dito paquera é um engodo. 2) Sou uma idiota que não sabe diferenciar héteros de gays. 3) Não estou nem um pouco mais perto de descobrir quem é Alex do que estava logo que cheguei à cidade, semanas atrás. 4) Porter testemunhou tudo isso.

Patrick se aproxima a passos largos.

– Não tem nada de novo no depósito – diz ele. Seu olhar dispara para o segundo corredor, de onde Porter emerge de uma seção marcada BLAXPLOITATION E GOLPES DE KUNG FU. Ele está vestindo uma bermuda de tãel cinza comprida e um casaco de zíper verde-musgo aberto, em cujo bolsinho desfiado na altura do peito está bordada a palavra FERVENTE junto com o desenho de um diabinho bebê. Suas madeixas cacheadas parecem mais longas hoje; as pontas de seu cabelo beijam o topo de seus ombros. Seu olhar se conecta ao meu e fixa nele por um segundo, o que produz um efeito engraçado na minha pulsação.

– Opa, e aí, Porter? – cumprimenta Patrick alegre. – Como está Lana? Ouvi dizer que ela vai pro circuito profissional.

– É verdade – diz Porter, todo preguiçoso e casual. E ainda me olhando.

Os olhos de Patrick ficam indo e voltando de mim para Porter, como se ele suspeitasse de que estivéssemos falando pelas suas costas. Que bom. Agora me sinto culpada, além de humilhada.

– Ei, Bailey, foi legal, mas meu pai me mandou uma mensagem do barco, então é melhor eu voltar pro trabalho. Vamos marcar um café qualquer dia desses?

Ele parece ser sincero no convite, surpreendentemente, e entendo de repente que, ao contrário do que eu mesma pensei, ele jamais imaginou que isto fosse um encontro. Ele pressupôs que éramos duas pessoas parecidas passando um tempo juntas. Será que vou ser uma babaca ainda maior se sair desta situação não querendo nunca mais vê-lo porque ele prefere o pepino de outro homem em vez da minha flor feminina? Decido que a resposta é sim. Pode incluir isso na minha lista interminável de maiores defeitos.

– Vamos sim. Pode ser chá também – emendo. – Quer meu telefone? Talvez a gente possa ver um dos filmes do festival juntos, ou algo assim.

– Claro – diz ele sorrindo, e seguimos para a frente da loja, trocando nossos contatos antes de ele acenar se despedindo, sumir no meio da neblina e me

deixar ali fora com um fragmento minúsculo da minha dignidade intacto.

Eu deveria mandar uma mensagem para Alex, só para sentir como estão as coisas, para garantir que ele não descubra este fiasco. Ao mesmo tempo, porém, talvez eu precise clarear a cabeça antes. Queria tanto achar Alex que ignorei o bom senso e tirei conclusões precipitadas. Foi um erro idiota, mas não quero me punir demais. Só quero...

Não sei mais o que quero, para ser sincera.

– Você tá bem?

Porter está parado ao meu lado. A porta da Ray-Gun Vídeo vai se fechando atrás de nós.

Solto um suspiro profundo.

– Sim, eu... só estou tendo um dia péssimo. Deve ser a neblina.

– Não tem como – diz ele. – Dias nebulosos são os melhores.

Aguardo-o completar a piada, mas ele não fala mais nada. Ele olha para o meu joelho; está ralado do meu ataque de ontem aos ladrões do falcão maltês, mas fui vaidosa demais hoje para cobrir com um curativo.

– Na Califórnia não deveria fazer sol o tempo todo? – pergunto. – Dias nebulosos são deprimentes.

– Neeeeem. Eles são meio mágicos.

– Mágicos – repito num tom lúgubre, sem conseguir acreditar.

– O quê? Mágica é muito besta pra você?

– Não começa, vai – digo, mais cansada que frustrada, mas, se ele continuar com isso, não posso prometer que não vá mudar. – Você curte ficar provocando as pessoas?

– Só você.

Analiso seu rosto, sem saber se ele está brincando.

– Você briga com Pangborn o tempo todo.

– Não é verdade. Ele nunca retruca.

– Então é isso o que eu sou? – pergunto. – Uma pessoa que retruca?

– Todo mundo gosta de uma réplica espertinha de vez em quando.

Foi um elogio? Não sei dizer.

Ele dá de ombros.

– Talvez eu goste de quem retruque. É um mistério, mesmo pra mim. Sou apenas um praieiro, lembra? Quem sabe o que se passa neste meu cérebro simplório?

Putz. Que embaraçoso. Uma parte de mim reflete se eu deveria pedir desculpas, mas então me recordo de todas as coisas horríveis que ele disse para mim.

Um longo momento se estende.

– Já andou de roda-gigante na neblina? – pergunta ele de repente. – Ah! E no teleférico?

– Hum, eu não curto parques de diversão.

– Por quê?

– Os brinquedos sempre quebram e os assentos são melequentos.

Porter dá risada.

– Caramba, Bailey. Que tipo de brinquedos zoados tem lá na capital? – Ele balança a cabeça numa desaprovação brincalhona e suspira. – Bem, só porque tô com dó da sua lamentável formação em brinquedos de parques de diversão, acho que preciso te levar nas Abelhas.

– O que são as “Abelhas”?

– As Abelhas. *Bzzzz*. – Ele fica puxando a manga da minha camisa, incitando-me a segui-lo conforme anda de costas com aquele seu sorriso preguiçoso e sensual no rosto. – Sabe aqueles cabos com os bancos teleféricos pintados como abelhões? Nos quais dá pra embarcar perto daquela enorme roda dourada que brilha e pisca no calçadão? Você precisa conhecer sua cidade nova, Rydell. Venha.

Capítulo 11

“Só quero alguém com quem eu consiga ter uma conversa decente no jantar.” – Tom Hanks, *Sintonia de amor* (1993)

– O que foi? – Porter me pergunta quando seguimos pelo calçadão. É então que percebo: assim como a roda-gigante, a bilheteria do Teleférico dos Abelhões é perto da janela idiota do tour de baleias. Não pensei direito no assunto.

– Droga. Eu realmente não quero vê-lo de novo – digo.

Porter fica confuso por um segundo.

– Patrick? Por que ele ligaria?

Minha resposta é um suspiro longo e triste.

– Tá bem, tá bem – resmunga ele, mas não acho que esteja irritado de verdade. Parece mais que ele está com pena de mim, o que talvez seja pior. – Espere ali naquele portão. Volto já.

Não tenho forças para discutir. Arrasto meus pés para a entrada do teleférico e aguardo enquanto um homem filipino encurvado (crachá de identificação: Reyes) e de voz rouca auxilia alguns retardatários a sair dos bancos. Exceto por um casal bastante carinhoso de idade universitária, não parece haver mais ninguém para embarcar. Não os culpo. Línguas de neblina agarram-se aos assentos oscilantes, que parecem teleféricos de esqui, pintados de amarelo e preto. Os grossos cabos que conduzem os teleféricos do calçadão aos penhascos rochosos pousam sobre uma série de postes em formato de T; um cabo carrega os assentos que sobem, outro os que descem. Luzes brancas enormes brilham na ponta superior de cada poste, mas a partir da metade do trajeto a neblina está tão densa que as luzes simplesmente... somem. Não consigo sequer ver os penhascos hoje.

– Dia – diz o operador das Abelhões.

– O que você faz se acontece alguma coisa com um dos teleféricos? – pergunto. – Como você consegue ver?

Ele segue meu olhar, torce o pescoço e olha para a neblina acima.

– Não consigo ver.

Nem um pouco reconfortante.

Depois do que parece ser uma eternidade, Porter retorna, sem fôlego, com nossos ingressos e um saquinho de papel pardo.

– Aê, o que tá pegando, sr. Reyes? – diz ele com animação ao operador.

– Não são permitidos alimentos nas Abelhas, Porter – repreende o homem mais velho.

Porter enfia o saco dentro da jaqueta e puxa o zíper até o peito.

– Não vamos abrir antes de chegar lá em cima.

– Tudo bem – cede o homem, sorrindo, e estende um braço para nos conduzir ao próximo teleférico.

Antes que eu possa mudar de ideia, subimos num banco oscilante atrás do casal de idade universitária que está se agarrando. Cada banco acomoda confortavelmente duas pessoas e, embora estejamos debaixo de uma cobertura plástica amarela e preta, nossos torsos ficam expostos. O que significa que: a) o vento costeiro chicoteia pelo teleférico contra nossas costas; e b) podemos ver perfeitamente o casal apaixonado à nossa frente com suas mãos bobas. Que maravilha.

O operador puxa uma barra de proteção que nos prende na altura da cintura. Espio Porter. Não esperava estar sentada tão perto dele. Nossas pernas estão quase se tocando, e estou usando uma saia curta. Me encolho.

– Quinze minutos pra subir – diz o operador ao passar ao lado de nossa cadeira, que começa a se mover lentamente – e quinze minutos pra descer, assim que estiverem prontos pra voltar. Aproveitem.

E partimos. Meu estômago se retorce um pouco, o que é idiota, pois ainda nem saímos do chão; estas Abelhas precisam dar uma acelerada.

– Tudo bem aí, Rydell? – pergunta Porter. – Você não tem medo de altura, tem?

– É o que vamos descobrir – respondo quando meus dedos dos pés, que até então se arrastavam, desgrudam do chão, e decolamos bem, bem devagar.

– Você vai adorar – me garante Porter. – Vai ser demais quando chegarmos à neblina em alguns minutos.

Assim que o operador do teleférico se afasta lentamente do portão e fica fora de vista, Porter abre um pouquinho o zíper do casaco e enfia a mão lá dentro. Um segundo depois, ele tira algo dali. Tem a cor creme e cerca de metade do tamanho de uma bola de golfe. Sinto cheiro de baunilha por um glorioso segundo antes de ele enfiar a coisa toda na boca.

Seus olhos se fecham prazerosos conforme ele mastiga.

– Hummm. Que delícia.

– O que é? – pergunto.

– É ilegal comer nas Abelhas – ele me lembra, tirando o telefone do bolso da bermuda. – Tem certeza de que deseja quebrar as regras?

Não tomei café da manhã. Estava nervosa demais porque ia encontrar Patrick. Que toska. Ainda não consigo acreditar que tudo aquilo aconteceu. É como um pesadelo do qual não consigo me livrar. E agora baunilha quentinha flutua do casaco de Porter, bem na minha cara.

– Que saco, Porter! – reclamo. – O cheiro disso é muito bom.

– Gracie comentou mesmo que você tinha uma queda por doces. – Ele está mexendo no celular, e com a outra mão busca uma bolinha do que quer que ele tenha trazido. Acho que é um minibolinho de baunilha. Sinto cheiro de coco também. Mas pode estar vindo dele.

– Não vou contar mais nada pra ela – reclamo, balançando os pés quando nos afastamos um pouco mais do solo.

– Vamos lá – diz ele ao encontrar algo no telefone. – Um novo teste. Proponho um trato.

– NADA DE TESTES.

– Vai ser legal desta vez – diz ele. – Prometo.

– Por que eu acreditaria em você?

– Porque tenho um bolso cheio de bolinhos de lua – responde ele com um sorriso demorado.

Não sei o que diabos é isso, mas quero muito provar. Meu estômago ronca.

– Uou, Rydell. Tem um dragão morando aí dentro ou o quê?

Minha cabeça cai para a frente e solto pequenos sons lamuriosos. Finalmente me rendo.

– Certo, mas se você me irritar enquanto estivermos presos nesta abelha idiota, saiba que minhas unhas são afiadas e eu vou mirar seus olhos. – Passo diante dos olhos dele minhas unhas recém-pintadas de vermelho-rubi, lixadas num estilo vintage pontudo.

Ele assobia.

– Que garras. É uma manicure fabulosa. E eu aqui, achando que você era toda reservada. Açúcar faz o demônio aparecer em você. Porter gosta.

Fico um pouco nervosa, mas não o bastante para me fazer deixar de querer os bolinhos.

– Então é assim que funciona. Primeiro – ele apresenta um dos seus prêmios –, isto é um bolinho de lua. Especialidade local de Coronado Cove. Tinha acabado de sair do forno da Confeitaria do Tony ali embaixo. – Ele aponta para trás. – Você gosta daqueles biscoitos de açúcar do trabalho? Bem, então vai amar estes aqui.

Ele segura na pontinha dos dedos. Arranco da mão dele, faço o teste do cheiro e o divido em dois, ignorando quando ele age como se fosse um erro. Eu provo. Totalmente adorável. Macio. Leve. Polvilhado de açúcar de baunilha.

– Hummmm – falo.

Porter faz uma cara vitoriosa.

– Eu te disse. Certo, hora do teste. Este é para nós dois. É um... teste da amizade. Nós dois temos que responder e ver como combinamos. Para ver se somos amigos compatíveis ou inimigos implacáveis.

– Pfft – digo com a boca cheia de bolinho de lua, espanando migalhas dos meus peitos. – Inimigos. Fim do teste; me dá outro bolinho. – Mexo meus dedos diante do rosto dele.

Ele ri e afasta meus dedos.

– Nada de bolinho até termos respondido a primeira pergunta. Pronta? Pergunta um. – Ele começa a ler. – “Quando brigamos: a) é como a Terceira Guerra Mundial, e ficamos dias sem nos falar; b) brigamos muito, mas logo fazemos as pazes; c) nunca brigamos.” O que acha? A, B ou C?

Nossa, qual é a dele com testes? Grace não estava enganada; ele é mesmo obcecado.

– Não é C, com certeza – respondo. – Mas também não é A. Acho que B, então. Brigamos muito, mas logo fazemos as pazes. Só que principalmente porque você me suborna com comida. Se continuar assim, vamos ficar bem.

– B, então. – Ele me estende outro bolinho sem desviar os olhos do telefone. Eu pego enquanto ele lê a próxima pergunta. – “Nosso jeito favorito de passar o tempo livre é: a) cercados de amigos numa festa. Quanto mais gente, melhor; b) sempre em movimento, jamais parados; c) curtindo sozinhos.”

– Vou chutar que você responderia uma das duas primeiras, mas sou uma garota mais do tipo C. Isso detona nosso placar?

– Nem. Sou C também, na real.

Umm, certo. Não sei se acredito. Contudo, no dia de sua folga ele estava

passeando sozinho na loja de DVDs, o que não combina com o que eu imaginava dele.

– Ah, veja! – exclamo, olhando abaixo do meu lado do teleférico. – Estamos quase em cima da roda-gigante.

O calçadão parece estranho daqui, apenas pequenas rajadas de cor e o topo dos edifícios. Os carros passam rápidos à minha esquerda, mas quem quer ver a cidade? Infelizmente, não posso deixar de olhar para a frente e flagro o casal se agarrando muito. Acho que está rolando mais que somente beijos ali... uau. Rapidamente desvio o olhar.

– Este teleférico é mesmo muito devagar, não? – reclamo.

– Já cochilei em outras vezes aqui – concorda Porter. – Sem zoeira. Próxima pergunta. “Se um de nós dois tem algum problema, nós: a) guardamos para nós mesmos; b) imediatamente procuramos o outro para se aconselhar; c) damos dicas e torcemos para que o outro acabe entendendo.”

– Pode me botar no item A. – Com delicadeza, mergulho minha mão na abertura do casaco de Porter até a ponta dos meus dedos encontrarem o saco de papel e depois outro bolinho. É só quando já estou tirando a mão que olho para o rosto de Porter e hesito.

– Não, por favor, vá em frente – diz ele. – Fique à vontade.

Dou um sorrisinho constrangido.

– Oops.

– Você costuma enfiar a mão dentro da roupa dos garotos? – pergunta ele.

– Só quando estão cheias de guloseimas.

– Amanhã vou trabalhar com dez quilos de doces na minha calça – murmura ele para si mesmo, soltando um *uuuufff!* quando dou um soco em seu braço.

– Próxima pergunta, pelo amor da baunilha – imploro. – De que tamanho é esse teste, aliás?

– Volta: você escolheu A pra última? Eu escolho B – diz ele, e me esforço para lembrar qual era a questão. – Isso provavelmente vai zoar nosso fator de compatibilidade. Última pergunta. “A principal qualidade em uma... ahn, amizade é: a) compartilhar os mesmos interesses; b) gostar um do outro; c) estar sempre lá um para o outro, não importam as circunstâncias.”

Engulo o resto do meu bolinho.

– Que tipo de pergunta é essa? Não deveria ter outra opção, tipo, d) todas

as anteriores?

– Mas não tem. Precisa escolher uma.

– Me recuso.

– Não pode recusar.

– Já recusei, Fervente.

Ele bufa.

– Mas como vamos saber se somos compatíveis? – lamenta ele. Não sei dizer se está só me provocando ou se tem algo mais por trás da bobeira.

– Caramba, não sei. Acho que vamos ter que ser amigos de verdade e descobrir sozinhos em vez de fazer um teste.

Ele bloqueia o telefone com um gesto dramático e o empurra para dentro do bolso.

– Ninguém mais aprecia a arte de um bom teste. Ah, aí vamos nós. Aperta o cinto; vai ficar esquisito. Espero que não tenha medo do escuro nem nada. Fique à vontade para enfiar a mão no meu casaco de novo se precisar.

Viro a cabeça para a frente bem na hora em que o teleférico entra num banco denso de neblina que sobe do oceano. Porter estava exagerando. Não é uma neblina opaca. Ainda conseguimos nos ver. Mas o casal à frente está um pouco indistinto, assim como o chão lá embaixo, exceto por um ou outro caminhão ou prédio alto. A névoa não tem um cheiro próprio, não exatamente, tampouco é úmida. Mas a sensação nos meus pulmões é diferente.

– Por que tem tanta neblina aqui no verão?

– Quer mesmo saber?

Não sei bem como responder.

– Ahn, sim, acho que sim.

– Bem, veja... A neblina se forma acima da água que está fria. E o Pacífico fica frio aqui por dois motivos. Primeiro, o ar frio do Alasca desce pela corrente da Califórnia, e, segundo, a água fria sobe do fundo do oceano por um fenômeno chamado ressurgência, que tem a ver com o vento soprando paralelamente à costa e empurrando a superfície do oceano pro sul. Isso agita o Pacífico e traz pra cima água salgada congelante do fundo do oceano, que é tão fria que gela o ar acima dele, condensa e cria a neblina. O sol do verão aquece o ar e faz subir a neblina, que fica presa aqui.

Eu o encaro. Acho que estou boquiaberta, não tenho certeza.

Ele coça a testa e solta um rosnado, dispensando todo o discurso.

– Sou um nerd do clima. É por causa do surfe. Pra achar as melhores ondas, é preciso conhecer marés, ondulações, tempestades... Acho que acabei ficando interessado nessas coisas.

Olho para seu relógio de surfe vermelho e bacana que está por cima da manga do casaco, mostrando todos os cálculos da maré e do clima. Quem diria que Porter era tão sabichão?

– Estou mesmo impressionada – comento, o que quer que isso signifique. – Acho que vou me sentar ao seu lado se precisar colar na prova de biologia.

– Tirei nota máxima em biologia avançada no ano passado. Este ano, estou cursando ciência ambiental avançada e química 2 avançada.

– Credo. Detesto todas as ciências. Curto história e literatura, mas nada de ciências.

– Nada de ciências? Bailey, Bailey, Bailey... Parece que somos opostos de todas as formas concebíveis.

– Sim – concordo, sorrindo. Não tenho certeza do motivo, mas isso me deixa meio animada.

Ele ri como se eu tivesse contado uma boa piada, depois se inclina sobre a barra.

– Então, o que você tá achando da nossa neblina californiana agora? Legal, né? – Ele faz uma concha com a mão como se pudesse coletar um pouco.

Testando, estendo minhas mãos também.

– É, sim. Gosto dessa neblina. Você tinha razão.

Nós ficamos sentados assim, tentando pegar o oceano com as mãos, pelo restante da subida.



No fim da linha, um operador do teleférico aguarda para destravar a barra de proteção da cadeira e nos liberar. Chegamos ao topo dos penhascos. Junto com uma lojinha de presentes minúscula chamada Pote de Mel – detesto ser portadora de más notícias, mas a espécie dos abelhões não produz mel –, há uma pequena plataforma com uma grade e, voltados para o oceano, alguns daqueles telescópios que funcionam com uma moeda. Se o dia estivesse límpido, estaríamos procurando pela Caverna Palaciana, mas não há muito o que ver agora, por isso somente algumas pessoas zanzam por aqui. Está ventando de leve e, apesar de estarmos em junho, faz um friozinho.

Eu não sabia que a Califórnia tinha um clima tão doido. Peço a Porter que

me fale mais disso. A princípio ele pensa que estou tirando com a cara dele, mas, depois de não muitas cutucadas, nos recostamos na cerca de madeira e, enquanto arrematamos os últimos bolinhos, ele me conta sobre as correntes e marés oceânicas, florestas de sequoias e samambaias e ecossistemas, e sobre como a neblina tem decaído ao longo das últimas décadas e cientistas estão tentando entender por que e como impedir o processo.

É estranho ouvi-lo falar disso tudo, e, como as cicatrizes em seu braço, estou tentando juntar todas essas peças desiguais: o segurança boca suja do trabalho que tirou sarro dos meus sapatos desapareados; o garoto surfista, lutando para puxar o amigo drogado Davy da faixa de pedestre; o irmão cujos olhos brilham de orgulho ao falar das conquistas da caçula; o cara que fez um toca-aqui comigo quando derrubei o garoto que roubou a estátua do falcão maltês... e o nerd que está na minha frente neste momento.

Talvez o poeta Walt Whitman tivesse razão. Todos de fato nos contradizemos e temos multidões dentro de nós. Como é que poderemos descobrir quem somos de verdade, então?

Porter enfim parece perceber o quanto tem falado e seu rosto dourado enrubesce. É bem adorável.

– Tudo bem, chega – diz ele por fim. – Você é nerd em qual assunto?

Hesito, querendo falar de cinema clássico com tanta paixão quanto ele fala de chuva oceânica, mas então me recordo do incidente com Patrick e meu estômago fica um pouco embolado. Não anseio reviver aquela situação. Quem sabe outra hora.

– História – conto-lhe, o que, apesar de ser uma concessão, é verdade. – Hora de confessar: tenho pensado que meio que quero ser arquivista de museu.

Seu rosto se ilumina, como se eu tivesse acabado de lembrá-lo de algo.

– Tipo, catalogando coisas?

– Sim, ou talvez curadora. Não tenho muita certeza. – Admitir em voz alta me deixa desconfortável. Fico um pouco nervosa e sinto a necessidade de fugir dali, mas estamos sobre um penhasco, não há para onde correr. – Enfim, trabalhar na Caverna talvez não seja a realização de um sonho, mas é um começo. Sabe, pro meu currículo. Eventualmente.

Ele dá uma olhada para mim, e eu lhe conto um pouco mais sobre meu sonho do museu – que se encaixa bem com meu modo de vida Matreiro: uma nerd sobre coisas antigas, trabalhando nos bastidores, sem muito estresse, preservando peças de valor histórico que a maioria das pessoas acha tediosas.

Por mais que eu adore cinema, eu jamais gostaria de ser diretora. Tenho percebido isso cada vez mais. Pode me deixar nas sombras mesmo, querido, longe dos holofotes. Vou revolver com alegria caixas de arquivos antigos.

– Gosto de descobrir coisas que as pessoas esqueceram. Além disso, sou muito boa com organização.

Porter sorri suavemente.

– Já percebi.

– É mesmo?

– Sua gaveta de dinheiro. As notas estão sempre viradas pro mesmo lado, com as pontinhas bem esticadas. Tudo empilhado e preso com cliques, perfeitinho pra ir pros sacos. A gaveta da maioria das pessoas é uma bagunça, o dinheiro fica virado de tudo quanto é jeito.

Minhas bochechas ficam quentes. Estou surpresa que ele preste atenção a detalhes como esse.

– Gosto das coisas arrumadas e ordenadas. – Porcaria de genética contábil.

– Ordenado é bom. Talvez no fim das contas você tenha alguma ciência dentro de si.

– Pff! – exclamo. – Valeu a tentativa, mas nem.

Seus olhos vincam nos cantos quando ele dá risada.

– Acho que você não quer trabalhar na Sauna pra sempre, né?

– Nossa, não – respondo, fazendo uma careta azeda. – Não na Sauna.

Só de tocar no nome ficamos com sede, por isso vamos ao Pote de Mel e compramos algo para beber. Quando estamos no fim de nossas bebidas, o sol está se infiltrando pela neblina – engolindo-a, agora que aprendi esse bocadinho de ciência – e um ar quente do meio-dia cheira como o quintal de papai: a pinho e sequoia, limpo e fresco. Respiro fundo. Definitivamente o ar do leste não tem esse perfume.

Quando enfim voltamos ao teleférico, nos sentamos mais próximos. Bem mais próximos. Sinto o calor do braço e da perna de Porter contra os meus. Sua bermuda é mais comprida que minha saia, suas pernas são mais longas que as minhas, mas, quando o banco oscila para a frente, nossas panturrilhas se tocam. Fico encarando onde nossos corpos estão unidos. Pelo menor dos momentos, considero puxar minha perna, para me encolher de novo, como na subida. Mas...

Não faço isso.

E ele não faz isso.

A barra de proteção desce, prendendo-nos juntos. Braço contra braço. Perna contra perna, carne contra carne. Meu coração bate contra minha caixa torácica como se estivesse empolgado, acompanhando uma canção. De vez em quando, sinto seus olhos em meu rosto, mas não ousa olhar de volta. Mantemos silêncio por todo o trajeto penhasco abaixo, observando a cidade ficar cada vez maior.

Alguns metros antes de chegar ao solo, ele fala numa voz tão baixa que quase não o escuto.

– Sabe o que eu disse no outro dia, sobre você ter gostos refinados? – Ele pausa. O sr. Reyes sorri enquanto espera para destravar nossa barra. – Eu só queria que você soubesse que eu gosto do jeito como você se veste. Gosto do seu estilo... Acho sensual pra cacete.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX

NÃO HÁ NOVAS MENSAGENS

Capítulo 12

“Se o que acho que está acontecendo está acontecendo, é melhor não estar acontecendo.” – Meryl Streep, *O fantástico sr. Raposo* (2009)

Estou um caos. Faz oito horas desde que Porter e eu nos separamos nas Abelhas e desde então não consegui tirar suas palavras da minha cabeça. Sensual pra cacete.

Eu!

Ele!

Quê?

Ele não disse mais nada, inclusive mal olhou pra mim quando falou que precisava “debandar” porque prometeu à mãe que a ajudaria a descarregar alguma coisa na loja de surfe à tarde. Acho que lhe agradei pelos bolinhos e pelo ingresso do teleférico. Não tenho certeza. Eu estava bem perturbada. Eu talvez tenha lhe dito que o veria no trabalho. O sr. Reyes me perguntou se eu estava bem, por isso sei que fiquei ali parada por tempo demais, parecendo uma lunática. Depois andei meio quilômetro na areia para o estacionamento errado e tive de voltar para pegar Baby.

– Vai comer só isso? – papai me pergunta sobre meu cotovelo esquerdo.

Olho para minha tigela. Está quase cheia, mas não porque a comida esteja ruim. Está muito, muito gostosa, aliás. Estou sentada à uma mesa de piquenique rosa na ponta norte da enseada, longe da multidão enlouquecedora do calçadão. Wanda – desculpe, a sargento Mendoza – está do outro lado da mesa. É difícil pensar nela como uma policial agora, porque ela está vestindo jeans e estamos jantando na praia em frente a um *food truck*, o do infame *pozole*. E também porque papai fica chamando-a de Wanda, e toda vez ele sorri um pouco ao dizer o nome dela, e não acho que ele perceba que faz isso. Acho que eles talvez estejam se acariciando com os pés na areia debaixo da mesa, mas estou distraída demais para conferir.

Pozole, no fim das contas, é um ensopado mexicano maravilhoso, cozido lentamente e feito de milho seco, caldo, pimenta e carne. No *food truck* vendem *pozoles* vermelhos, verdes e brancos, e estou comendo o branco, que é o com carne de porco e também o mais suave. É coberto com fatias de rabanete e repolho frescos, e sobre as mesas há pratos com pedaços de limão. O sol está se pondo no Pacífico, por isso o céu está de uma cor insana, dourada e lilás, e o *food truck* de *pozole* tem luzes multicoloridas penduradas pelas mesas, tornando tudo festivo e divertido. Ou pelo menos deveria. Mas podemos ver a silhueta de alguns surfistas nas ondas escuras, o que me

faz pensar em Porter, o que me deixa louca.

Então não, não consigo comer.

Mas preciso. Estou morrendo de fome e isso tudo é bobagem. Não vou ser uma dessas garotas que ficam abobalhadas por um garoto e nem tocam a comida. É Porter Roth, pelo amor de Pete. Somos praticamente arqui-inimigos. Veja nosso teste idiota de compatibilidade: não deu errado? Ou deu certo? Não consigo lembrar. Só consigo me lembrar de como ele estava sendo fofo e sincero, falando de fitoplâncton e correntes marítimas, e de como seus pelinhos da perna me pinicavam quando o banco balançava.

Sinto-me febril só de pensar nisso de novo. Me ajude, Senhor.

Mas então, talvez ele não tenha falado sério. Talvez ele só estivesse me provocando. Será que ele estava só me provocando? Uma onda nova de pânico inunda meu peito.

Não, não, não. *Isto não pode estar acontecendo* é tudo em que consigo pensar, minha mente reverberando com terror.

Não posso gostar de Porter Roth.

– Bailey?

– Ahn? Não, eu adorei. Sério. É delicioso – respondo a papai, tentando soar normal ao pegar minha colher. – Eu tive um dia esquisito, só isso.

Tiro Porter da cabeça. Tomo minha sopa. Me concentro em observar gaivotas planando pela costa. Então escuto meu pai contar a Wanda numa voz pervertida:

– Ela teve um encontro hoje.

– O-oh – diz Wanda, a boca curvando-se num sorriso.

– Pai, pelo amor.

– Bem, você não me contou como foi. Qual é o nome dele? Patrick?

– Se você quer saber, foi assim – digo, fazendo um sinal com o polegar para baixo e um barulho com a língua para indicar meu fracasso. – Parece que sua filha foi reprovada em química de relacionamento, porque, veja que engraçado, Patrick é gay.

Wanda faz uma careta dolorida.

– E ele não te disse antes?

– Não é culpa dele – respondo. – Acho que fiz umas suposições erradas.

Papai remexe os dentes e parece desconfortável em vários níveis. Ele não

faz ideia do que dizer.

– Ah, querida. Eu... sinto muito?

Balanço a cabeça.

– Como você sempre diz, nunca tire conclusões precipitadas.

– Pois é, quem vê cara não vê coração – comenta ele. Depois de um momento, ele relaxa e passa um braço pelas minhas costas. – Sinto muito, de verdade, filhota. Não era para ser, mas não deixe isso te afetar. Esta cidade está lotada de gatinhos.

Wanda sorri para si mesma.

– Credo, pai. Não acredito que você acabou de dizer isso na frente da sua namorada – falo num sussurro teatral, deixando minha cabeça apoiar no ombro dele.

– Nem eu – admite ele, fazendo carinho nas minhas costas. – É esquisito ser pai.

Wanda limpa a boca com um guardanapo, concordando com a cabeça.

– É verdade. Meu bebê é dois anos mais velho que você, Bailey. E ele acabou de passar por um término tenso.

– Espera, você tem um filho?

Ela confirma.

– Estou divorciada há cinco anos. Ele tem 19. Fez um ano de faculdade comunitária e agora está no curso de verão da universidade do seu pai, a Politécnica Estadual. Engenharia elétrica. Ele é um garoto inteligente.

Enquanto ela conta mais sobre o filho, remexo meu ensopado, me perguntando se um dia vou conhecer esse cara. E se meu pai se casar de novo? Eu vou ter um irmão postiço? É bizarro pensar nisso. Só que Wanda parece bem legal, e o modo como ela está falando de Anthony – o filho dela – faz parecer que ele é o cara mais incrível do planeta. Além disso, meu pai é como eu: não toma decisões precipitadas. Não consigo imaginá-lo se jogando de cabeça em outro casamento, não como mamãe – que, só para constar, ainda não me ligou. Não que eu esteja contando os dias nem nada, nem chorando as pitangas por ela como uma criança de 10 anos que foi despachada para um acampamento de verão e tem saudade da mamãezinha.

Mas mesmo assim... Uma ligação? Um e-mail?

Se ela pensa que vou ligar primeiro, está muito enganada. Não sou eu a adulta desta relação.

Quando termino de comer, levanto da mesa e pego meu telefone na bolsa, que está guardada sob o assento de Baby; vim dirigindo e encontrei papai e Wanda aqui. No caminho de volta para a mesa, percebo que alguns dos surfistas distantes baixaram a parte de cima dos trajes de neoprene. Eles enfiaram a ponta das pranchas na areia, estacando-as como lápides, e vêm num passo arrastado para o *food truck* de *pozole*. Minha pulsação salta conforme verifico os três garotos em busca do rosto de Porter. Não o encontro, mas reconheço o de outra pessoa, mancando pela praia: Davy.

Eca.

Não quero vê-lo de novo, principalmente quando estou com papai. Infelizmente, não importa o quanto eu me abaixe ao voltar a me sentar do lado de papai, não consigo escapar de seu olhar brumoso.

– Olha quem tá aqui, a orgulhosinha – diz Davy com a voz rouca. – Vaqueira. Você trabalha com Porter na Caverna.

Levanto minha mão uns dois centímetros para cima da mesa num aceno tímido e ergo meu queixo.

– Davy – diz ele, apontando para o próprio peito, o qual, como sempre, está nu. Ele está tremendo. *Vista a porcaria de uma camiseta, cara.* – Sou amigo do Porter, lembra?

– E aí – digo, só porque seria esquisito não dizer nada. Por que ele teve que mencionar Porter?

– Aquela é a sua Vespa? – pergunta ele. – Bacana. Parece verdadeira. Ela foi restaurada?

Wanda se senta mais ereta e fala antes que eu possa responder.

– O que está fazendo aqui, sr. Truand?

– Ah, olá, oficial Mendoza – diz Davy, aparentemente imperturbado pela presença dela. – Não a reconheci sem o uniforme.

– É *sargento* Mendoza, e posso te prender independentemente de como eu esteja vestida.

– Vou me lembrar disso – comenta ele, sorrindo como um vendedor de seguros.

Duas garotas mais velhas de biquíni e camiseta se levantam de uma mesa próxima para jogar seu lixo fora, e os amigos de Davy começam a seguir para lá do pior jeito possível. Só consigo ouvir “que bundonas” e “queria enfiar a cara ali” e não sei se fico com vontade de morrer ou de dar um chute no saco de cada um deles. As garotas mostram o dedo do meio para eles e, depois de

uma troca de palavras brutal, porém curta, os amigos de Davy desistem e seguem para o *food truck* de *pozole* como se nada tivesse acontecido. Só alguns minutos de um dia como outro qualquer para eles.

Agora que o circo acabou, Davy parece lembrar que estava falando comigo.

– Então, vaqueira, você ainda tá convidada. Lembra? – Ele pousa um dedo esticado sobre os lábios e pisca para mim. Levo um segundo para entender que ele está falando da festa da fogueira. Eu acho. Quem pode dizer de fato o que esse idiota pensa? Não respondo e ele não nota. Ele e seus amigos já estão distraídos com outra coisa: um carro, desta vez cheio de outros caras. Eles correm para encontrá-los. Graças a Deus. Estou absolutamente envergonhada de estar na mesma praia que esses imbecis. Eles rebaixam a sociedade em vários níveis só de respirar o mesmo ar que nós.

– Vá pra muito, muito longe, por favor – murmuro.

– Você o conhece? – pergunta Wanda, de repente muito preocupada de um jeito meio policial.

Agora papai está preocupado também, de um jeito meio paterno.

– Não, não – respondo, dispensando a ideia com a mão. – Ele conhece uma pessoa que trabalha comigo.

– Porter Roth? – quer saber papai. – Achei que ele fosse um segurança, não um praieiro.

Acho que foi daí que eu aprendi o termo.

– Ele é. Quero dizer, ele não é – digo. *Ah, droga.* Não quero que meu pai associe os dois. – Porter não é como Davy. Nem mesmo sei se eles ainda são amigos. Topei com Davy no calçadão e ele começou a me chamar de vaqueira porque eu estava comprando um lenço, então ele me convi-dou pra sair com a galera, mas não significa que eu vá nem nada...

– Ei, ei – interrompe papai. – Calma.

– Davy parece ser o maior cretino, *ugh*.

Wanda se satisfaz com a minha resposta.

– Fique longe dele, Bailey. Sério. Ele é problema. Toda vez que o levo pra delegacia, ele se livra por um detalhe técnico. Mas ele está se afundando cada vez mais. Estou falando de narcóticos pesados, não maconha ou álcool. Ele precisa de ajuda, mas os pais não ligam o suficiente para ajudá-lo.

Nossa. Penso na loja de roupas vintage e na conversa esquisita que testemunhei, e em como Porter ficou bravo de ver Davy saindo de lá.

– Mas Porter não é... – digo, e desejo não ter mencionado o nome dele antes de conseguir terminar.

– Porter é tranquilo – diz ela, e espero que ela não perceba meu alívio. – Pelo menos acho que é. A família Roth passou por uns maus bocados, mas são boas pessoas. Mesmo assim, o melhor seria você ficar longe dessa galera. Se Porter está saindo com Davy, eu lhe recomendaria dar meia-volta e se poupar do sofrimento. – Ela fala essa última parte mais para papai que para mim, e ele concorda com a cabeça, tipo, sim, ele entende. Mensagem recebida.

Morte por associação. Porter Roth agora foi marcado com uma bolinha vermelha enorme no livro de papai. Não sei o que isso significa para mim, porque não sei nem o que está rolando entre mim e Porter. Entretanto, se, hipoteticamente, eu quisesse que estivesse rolando alguma coisa, significa então que agora seria impossível?

Sei de uma coisa: contar a papai sobre a festa da fogueira está fora de cogitação. Porque as chances de Wanda saber desse rolezinho no sábado à noite são bem grandes, e ele pode lhe perguntar a respeito. O problema é que agora eu quero muito ir. Grace me convidou e não quero dar pra trás. Além disso, Porter talvez esteja lá...

Mas. (Por que sempre tem um mas?)

Tem uma pessoa que não considerarei em nenhum momento. Alex. Talvez eu devesse perguntar sua opinião. Ou no mínimo deveria tentar contar o que está acontecendo. Afinal, ele provavelmente tem levado a vida, sendo a mesma pessoa incrível de sempre, enquanto passo o dia por toda a cidade sendo injusta com ele, porque sou uma pessoa muito, muito horrível. Será que ele não merece ser levado em consideração?

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@alex: Aquela previsão do horóscopo que você me deu meio que se concretizou de um jeito esquisito.

@zibelina: É mesmo?

@alex: Segui seu conselho e deu certo. Arrisquei e foi um dos melhores dias que tive em muito tempo. Você tinha razão. É bom se abrir pra coisas novas.

@zibelina: Engraçado você dizer isso, porque eu ia pedir seu conselho sobre se devo ou não fazer uma coisa. (Não é sobre ir praí, a propósito. Só pra esclarecer. Não tô dizendo que não vai rolar, mas tá em suspenso por ora.)

@alex: Meu conselho é SIM. Faça a coisa.

@zibelina: Você nem sabe o que é.

@alex: E eu não sabia o que seu horóscopo queria dizer, mas deu certo. Arrisque-se, Zibelina. Você me ajudou, agora eu tô te ajudando. Seja lá o que for isso que você tá pensando em fazer, meu conselho é: faça. Qual a pior coisa que pode acontecer?

Capítulo 13

“Ninguém nunca mente sobre se sentir sozinho.” – Montgomery Clift, *A um passo da eternidade* (1953)

No meu turno seguinte, não trabalho com Porter. Na verdade, não estou agendada para trabalhar com ele até sábado – não que eu tenha conferido obsessivamente a escala. Mas o nível de decepção que bate em mim quando pego minha gaveta do caixa e vejo o cabelo branco do sr. Pangborn em vez dos cachos enrolados de Porter é tão intenso que tenho de me dar um chacoalhão mental. Por que estou tão empolgada em relação a um garoto? Não é do meu feitio. Não mesmo.

– Hoje à noite tá de pé? – pergunta Grace quando Pangborn está nos acompanhando à Sauna, assobiando feliz o que penso ser uma canção de Paul Simon. Quando hesito, ela agarra meu colete laranja. – Não me deixa na mão, Bailey Rydell.

– Não vou – respondo, rindo ao afastá-la. – Só tá complicado. Eu talvez precise mentir um pouquinho pro meu pai sobre com quem vamos sair. Quando for me buscar, não mencione nenhum surfista.

Ela enrugando o rosto, então me olha com desinteresse.

– Às oito.

– Oito. Estarei pronta, prometo.

Pangborn faz uns passos de dança rápidos do lado de fora da porta da bilheteria, com uma mão na barriga, cantando sobre um cara chamado Júlio no pátio da escola.

– Láá, lá-lá-lá-lá!

Grace dá um sorrisinho.

– Você deve ter botado as mãos numa erva de alta qualidade esta manhã.

– Remédio natural, minha querida – corrige ele, fazendo com a mão um sinal para fechar o bico conforme olha ao redor, provavelmente procurando Cavadini. – Por aqui, nunca se sabe quem está ouvindo.

Um pensamento terrível passa pela minha mente.

– Vocês não têm captura de som nas câmeras de segurança, têm? – Tudo o que Porter diz ter sabido sobre mim por meio de Grace... e se ele tiver ouvido as nossas conversas na Sauna?

– Som? – Pangborn dá risada. – Mal temos imagem. Não, não tem captura

de som nenhuma.

Meu pai do céu. Suspiro aliviada.

– Por quê? – pergunta ele.

– Ahn... Só queria saber se vocês ficavam escutando a gente fofocar na Sauna – respondo, tentando disfarçar o melhor possível e falhando enormemente.

Ele dá risada.

– Não, nada do tipo. Não conseguimos ouvi-las a não ser que vocês liguem pra gente. Podem fofocar à vontade. O sistema é velho. Faz uma década que não é atualizado, na verdade. Eles vão precisar investir nisso logo. A empresa terceirizada que monitora o sistema de alarme fechou as portas duas semanas atrás. Agora, se tivermos algum problema no meio da noite, só poderemos chamar a polícia local.

– É só ligar pra Bailey – comenta Grace. – Ela vai perseguir os criminosos e derrubá-los.

Bato no ombro dela.

– Cala a boca, Grace Achebe, ou vou começar a contar o troco devagar que nem a Michelle.

– Nãooooo! – Ela acena para Pangborn. – Ei, vai deixar a gente entrar ou o quê? Nem todo mundo tem o privilégio de poder tomar seu remédio natural pra fazer o dia passar mais rápido.

O velho segurança abre um sorriso bobo e bate na porta, anunciando:

– Equipe Grailey se apresentando para o serviço, rapazes. Abram a porta. Parece que perdi minha chave de novo...

Depois que nos ajustamos e entramos no ritmo, Grace desliga o microfone e diz:

– Por que você perguntou pro Pangborn aquelas coisas sobre ouvir nossa fofoca?

– Por nada, na verdade – respondo, mas ela não desiste. – Eu só fiquei preocupada que Porter estivesse ouvindo nossas conversas.

– Por quê?

– Por causa de umas coisas que ele disse uns dias atrás. Não é nada. É bobagem, sério. Ele sabe que eu gosto de doce...

– Eu contei isso pra ele.

– É, foi o que ele disse.

– Ele tem feito perguntas sobre você ultimamente. Várias, aliás.

– Ah, é?

– Ahã. – Ela me espia pelo canto do olho.

– Sobre tipo o quê?

Ela dá de ombros.

– Sobre coisas. Ele é curioso. É da personalidade dele.

– Tipo um gato? – Então isto não é nada fora do normal. Ela não diz mais nada, por isso falo: – Bem, enfim. É isso. Ele só ficou me provocando com uns bolinhos lá nas Abelhas e...

Sinto a cabeça de Grace virar com tudo na minha direção.

– O QUE FOI QUE VOCÊ ACABOU DE DIZER?

– Ai meu Deus, Grace. Meus ouvidos. Eu não sabia que você podia falar tão alto. – Ainda há uma fila para atender, então boto um sorriso falso no rosto e passo ingressos pelo buraco da janela. – Feriu mesmo meus tímpanos.

– Mas foi isso o que você disse, né? Que foi ao teleférico com Porter? Por que você foi ao teleférico com Porter?

– É uma longa história.

– Temos seis horas.

Suspiro. Entre clientes, conto a versão resumida dos acontecimentos. Não lhe conto da minha busca em andamento por Alex, porque é pessoal demais; só conto que conheci Patrick e que não notei que estava arrastando as asas no galinheiro errado.

– Patrick Killian?

Suspiro. *Quão pequena é esta cidade, afinal?*

– Ele devia ter te contado – emenda ela.

– Eu devia ter percebido.

Grace balança a cabeça.

– Ainda acho que ele devia ter deixado mais claro. De jeito nenhum vocês dois entenderam errado os sinais. Ele devia se envergonhar.

– Não sei – digo, mas gosto da demonstração de apoio dela.

Ela faz um sinal para eu continuar.

Prossigo com minha história, deixando de fora a maior parte dos detalhes, especialmente os que dizem respeito a sentimentos secretos e pernas se tocando.

– Ele só estava tentando me animar – digo ao terminar de lhe contar sobre Porter e as Abelhas. – Não foi nada de mais.

– Humm. – É tudo o que ela fala.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que isso tudo é muito interessante.

– Por quê?

Quatro batidas rápidas na porta da Sauna. Me sobressalto. Grace solta um gritinho. Quatro batidas só podem significar uma pessoa. Meus nervos ficam doidos quando Grace abre a porta.

– Senhoritas – cumprimenta Porter.

– Veja só, falando no diabo – diz Grace, me dando um sorriso tão malvado que mal consigo acreditar que esteja em seu lindo e doce rosto. Imediatamente me arrependo de ter contado qualquer coisa e tento lhe mandar um sinal com meus olhos: *se você der uma pista que seja, vou te estrangular durante o sono.*

Porter olha para ela, então para mim. Capto seu olhar e tento desviar o meu, mas é como mel. Está grudado. Consigo sentir minhas entranhas derretendo, e meu coração bate tão rápido como se corresse de uma horda de zumbis. Parece que não consigo inspirar ar suficiente. Porcaria de Sauna. É sufocante. Me sinto fisicamente mal e receio desmaiar.

– E aí – cumprimenta ele numa voz suave.

– E aí – respondo.

Em algum lugar a distância, ouço um leve tep-tep-tep.

– Bailey.

Gosto muito quando ele fala meu nome. Deus, como sou boba!

– Que foi? – respondo.

– Clientes.

Droga. Consigo não falar isso em voz alta, mas acabo girando rápido demais no meu banquinho e batendo meu joelho ralado – que ainda não sarou completamente –, o que me faz soltar um grito. A dor ajuda a quebrar

qualquer feitiço vudu louco que Porter tenha jogado sobre mim. Até que algo cálido toca minha mão.

Olho para baixo. Porter está tentando me entregar um lenço dobrado. Meu joelho está sangrando de novo. Murmuro um obrigada e pressiono-o contra a ferida novamente aberta enquanto lido com a janela da bilheteria com apenas uma mão.

– Você vai na festa da fogueira hoje à noite? – pergunta Porter. Ele está falando com Grace, não comigo.

– Vou. E vou levar Bailey, se ela não tiver perdido a perna antes do fim do nosso turno. Nunca dá pra saber na Sauna. É uma zona de guerra aqui. Melhor cair fora enquanto pode.

– Tô indo, tô indo – diz ele, fingindo rabugice. Será que detectei um tom jovial em sua voz? Ele está feliz que eu vou à festa da fogueira ou só estou imaginando? – Acho que então nos veremos à noite, a menos que alguém precise de uma ambulância antes.



Grace chega à minha casa pontualmente às oito. Mal tive tempo de tirar a roupa do trabalho e vestir uma que suponho ser apropriada para uma festa na praia – para mim, isso significa me vestir como Annette Funicello em um dos filmes da Turma da Praia dos anos 1960: uma blusinha de bolinhas vermelha e branca com babados que me cai como uma luva, um shortinho branco com barra ondulada e uma sandália anabela com salto de corda. Quando Grace vê o que estou usando, me dá uma olhada de cima a baixo e diz:

– É o look mais lindo que já vi, de verdade, mas você vai congelar até a morte e então vai cair e quebrar o pescoço. Bote outro sapato e vista um bom casaco.

Putz. Troco as anabelas por um par de tênis vermelho. Nesse meio-tempo, papai se encantou muito por Grace e está tentando convencê-la a ficar um pouco, pedir pizza e jogar uma partida de Colonizadores de Catan. Ela não faz ideia do que é isso, e ele não está conseguindo explicar. Ele é capaz de falar por horas sobre assuntos de seu interesse, e eu preciso chegar até a porta com Grace, mas agora ele está pegando a velha caixa do jogo. Deus, seja misericordioso.

– Pai – digo enfim. – Nós vamos encontrar os amigos de Grace. Não temos tempo pra comercializar ovelhas.

Ele ergue as duas mãos em rendição.

– Entendi. Divirtam-se, meninas. Mas, Grace, por favor traga-a de volta até

meia-noite. É o horário limite dela.

– É? – pergunto. Nunca falamos sobre isso.

– Pode ser? – pergunta ele. Agora ele também está inseguro.

– Bem, por mim não, sr. Rydell – diz Grace. – Porque esse é o meu horário também. Então vou trazê-la quinze minutos antes, pois levo esse tempo pra chegar daqui até minha casa. O que acha, hein?

– Perfeito! – diz papai, radiante. Ele tomou a decisão paterna certa, alinhada às decisões de outros pais normais. A vida é boa. E é boa para mim também, porque agora posso sair rapidinho daqui como uma péssima filha delinquente juvenil, para fazer algo que ele não gostaria que eu fizesse, enquanto menti e lhe disse que iríamos ao calçadão. Antes que meus nervos fiquem à flor da pele, pego um moletom, me despeço e puxo Grace porta afora.

Grace dirige um carro bonitinho de dois lugares com teto solar. Durante todo o trajeto até a praia, ela tenta me dizer a real sobre quem estará lá e como a festa poderá ser, mas ainda não estou preparada. O pôr do sol está pintando o céu de rosa-escuro ao sairmos da estrada, bem ao norte da enseada, e estacionarmos com outros cem carros, ao longo da rodovia, meio na pista e meio na areia áspera. Penhascos rochosos se erguem do oceano, transformando-se em uma cadeia de montanhas costeiras a distância. E as ondas quebram tão forte aqui que quase soa como uma música sinistra – porém, há música de fato explodindo pelos alto-falantes de um carro. Ela ecoa por uma rocha irregular que parece uma tigela em forma de meia-lua, a uns duzentos metros ou mais da estrada. Dentro dessa meia-lua, há uma cova arenosa, onde várias dezenas de adolescentes estão reunidas ao redor de uma fogueira enorme que irradia uma luz vacilante nas paredes escarpadas.

O Bone Garden.

Grace e eu vamos declive abaixo pelo caminho marcado por pisadas na grama costeira. Conforme seguimos, somos recebidas por uma variedade impressionante de cheiros e sons. Marshmallows tostados e cerveja ruim. Risadas, gritos e xingamentos. Um garoto chora escondido enquanto outro se desculpa e pede que ele por favor não vá embora. *Te entendo, cara*, penso, pois estou sofrendo o mesmo ataque de pânico.

– Tarde demais – diz Grace, sentindo minha necessidade de escapar. – É uma caminhada longa para voltar à civilização, de qualquer jeito.

Isso era pra me acalmar?

Antes que eu perceba, chegamos à areia, onde ela avista pessoas que

conhece. E Grace conhece todo mundo. Ela está abrançando pescoços e acenando para pessoas. Se houvesse bebês aqui, ela provavelmente os beijaria. Esta garota aqui é uma política nata. E está me apresentando a tanta gente que não consigo acompanhar. Casey é uma líder de torcida. Sharonda é presidente do clube de teatro. Ezgar já passou pelo reformatório, mas não foi culpa dele (não sei direito o que não foi culpa dele, mas não foi). Anya está saindo com Casey, mas não era para ninguém estar sabendo. E, no meio disso tudo, era surfista para lá, era surfista para cá, era surfista para todo lado. Ah, alguns skatistas e ciclistas. Um surfista com remo, porque “é isso que tá pegando”, ao que parece.

Tem pessoas demais aqui. A maioria não parece fazer nada de errado, então, enquanto vamos nos esgueirando pela multidão, me sinto um tiquinho menos culpada de ter mentido para papai esta noite. Claro, estou vendo algumas pessoas bebendo cerveja e fumando, e sinto o mesmo cheiro doce que emana das roupas de Pangborn, o que significa que tem alguém passando um baseado. Mas, levando em conta um grupo tão grande, não tem nada de louco acontecendo. Quero dizer, nenhum sinal de Davy e sua turma até agora, dedos cruzados. Nenhum sinal de ninguém mais, inclusive...

Em dado momento entre esses cumprimentos todos, me perco de Grace. Não sei nem que hora acontece. Num minuto estou ouvindo uma história confusa sobre uma colisão envolvendo um caminhão de sorvete e um poste elétrico e, quando percebo, estou cercada de pessoas cujos nomes só meio que lembro. Tento não entrar em pânico. Apenas fujo discretamente e finjo que sei para onde vou enquanto procuro o cabelo bem cortado de Grace, ligando meu charme Matreiro ofuscante: parecer casual e entediada, mas não muito entediada. Não ficar parada. Essa é a chave para ninguém sentir pena de você, da garota nova esquisita. Porque há certos tipos sociáveis que sempre tentarão trazê-la para baixo de sua asa – o pessoal do teatro, com certeza – e posso vê-los circulando como abutres. É preciso evitá-los.

Mas há um limite de pertencimento fingido que dá para apresentar até que as pessoas percebam que você só está andando de um lado para o outro sem fazer nada: sem falar com ninguém, sem entrar na fila do barril que está enfiado num buraco na areia, onde as pessoas constantemente encham copos plásticos vermelhos com uma cerveja que tem um cheiro horroroso. Enfim eu me retiro e encontro um espaço vazio num pedaço de madeira nas sombras. A situação do assento é uma mistura de cadeiras de jardim enferrujadas, caixotes de madeira, pedras planas e alguns cobertores maltrapilhos. Parece mais accidental que organizado, como se algumas dessas coisas tivessem sido trazidas pelas ondas no início do dia, e eu me arrependo de ter vestido um short branco. Provavelmente seria mais limpo sentar na areia.

– Você tá: a) brava, b) triste ou c) perdida?

Meu estômago dá várias voltas rápidas e sucessivas.

É Porter, ou a silhueta de Porter, porque ele está parado diante da fogueira com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

– C, perdida – respondo. – Não fazia ideia de que Grace era tão popular. Ela é tão compacta que é possível que esteja no meio de um desses grupos e eu só não estou conseguindo achá-la. Eu ia dar a ela mais cinco minutos pra emergir antes de mandar uma mensagem. – Eu não ia mandar nada, na verdade, mas não quero que ele pense que eu ia ficar aqui sentada sozinha por horas.

– Acho que ela foi uma fada numa vida passada. Todo mundo acredita que ela vai realizar desejos ou algo assim. – Ele gesticula para um espaço vazio no meu tronco. Gesticulo em resposta: *Fique à vontade, por favor*. A madeira frágil range com o peso dele. Ele imita minha pose, enterrando os calcanhares na areia, braços cruzados e joelhos dobrados. A luz do fogo dança pelos retalhos de suas cicatrizes, gravando padrões de sombra em sua camiseta. Nossos cotovelos estão próximos, mas não se tocam.

Estou aliviada que ele não esteja tomando parte em nenhum dos diversos vícios disponíveis ali. Pelo menos ele parece estar em sua versão sóbria normal. Nenhum copo plástico na mão, nada de cheiro de fumaça. Na verdade, ele cheira bem esta noite, a sabonete. Não é coco, porém. Estou quase decepcionada.

A cabeça dele se inclina para mais perto.

– Você tá me cheirando, Rydell?

Volto para trás.

– Não.

– Você estava, sim. – Ele sorri aquele seu sorriso lento.

– Pro seu governo, eu só estava curiosa em saber se você estava bebendo.

– Nem, eu não bebo mais. – Ele encara a fogueira, observando alguns idiotas tostando marshmallows cujas varetas pegam fogo. – Lembro que quando era criança meus pais arrastavam Lana e eu pra casa do meu avô, e ele dava umas festas doidas no quintal. Vinham surfistas de todos os lugares. Rolavam umas coisas bem loucas lá. Havia drogas em toda parte. Nunca faltava bebida. Pessoas nadavam peladas na piscina. Músicos famosos passavam na festa e tocavam na sala de estar.

– Não consigo imaginar uma infância assim. – Parece estranho. Alienígena.

– Não me entenda mal. Não era assim na minha casa nem nada. Meus pais são o oposto exato disso. Especialmente meu pai. Acho que ele viu o pai festejar tanto que ficou de saco cheio. Ele é absurdamente competitivo e tudo tem a ver com surfe, o que significa que quer estar sempre na melhor forma. Nadade drogas nem bebidas, tinha que manter a boa forma. Imagine um sargento de treinamento do exército e multiplique por cinquenta.

O pai dele e o meu não poderiam ser mais diferentes. Sou completamente grata por isso e mais uma vez sinto uma dor de culpa por ter mentido sobre vir para cá.

– E a minha mãe... – continua ele. – Ela só quer manter a loja funcionando, porque, depois de tudo o que aconteceu, ela prefere ver nós todos em casa que na água.

Entendo o motivo.

– Você... tem intenção de surfar profissionalmente, como sua irmã?

– Essa é uma pergunta dolorida, Rydell.

– Desculpa, deixa pra lá.

Ele balança a cabeça.

– Não, de boa. Não é que eu não consiga surfar. Sou bem bom. – Ele sorri um pouco, me olhando de soslaio, e dá de ombros. – É só que, por um tempo depois do tubarão, eu tive O Medo. E não dá pra ter O Medo, senão o oceano te engole vivo. – Ele solta o ar pesadamente, seus lábios vibram, e corta o ar com a mão como se dissesse *Fim da história*. – Em dado momento consegui superar. O engraçado é que, depois que isso aconteceu, eu não sabia se ligava mais. Quero dizer, ainda curto surfar. Pego onda quase toda manhã. Mas não tenho mais certeza se quero competir. Quero surfar porque gosto... e não porque sou obrigado, sabe?

– Sei exatamente o que quer dizer. – E sei mesmo, porque seu rosto não se ilumina com o surfe do mesmo modo como acontece quando está falando de correntes marítimas e padrões climáticos.

Alguém grita bem alto o sobrenome de Porter. Ele olha para cima e xinga baixinho. Uma figura de cabelo platinado se aproxima circundando a fogueira.

– E aí, pastorinha.

Oh, que incrível. É Davy. Acho que ele está bêbado. Não tanto quanto daquela vez na faixa de pedestres, mas com certeza ele bebeu, porque está fedendo, e ele está dando aquela risada gaguejante que os maconheiros dão quando estão altos. Ele também não está mancando, o que me faz pensar que

ele não está sentindo muita dor agora.

– O que tá rolando aí? Vocês dois parecem aconchegados demais.

– Só estamos sentados e conversando, cara – diz Porter, bastante irritado. – Por que você não vai falar com Amy e depois a gente te encontra?

– Ah, você iria gostar, não é?

– Do que você tá falando, Davy?

– Tá tentando me fazer pagar pelos meus pecados? Porque eu a convidei pra esta festa – ele mexe a cabeça preguiçosamente na minha direção –, mas parece que você tá dando em cima dela, o que não é legal.

– Ahn, quê? Foi Grace quem me convidou, mas de jeito nenhum vou me meter nisso.

– Você tá bêbado – diz Porter com cuidado, apontando um dedo decidido para Davy –, por isso vou te dar cinco segundos pra você sumir da minha frente.

Estou ficando preocupada agora. Porter está mais do que intimidador: ele está assustador pra cacete. Eu não conheci muitos rapazes como ele, mais pro lado homem na escala de masculinidade. Não pessoalmente, pelo menos.

Davy faz algo com seu rosto que pode ser classificado como um sorriso.

– Ei, relaxa, cara. De boa. Esquece. Bróders vêm antes das Betty.

Que nojo. Eu sou uma “Betty”? Porter pressiona as juntas de seus dedos contra a lateral da minha coxa... um aviso. Acho que ele está no controle.

– Além disso, planejei uma coisa especial pra você. Sabe que dia é hoje, não sabe? O aniversário da morte do Pennywise, cara. Vou fazer um brinde pra ele. Fica olhando.

Davy marcha ao redor da fogueira até o outro lado, pedindo para alguém trazer o “brinde”, seja lá o que for isso.

– Idiota – resmunga Porter. – É mês que vem, não hoje. Ele é um desperdício de espaço.

Só estou aliviada que ele se foi e que ninguém está socando ninguém, mas, quando vejo o cenho de Porter baixar, sei que ainda não acabou. Ouvimos um barulho alto, e faíscas disparam na nossa direção. Nos inclinamos para trás enquanto a multidão faz *o-o-oh!* Alguém está jogando mais lenha na fogueira do outro lado. Vários alguéns. Caixas de madeira, pedaços de cadeiras, toras... tudo isso está sendo lançado na cova arenosa. O fogo ruge como uma fera. Os participantes da festa arquejam em deleite. Não demora nada e a

fogueira está duas vezes mais alta que antes.

Gritos altos de comemoração preenchem a praia. O fogo está enorme. O fogo está forte. A multidão está satisfeita.

Bem, nem todos. Porter entra nessa última categoria. Ele está me puxando para ficar de pé e falando uma série de xingamentos perto do topo da minha cabeça.

– Será que não aprendem nunca?

– Qual é o problema? – pergunto, e é então que percebo as orlas da multidão começando a desmanchar: aqui e ali, várias pessoas estão se afastando e seguindo a trilha até os carros estacionados.

– É a fogueira – explica Porter. – Quando está alta demais, qualquer um pode ver da estrada. As pessoas que moram nas redondezadas toleram a fogueira desde que não dê pra ver. Senão chamam a polícia. É como uma porcaria de um bat-sinal. Idiotas!

Porém, não é só isso. Tem alguma coisa acontecendo do outro lado da fogueira. Chamo a atenção de Porter e aponto para onde dois garotos erguem Davy e ele sobe em uma pedra grande e plana na beira da praia. As ondas quebram nela, espirrando espuma nas pernas dele. Ele não parece ligar ou perceber. Está ocupado demais segurando algo que parece um bastão grande e, quando grita para todos calarem a boca, o pessoal se aquieta e escuta.

– Em homenagem a todos os nossos finados irmãos cujos ossos se bateram contra estas pedras no jardim da bondade e da maldade, esta noite, no aniversariu... no aniversário... – ele erra e se corrige logo depois – no aniversário da morte de Pennywise, vou fazer uma saudação estilo militar com três saraivadas. Prontos?

De que raios ele está falando?

– Ah, meu Deus – diz Porter.

Davy se vira para ficar de frente para a parede de pedras, empoleira o bastão no ombro e...

Meu mundo se transforma.

Eu...

Não estou na praia.

Tenho 14 anos e estou parada na sala de estar de nossa antiga casa em Nova Jersey. Eu estava voltando a pé da escola. Há vidro estilhaçado e sangue pingando no tapete caro. E minha mãe está gritando, mas não consigo ouvir nada.

Então o tapete se transforma em areia e a multidão ruge feliz e tudo volta ao normal. Só que não.

– Bailey! – Porter está gritando na minha cara, me chacoalhando.

Tento engolir, mas minha garganta está muito seca.

– Bailey?

Estou bem agora, de verdade. Estou sim. Está tudo bem. Só estou com medo de chorar na frente dele, o que seria humilhante. Mas é tarde demais, porque verifico meu rosto e algumas lágrimas já começaram a vazar. Limpo-as e puxo o ar algumas vezes.

Bum!

A memória terrível vem de novo, mas desta vez eu não desapareço. O barulho só me faz estremecer bem forte. Talvez Porter não estivesse me chacoalhando antes. Talvez eu só esteja tremendo.

– Nossa, o que foi? – quer saber Porter. Ele afasta o cabelo da minha testa, tentando checar se estou com febre.

– Eu tô bem – digo enfim, tirando sua mão da minha testa. Não porque não quero sua ajuda, mas porque preciso ver o que Davy está fazendo. Ele está recarregando. Saudação de três saraivadas, ele disse, então tem mais uma. Acho que ele tem uma espingarda. É difícil identificar daqui.

Odeio isso. Odeio ficar deste jeito. Fazia tanto tempo que não acontecia. E eu não estava preparada. Se eu sei o que está por vir, posso me preparar. Mas isto...

Davy põe a arma contra o ombro. Último disparo. Cubro minhas orelhas com as mãos. Por um breve momento, vejo Porter angustiado e confuso, então ele puxa minha cabeça contra seu peito e me envolve com seus braços. *Bum!* Pulo presa a ele, mas Porter não me solta. E isso ajuda. A explosão foi abafada. Tenho uma âncora sólida, e não quero soltá-la. É vergonhoso como estou fortemente agarrada a ele agora, mas nem ligo, porque ele é seguro e quente. O problema é que ele está tentando me soltar, está tentando me dizer alguma coisa, e eu deveria muito ouvir.

– A gente precisa ir, Bailey – ele está me dizendo. – Agora.

Vejo o motivo.

Luzes vermelhas e azuis. A polícia chegou.

Capítulo 14

“Reprimir os sentimentos de alguém só os torna mais fortes.” – Michelle Yeoh, *O tigre e o dragão* (2000)

– Preciso achar Grace – grito para ele enquanto corremos pela areia.

Está um caos completo, todos dispersos, metade das pessoas entupindo a trilha que se eleva para onde os carros estão estacionados, mas é lá que estão as luzes da polícia.

– Gracie sabe se cuidar – Porter grita de volta. Ele prendeu minha mão na dele e está dando ombradas para abrir caminho pela passagem principal, na direção da área escura da praia, longe da fogueira. Longe das pessoas. – Ela já passou por isto antes e tem um milhão de amigos que podem levá-la pra casa.

Não acho isso certo. Tento lhe dizer isso, mas há tanto barulho que mal consigo ouvir minha própria voz. Agora vejo duas viaturas, em vez de apenas uma. É então que um pensamento me acerta: e se for Wanda? Ela me prenderia, mesmo que eu não estivesse bebendo? Imagino papai tendo que me buscar na delegacia e meu estômago se retorce.

– Polícia – diz uma voz masculina estrondosa pelo alto-falante da viatura. – Mãos ao alto.

Cacete. Eles estão prendendo alguém. Espero que seja Davy e sua espingarda explosiva.

Porter nos leva além do rebanho principal de gado fugitivo. Circundamos correndo uma rocha e ele encontra um caminho secundário através da vegetação costeira seca que algumas outras pessoas da festa estão escalando. Está escuro, mas é útil.

– Fique abaixada – diz Porter, e seguimos por ali, nos esgueirando pela grama seca. Pouco antes de subirmos a colina, temos que parar e esperar uma viatura terminar de vasculhar a área com seu holofote. Quando estou a meio minuto de sofrer um derrame, recebo uma mensagem de Grace: *Cadê você?* Respondo: *Escapando com Porter. Você tá segura?* Ela responde: *Sim, tudo bem. Estava preocupada que tinha te perdido. Diga ao P para ir sentido norte na Gold para a Cuangua Farm. Me avise quando chegar em casa.*

Mostro as mensagens a Porter. Ele assente e, quando não há mais sinal de perigo, corremos por um milhão de carros estacionados até chegar ao que parece ser uma Kombi azul-clara – aquele modelo dos anos 1960 e 1970, comprido e com várias janelas laterais. Meu pai as chama de vans de surfistas, porque são grandes o suficiente para transportar pranchas sobre o teto. Esta aqui está coberta de adesivos de surfe descolando nas janelas traseiras e tem

para-choques pintados de branco. Porter abre a porta do passageiro e escorrega para o assento do motorista, então me chama para subir também.

– Merda! – Ele está enfiando a chave na ignição quando luzes piscantes vêm de novo na nossa direção. O motor protesta e não parece querer pegar, e é como um filme de terror ruim. – Vamos lá, vamos lá. – Eis que finalmente ele ronca vivo, bem alto. Rodas giram, lançando areia para trás, então partimos e damos as costas para este pesadelo, rolando o mais rápido que uma van de 50 anos é capaz, o que não é nada rápido, mas quem liga? A cena desagradável está no espelho retrovisor de Porter.

Prendo meu cinto de segurança e imediatamente derreto no assento.

– Caramba! – exclamo.

– Você tá bem?

– Não sei.

– Quer conversar sobre o que rolou lá?

– Não.

Seu cenho se franze.

– Desculpe por tudo aquilo... por Davy.

– É. Ele é um panaca completo. Sem querer ofender, mas por que você é amigo dele?

Dedos se erguem esticados e em seguida se dobram sobre o volante.

– Nós crescemos juntos, surfando. Ele era meu melhor amigo. A família dele foi pro ralo, e meu pai cuidou dele por um tempo, o treinou. Minha mãe tinha pena de Davy. Ele praticamente morou na nossa casa por um período. Então se machucou no surfe uns anos atrás. Uma de suas pernas é cheia de placas e pinos.

Por isso ele manca.

– Ele sente muita dor, o que destruiu qualquer chance que ele tinha de surfar a sério. Isso o deixou amargurado e bravo... e o mudou. – Porter suspira forte e coça o pescoço. – Enfim, ele começou a fazer merda, e eu te falei como meu pai é. Meu pai não tolerava as bobagens de Davy, então parou de treiná-lo até que ele tomasse um jeito na vida. E, além disso tudo, Davy basicamente acha que sou um idiota por não querer surfar profissionalmente, diz que sou privilegiado e estou desperdiçando. Além disso...

O que quer que ele fosse dizer, parece pensar melhor e guarda para si. Me pergunto se tem a ver com toda aquela conversa insultante e bêbada que Davy

estava cuspidando lá na festa. Sobre a garota que mencionaram na frente da loja de roupas vintage, Chloe.

– Enfim, desculpe por tudo – diz ele. – Vou conversar com Davy amanhã quando ele estiver sóbrio. Não tem sentido ir vê-lo hoje. Só vai virar uma briga cheia de socos. Sempre vira. E, quem sabe, talvez ele tenha sido preso desta vez. Talvez lhe faça bem.

Não sei o que responder. Não consigo imaginar ter um melhor amigo que você odeia. É bem zoadado.

– Aqui dentro tem seu cheiro – comento depois de um longo momento.

– É mesmo? – O volante da Kombi é enorme. Acabei de notar. Além disso, o assento é uma coisa única gigante que toma toda a parte da frente da van. E tem uns monstros de borracha grudados em pé no painel: um alienígena, um Monstro do Lago Ness e um Godzilla. Espere, não é um alienígena: é um tubarão-da-groenlândia. Todas criaturas do mar: todos monstros aquáticos. O que não mata...

– Coco – digo. – Você sempre cheira a coco. – Então, porque está escuro na Kombi e porque estou livre daquele pânico todo e porque minha guarda está baixa, acrescento: – Você sempre cheira bem.

– Sex Wax.

– Quê? – Me sento um pouco mais ereta.

Ele estica o braço para embaixo do banco e me joga o que parece ser um sabonete enrolado num plástico. Seguro alto contra o vidro para ver o rótulo com a luz da rua.

– Mr. Zog's Sex Wax – eu leio.

– É parafina. É pra esfregar no deck da prancha – explica ele. – Pra tração. Sabe, pra você não escorregar quando estiver surfando.

Eu cheiro a barra. É mesmo esse o perfume.

– Aposto que seus pés têm um cheiro maravilhoso.

– Você não tem fetiche por pés, tem? – pergunta ele com a voz brincalhona.

– Eu não tinha, mas vai saber agora...

Os pneus da Kombi saem da estrada e percorrem o acostamento de cascalho, e ele puxa o volante bruscamente para retornar à pista.

– Oops.

Damos risada, os dois envergonhados.

Jogo a parafina no chão.

– Bem, outro mistério solucionado.

– Não era um grande mistério. Vamos voltar ao seu. – Ele pega uma ruazinha no limite da cidade. Deve ser o caminho que Grace sugeriu. – Lembro de você comentar alguma coisa sobre não gostar de filmes com armas quando foi à loja de DVDs com Patrick.

Ugh. De novo isto. Abraço minha barriga e olho pela janela do passageiro, mas não há nada além de casas e está escuro lá fora.

– Nossa, você ouviu tudo mesmo naquela manhã, hein?

– Quase tudo. O que aconteceu? Eu te contei tudo sobre o incidente com o tubarão e mal te conhecia na época.

– É, mas você é uma pessoa aberta que gosta de conversar. Deve contar essa história pra todo mundo.

– Na verdade não. – A cabeça dele vira para mim, e vejo seus olhos chicotear na minha direção. – O pessoal da escola não é nem louco de me perguntar.

Eu não perguntei.

– Olha só, não vou te forçar a conversar sobre o assunto – diz ele. – Não sou terapeuta. Mas, se quiser falar, sou um bom ouvinte. Não faço julgamentos. Às vezes é melhor botar pra fora. A coisa apodrece e fica esquisita quando fica guardada. Não sei por quê, mas fica. Falo por experiência própria.

Não digo nada por um longo tempo. Seguimos os dois em silêncio pelas ruas escuras, silhuetas de montanhas erguendo-se num lado da cidade, o oceano se estendendo no outro. Então eu lhe conto uma parte da história. Sobre a minha mãe assumir o caso do divórcio dos Grumbacher quando eu tinha 14 anos. Sobre ela vencer o caso para a esposa, sobre a guarda da filha ter ficado com a mãe.

E sobre Greg Grumbacher.

– Ele começou a agredir minha mãe na internet – conto. – Foi como começou. Ele postava comentários horríveis nas redes sociais dela. Ela não respondia, então ele começou a falar com meu pai, depois comigo. Eu nem sabia quem ele era. Ele começou a aparecer muitas vezes na saída da escola, e ficava ali onde os pais param os carros enquanto esperam os filhos. Pensei que ele fosse o pai de algum colega meu ou algo assim.

– A gente morava só a duas quadras da escola – prossegui –, e eu

costumava ir a pé pra casa com uma amiga. Um dia, quando eu estava voltando a pé sozinha, ele foi caminhando comigo. Disse que era colega de trabalho da minha mãe. E, como ele tinha feito uma pesquisa detalhada na internet, despejou um montão de coisa sobre ela, então parecia que eles se conheciam mesmo. E eu confiava demais nas pessoas. Era uma criança idiota.

– Também fiz coisas idiotas quando era mais novo – diz Porter com suavidade. – O que aconteceu?

– Eu sabia que tinha algo errado quando chegamos à porta de casa, e eu não ia deixá-lo entrar, mas era tarde demais. Eu era pequena e ele era grande. Ele me dominou e se forçou pra dentro da casa...

– Que merda – murmura Porter.

– Minha mãe estava em casa – continuo. – Ela tinha esquecido uma papelada de que precisava para um caso. Foi sorte essa coincidência. Se ela não estivesse lá... Não sei. Todo mundo ainda tá vivo, o que é uma coisa boa. Ainda assim, quando tem um cara doido andando armado pela casa, ameaçando sua mãe...

– Nossa Senhora.

Respiro fundo. Confiro meu estado, me certificando de que não estou começando a tremer de novo, mas está tudo bem.

– Foi o barulho que me surpreendeu na festa da fogueira. É isso que me pega nos filmes também. A explosão de escapamento de carros tem o mesmo efeito. Não gosto de explosões altas. Parece bobo falando assim.

– Humm, não bobo. Se tivesse acontecido comigo, provavelmente eu ficaria do mesmo jeito. Acredite em mim, eu tenho meus problemas. – Ele faz um gesto amplo para a coleção de tubarões e hidras no painel da Kombi.

Dou uma risadinha, tocando a cabeça balançante de um dos tubarões, e relaxo.

– É. Enfim. Acho que o trauma de um disparo nem é o pior resultado possível. E o cara foi preso, obviamente.

– Meu Deus, Bailey. Nem sei o que dizer.

Dou de ombros.

– Eu também não. Mas é isso aí.

– Foi por isso que seus pais se divorciaram?

Começo a negar, mas penso melhor por um minuto.

– O divórcio aconteceu mais de um ano atrás, mas, agora que você tocou

nesse assunto, penso que nada voltou ao normal depois do tiroteio. Causou uma tensão na nossa família.

Ele assente, reflexivo.

– Mamãe diz que desgraças ou afastam as pessoas ou reforçam seus laços entre elas. Deus sabe que nossa família teve sua cota.

– Mas seus pais ainda estão bem. – Tento não transformar isso numa pergunta, mas não sei bem como.

Ele sorri.

– Meus pais são daqueles casais que você vê nos jornais, que têm 90 anos e estão juntos desde sempre.

Deve ser bacana. Considero dizer que pensava isso dos meus pais também, mas agora me pergunto se um dia achei isso mesmo.

Ele me pede orientações para a casa de papai e conhece a vizinhança; não me surpreende, já que ele morou aqui a vida toda. Ficamos em silêncio conforme a Kombi sobe as últimas poucas ruas ladeadas por sequoias e ventosas antes de chegar, e agora me sinto estranha por ter lhe contado. E tem outra coisa também: uma sensação incômoda no meio disso tudo, de que estou esquecendo alguma coisa. Uma quadra antes da casa de papai, lembro. Um alerta inunda meu peito.

– Pare a Kombi!

– Quê? – Ele pisa fundo no freio. – O que foi?

Solto meu cinto.

– Eu... Eu vou descer aqui. Obrigada pela carona.

– O quê? Você não disse que era na próxima rua?

– E é, mas...

– Mas o quê?

Balanço a cabeça.

– Vou a pé o resto do caminho.

A confusão no fundo dos olhos de Porter brilha e pega fogo. Agora ele está ofendido.

– Tá zoando? Você não quer que seu pai me veja, é isso?

– Não é pessoal.

– O caramba que não é. O que foi, minha Kombi é podre demais pra

Redwood Glen? Será que todas essas BMWs e Mercedes vão me perseguir até eu voltar pra costa?

– Não seja idiota. Não tem BMW aqui.

Ele aponta para a garagem à nossa frente.

Ok, uma BMW. Mas meu pai não dirigia um carro de luxo novo e não vivíamos em uma dessas casas elegantes... a dele costumava ser alugada para temporadas de verão. Ele está namorando uma policial, não uma médica; ele assiste a filmes de ficção científica, não a óperas. Agora que pensei no assunto, a família de Grace está numa situação bem melhor que a minha. Mas Porter está sendo teimoso, e é quase meia-noite. Não tenho tempo para discutir sobre mesquinhas.

– Tenho hora pra voltar – digo-lhe impaciente.

– Que seja. – Ele se inclina sobre meu colo e pega o puxador da porta. – Pode sair, então. Não quero envergonhar você.

Certo, agora eu que estou brava. Como é que passamos de abrir meu coração para uma briga? Estou muito confusa sobre o motivo de ele estar tão magoado. Ele é tão sensível assim? E são as garotas que carregam o estereótipo de ter as emoções à flor da pele. Penso em uma coisa que Alex me disse certa vez pela internet: meninos são idiotas.

Irritada e um pouco magoada, empurro a porta pesada e boto as pernas para fora. Mas, antes de saltar, todos os meus sentimentos confusos param na minha garganta e hesito. Não era assim que eu queria que a noite terminasse.

Talvez ele não seja o único que esteja sendo idiota.

– O problema é que – começo a dizer meio dentro da Kombi, meio fora – meu pai tá namorando uma policial, e nós três estávamos comendo no *food truck* de *pozole* outro dia, e Davy estava lá e foi um babaca na frente deles...

Apresso-me em botar o restante da história para fora antes de perder a coragem.

– E ela disse ao meu pai que ele não é boa gente e que tá envolvido com várias coisas pesadas relacionadas a drogas... E, depois de hoje, eu não quero vê-lo nunca mais, sem querer ofender. Mas, durante essa situação, Davy citou seu nome na frente deles, então, quando ele saiu, eu fiquei tentando te defender para o meu pai e para Wanda, e ela disse que sua família é de boa, mas o estrago já estava feito. Porque meu pai botou Davy na lista negra dele, e eu basicamente menti pra ir à festa hoje, por isso ele acha que estou com Grace no calçadão.

Porter faz um barulho baixo.

– Enfim, é esse o motivo – digo. – Obrigada por me salvar. E por me escutar.

Saio da Kombi e fecho a porta. Está velha e deteriorada, e tenho de batê-la outra vez. Então caminho pesadamente colina acima na direção da casa de papai. Não estou longe quando as luzes da Kombi se apagam e o motor desliga. Ouço moedas e chaves tilintando enquanto Porter corre para me alcançar.

Precavida, olho para o rosto dele quando ele começa a andar ao meu lado.

– Você não deveria andar sozinha à noite – diz ele. – Não vou deixar seu pai me ver.

– Obrigada – respondo.

Três passos lentos em sequência.

– Você podia ter dito aquilo desde o começo, sabe.

– Desculpe.

– Tá desculpada – diz ele, dando um sorrisinho. – Da próxima vez, conte a verdade *antes* de eu abrir minha boca e falar bobagem, não depois. Me poupa de parecer um cretino.

– Eu meio que gosto de ver você esquentadinho – brinco.

– Fervente, lembra?

– Lembro, sim – respondo com um sorriso. – Minha casa é aquela ali.

– Ah, a casa do velho McAfee. A que tem a árvore passando pelo solário nos fundos.

– É – confirmo impressionada.

– Meus pais conhecem todo mundo da cidade – explica ele.

Talvez agora ele acredite que eu não seja chique. Sussurro para ele me seguir até o outro lado da casa, perto da caixa de correio, de onde meu pai não vai nos ver se estiver na sala ou no quarto. Seu carro de colecionador está parado na entrada da garagem, o que significa que ele está em casa, mas não vejo nenhuma luz acesa. Me pergunto se ele está me esperando acordado. É a primeira vez que fico fora até tão tarde, então são grandes as chances de ele estar de pé – especialmente por termos feito tanto auê por causa do horário para voltar. Agora estou me sentindo culpada de novo. Ou talvez sejam só os meus nervos todos tilintando porque é quase meia-noite e estou parada sobre a grama úmida com um garoto com quem eu não deveria estar.

– Então – diz Porter, me encarando.

– Então... – repito, engolindo em seco e espiando a rua escura. Umas poucas luzes douradas brilham nas janelas das casas próximas, mas não há nenhum barulho além da passagem ocasional de carros e de um sapo cantando junto com alguns grilos nas sequoias.

Porter se aproxima. Eu recuo. *Ele está sempre invadindo meu espaço*, penso fracamente.

– Por que você foi à festa da fogueira hoje? – pergunta ele numa voz baixa.

Brinco com o zíper da minha blusa.

– Grace me convidou.

– Você saiu de fininho de casa porque Grace te convidou?

Ele dá um passo mais para perto.

Dou um passo para trás... e minha bunda bate contra uma coisa de madeira. *Putz*. Trombei com o poste da caixa de correio. Começo a circundá-lo, mas o braço de Porter se estica e me bloqueia. *Droga!* Dez pontos para a agilidade dos surfistas.

– Desta vez não – diz ele, me prendendo com a mão à caixa de correio. Sua cabeça se inclina para baixo. Ele fala pertinho do meu ouvido. – Responda à minha pergunta. Por que você foi à festa da fogueira hoje? Por que sair de fininho? Por que arriscar?

– É um dos seus testes? – inquiri, tentando soar brava, mas só estou insanamente nervosa. Estou encurralada, o que odeio. E ele está tão próximo que seu cabelo pinica minha bochecha e seu hálito aquece minha orelha. Estou ao mesmo tempo assustada e inebriada, preocupada que, se qualquer um de nós disser outra palavra, eu vá empurrá-lo.

Ou que não vá empurrá-lo.

Estou tentando-tentando-tentando não respirar tão rápido. Mas Porter muda de posição, e a mão que não está me prendendo cai para o lado de seu corpo. Seus dedos dançam sobre minha mão, o toque de uma fina teia de aranha, e ele traça desenhos suaves na minha palma aberta, sinais de código Morse, insistindo gentilmente, enviando milhares de pulsos de correntes elétricas pelos meus nervos.

– Por quê? – sussurra ele contra minha bochecha.

Solto um gemido.

Ele sabe que venceu. Mas ele pergunta uma última vez, agora no meu

ouvido.

– Por quê?

– Porque eu queria te ver.

Sequer consigo ouvir minha própria voz, mas sei que ele ouviu quando um suspiro, longo e intenso, escapa dele. Sua cabeça cai para a lateral do meu pescoço e se aninha ali. Seus dedos, que antes estavam me provocando com batidinhas significativas, agora se enlaçam aos meus, prendendo fracamente nossas mãos. E o braço que me fixa à caixa de correio agora está se erguendo, e sinto sua mão passar pelo comprimento do meu cabelo.

Um tremor corre por mim.

– Shh – diz ele com suavidade contra meu pescoço. Quase me despedaço.

Não sei o que estamos fazendo. Ou o que ele planeja fazer. Ou o que eu desejo que ele faça. Mas estamos nos balançando e nos apoiando um no outro como se a terra fosse se abrir sob nossos pés a qualquer instante, e fico com um pouco de receio de estar mesmo tendo um derrame, porque consigo ouvir o sangue correndo pelas minhas têmporas, e meus joelhos de repente parecem ter se transformado em gelatina e sinto que posso cair.

Então ele congela.

– Oquefoiisso? – Sua fala é indistinta, mas leva embora toda a sua calidez maravilhosa.

Agora eu também ouço. Vidraças balançando.

– Ah, meu Deus – sussurro. Vou ter um ataque cardíaco. – É o som estéreo da _{TV}. Meu pai deve estar assistindo a um filme idiota de ficção científica. As janelas chacoalham nas cenas de batalhas. – *Agora volte aqui.*

Então ouço uma pancada. Não foi a _{TV}. Foi a porta da...

– Garagem! – sussurro. – Do outro lado da casa!

– Droga!

– Ali! – digo, empurrando-o para um arbusto.

Dois passos largos depois e ele está escondido. Escuto o chiado da lata de lixo da garagem e solto o ar aliviada; papai não poderá nos ver de lá. Mas foi por pouco. Por muito pouco.

– Bailey? – chama papai. – É você?

– Sim, papai – respondo. *Maldito horário pra voltar.* – Cheguei. Estou dando a volta.

Um movimento chama a minha atenção. Me viro a tempo de ver Porter indo escondido até o outro lado da rua. Ele é bem bom, devo admitir. Não é nenhum Matreiro, mas ainda assim... Quando ele chega à calçada de lá, se vira para me olhar uma última vez, e juro que consigo vê-lo sorrir no escuro.

Capítulo 15

“Jamais confie num drogado.” – Chloe Webb, *Sid & Nancy* (1986)

Braços pequenos me envolvem por trás. Sou engolfada pelo perfume de loção para bebês.

– Desculpa, desculpa, desculpa – diz a voz élfica de Grace no meio das minhas costas enquanto ela me aperta. – Um dia você vai conseguir me perdoar?

É o dia seguinte, e estou parada na frente do meu armário na sala de descanso do trabalho. Trocamos mensagem ontem à noite depois que Porter escapou – e depois que papai se cansou de se admirar por não ter ouvido o carro de Grace subindo a rua e de perguntar por que ela não entrou. *Ugh*. Ao contar uma mentira, planeje contar outras vinte, pois elas se acumulam como lixo do dia anterior.

– Não tem nada pra perdoar – eu lhe digo. Só estou aliviada por ela não achar que eu a dispensei para ficar com Porter... nem perguntou por que eu estava com ele. – Mas, no Halloween, vou me fantasiar de árvore e você vai ser um bicho-preguiça. Vou te carregar por aí enquanto você come minhas folhas.

– Acho que você seria capaz de fazer isso – comenta ela, me soltando e se recostando nos armários com os braços cruzados. – Você tem toda aquela força secreta capaz de derrubar garotos adolescentes. Você era da equipe de luta na sua escola na cidade de Washington? A escola de Coronado Cove tem um time de Roller Derby, sabia? As Cavegirls.

Solto uma risada.

– Não, eu não sabia, mas vou me lembrar disso quando as aulas começarem.

– Olha só, desculpa mesmo ter perdido você na festa. Não era minha intenção. Nem sei como aconteceu. Freddy começou a falar comigo e de repente você desapareceu. Alguém disse que você estava conversando com os gêmeos.

– Eu estava mesmo. Eles me apresentaram a outra pessoa. Não sei. Não lido muito bem com essa coisa social – admito. – Mas deu tudo certo no fim das contas.

Ela dá uma olhada por toda a sala de descanso. Só tem umas poucas pessoas ali, e ninguém está prestando atenção em nós.

– Então, conta aí. Porter levou você pra casa? E...?

– E o quê? – *Droga. Era para evitar esse assunto.* Sinto meu rosto ficar quente, por isso me ocupo procurando um item inexistente no meu armário.

– Só estou dizendo que vocês dois têm passado um tempão juntos e têm feito um montão de perguntas um sobre o outro...

– Eu não fiz pergunta nenhuma. – *Fiz?*

– E você lança uns olhares pra ele do tipo *Eu queria pular em você com a minha força poderosa de Roller Derby.* E ele te dá uns olhares do tipo *Eu queria surfar nas suas ondas.*

– Você tá louca.

– Mmm-humm. É o que vamos ver – murmura ela, então fala para alguém atrás de mim numa voz alegriinha: – Boa tarde, Porter queridinho.

– Olá, senhoritas.

Meus batimentos cardíacos saltam para o nível 5 da escala Richter. Tento parecer casual e manter a calma ao virar para a minha direita. Mas ali está ele, com a mão apoiada na porta do meu armário, e qualquer autocontrole que tentei reunir sai voando como guardanapos de papel numa ventania.

– Você ainda tá viva, então parece que foi tudo bem com seu pai – comenta ele.

– Nenhum problema – confirmo.

– Bom, bom. Fico contente.

– É. – É só minha imaginação ou hoje ele está com mais cheiro ainda de Sex Wax? Será que foi de propósito? Ele está tentando me seduzir? Ou sou eu que estou mais sensível? E... que caramba! Será que o ar-condicionado da sala de descanso quebrou? Porque de repente sinto como se estivesse dentro da Sauna. Nota mental: não pensar na palavra “sex” quando ele estiver na minha frente. Nunca, nunca, nunca.

– Então, é – diz ele, meio que sorrindo para si mesmo enquanto fica batendo no topo do meu armário. – Eu vim falar pra você, ahn, pra vocês duas... vim falar pra vocês duas – esclarece ele, olhando para Grace. – Teremos um novo sistema de fechadura... A história é longa, mas eu tenho que ajudar a instalar. Por isso Pangborn e Madison vão tratar de todas as necessidades da Sauna hoje. Sabem, no caso de vocês ficarem se perguntando onde tô.

– Como se pensássemos em você o tempo todo – diz Grace com sarcasmo.

– Eu sei que você pensa, Gracie – retruca ele, dando uma piscadinha. Ele se inclina um pouco mais para perto, ainda apoiado no meu armário, e fala comigo numa voz baixa: – Eu queria saber se você tem planos pra depois do trabalho.

Coração. Explodindo.

– O que foi que você disse? – pergunta Grace.

Porter empurra a cabeça dela brincando.

– Acho que escutei alguém te chamando, Gracie. Foi o Cadáver? Ele disse que você tá demitida por ficar ouvindo a conversa particular das outras pessoas.

– Particular, é? – diz ela. – Me parece que esta sala de descanso é bem pública e, se lembrar bem, nós duas estávamos conversando antes de você chegar.

Ele a ignora e me olha com expectativa.

– E aí?

– Não tenho planos – revelo.

– Ah, que bom. Quer sair pra comer mais tarde?

Fica tranquila, Rydell. É possível que isto seja um encontro.

– Sim, por que não?

– Ótimo. Humm, então... A gente devia pegar o celular um do outro. Podemos ir direto daqui, mas, sabe, vai que a gente precise ligar...

– É, faz sentido. – Enquanto pego meu celular, noto Grace: ela está parada perto de mim e seus olhos parecem duas luas cheias. Acho que talvez ela tenha temporariamente caído num atordoamento silencioso, o que só me deixa mais nervosa. E isso não é bom, pois mal consigo fazer uma troca normal de alguns números e quase estrago tudo.

– Certo, bem... – diz Porter, prendendo um cacho de cabelo atrás de uma orelha. Como é possível que ele seja ao mesmo tempo adorável e sensual? Acho que se ele não sair da sala de descanso logo, vou desmaiar. – Vão lá vender ingressos.

– Vai lá fechar fechaduras – falo.

Ele me dá um sorriso e, depois que sai da sala de descanso, começo a bater fraquinho a minha cabeça contra os armários. Fechar fechaduras. *Quem é que diz uma coisa dessas? Que boboca. Ele estragou meu cérebro.*

Ergo o olhar e vejo Grace. Ela ainda está me encarando, com os olhos arregalados.

– Mmm... – começa ela.

– Argh! Nem comece – alerta.

Ela permanece em silêncio até chegarmos aos nossos caixas.

– Eu sabia que esse rapaz estava perguntando muito de você.



A única coisa boa do nosso turno é que é bem agitado, por isso passa depressa. Não vejo Porter uma vez sequer. Nem o sr. Cavadini. Suponho que o lance da fechadura exija muito tempo de dedicação. Nervosismo também exige, e, quando está perto de dar seis da tarde, estou exausta e pronta para dar o fora daqui. Faço a contagem da minha gaveta, informo Grace de que, se ela me seguir até o estacionamento, vou furar os pneus dela e que sim, vou lhe contar tudo amanhã, dã, então dou uma olhada ao redor em busca de Porter. *Niente*. Nenhum garoto surfista à vista. Mas recebo uma mensagem dele: *Tô quase acabando. Te encontro lá fora em cinco minutos?*

Ok, tranquilo. Isso me dá tempo de ir até Baby para trocar meus sapatos de trabalho por umas sandálias mais bonitinhas que estão guardadas debaixo do meu capacete, no assento dela. Pego minha bolsa no meu armário e vou correndo para fora. O céu está escuro. Nublado e mal-humorado. Não chove desde que me mudei para cá, mas parece que hoje a história vai ser outra. Dirigir com Baby sob chuva não é o que chamo de diversão, por isso estou aliviada, na verdade, por Porter ter me convidado para sair.

Eu...

Olho ao redor. Para a esquerda. Para a direita.

Onde está Baby?

Eu a estacionei aqui. No mesmo lugar de sempre.

Verifico de novo. Eu devo estar confusa. Terceiro corredor a partir da porta dos fundos...

Dou um giro, procurando sua lataria turquesa e seu assento de oncinha. Deve haver uma explicação. Talvez alguém a tenha movido por algum motivo, embora... Não sei como fariam isso... Ela estava com a corrente de pneu. Eu sempre passo a corrente. Sempre. Repasso meus movimentos exatos desde que cheguei à tarde, para confirmar... e sim, eu sei que passei a corrente. Tenho certeza.

– Aconteceu alguma coisa, querida?

É Pangborn, vindo devagar da entrada de funcionários.

– Minha scooter sumiu – respondo.

– O quê? Sumiu?

– Eu a parei exatamente aqui no começo do meu turno.

– Tem certeza absoluta? De que cor ela é? Vou te ajudar a procurar – diz ele, pousando uma mão tranquilizadora no meu ombro. – Não entre em pânico ainda. Vamos confirmar antes, tá bem?

Solto o ar e a descrevo. Há diversas scooters no estacionamento, mas nenhuma delas é Vespa, nenhuma é vintage, nenhuma é turquesa e, para falar a verdade, o estacionamento dos funcionários nem é tão grande assim. Estou começando a ficar zozona. Acho que é hora de encarar os fatos.

Baby foi roubada.

– Não tem câmera aqui? – questiono.

– Só em cima das saídas do prédio e da porta de entregas – Pangborn me revela. – Não tem nos estacionamentos nem nas ruas.

– Essa é a coisa mais idiota que já ouvi – comento. Que tipo de lugar é este aqui? Será que não ligam se um caminhão parar no museu e tentar roubá-lo?

Estou entrando em pânico agora. O que vou fazer? Devo ligar para a polícia? Papai e Wanda foram para San Jose para dançar ou algo assim. É a única folga dela esta semana. E eu vou arruinar o dia deles? E como vou fazer para vir ao trabalho nos meus turnos agendados? E quem ficou com minha moto? Será que estão correndo com ela pela cidade, com todas as minhas coisas no compartimento do banco? Acho que vou vomitar.

– O que foi? – questiona Porter, sem fôlego por ter vindo correndo até nós.

– A scooter dela sumiu – explica Pangborn baixinho. Ele ainda está apertando meu ombro. Nossa, o velhote é tão bonzinho que tenho vontade de chorar.

– Sumiu tipo foi roubada?

– Parece que sim. Não notei nada de diferente pelas câmeras das portas, mas você sabe como é difícil ver qualquer coisa chegando ou saindo daqui.

– É impossível mesmo – concorda Porter, e ele começa a me perguntar as mesmas coisas, tudo de novo: quando eu cheguei, onde parei, se passei a corrente. Respondo irritada, então peço desculpas pela falta de educação. Estou no meu limite e tento não revirar os olhos como uma criança de 2 anos na frente de todo mundo, porque, é claro, agora há vários outros funcionários

aqui. E todos estão procurando pelos estacionamentos, para confirmar que ela não foi abandonada em algum outro espaço.

Estou quase desistindo e em vias de ligar para papai quando Pangborn diz a Porter:

- A propósito, o seu amigo te encontrou?
- Quem?
- O da perna ruim.

Porter congela.

- Davy?
- Ele mesmo. Ele estava te procurando.
- Aqui? – Porter está confuso.

Pangborn confirma com a cabeça.

– Ele estava tentando passar escondido pela entrada de funcionários quando eu voltei da minha... ahn, pausa da tarde para o meu remédio. – Os olhos de Pangborn disparam para alguns funcionários que estão por perto. – Enfim, ele não me reconheceu logo de cara, mas eu me lembrei de quando ele trabalhou aqui por uns dias no verão passado. Perguntei se ele queria que eu te chamasse pelo rádio, mas ele disse que ia te mandar uma mensagem no celular.

- Ele não mandou – diz Porter. – Que horas foi isso?
- Faz umas duas horas, mais ou menos.

O rosto de Porter fica tão sombrio quanto o céu nublado.

- Me escuta, Bailey. Davy sabe como é a sua scooter?
- Eu... – Levo um segundo para lembrar. – Sim, no *food truck* de *pozole*. Ele me viu com ela quando eu estava com meu pai e Wanda. Me perguntou se ela tinha sido restaurada.

A cabeça de Porter cai para trás. Ele fecha os olhos com força.

- Acho que sei quem roubou sua moto. Vamos pra minha Kombi. Ele está algumas horas na nossa frente, mas sei por onde começar a procurar.



Estou atordoada demais para conversar até acelerarmos para longe do museu e seguirmos na direção sul pela avenida Gold. Nunca entrei tanto neste lado da cidade, e tudo parece estranho. É então que percebo que provavelmente deveria perguntar aonde estamos indo.

– Este é o caminho pra casa de Davy?

– Não. – Porter está bravo. Muito bravo. Os músculos de seus braços estão salientes quando ele agarra o volante com um aperto mortal. – Ele vai tentar vender. Quer dinheiro pra comprar drogas.

– Ah, meu Deus. Por que eu? Por que minha scooter?

Ele não responde de primeira.

– Porque ele tá irritado comigo. Porque ele tá puto que deu merda na festa ontem à noite. Porque ele sabe que foi culpa dele. Porque no fundo ele sabe que é um fodido, mas ainda não chegou ao fundo do poço, por isso tá tentando continuar até morrer ou ser preso.

Aguardo vários segundos, tentando descobrir exatamente como perguntar, mas acabo desistindo e lanço direto:

– O que tudo isso tem a ver comigo e com a minha moto?

– Aghhh – diz Porter, quase num suspiro, num sentimento entre exasperado e culpado. – Porque fui falar com ele antes do trabalho hoje e brigamos bem feio. De algum modo, ele botou na cabeça dura e idiota dele que você é... – Ele suspira agora, um suspiro de verdade, baixo e longo. – Certo, pense da seguinte forma: ele tem a mente de uma criancinha, e porque acha que eu tenho um brinquedo novo e brilhante, que seria você... não que você seja um brinquedo! Nossa, eu sabia que era uma analogia ruim.

– Caramba, você tá se enfiando bem fundo na lama, parceiro.

– Olha, ele acha que eu gosto de você, portanto ele quer você. E hoje eu disse pra ele que, se ele te assediar de novo ou trazer uma arma pra perto de você, vou acabar com ele.

Bem. Isso não é algo que se ouve todo dia. Um sentimento estranho e desconfortável bate de um lado a outro nas minhas entranhas.

– E, porque ele é uma criança pirracenta, agora tá fazendo uma retaliação. Se ele não pode ter você, vai fazer coisas idiotas e destrutivas, como roubar suas coisas e vender, pra ter dinheiro pra se detonar e esquecer que é um completo fodido. Porque ele é um maníaco e é isso o que ele faz.

– Nossa.

– É – diz ele numa voz mais suave, uma que de repente não está tomada de fúria. – Então, basicamente, é culpa minha. Desculpa, Bailey.

Baixo o olhar para os meus pés e alinho a ponta das minhas sapatilhas no tapete do carro.

– Davy *acha* que você gosta de mim ou você gosta mesmo de mim? – A noite passada na frente de casa parece ter acontecido há um milhão de anos agora.

Porter me espia de lado. Há certa precaução em seus olhos; ele não tem certeza se o estou provocando. Mas o canto de sua boca se ergue só um pouquinho.

– As duas coisas?

– As duas coisas – repito suavemente, mais que satisfeita pela resposta. – Acho que entendo agora.

– Então – diz ele –, suponho que a pergunta que eu devo fazer é: o quanto você quer me estrangular pelo que aconteceu? a) um pouco ou b) muito?

Balanço a cabeça, tanto dispensando a questão como me sentindo incapaz de responder. Não estou brava com ele. Como poderia? Ele não tem culpa de ter amigos péssimos.

– Ei, Bailey? Eu vou recuperar sua moto – afirma ele, o rosto ficando sério e petrificado. – É verdade o que eu disse antes. Davy vai pagar por isto.

Deus me perdoe, mas neste momento não há nada que eu queira mais.

Depois de mais um quilômetro, a Kombi desacelera e vejo para onde estamos indo. Do lado da pista no sentido oposto da rodovia, quase na praia, há um espaço gigante pavimentado com uma faixa na qual se lê MOTO PARADISE. Deve haver ali mais de cem scooters usadas à venda. Porter para perto de um trailer cercado que fica no fundo desse estacionamento e me pede para aguardar na Kombi.

– Provavelmente não é aqui, mas este é mais perto do museu, então vamos só ter certeza antes de descartar. Fique aqui e me mande uma mensagem se vir Davy. Ele tem uma picape com raios azuis pintados nas laterais.

É claro que ele tem um carro assim.

Porter não fica nem cinco minutos no trailer. Meu coração despenca. Isso acontece duas outras vezes, porque vamos a outros lugares similares, só que mais distantes da cidade e menores. Agora estou ficando preocupada. E se não tiver sido Davy? E se tiver sido um daqueles meninos riquinhos malcriados que tentaram roubar a estátua do falcão maltês? Talvez eles tenham me seguido no trabalho e estejam tentando se vingar. Entretanto, Porter não compra essa ideia. Ele diz que Davy já roubou outras coisas antes e que nunca passa no museu. É coincidência demais. Acho que ele deve ter razão, mas estou começando a surtar de novo e não consigo pensar direito.

Porter dá batidinhas no volante da Kombi. Ele estala os dedos, então tira o

telefone do bolso e faz uma pesquisa. Dois minutos depois, ele liga para alguém. Não dá certo, mas ele liga para outra pessoa, diz seu sobrenome – eu o ouço falar “Pennywise” – e fala com uma terceira pessoa. Essa é a ligação que dá certo, porque de repente ele fica descontraído e relaxado, com uma mão sobre o volante, ao dizer à pessoa do outro lado da linha que está procurando Davy. Depois de vários grunhidos, ele desliga, então, cinco minutos mais tarde, alguém liga de volta.

– Acho que tenho uma pista. – É tudo o que ele me revela.

Mas por que ele não parece mais esperançoso?

Começa a chover. Porter aciona o limpador de para-brisa quando passamos por uma placa informando que estamos saindo de Coronado Cove e por outra identificando uma cidadezinha de 4 mil habitantes. Tudo aqui parece ter a ver com parques estaduais, acampamentos e trilhas. Ah, e mecânica... muitas e muitas oficinas mecânicas. Carroçaria, estética automotiva... restauração de veículos. Há toda uma pequena indústria para pessoas interessadas em carros de colecionador e corridas, e me pergunto se foi aqui que papai comprou seu carro.

Contudo, Porter passa reto pelos lugares mais bacanas. Ele segue por uma estrada de terra no meio da mata, em direção a uma garagem de tijolos de concreto com um número seis pintado com spray na porta à esquerda de três compartimentos fechados. Carcaças enferrujadas de motocicletas estão empilhadas perto da construção, descartadas com outras sucatas de metal. É um tipo de ferro-velho de motocicletas, um lugar onde boas motos vêm encontrar a morte. De repente sinto muito medo por Baby. E um pouco de medo por nós dois também.

Porter para a Kombi a vários metros de distância, sob os galhos farfalhantes de alguns pinheiros.

– Fique na Kombi.

– Você só pode estar brincando – digo.

– Não quero que veja o que pode acabar acontecendo se ele estiver lá dentro.

Ele está me assustando um pouco, mas não quero que saiba disso.

– De jeito nenhum. Esta região me lembra *Amargo pesadelo*. Vamos ficar juntos.

Ele bufa, com a mão na porta.

– Ele se passa nas florestas virgens da Geórgia, mas não vou nem perguntar como é que você conhece esse filme, porque não temos tempo. Só... venha.

Gotas de chuva pintam bolinhas na estrada de terra na frente de nossos passos conforme seguimos caminho até a porta com o seis vermelho. Faz um silêncio bizarro, não tem ninguém entrando nem saindo, nenhum sinal de que este lugar seja um comércio. Ao chegarmos mais perto, ouço sons fracos de rádio e vozes e fico nervosa.

Quando Porter ergue o punho para bater à porta, ela se abre numa fresta. Um afro-americano com barbicha e uma camiseta justa vermelha bota a cabeça para fora. Ele fita Porter de cima a baixo, os olhos mirando suas cicatrizes.

– Roth?

– É. Você é o Mike Rápido?

O rosto do homem suaviza.

– Você é a cara da sua mãe.

– Graças a Deus. Todo mundo costuma dizer isso pra minha irmã.

– Nunca a vi, mas meu primo pintou aquela Thunderbird velha que a sua mãe tinha.

– É mesmo? Ela vendeu uns dois anos atrás – conta Porter. – Odiou ter que se desfazer dela. Minha mãe amava aquela moto.

Mike Rápido desvia o olhar de Porter e me nota.

– Esta é Bailey – apresenta Porter. – A Vespa que estamos procurando é dela.

O homem solta o ar com força pelas narinas. Ele abre mais a porta.

– É melhor entrar. Tô sentindo que não vai ser nada bonito.

Seguimos Mike por um escritório pequeno com duas mesas bem organizadas, um balcão e uma caixa registradora antiga. Não tem ninguém ali. Ao lado de um sofá velho e de uma cafeteira, outra porta conduz à garagem. Um cheiro de óleo de motor queimado e de tinta velha me assola quando pisamos sobre o concreto manchado. Rock dos anos 1970 toca no rádio apoiado sobre uma estação de trabalho. Fileiras de luzes fluorescentes se estendem por mais três áreas para carros, sendo que a mais próxima está ocupada por duas motocicletas. A do meio está vazia, exceto por três pessoas sentadas em cadeiras dobráveis, conversando. Mas é o que está na área distante que arrebatava cem por cento da minha atenção.

Uma picape cor de mostarda com raios azuis na lateral e um saco de lixo preto cobrindo a janela do passageiro.

E atrás da picape: uma Vespa turquesa com banco de oncinha.

Sinto que vou desmaiar. E talvez seja por isso que meu cérebro leva alguns segundos a mais para perceber que uma das pessoas de papo para o ar nas cadeiras é Davy. Por um lado é bom, porque de repente sinto vontade de cometer um ataque selvagem e perverso contra ele. Por outro, entretanto, é muito, muito ruim, porque Porter não está atordoado como eu. Na verdade, é bem o contrário. Ele vai direto até seu ex-melhor amigo, como um raio laser.

As outras duas pessoas sentadas se levantam e se afastam. Davy agora vê Porter se aproximando e seu semblante é de pânico puro. Ele tenta se erguer depressa, mas seu pé escorrega e ele não consegue se firmar. Porter estica os dois braços, empurrando-o com uma violência tão grande que Davy voa para trás. Garoto e metal se chocam contra um pilar de concreto e escorregam para o chão.

– Seu merda – diz Porter perseguindo Davy, que agora está agachado, escondido atrás do pneu de sua picape. – É covarde demais pra roubar de mim, então pegou as coisas dela?

Davy geme enquanto segura a cabeça com uma mão. Estou preocupada que ele possa ter sofrido uma concussão, mas, quando ele abre os olhos e encara Porter, não há nada ali além de raiva.

– Eu te odeio.

– Somos dois, seu drogado.

Davy guincha, um grito de batalha horrível que rasga o ar e reverbera pela garagem. Numa sucessão rápida, ele se apoia na perna boa, pega a cadeira dobrável e a gira no ar. Eu grito. Ele bate com a cadeira na cara de Porter. A cabeça de Porter pende para o lado. Sangue espirra. A perna da cadeira escorrega das mãos de Davy e voa pelo ar, tinindo contra a picape.

Porter está com o corpo dobrado.

Tento correr até ele, mas mãos fortes seguram meus braços.

– Ei – diz Mike Rápido no meu ouvido. – Ele tá bem. Deixe os garotos se resolverem.

Porém ele está errado. Porter não está bem. Quando tira a mão do rosto, ela está coberta de sangue. Um corte grande cruza sua bochecha. Como o menino bobo que é, ele apenas balança a cabeça tal qual um cachorro molhado e volta a focar.

– Já chega – resmunga ele e enfia um soco na cara de Davy. Um soco forte.

Depois disso, a coisa toda é uma bagunça. Eles estão um em cima do outro,

os dois desferindo golpes que atingem sabe-se lá o quê. Não é nada parecido com uma luta de boxe ensaiada ou um filme, é só caótico e estranho, e eles mais se engalfinham que qualquer outra coisa. Estão gritando e grunhindo e batendo nas costelas um do outro com tanta força que alguma coisa vai quebrar ou ser perfurada.

Que pesadelo.

Estou aterrorizada com a possibilidade de eles se matarem de verdade. Eles não são crianças malcriadas no parquinho, fazendo o nariz um do outro sangrar. São lobos raivosos, com músculos tensos e dentes afiados. E alguém vai perder esse embate.

– Me solte – digo para Mike Rápido. Não posso deixar Porter fazer isso. Se ele se machucar de verdade, não sei o que vou fazer. Eu posso ajudar de algum modo... não posso? Olho ao redor em busca de alguma coisa para apartar a briga. Talvez eu possa acertar Davy na cabeça com algo...

Mal acredito no que estou vendo. Davy está puxando o cabelo de Porter... O cabelo! Ele agarrou os cachos escuros de Porter e está torcendo a cabeça dele para trás... Ele vai morder o rosto dele? QUE MERDA É ESSA?

A parte inferior do corpo de Porter se torce. Ele dá um poderoso chute para trás no joelho ruim de Davy.

Um *crec!* chocante ecoa pela garagem.

Davy cai no chão.

Ele não se levanta. Está agarrando o joelho, boquiaberto. Lágrimas silenciosas começam a cair.

O peito de Porter se ergue. Todas as veias saltam em seus braços. Uma linha grossa de sangue escorre por sua bochecha e seu pescoço, desaparecendo no preto de seu uniforme de segurança.

– Vou ligar pra sua vó e contar tudo o que você fez hoje – diz Porter ao se aproximar do amigo, olhando-o de cima. – E vou contar também pros meus pais. Eu te dei muitas chances, e tudo o que você fez foi jogá-las fora. Nunca mais vou conseguir confiar em você. Nossa amizade acabou.

Capítulo 16

“Somente o amor poderá salvar esta pobre criatura.”– Gene Wilder, *O jovem Frankenstein* (1974)

Levamos Baby na parte traseira da Kombi de Porter. Exceto pela trava do assento que foi estourada, ela parece inteira. Achamos meu capacete e todas as minhas coisas jogadas atrás do banco da picape de Davy. Achamos também a corrente da minha scooter meio caindo da carroceria; ele a cortou com um alicate industrial.

Uma das duas pessoas sentadas com Davy quando entramos na garagem era um amigo dele que estava planejando ajudá-lo a vender minha scooter. Eu não falei com esse garoto, mas Porter o mandou levar Davy ao hospital. Ao saírem, Davy conseguia andar – mal –, porém precisaria fazer um raio X. E provavelmente tomar analgésicos, o que é maravilhoso, considerando o que sei agora do histórico de Davy com drogas.

Depois disso tudo, Davy ainda assim não me dirigiu a palavra. Ele sequer me olhou nos olhos ou reconheceu que eu estava no mesmo ambiente. A verdade é que eu também não conseguiria encará-lo. Era humilhante para nós dois, suponho. E estou num estado de choque tão absurdo em relação à briga toda que mal consigo falar.

Quando estamos prontos para ir, Porter agradece Mike Rápido, que me aconselha a adquirir uma corrente melhor. A verdade é que a garagem de motocicletas dele não é um ferro-velho coisa nenhuma; ele estava prestes a chutar Davy para fora quando recebeu a ligação avisando que Porter estava procurando minha Vespa. Mais uma vez, então, meus pressupostos e eu estávamos totalmente fora de sintonia. Mike diz a Porter:

– Avisa sua mãe pra, na próxima vez que ela quiser vender uma moto daquelas, vir falar comigo antes. Faço um bom negócio.

– Pode deixar – responde Porter. – Ficamos te devendo essa. Se algum camarada seu precisar de uma prancha, pode passar lá na loja.

Mike Rápido acena para nós. Corremos pela chuva, pulamos para dentro da Kombi e partimos. As janelas estão embaçando, e tento ajudar, procuro o botão do desembaçador, mas minhas mãos estão tremendo. Ainda estou surtada. Não consigo me acalmar.

– É o botão preto – diz Porter, e finalmente o encontro. Ergo as abas de ventilação para cima e tento me concentrar em deixar o para-brisa desembaçado em vez de pensar no fato de Porter ainda estar sangrando. Funciona até chegarmos ao fim da estrada de terra.

- Acho que deveríamos ir ao médico.
- Tá tudo bem.
- Não seja ridículo. Pare na primeira farmácia que aparecer que vou comprar alguma coisa pra limpar seus machucados.

Ele ergue o pescoço e avalia o dano no espelho retrovisor. Isso. Ouça a pessoa inteligente no automóvel. Em vez de virar para a direita na estrada pavimentada para voltar para casa, ele vira à esquerda. Aliás, será que ele deveria estar dirigindo? Davy acertou sua cabeça algumas vezes. Ou talvez ele saiba algo que eu não sei. Agora a estrada está subindo. Seguimos por uns penhascos costeiros sob uma chuva que cai. Vejo uma placa em que se lê VISTA PANORÂMICA. Ele desacelera a Kombi e entra em uma dessas áreas reservadas para turistas estacionarem. Tem dois ciprestes-da-califórnia e uma placa de sequoia com uma escultura da costa central da Califórnia com a marcação de todos os pontos de interesse. Também tem uma vista do Pacífico de cair o queixo, que poderíamos apreciar se não estivesse nublado e chuviscando e se ele não estivesse sangrando por todo o banco.

– Aqui não parece uma farmácia – comento ansiosa quando ele abre a porta.

– Não precisamos de nenhuma farmácia boboca – diz ele de um jeito que me lembra um pouco uma fala de um filme do Mel Brooks, *Banzé no oeste*. Nunca gostei tanto desse quanto de *O jovem Frankenstein*, outra comédia de Brooks à qual já assisti na companhia virtual de Alex umas duas vezes. Pensar nisso me faz sentir um pouco culpada por estar aqui com Porter.

Porter, o animal. Ainda estou chateada com a quantidade insana de violência brutal que acabei de testemunhar. E não tenho certeza de como me sinto em relação a isso.

Ele salta gemendo da Kombi e dá a volta até a porta lateral deslizante, de onde tira uma caixinha. Ao retornar, volta a se sentar no banco dianteiro e abre o tesouro que coletou: um kit de primeiros socorros numa caixinha plástica coberta de adesivos.

– Surfistas sempre têm suprimentos – explica ele, remexendo na caixa com um dedo. – A gente se machuca o tempo todo.

Depois de vários segundos observando-o se mover com dificuldade, percebo que a sua outra mão está ferida demais, e a piedade supera qualquer choque remanescente que eu ainda estivesse vivenciando. Arranco o kit dele.

– Deixe eu ver. Você não pode cuidar de si mesmo, bobinho.

– Ah, que bom. Eu fiz tudo isso só pra você botar suas mãos em mim.

– Não tem graça.

– Tem um pouco de graça.

Encontro uns lenços umedecidos com álcool e um monte de curativos-borboletas, junto com algumas camisinhas, nas quais tento não pensar muito.

– Você me assustou pra caramba. Olha, aqui tem paracetamol. Venceu há alguns meses, mas é melhor que nada. Você tem alguma bebida pra engolir o comprimido?

– Você precisa melhorar seus modos de beira de leito, enfermeira Bailey – diz ele, gemendo ao se inclinar para pegar uma garrafa meio vazia de água presa no assento. Ele finge estar irritado comigo quando finjo estar brava com ele ao entregar os comprimidos. Ele os engole e grunhe.

Ajoelho no banco e abro um pacotinho de lenço umedecido com álcool. O odor forte enche a Kombi. Nós dois fazemos careta. Ele abre a porta do motorista; o ar fresco é ótimo. O som das ondas quebrando nas pedras lá embaixo é tranquilizador. Quase.

Covarde demais para começar pelo seu rosto, experimento puxar o colarinho da camiseta dele e passo o lenço fresco sobre o sangue seco no seu pescoço. Ele estremece.

– Gelado.

– Desculpa – murmuro. Faço um trabalho rápido na trilha do sangue, porém fica mais difícil logo antes de chegar ao seu peito. Desdobro o lenço, ajeito o kit de primeiros socorros no meu colo, e me concentro em limpá-lo. Se eu focar isso, minha mente vai parar de voltar às imagens assustadoras dele detonando Davy como uma fera selvagem. Ele repousa a cabeça contra o banco e fecha os olhos.

– Porter?

– Mmm?

– Lembra aquela vez que você me viu falando com Davy na frente da loja de roupas vintage no calçadão?

– Lembro.

– Ele não sabia que eu estava ouvindo, mas eu o vi chegar na loja e dizer à garota do balcão, Julie, que precisava de ajuda porque ele ia pra Monterey e necessitava de uma coisa.

Os olhos de Porter se abrem de supetão.

– O quê? Não foi isso que ele me contou.

– Ele mentiu. E quando falou com ela dentro da loja, ela disse “Achei que você dava uma refrescada em dia de semana”. E ele disse que sim, mas que só precisava pra aquele dia e prometeu que era só daquela vez, e ela disse que ia tentar ajudar.

– Eu sabia. – Porter bate no volante.

Ponho uma mão no seu braço. Ele vai reabrir o talho em sua bochecha se não tomar cuidado, e eu ainda nem consegui limpá-la.

– O que é “refrescar”?

– Ele só causa constrangimento.

– É, percebi. Me conta a verdade. Sou a garota com o álcool, lembra? Se não me contar, vou te fazer arder.

Um suspiro forte escapa de seu peito quando ele se afunda no banco, apoiando preguiçosamente um joelho no painel entre nós dois, fazendo meus joelhos pressionarem sua perna. Eu me pergunto, de um modo distraído, se ele fez isso de propósito – ele está sempre mais perto do que acho confortável –, mas é sua bochecha que está virada para mim agora, por isso volto ao trabalho enquanto ele fala.

– Há três anos, Davy ferrou a perna surfando num lugar onde não deveria. Ele não conferiu o clima e arriscou. Passou por duas cirurgias. Quando pararam de lhe dar receitas pra oxicodona, ele começou a comprar de um colega lá da escola. E quando esse cara parou de vender, ele começou a procurar qualquer outra coisa: vodca, cocaína... mas nada elimina a dor como opiáceos. E qual opiáceo é melhor que heroína?

Minha mão congela.

– Diz que você tá brincando, por favor.

– É o segredinho sujo do surfe.

– Tipo, injetando?

– Pelo que sei, ele fuma, mas não fico por perto nessas horas. Só tô dizendo o que ouvi, e nunca vi nenhuma marca de agulha nele. Isso é péssimo, muito péssimo, Bailey.

– Sinto muito. Acho que você precisa levar pontos. Voltou a sangrar um pouco. – Afasto seu cabelo para trás e vejo um calombo feio em sua têmpora. Ele tem sorte de aquela cadeira não ter estraçalhado nenhum osso do seu rosto. Na verdade, não estou totalmente convencida de que isso não aconteceu.

Ele estremece.

– Continue limpando, só seja gentil. Enfim, “refrescar” é uma coisa que as pessoas fazem quando se acham mais espertas que a heroína. Elas fazem pausas entre os usos, por exemplo, só usam aos fins de semana, e não se permitem usar de novo antes do fim de semana seguinte... Ficam caretas a semana toda, de modo que não precisam “parar”. Se não são viciados, estão no comando, não é?

– Não parece que isso dá muito certo – comento.

– Não dá mesmo. Porque sempre tem um feriado prolongado de três dias, ou a pessoa tá numa semana ruim e precisa aliviar um pouco a pressão numa quarta-feira. E, antes que ela perceba, se descuidou e seu plano conservador foi pro ralo. Essas pessoas estão mentindo para si mesmas ao pensar que têm tudo sob controle. Tipo Philip Seymour Hoffman. Dizem que foi isso que o matou.

Estou passada. Wanda disse que Davy estava metido com narcóticos pesados, mas heroína? Isso parece saído de um filme. Não acontece na vida real. Não com pessoas da minha idade, pelo menos.

– Dói? – pergunto ao passar de leve pomada antibiótica em sua ferida. Parece uma fenda aberta em um deserto seco, vermelho e nervoso.

– Nada dói quando você me toca – diz ele numa voz distante.

Preciso me impedir de sorrir porque estou com receio de que ele possa abrir os olhos e me flagrar. E não quero os olhos dele abertos, porque agora posso olhá-lo de pertinho. A elevação pronunciada de suas maçãs do rosto. O modo como seus cachos soltos, úmidos da chuva enevoadada, são cor de mel onde o sol os lustrou e escuros por baixo. A virada suave dos cantos externos dos seus olhos e o ossinho proeminente do seu nariz.

– Ele vai ficar bem? – quero saber.

– Davy? Não sei, de verdade – diz Porter, puxando com força o ar quando grudo um curativo borboleta em seu corte. Três devem ser suficientes; terão de bastar, já que é tudo o que temos. – Estou menos preocupado com ele agora do que com você estar arrependida de um dia ter me passado seu número de telefone e nunca querer sair comigo, porque agora acha que todos os meus amigos são zoados e que nós dois não temos nadinha em comum.

– Ah, é? – Retiro o papel protetor do segundo curativo borboleta. – E por que você gosta de mim se não temos nadinha em comum?

– Bem, você é de parar o trânsito, obviamente.

Ninguém nunca disse isso de mim. Sinto meu peito palpitar e aquecer.

– E você ri das minhas piadas.

Uma risada sai de mim, não consigo evitar. Isso é... tão, tão Porter. É ao mesmo tempo egocêntrico e meio que adorável.

– Não me entenda mal, você é bem espirituosa – acrescenta ele, abrindo um dos olhos.

– Ah, sou? É de uma generosidade imensa da sua parte.

Ele me lança um sorriso acanhado, dando uma risadinha abafada, e agarra minhas mãos, porque estou batendo de brincadeira em seu ombro.

– De nada. E, e... escute! Aiii! Estou ferido. Pare de rir, caramba, e me escuta. Você precisa admitir: se parar pra pensar, a gente se dá muito, muito bem quando não estamos brigando.

Ele tem razão? A gente se dá bem mesmo?

Acho que talvez sim.

Porter solta um grunhido.

– Viu, mas tem outra coisa. Eu falo demais quando estou perto de você. Fico confortável demais na sua presença, e isso me deixa doidinho.

Dou uma última risada e sopro meu cabelo para longe dos meus olhos.

– Você me deixa doidinha também.

Ali está aquele sorriso idiota e sensual. Ele estica o braço para pegar minha mão e para no meio do gesto.

– Esse não é um movimento de braço bom.

Agora estou preocupada de novo. Amasso os papéis dos curativos e fecho o kit de primeiros socorros.

– Davy não causou nenhum ferimento sério, causou? Costelas?

– Se você quer que eu tire a blusa, é só pedir, Rydell.

– Tô falando sério.

Ele suspira.

– Acho que não, mas não vou mentir: tô começando a ficar bem dolorido na região torácica. Acho que é bom eu dar uma conferida, então talvez seja melhor você olhar pro outro lado se for sensível demais a corpos masculinos arrasadores. Não quero que você desmaie diante da imagem nua e crua do surfe.

– Deus sabe que fui obrigada a encarar umas cem vezes o peito sem camisa de Davy. Tenho certeza de que dou conta do seu. Vamos lá, deixe-me ver o

estrago.

Conforme ele desabotoa sua camisa de segurança da Caverna, é a coisa menos sensual do mundo, porque tudo que me preocupa é como vou dirigir a Kombi dele se ele estiver com uma costela quebrada. E só piora quando a camisa se abre toda.

Se eu achava Davy esculpido, estava errada. Davy é uma tábua. Porter é um penhasco. Ele é o resultado de quando as pessoas usam todos os músculos de uma só vez para se equilibrar sobre uma plaquinha de madeira molhada em ondas enormes e monstruosas todos os dias durante anos. De uma só vez, fico impressionada com a beleza do corpo humano, envergonhada por não usar o meu para nada além de dar uma volta no quarteirão e assistir a filmes no sofá de papai e, acima de tudo, fico completamente chocada com o que Davy lhe fez.

Quando dizem que algo está roxo, se referem a como ele fica mais tarde, depois que os ferimentos tiveram tempo de se acomodar. Agora, o torso dele está marcado por grandes vergões vermelhos, alguns dos quais ligeiramente sanguinolentos, outros irradiando linhas irregulares e cristalinas de um tom escuro de rosa. É um mapa horrível de ferimentos vindouros. O vergão em suas costelas parece a América do Sul, de tão grande.

Seu queixo toca o esterno enquanto ele segura a camisa aberta e inspeciona o estrago, e posso dizer pelo seu resmungo que até ele está surpreso. Sinto tudo de uma só vez. Estou pirando que ele esteja tão ferido e não tenha dito nada, e estou frustrada que ele teve de recorrer à raiva movida por testosterona para resolver o problema. Estou perturbada com toda a violência que testemunhei. Estou brava que ele tenha amigos como Davy, e ainda estou furiosíssima por Davy ter roubado minha scooter.

Apesar disso tudo... Veja só o que ele fez. Veja só o que ele fez. Por mim? E aqui está ele, sentado, com dor, caindo aos pedaços, e preocupado somente com que eu esteja arrependida de ter lhe dado meu telefone e não vá mais querer sair com ele.

É muito para a minha cabeça. Caio no choro.

– Ei, ei – diz ele, alarmado, sentando-se depressa e gemendo um pouco. O que só me faz soluçar mais. Ele abotoa a camisa até a metade, cobrindo parte das evidências. – Tá tudo bem. Eu já quebrei ossos antes. Não quebrei nenhum hoje, prometo. Só tô dolorido.

– É horrível – digo, engolindo as lágrimas. – Desculpa por você ter que fazer isso.

– Foi ele que pediu. Você não sabe de tudo o que ele já me fez. Essa só foi

a última gota. Ei, caramba, shhhh. – Ele passa as mãos nos meus braços.

Eu me acalmo. Viro a cabeça e limpo o nariz no meu ombro. Seco as lágrimas.

– Aqui. – Ele passa o dedão pela minha bochecha, limpando onde não sequei. Então traça o arco das minhas sobrancelhas. Caça uma mecha fugitiva do meu cabelo na minha têmpora. – E sabe do que mais? – diz ele com a voz baixa e intensa. – Eu faria de novo num piscar de olhos, porque você não merece o que ele te fez. Vou ser seu vingador.

Minha respiração se interrompe, estou arrebatada. Antes que eu perceba o que estou fazendo, me inclino para a frente e o beijo.

Não é um beijo educado.

Não é um beijo gracioso.

E definitivamente não é ele quem dá o beijo. Não mesmo. Sou eu quem beija, e é a primeira vez na vida que isso acontece – não o beijo em si, mas a iniciativa. Quero dizer, oi? Evitadora! Iniciar coisas não é meu estilo. Mas aqui estou eu, com a boca pressionada com firmeza contra a dele. Não tenho vergonha de admitir que estou afoita e mais que um pouquinho insistente e, se ele não retribuir o beijo logo...

Mas ele beija. Mi-nha-nos-sa, ele beija. É como se um interruptor tivesse sido acionado em seu cérebro – caramba, acho que ele entendeu! E quase começo a chorar de novo, de tão aliviada, de tão feliz. Então sua boca se abre contra a minha, e um interruptor aciona no meu cérebro (ding!), então sua língua se enrola na minha, e um interruptor aciona no meu corpo (ding! ding!), e meuDeusdocéu que sensação ótima. Estamos nos beijando, e é incrível, e ele está passando a mão nas minhas costas, e arrepios correm por todos os lados e MINHA NOSSA, COMO ELE É BOM NISSO.

Um estremecimento gigante passa por mim e dou uma surtadinha. Minha cabeça de repente se enche com todas as coisas que ele disse sobre ter 18 anos e liberdade sexual, e não tenho a menor dúvida de que ele já exerceu seus direitos com outras garotas – o que, tudo bem, não importa. Não julgo. É só que eu... não exerci, e todo esse beijo superobsceno me faz ficar mais ciente da distância entre nossas experiências. O que me preocupa. E me excita. E me preocupa.

(E me excita.)

Meu Deus, salve-me de mim mesma.

Ele interrompe o beijo, provavelmente porque consegue sentir o surto interno pelo qual estou passando. E deve ser mesmo por isso, pois ele diz:

– Bailey?

– Eu – respondo, mas acabei com meu surto. Agora que vi seu rosto, não consigo parar de sorrir. Porque seus olhos são como fendas, e ele parece atordoado e confuso, e eu me sinto assim: como se meu corpo fosse um pião, girando tão rápido que não vejo nada fora da Kombi. Tudo o que consigo ver é Porter, todo detonado e belo, e tudo o que consigo sentir é esse delicioso girar, rodar, zumbir, que nunca quero que pare.

Agora Porter está sorrindo também, e tenho certeza de que parecemos dois lunáticos delirantes. Graças aos céus que estamos sentados debaixo da chuva no meio do nada.

– Ei – diz ele, todo grave e profundo. – Estou louco ou esse foi o melhor beijo da sua vida? – Seu sorriso tem hectares de extensão e quilômetros de profundidade.

Ele sabe que é.

– O mais surpreendente é que foi o melhor beijo da sua vida também – disparo de volta.

Suas duas sobrancelhas se erguem, então ele dá risada de olhos fechados.

– Você venceu. Quer repetir a dose? Talvez tenha sido o acaso. A gente deveria pôr à prova.

É o que fazemos. Não foi acaso nenhum. Vou derreter aqui neste banco do carro. É ridículo. É assim que adolescentes engravidam, tenho certeza absoluta. Em dado momento eu o afasto, e nós dois respiramos fundo.

– Viu, eu falei – digo. – O melhor da sua vida.

– Posso te contar um segredo? Eu sabia que, se a gente um dia calasse a boca e parasse de discutir, seria assim. Vem aqui. Não fique tímida. Só quero te abraçar.

– Você tá machucado.

– E você é macia. Não vou mais beijar, prometo. Por favor, Bailey. Deixe eu te abraçar, não vou ficar de mão boba. Só um pouquinho. Só até a chuva parar. Eu gosto da chuva.

Ele gesticula para eu deitar no abrigo de seu braço, e, porque estou do lado que não foi tão espancado, gentilmente me aninho contra ele. Ele é quente e sólido, e tento não apoiar meu peso, tento não lhe causar mais dor, mas ele me puxa com firmeza e acabo cedendo. Ele suspira fundo e ficamos sentados assim juntos, assistindo à chuva cair no oceano. Sem conversar. Apenas nós dois. Apenas silêncio.

Contudo, nesse silêncio, imagens de sua luta sangrenta com Davy disparam na minha mente. O corpo que neste exato momento me segura de um jeito tão protetor destroçou com violência outro ser humano. Como ele pode ser tão sensível e brutal? Garotos são assim? Ou Porter é assim? Ele é tão complicado. Juro que, quanto mais sei sobre ele, menos compreendo quem é de verdade.

Sua ferocidade me tirou do sério hoje, mas então por que o beijei?

E por que confio em alguém capaz de me instigar assim?

Penso em nossas discussões acaloradas. Pra ser sincera comigo mesma, não sou uma espectadora inocente. Ele me provoca, mas será que me permito ser provocada? Será que quero isso? E quanto à forma implacável com que derrubei o garoto que roubou o falcão maltês? Grace brinca que tenho uma força secreta, e isso me faz pensar cada vez mais naquele terapeuta idiota de Nova Jersey e em toda a sua conversa sobre eu ter de pagar o preço pelas minhas técnicas para evitar pessoas e situações. Se você chacoalhar uma garrafa de refrigerante por bastante tempo, ao tirar a tampa ela explode.

Será que estou com mais medo de Porter... ou da pessoa dentro de mim que ele está soltando?

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@zibelina: Ei, desculpe por não termos nos falado tanto ultimamente.

@alex: ZIBELINA. Tô muito feliz que você me mandou uma mensagem. Queria mesmo falar com você. Você já decidiu se vai pegar um avião pra cá ou ainda não resolveu?

@zibelina: Não, por que pergunta?

@alex: Nossa, você levou tanto tempo pra responder que por um segundo achei que tivesse te perdido. Enfim, isso é bom, na verdade. As coisas no trabalho estão bem complicadas pra mim agora. Então, antes de você pedir pro seu pai te comprar uma passagem, me fala antes, pode ser? Já que tô bem ocupado por aqui.

@zibelina: Tá bom. Eu também ando ocupada, na verdade.

@alex: Então você me entende. Você me avisa? Vai que minha situação muda.

@zibelina: Beleza. Claro. Você sabe que nunca tomo decisões precipitadas.

Capítulo 17

“Me enfrente, seu covarde! Me enfrente!” – Daniel Radcliffe, *Harry Potter e o enigma do príncipe* (2009)

Cerca de duas horas antes do meu turno na manhã seguinte, a luz do sol já está se infiltrando pelo céu cinzento quando empurro Baby por um beco estreito atrás da Loja de Surfe Penny Boards. Porter marcou de me encontrar aqui. Ele diz que seu pai consegue consertar a trava vacilante do banco, pois, ao que parece, Davy usou um pé de cabra e ferrou com a tranca. Estou nervosa por conhecer o pai de Porter. Muito nervosa.

É um erro. É só nisso que consigo pensar. Não tenho certeza de como ele me convenceu a vir aqui agora, mas eu não sabia exatamente o que mais poderia fazer em relação à minha moto.

Meu próprio pai não ficou nem um pouco feliz ontem à noite ao chegar de San Jose e ouvir a história da minha scooter roubada. Se ele soubesse de tudo o que aconteceu, teria um ataque cardíaco – então, de verdade, é sorte ele ter uma filha que se preocupa tanto com o seu bem-estar que só lhe contou os detalhes dos quais ele precisava ter ciência. E esses detalhes eram os seguintes: a moto foi roubada do estacionamento da Caverna, mas um segurança heroico, o sr. Porter Roth, perseguiu os adolescentes indisciplinados para fora da área do museu, resultando em ferimentos no processo, e recuperou minha moto. Lamentável que Porter não tenha conseguido identificar os garotos que a pegaram, de outro modo ele teria feito um boletim de ocorrência.

– Foi tudo tão rápido – contei a papai. – Ainda bem que ele estava lá.

– Ele não viu o rosto dos ladrões?

Err...

– Estava chovendo. Eles bateram em Porter e fugiram correndo.

– Acho que a gente deveria contar a Wanda.

– A segurança do museu está cuidando disso, pai. Melhor deixar fazerem o trabalho deles, não acha?

Papai ergueu as mãos.

– Tudo bem, Zibelina. Só tô feliz que você tá bem. E Grace conhece alguém da cidade que vai te ajudar a consertar o banco, é isso?

Outra mentira. Mas necessária, porque, por melhor que papai seja em vários sentidos, ele não é bom com trabalhos manuais. Por isso fica satisfeito

em deixar essa pessoa misteriosa cuidar do problema; está até feliz de me emprestar dinheiro para comprar uma nova corrente de pneu. Eu não o mereço.

E foi assim que partiu o expresso do estresse. O que fez esse trem pipocar pelo trilho foi saber que teria de encarar Xander Roth, filho de Pennywise, sobrevivente do grande tubarão-branco e pai do garoto com quem fiquei... então fui para casa ontem à noite e, antes de dormir, fiz coisas indescritíveis comigo mesma debaixo das cobertas enquanto pensava em toda aquela ficada com o tal garoto. É assim que adolescentes *não* engravidam, tenho certeza absoluta.

Depois, o que fez o expresso do estresse disparar em velocidade máxima foi receber aquelas mensagens idiotas de Alex pela manhã. Porque pareceu que ele não quer que eu venha para cá. Quero dizer, é claro que já estou aqui, mas ele não sabe. E se eu já tivesse comprado uma passagem? E, aliás, por que de repente ele ficou tão absurdamente ocupado? Será que ele conheceu outra garota? Foi o que me pareceu.

Não sei por que isso me incomoda tanto. Não é como se eu não estivesse fazendo a mesma coisa (olá, dois pesos e duas medidas). E nós nunca prometemos nos resguardar um para o outro. Talvez nem nos déssemos bem na vida real. Não era por isso que eu estava sendo tão cautelosa, montando aquela legenda elaborada do mapa do calçadão e rastreando-o cuidadosamente, só para o caso de não sermos compatíveis?

É só que nada está saindo como o planejado. Alex e eu temos uma conexão – pelo menos funcionamos em teoria, mas vai saber na realidade. Por outro lado, Porter e eu funcionamos na realidade, embora sejamos opostos. A vida dele é uma bagunça, e eu não gosto de bagunça. Já passei por isso, não quero mais. Foi por esse motivo que deixei mamãe e Nate Ltda., para começo de conversa. E tem o detalhezinho pequetitico sobre eu não dever ficar perto dele, graças aos alertas policiais de Wanda, *ugh*. Mas isso é parte do apelo geral, não? Porque estar com Porter é doido e excitante. E, como num bom filme de suspense, não tenho certeza de quem vai acabar morto quando os créditos finais estiverem prestes a subir.

Uma van azul-escura para atrás de mim e estaciona numa vaga demarcada da loja de surfe. Mas não é a Kombi de Porter. E não é Porter quem está dirigindo – ou de carona, inclusive. Duas pessoas descem, me olhando com enorme curiosidade. A primeira é o sr. Roth, vestindo um leve casaco impermeável amarelo, com uma das mangas costuradas, e a segunda eu reconheço pelas fotografias: Lana, a irmã de Porter. Os dois estão ligeiramente molhados e, pelas gotas de água das pranchas presas à van, suponho que tenham vindo da praia.

– Oi – diz Lana, com chiclete na boca, superamigável e aberta. – Você é a garota do Porter.

Sou? Isso causa uma sensação engraçada no meu peito.

– Eu trabalho com ele – explico conforme ela contorna a van. Nossa, ela se move exatamente como Porter, esquiva como um gato. Ela está vestindo uma camiseta de manga comprida grudada à pele e bermuda: a primeira coisa que botou depois de ter tirado o traje de neoprene, acredito eu, mas ela tem o molde de Porter. Não é magra como uma modelo, e sim musculosa. Sólida e delineada.

– Lana – ela se apresenta, mascando feliz seu chiclete.

– Bailey – respondo.

– Bai-ley. É, agora lembrei – diz ela, sorrindo devagar. É jovem e bonita, sem maquiagem, cabelo comprido cacheado. Bem descontraída. Aberta, assim como Porter. – Ele tem falado de você que nem uma matraca. Ei, paiê, esta é a scooter que o Davy levou.

O sr. Roth, que até então me ignorou por completo, já estava com a mão na maçaneta da porta dos fundos da loja. Ele olha para a scooter, então me fita de cima a baixo com ares críticos.

– Você tá ficando com o Davy? – pergunta ele bruscamente. Não Porter. Davy.

Choque me inunda.

– N-não. Não, de jeito nenhum.

– A última estava, e por que o Davy roubaria isso se não estivesse rolando alguma coisa? – Ele me olha como se eu achasse que ele é um idiota. – Espera que eu acredite que meu filho chegou em casa com a cara arrebatada sem motivo? Como se ele fosse um vagabundo que fica de briga nas ruas? Eu o criei melhor que isso.

– Pai – diz Lana, soando quase tão humilhada quanto eu me sinto. – Ele estava defendendo a honra dela.

– E por que a honra dela precisava ser defendida? – Agora o sr. Roth gesticula o braço para mim, bravo. – Por que Davy roubou isso?

– Eu sei lá – grito em resposta, surpresa comigo mesma. – Talvez porque ele seja um cretino que achou que poderia ganhar uma grana rápida. Mas eu não o encorajei. Nem o conheço.

A porta da loja se abre. Porter sai de dentro, sem fôlego. Ele parece... péssimo. O corte em sua bochecha está vermelho-escuro e inchado. O galo

em sua têmpora agora tem um tom feio de azul e marrom. Sua barba por fazer, normalmente aparada com perfeição, está mais grossa e mais escura.

– Pai  – diz ele. – Esta   Bailey Rydell. Lembra? Que eu falei ontem à noite sobre consertar o banco da scooter? Como a do sr. Stanley, que você consertou outro dia.

Agora me pergunto como um homem de um braço só vai conseguir consertar qualquer coisa – e, francamente, com essa sua atitude mal-educada, acho que não quero que ele se incomode.

O pai de Porter não fala nada por vários segundos. Depois me olha.

– Não conheço nenhum Rydell. Quem são seus pais?

Antes que eu possa responder, Porter diz:

– Eu já te contei. O pai dela mora na casa do velho McAfee. Ele é contador. E t  saindo com Wanda Mendoza. Bailey se mudou pra cá em maio, da costa leste.

– Ah,  . Sargento Mendoza. Ela é de boa – comenta o pai dele, ainda grosseiro, porém com um pouco mais de suavidade, como se metade dele acreditasse em Porter e a outra metade considerasse, quem sabe, acreditar nele um dia. E, puf!, sem mais nem menos o interrogatório acaba. – Vai lá pra dentro ajudar sua mãe – diz ele para Lana antes de voltar para Porter. – Pegue a caixa de ferramentas verde na van. Também preciso das chaves do banco da scooter dela.

O sr. Roth não dirige a palavra a mim. Fui dispensada. Não sei direito como me sinto em relação a isso. Um lixo, acho. Porter achava que eu era chique demais para ele, mas agora o pai dele acha que não sou boa o bastante para namorar o filho? E o que foi toda aquela coisa de pressupor que estou saindo com Davy porque “a última” fez isso? Seria essa a tal da Chloe sobre a qual Porter e Davy discutiram na frente da loja de roupas vintage no calçadão? Caramba. Esse cara   difícil. Quando Porter o descreveu como um sargento de treinamento do exército, não estava brincando. Acho que Porter ter citado o nome de Wanda foi a única coisa que me validou.

Vir aqui foi um grande erro, definitivamente. Estou tão, tão arrependida que gostaria muito de ir embora, mas não sei como sair desta situação.

Quando entrego a Porter as chaves da minha scooter, ele mexe a boca, *Desculpa*, e aperta minha mão, e só esse contatozinho de nada de pele é como acordar no fim de semana com o cheiro de café da manhã: completamente inesperado e delicioso. Um beijo bobo (ok, dois... ok, beijos incríveis) e meu corpo não se importa que o pai de Porter odeie a minha pessoa e que estou a

segundos de um ataque de pânico; está ocupado demais apreciando o formigamento real, verdadeiro e vivo gerado pelo toque do garoto surfista. Não é bom. Estou com tanto medo de o pai dele me ver reagir que só consigo largar a mão de Porter como se fosse uma batata quente.

Covarde como sou, estou a cinco segundos de dar meia-volta e atravessar correndo o beco para nunca mais aparecer; quando Lana indica a loja com a cabeça, estou numa confusão mental tão grande que apenas a sigo lá para dentro. Melhor que ficar lá fora com o sargento de treinamento. Ou com Porter... quem eu talvez agarre na frente do pai dele. Não posso mais confiar em mim mesma. O QUE ESTÁ ACONTECENDO COMIGO?

– Meu pai não tem intenção de parece chato daquele jeito – diz Lana conforme seguimos para um depósito cheio de prateleiras com caixas. – Ele é só mal-humorado. Acho que ele sente dor 24 horas por dia, mas preferiria morrer a admitir. Já ouviu falar de um negócio chamado membro fantasma?

– Já – respondo. Vagamente. Amputados voltam da guerra e ainda sentem seus membros ausentes.

– Eu o ouvi dizer à mamãe que ainda sente dor no braço, embora não esteja ali. Ele tem vários pesadelos, essas coisas. Ele não toma remédios nem vai ao médico porque tem medo de ficar viciado. Nosso avô era alcóolatra. Meu pai não quer ficar igual.

Não tenho tempo para processar nada disso quando ela abre outra porta, e então estamos piscando diante das janelas da loja de surfe iluminadas pelo sol. Madeira avermelhada e pranchas de cores vibrantes cobrem as paredes; música toca de alto-falantes pendurados no teto. Não está muito movimentada, mas tem algumas pessoas zanzando, olhando pranchas e trajes de neoprene, batendo papo perto dos mostruários de equipamentos.

Engraçado, mas este era um dos lugares que estava fechado para o almoço todas as vezes que passei na frente para cortar do meu mapa do Alex; ou foi isso ou eu me distraí, porque meu carrinho de churros favorito está logo ali – posso vê-lo daqui de dentro, bem como as ondas batendo contra o píer – e é aquele cheiro de canela de churros que estou sentindo, misturado com a parafina de coco de Porter. É uma combinação divina, quase erótica. Definitivamente não é algo em que eu deseje pensar quando estou conhecendo a família dele.

Lana serpenteia por entre os displays, cumprimenta alegre os clientes, e segue para o fundo da loja. Ela se inclina sobre o balcão e dá um puxão no braço de uma mulher de meia-idade, de pele bronzeada, curvas generosas e com uma nuvem enorme de cabelo crespo cor de carvão. Lana a afasta de uma conversa, sussurrando em seu ouvido. A mulher é sem dúvida polinésia,

e sem dúvida a mãe deles. Tipo, caramba, a semelhança familiar é insana. Mãe e filha olham na minha direção. As duas sorriem.

– Olá – cumprimenta a mãe, dando a volta no balcão para me encontrar. Ela veste jeans e uma blusinha solta. Ao contrário do restante da família, ela não é musculosa e não está em boa forma; está mais para macia e rechonchuda. Sua nuvem grande de cabelo está amarrada atrás de uma orelha e cai até o quadril dela. – Eu sou a mãe de Porter e Lana. Pode me chamar de sra. Roth ou só de Meli. Todo mundo me chama assim.

Minha nossa, ela é tão linda... tão bacana. Seu sorriso é tão largo. Parece uma armadilha.

– Bailey – eu lhe digo.

– Bailey Rydell – diz ela, me surpreendendo. – Porter me disse que vocês trabalham juntos na Caverna.

– Sim, senhora.

– O papai foi supermal-educado com ela – informa Lana.

A sra. Roth esfrega o rosto.

– Desculpa. Ele fica assim de vez em quando. O truque é ou entrar no jogo de cachorro bravo e arreganhar os dentes – ela imita um cachorro vociferando, o que é meio adorável – ou fazer o que eu faço: ignorá-lo.

– E não deixa essa falação toda dele te enganar – complementa Lana. – Mamãe é a mandachuva da família.

– É isso mesmo, bebê. – A sra. Roth envolve a filha com os braços. – Como foi esta manhã? Achou alguma coisa boa pra surfar?

– Nem, só remei. Porter tinha razão, como sempre. A brisa terrestre estava desfazendo as ondas. – Lana olha para mim e se ilumina. – Você deveria vir alguma manhã, pra ver a gente surfar. Porter gosta quando tem alguém na área pra animá-lo em vez de só o papai gritando com ele.

A sra. Roth assente, sorrindo.

– E, minha nossa, como ele iria se exhibir pra você, querida! Diga a ele que quer vê-lo surfar alguma manhã, quando as ondas estiverem boas. Ele adoraria. É só dizer uma palavra e ele vai te mandar mensagem com a previsão do tempo ao primeiro raio de sol.

– Ele tem obsessão pelo clima – Lana me conta.

– Eu sei – digo rápido demais, incapaz de me impedir.

Elas duas dão um sorrisinho para mim como se eu tivesse resolvido algum

código secreto familiar.

A sra. Roth olha por cima da cabeça de Lana e ergue uma mão para um cliente.

– Ei, querida? – diz ela à filha. – Você pode ajudar o sr. Dennis, por favor?

Lana solta um som irônico.

– No dia em que você me der um salário, quem sabe.

A sra. Roth me lança um olhar envergonhado

– Não comente isso por aí, tá? Não é trabalho infantil, é só que...

– Tecnicamente meio que é, sim – murmura Lana, soltando uma risadinha ao ser beliscada na cintura pela mãe.

– ... os tempos estão difíceis – a sra. Roth termina sua explicação.

– E Porter e eu somos os únicos trouxas na cidade que trabalham de graça – acrescenta Lana. – Eu vou ajudar o sr. Dennis, mas só se você me deixar ficar uma hora a mais na rua antes de voltar pra casa hoje à noite.

– Meia hora, e vai lá, vai. Ele tá com aquela cara irritada. – A sra. Roth dá uma volta na direção da porta da frente e solta um som exasperado; alguém está descarregando um monte de caixas ali. – As entregas são feitas pelos fundos. Quantas vezes eu tenho que avisar pra esse cara? Ah, Bailey, preciso resolver isso aqui, desculpa. Queria ter uma conversa de mulherzinha com você. Espere aqui.

Ela corre para redirecionar o homem com as entregas, e eu observo Lana tirar com dificuldade uma prancha de surfe de um suporte bem alto, onde está presa no meio de várias outras. Ela é toda musculosa – não tem nada de boneca delicadinha –, mas o trabalho é duro, e ela está respirando pesado, balançando o braço e brincando que quase esmagou a mão enquanto tirava a prancha do suporte. Então percebo que não tem mais ninguém trabalhando na loja. São só os quatro que cuidam deste lugar? E, com as limitações do sr. Roth, toda a parte física acaba sobrando para a mãe e seus dois filhos, que não estão sendo pagos. E depois Porter dá meia-volta e trabalha período integral na Caverna.

Isso é péssimo, muito péssimo.

E quando a escola começar, no outono, e Lana e o pai dela saírem para o torneio de surfe? A sra. Roth vai cuidar da loja sozinha? Como Porter vai conseguir tirar notas boas e ajudar a mãe e manter o emprego na Caverna?

Meu telefone apita com uma mensagem. Supreendente-mente, é de Patrick, o Patrick do Tour de Baleias do Killian e do meu gaydar quebrado: *Ei, você tá*

livre? Quer tomar um café no Shack? Recebi coisa nova do festival.

Quem diria! Ele não acha que sou uma idiota completa depois do nosso “encontro” fracassado na loja de DVDs. Antes que eu possa responder a mensagem, a porta dos fundos se abre e Porter entra tranquilo com um sorriso enorme no rosto. Uma sensação prazerosa passa por mim até eu ver o pai dele logo atrás... aí congelo.

– Meu pai consertou seu banco. Tá prontinho.

O sr. Roth me entrega as chaves sem me olhar nos olhos. Eu acho. Não o estou olhando nos olhos também. Isso pode dar certo se nós dois continuarmos nos evitando.

– Ainda está amassado – resmunga ele – e pode emperrar quando você destrancar, mas não há nada mais que eu possa fazer.

– Talvez você tenha que dar uma balançadinha na chave e umas pancadinhas – propõe Porter feliz.

– Ou pode levar a algum lugar para um profissional arrumar – diz o sr. Roth. – Mas o pior que pode acontecer é você mesma não conseguir abrir, então talvez seja melhor levar seu capacete com você até ter mais certeza. E comprar uma corrente de pneu melhor.

– Estou indo comprar uma agora mesmo – conto. Coço minha mão, desconfortável. – Obrigada pela ajuda.

Desviando o olhar, ele grunhe e ergue o ombro que não tem o braço. Depois de alguns segundos de um silêncio constrangedor, logo quando acho que ele vai dar meia-volta e sair sem dizer mais nada, ele me fita com um olhar duro e aponta um dedo na minha cara.

– Quer me agradecer de verdade? Da próxima vez que vir Davy Truand, me ligue, não importa a hora, e eu vou terminar o que Porter começou. Aquele garoto é estúpido e perigoso e obviamente você entrou na mira dele, por isso vou te dizer o que digo pra minha própria filha: fique o mais longe possível dele, mas, se ele chegar perto de você, pega seu telefone e liga pra mim... Entendeu?

Ahn...?

Sinto o estrondo do tom esquisito e baixo que escapa do fundo da minha garganta. Ele está meio que gritando comigo de novo, mas de um jeito “pai preocupado”, e, não tenho muita certeza, mas acho que ele está se oferecendo para dar uma surra em Davy em meu nome. Olho para Porter, em busca de confirmação, e ele está sorrindo.

É tão confuso.

Só posso assentir. É o que faço, repetidas vezes. Isso parece ir ao encontro da aprovação do sr. Roth. Ele assente de volta, também repetidas vezes. Então diz a Porter para deixar de ficar ali parado que nem um tonto e ir ajudar a mãe com a entrega que agora está dando a volta até a porta dos fundos. Atordoada, eu o observo ir até a sra. Roth.

– Ele gosta de você – Porter sussurra perto da minha orelha, provocando uma pequena cascata de tremores pelo meu couro cabeludo. É muito tenso que ele tenha esse efeito em mim em público, especialmente quando sua família não está nem do outro lado da loja.

Encontro minha voz e pergunto:

– Como sabe?

– Pro meu pai, isso foi praticamente abraçar e te receber na família. Ele disse que você tem brio.

Matreiros não têm brio. Será que foi porque gritei com ele lá fora? É difícil para mim pensar muito nisso, porque Porter está enroscando seu dedo indicador no meu.

– Ei, Porter – chama uma voz.

Solto seu dedo e, ao erguer o olhar, vejo a sra. Roth sorrindo docemente da porta que dá para o quatinho dos fundos, seu cabelo de nuvem de tempestade escura em volta dos ombros.

– Ai, desculpem, crianças – lamenta ela.

– As senhoritas já se conheceram? – pergunta Porter.

– Já – responde ela. – E Bailey vai vir te assistir fazer seu lance numa manhã dessas.

Porter levanta as duas sobrancelhas e tem uma expressão no rosto que é difícil decifrar, como se talvez estivesse envergonhado, mas também meio feliz.

– É?

– Se você quiser – respondo.

– É, talvez – diz ele. – Você deveria ver Lana, com certeza. Se conseguir acordar bem cedo.

– É, talvez – digo, imitando-o. – Quero dizer, não sei nada sobre marés e ondas, essas coisas, então você vai ter que me avisar quando e onde for rolar.

A sra. Roth me faz um sinal de positivo entusiasmado da porta, então

abaixa o braço rápido, antes que Porter a veja.

– Acho que tá marcado, então – comenta ela. – E desculpe separar vocês, mas eu preciso mesmo de ajuda aqui... Porter?

– Desculpa, o dever me chama – ele me diz.

Balanço a cabeça para mostrar que não me importo. Eu preciso comprar uma nova corrente de pneu antes de ir para o trabalho. Tenho tempo de sobra, mas ele claramente tem coisas a fazer aqui, então não comento nada. Só falo que também estou ocupada, agradeço de novo e peço para ele agradecer de novo o pai, que desapareceu com Lana. A sra. Roth dá um tchauzinho por cima da pilha de caixas quando vou embora pela porta dos fundos.

Ainda tenho cerca de duas horas para matar antes do trabalho, tempo mais que suficiente para comprar minha nova corrente de pneu, por isso mando uma mensagem para Patrick e combino de encontrá-lo no Pancake Shack enquanto testo a trava recém-consertada do assento da minha scooter. Lá em cima, na calha do telhado, capto de relance um monte de pelo branco: um gato. Dois gatos, na verdade. É o meu malhado do carrinho de churros, Señor Don Gato, e ela está perseguindo um felino branco grande e peludo. Dou uma risada alta, não consigo evitar, porque é como na canção infantil. Minha Don Gato encontrou o amor verdadeiro.

– Não pule – grito para Don Gato. Os dois animais olham para baixo com uma expressão confusa. – Confie em mim, você só vai quebrar uma perna e morrer. Aquele gato branco bobo não vale a pena. Mas, se você pular, lembre-se disto no seu funeral: o cheiro de peixe a fará reviver... ou provavelmente, no seu caso, o cheiro de churros.

Don Gato se acomoda na calha e começa a lambar a pata do outro. Ela não se importa nem um pouco com o meu aviso. Bem, eu tentei. Espero silenciosamente que, em algum lugar neste calçadão, Sam-I-Am esteja vivendo uma vida mais inteligente do que esses dois felinos apaixonados, arriscando sofrerem danos corporais no telhado... então me lembro de Alex me dando o cano.

– Quer saber? Dane-se. Vocês dois têm nove vidas, caramba – volto a gritar para os gatos enquanto prendo a tira do meu capacete de oncinha. – Melhor aproveitar um pouco.

COMUNIDADE DOS FANÁTICOS PELA LUMIÈRE FILMES

MENSAGENS PARTICULARES > ALEX > NOVAS!

@alex: Ei, Zibelina? Você não tá brava comigo, tá?

@zibelina: O que te faz pensar isso?

@alex: Sei lá. Eu só estava preocupado que você tivesse ficado brava por eu ter te pedido pra falar comigo antes de comprar uma passagem pra vir pra cá. Você não me mandou nenhuma mensagem desde então.

@zibelina: Não tô brava. Pensei que você me conhecesse melhor.

@alex: Err... Isso foi uma piada? Não sei dizer.

@zibelina: Às vezes é difícil entender o tom das pessoas pela internet. Enfim, tô muito ocupada agora. Depois a gente se fala.

Capítulo 18

“Por favor, me deixe manter esta memória, só esta.” – Jim Carrey, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (2004)

Qualquer um pensaria que duas pessoas que talvez se gostem (às vezes) e que sem dúvida (quase sempre) trabalham juntas encontrariam tempo – nem que fossem minutos – para ficar sozinhas. Se não para se beijar, pelo menos para conversar. Mas uma semana inteira se passou e tudo o que consegui com Porter desde a visita à loja de surfe de sua família foram os cumprimentos diários, um monte de sorrisos e olhadas através do saguão mais do que suficientes para encher a caverna toda.

Todo dia eu observava os ferimentos em seu rosto suavizarem e seu corte sarar, mas, conforme eles desapareciam, o mesmo acontecia com a memória do que houve entre nós dois, e estou sentindo algo parecido com surtos de abstinência. É claro, recebi algumas mensagens dele durante o horário de trabalho. Elas incluíam o seguinte:

Numa escala de 1 a Hades, quão úmida tá a Sauna hoje?

Você deveria usar sandálias pra trabalhar mais vezes. Seus pés são sensuais. Talvez seja eu quem tenha um fetiche por pés.

Pensei em entrar escondido no seu quarto ontem à noite, mas não queria arriscar te causar problemas com seu pai se fosse pego.

Tô cansado. Vamos tirar uma soneca juntos na barraca grande?

E quando ele me escreveu *Acho que preciso de cuidados médicos. Você pode vir ser minha enfermeira de novo?*, quase caí do meu banquinho na bilheteria. Quando, porém, escrevi de volta que estaria lá em um segundo, sua resposta foi: *Ai, quem dera. Pangborn tá sentado do meu lado. Seria esquisito.*

Esse garoto está me matando. Ma-tan-do.

As coisas eram bem mais simples quando éramos arqui-inimigos.

– Às vezes eu acho que Porter é enfermeiro do Pangborn – murmuro baixinho.

Grace entrega ingressos pela janelinha e desliga o microfone.

– Sabe o que ouvi? Que toda a maconha que o Pangborn usa pode ser mesmo medicinal. O velhote talvez tenha um tumor.

Franzo o cenho.

– O quê? Câncer? Quem te contou?

– É só um boato que tá rolando. Não sei se é verdade. Você sabe como as pessoas são. Aquela garota da cafeteria daqui, a Renee, disse que ouviu que ele tá em remissão há anos, e que ele só usa como desculpa para ficar alto. Então quem é que sabe? Não acho que ele pareça doente.

Concordo, mas quem pode dizer com certeza? E eu jamais chegaria nele e perguntaria assim, na cara. Odeio boatos. Fico triste que as pessoas estejam falando de Pangborn pelas costas.

– O que tá rolando entre vocês dois, aliás? – me pergunta Grace enquanto ajusta o ventilador portátil.

– Pangborn e eu?

Ela me dá sua clássica revirada de olhos que claramente comunica: *Você sabe o que tô perguntando, não se faça de idiota.*

– Porter e você.

– Sei lá – respondo toda mal-humorada. Eu já contei a ela dos beijos. Não dei detalhes. Bem... dei alguns detalhes. Grace tem um talento para tirar as coisas de mim. – Talvez ele esteja saindo com outra pessoa e esteja tentando lidar com duas garotas ao mesmo tempo.

Grace balança a cabeça.

– Não tem outra namorada. Ele trabalha na loja de surfe depois que sai daqui todo dia. Ela fica aberta até nove da noite. Então ele volta e trabalha lá a manhã toda, isso quando não tá surfando. Em que momento ele vai encontrar outra namorada?

Bom argumento. Me sinto culpada só por ter feito a piada.

– Eu o vi discutindo com o sr. Cavadini sobre os turnos que acabaram de ser divulgados – observa ela quando seu telefone apita. Ela confere a mensagem, responde e sorri para si mesma.

– E?

Ela dá de ombros e passa ingressos pela janelinha.

Agora é meu telefone que apita com uma mensagem. É de Porter. *Nós dois estamos de folga amanhã. Se não estiver ocupada, vamos sair juntos? Horário: amanhã à tarde até...? Chances de ser pego pelo seu pai: bem baixas. (Por favor, diga sim.)*

Olho para Grace.

– Você sabia disso?

– Disso o quê? – diz ela, a imagem da inocência. – E, sim, eu te acoberto. Pode dizer pro seu pai que vai passar o dia comigo. Mas meus pais querem conhecer você de verdade, por isso você vai jantar lá em casa na terça. Nós não temos jogos de tabuleiro de nerd, mas meu pai cozinha e vai te obrigar a ajudá-lo nos preparativos enquanto conta piadas idiotas, então você tá avisada.

– Te devo um favorzão, Grace. – Não tenho como digitar *Sim* rápido o suficiente.



No dia seguinte, ao meio-dia, estaciono Baby no beco atrás da loja de surfe, colocando-a com cuidado em um cantinho entre o prédio e a van do sr. Roth. A sra. Roth diz que vai ficar de olho nela, mas garante que ninguém com juízo roubaria qualquer coisa deles. Uma olhada para o pai assustador de Porter e acredito nela. Mas não estou tão preocupada assim com Davy tentar sequestrar Baby de novo, só estou aliviada por guardar minha scooter aqui atrás, onde meu pai provavelmente não vai encontrá-la se estiver zanzando por aí.

Deslizo para o assento do passageiro na Kombi de Porter e aliso o amassado na minha saia vintage estampada conforme ele acelera para fora do beco, fazendo todos os monstros marinhos de seu painel balançarem a cabeça de um jeito cômico. Está ensolarado e límpido, um lindo dia de verão, e não dissemos quase nada um ao outro. Estamos nervosos, os dois. Pelo menos eu sei que estou, e tenho quase certeza de que ele também, porque está soltando o ar fundo com uma frequência alta demais e não está tão conversador como de costume. Ele ainda não me contou aonde estamos indo, só disse que eu deveria me preparar para andar.

– Lá tem ar-condicionado, não se preocupe. Eu não te submeteria a temperaturas de Sauna na sua folga – ele me disse ontem no estacionamento depois do trabalho. Estou no escuro quanto a todo o resto.

– Você não vai mesmo me perguntar aonde vamos? – diz ele por fim, quando estamos indo ao sul da rodovia Pacific Coast, seguindo o oceano para além do calçadão e da Caverna.

– Gosto de um bom mistério. – Tenho uns dois flashbacks da nossa última viagem para cá, quando procurávamos minha scooter perdida, mas não vou comentar. Em vez disso, fico tentando resolver a charada sozinha, deduzindo coisas a partir da direção que seguimos, do horário de partida (que não é exatamente super-romântico para um encontro) e da roupa que ele está usando, que é uma calça jeans com uma camisa vinho solta na cintura que se ajusta obscenamente bem em seu peitoral. Não consigo parar de olhar

furtivamente para seus braços. Porque, vamos combinar, são braços ótimos. Braços ótimos se estendem até mãos ótimas... E eu queria que essas mãos estivessem me tocando agora mesmo.

Quando se dá um beijo incrível, é possível morrer se não der outro? Porque sinto como se fosse isso o que está acontecendo comigo. Talvez eu goste dele bem mais do que ele gosta de mim. Nossa, essa ideia me tira o equilíbrio e me deixa um pouco nauseada. Talvez eu não goste nem um pouquinho dele. Talvez nosso relacionamento esteja se sustentando pela emoção de uma boa discussão e de atração sexual pura, e meus instintos primordiais a respeito dele estivessem certos. Espero que este encontro não seja um erro.

– Fico feliz que você confie em mim – comenta ele, relaxando pela primeira vez hoje e me dando uma amostra daquele seu sorriso lindo. – Já que temos alguns quilômetros à frente, vamos testar nosso gosto musical.

– Ai, caramba.

Pegamos nossos telefones, e ele me deixa passar pela lista de músicas dele, descobrindo que temos pouco em comum nesse aspecto... Surpresa nenhuma. Mas, e não tenho certeza do motivo, isso me deixa quase contente. Porque passamos a meia hora seguinte debatendo os méritos das últimas eras da história da música, discordando de quase tudo, e é... divertido.

Bem divertido.

– O que vou dizer vai parecer estranho – falo depois de pensar um tempo –, mas acho que somos argumentadores compatíveis.

Ele considera por um momento.

– Você gosta de me odiar.

– Eu não te odeio. Se te odiasse, as coisas seriam bem mais simples, acredite em mim. Só acho que somos bons em discutir um com o outro. Talvez seja porque respeitamos o ponto de vista um do outro, mesmo que não concordemos.

– Talvez seja porque gostamos tanto da outra pessoa que tentamos ao máximo convencê-la a adotar nosso jeito de pensar.

Eu bufo.

– Você acha que eu gosto de você esse tanto, é?

Ele ergue as palmas no volante, gesticulando para a estrada à nossa frente.

– Passei uma semana inteira planejando isto aqui, como um imbecil. Quem é que tá amarradão nessa história?

Calor se espalha pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas. Rapidamente encaro a janela do passageiro e torço para que meu cabelo me proteja conforme o escudo soltar o ar lar pesadamente de novo. Estou ao mesmo tempo feliz e envergonhada quando penso no tanto de trabalho que ele teve para organizar isto. Ele discutiu com Cavadini para que nós dois folgássemos no mesmo dia. E me pergunto quem está cobrindo a ausência dele na loja de surfe... A irmã?

– Eu estava começando a ficar preocupada que você tivesse mudado de ideia sobre mim nesta semana – digo para a janela.

Sinto um puxão na minha manga. Porter puxa minha mão pelo banco e me oferece um sorriso hesitante e instável, que retribuo. É tão bom poder enfim tocá-lo de novo, e agora sou eu quem expira fundo. Ainda estou nervosa, mas é um tipo diferente de nervosismo. Antes, minha ansiedade cantava sozinha. Agora, toda essa antecipação esquisita e excitação confusa adicionaram algumas harmonias estranhas à mistura. Sou um quarteto inútil de cantores *a capella*.

Levamos quase uma hora para chegar ao nosso destino, que é na cidade vizinha mais próxima, Monterey. Tem mais ou menos o mesmo tamanho de Coronado Cove, mas um aspecto diferente. Menos surfistas, mais barcos e bicicletas. Porter aponta para algumas coisas, me mostra Cannery Row, que ficou famoso pela lenda local, John Steinbeck, no livro *A rua das ilusões perdidas*. Nós não lemos essa obra dele na escola – foi *As vinhas da ira* –, mas Porter leu tudo de Steinbeck, o que me surpreende, até ele começar a falar de piscinas de marés e de um biólogo marinho chamado Ed Ricketts, que foi imortalizado num livro de Steinbeck como um personagem chamado Doc. Então começa a fazer sentido.

Estacionamos a algumas quadras da praia perto de um prédio de estilo espanhol com um telhado de terracota e uma escultura de baleia na entrada. Na placa na parede se lê: MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE PACIFIC GROVE.

Porter prende o chaveiro em uma faixa de couro que sai de seu cinto e fica pendurada em seu quadril enquanto ficamos de pé do outro lado da rua. Ele está analisando a expressão vazia no meu rosto, a qual tento rapidamente disfarçar.

– Sei que parece estranho. Você deve estar pensando, *Ei, trabalhamos num museu o dia todo. Por que iríamos querer vir aqui?*

– Eu não estava pensando isso. – Talvez só um pouquinho. – Gosto de museus.

Gosto mesmo, muito.

– Naquela manhã, no teleférico, você me contou que queria um dia trabalhar num museu de verdade – diz ele com suavidade, enfiando as mãos nos bolsos.

Confirmo com a cabeça, subitamente um pouco envergonhada e desejando que não tivesse compartilhado tanto de mim com ele... ao mesmo tempo tocada por ele ter lembrado.

– Enfim, isto não faz parte do encontro, na real. Nós temos um compromisso agendado.

– Um compromisso agendado – repito, confusa.

– Apenas... venha.

O edifício não parece muito grande do lado de fora e, quando ultrapassamos a Baleia Sandy, passamos pelas portas e Porter paga a irrisória taxa de entrada opcional, não ocorre um truque ao estilo Doctor Who e o prédio não se revela maior do lado de dentro. Mas tem dois andares e é bem iluminado. E está repleto de espécimes naturais coletados em expositores envidraçados: pássaros e animais empalhados, artefatos, plantas secas, pedras... tudo da Califórnia central. Embora história natural não seja exatamente meu lance, há ali um clima de museu das antigas que me deixa apaixonada de imediato pelo lugar.

É, estou curtindo muito.

– Meus pais costumavam trazer Lana e eu aqui quando éramos crianças – Porter me conta conforme passeamos pelo salão principal e paramos na frente de um urso-pardo de 25 metros que alcança o segundo andar.

– É fantástico – digo, deixando a cabeça pender para trás para espiar a cara do urso. Antes que eu perceba como pareço nerd, acrescento: – A iluminação é excelente.

Ele está satisfeito.

– Ao contrário da Caverna, todas estas coisas são verdadeiras. E os guias são bacanas. Eles manjam do que falam. – Ele dá uma olhada em seu relógio do surfe. – Chegamos um pouco cedo. Temos ainda meia hora, o que é tempo quase suficiente para um tour rápido pelo museu todo. Se estiver interessada, é claro.

– Meia hora até nosso compromisso agendado com...? – pergunto.

– Você vai ver. – Ele prende seus cachos soltos atrás das orelhas, parecendo perdido e empolgado, e por um momento breve entro em pânico, me perguntando se estou sendo conduzida a uma situação ao estilo de *Carrie, a estranha*: a qualquer segundo, o baile de formatura será arruinado por um

grande balde com sangue de porco sendo derrubado na minha cabeça. Começo a lhe perguntar isso, só para confirmar, mas ele interrompe meus pensamentos de filme de terror.

– Não faz sentido ficarmos sentados esperando quando tem tanta coisa legal pra ver aqui. Tem uma lula-de-humboldt que o Ed “Doc” Ricketts doou e um globo ocular preservado de uma baleia-de-barba – diz ele com o entusiasmo de alguém que acabou de ganhar dois ingressos para a pré-estreia com tapete vermelho do próximo filme de sucesso da Marvel.

– Certo, eu topo. – Ainda estou nervosa com a história do compromisso agendado, mas também ansiosa para ver o museu, por isso o sigo.

Expositor por expositor, ele me guia por galerias de borboletas, moluscos, *haliotis*, fósseis. Tem um jardim nos fundos, e um milhão de pássaros empalhados: condor-da-califórnia, ahoy! Ele enfim aponta para o olho de baleia preservado, e penso que aquilo talvez vá me assombrar para sempre. Especialmente quando, conforme me inclino para olhar melhor, Porter me cutuca dos dois lados da cintura. Solto um grito tão alto que assusto um grupo de criancinhas. Ele não consegue parar de rir. Acho que corremos o risco de ser expulsos, por isso finjo dar soquinhos no ombro dele, o que alarma ainda mais as crianças.

– Os mais quietinhos são sempre os mais violentos – ele diz a uma das criancinhas de olhos arregalados enquanto eu o afasto, puxando-o.

– Você é um perigo à sociedade – sussurro.

– E você tem um péssimo gosto pra garotos. É hora do nosso compromisso.

Eu o sigo de volta pelas galerias até a lojinha do museu, onde encontramos uma segurança jovial e de cabelo castanho chamada srta. Tish.

– Você parece seu pai – diz ela, apertando cordialmente a mão dele.

Pelo amor do surfe, será que todo mundo da Califórnia conhece os Roth? E será que todos têm uma opinião sobre se Porter se parece mais com o pai ou a mãe? É ridículo. Então percebo que a srta. Tish é segurança de um museu... e Porter é segurança de um museu. Será que existe uma sociedade secreta de seguranças que eu desconheço?

Porter me apresenta e diz:

– Então, é, como eu disse pelo telefone, Bailey talvez queira ser curadora de um museu de verdade, não de uma atração turística xixelenta como a Caverna Palaciana. E eu queria saber se você poderia mostrar um pouco dos bastidores pra gente.

– Sem problemas – responde ela, indicando com a cabeça uma porta

assinalada com SOMENTE FUNCIONÁRIOS. – Sigam-me.

Fico deslumbrada ao sermos conduzidos pelos corredores internos. Primeiro, ela nos apresenta os arquivos e depósitos, onde um rapaz e uma garota marcam silenciosamente amostras de fósseis sobre uma grande mesa, ouvindo música. Eles são gentis o suficiente quando somos apresentados, mas dá para ver que ficam aliviados por sairmos de lá. Eu não os culpo nem um pouco; minha solidariedade para com eles é completa e integral. Substitua esses fósseis por imagens de filmes antigos e este seria o trabalho dos meus sonhos: paz e sossego, nada a fazer além de se concentrar no que ama. Felicidade absoluta.

Depois chegamos aos escritórios do museu, que são bem diferentes dos da Caverna. São menores, é fato. Mas as pessoas estão realmente trabalhando em coisas que importam aqui. Fazendo coisas reais de museu, e não pensando em cotas de vendas e mais clientes. Há mesas, desordem e agitação, e os profissionais estão conversando sobre exposições, programas educacionais e divulgação.

A srta. Tish para em frente a um escritório com uma placa em que se lê CURADOR DE EXPOSIÇÕES. Ela bate no batente da porta e uma mulher vestida com elegância ergue o olhar da mesa.

– Sra. Watts? – diz a segurança. – Estes jovens são de Coronado Cove. Eles trabalham na Caverna Palaciana. Esta aqui diz que quer roubar seu emprego um dia, por isso achei que você gostaria de dar uma olhada nela pra se preparar.

Fico momentaneamente amedrontada até que a sra. Watts sorri e fica de pé, gesticulando para que entremos.

– Uma futura curadora? Que maravilha. Sentem-se, por favor.

Tudo depois disso se torna um borrão. Ela é amigável e faz um monte de perguntas às quais não me preparei para responder. Quando percebe que não sou tão chegada assim em história natural, acho que fica desapontada, mas Porter aproveita e começa a falar de florestas de algas e lapas e ela volta a se empolgar. Então tudo melhora, porque ela começa a palestrar, contando o que faz, e é muito interessante. Ela é supertranquila e bacana, e quero mesmo o trabalho dela... quero dizer, em teoria.

Quando ela está falando, dou uma espiada em Porter e me sinto arrebatada. Este não é bem um encontro romântico, mas é a coisa mais romântica que alguém já fez por mim. Ele podia ter só me levado ao cinema. Caramba, eu teria ficado satisfeita só de ficar parada no fim daquele beco. Quem faz este tipo de coisa? Nenhum outro garoto que já conheci, sem dúvida.

Não estou certa de quanto tempo passamos ali – um minuto ou dois? –, mas ela me entrega seu cartão de visitas e, antes de ir embora, aperta minha mão e diz:

– Nós nunca dispensamos um bom estagiário. Se um dia quiser dispor um tempo nos fins de semana, tenho certeza de que conseguiremos pensar em algo. É só me mandar um e-mail.

– Obrigada. – É o que consigo dizer.

A srta. Tish e Porter ficam conversando sobre surfe conforme deixamos o museu, e acho que ele lhe passa o telefone de alguém para falar sobre ingressos grátis para algum tipo de competição de surfe, não tenho certeza. Ela parece feliz. Nós dois a agradecemos e descemos juntos as escadas, passando pela Baleia Sandy no caminho de volta à Kombi.

– Porter.

– Bailey. – Sorriso preguiçoso.

– Porter.

– Bailey. – Sorriso mais preguiçoso.

– Isso foi tão... *Ugh*. Não sei o que dizer.

– Você não achou idiota?

Dou uma pancada no braço dele com meu ombro conforme atravessamos a rua.

– Cala a boca. – Perdi todas as minhas palavras agora, estou completamente estupefata. Tem como ele ser mais legal? Fazer isto hoje foi mais que gentil... É quase demais da conta.

Expiro fundo várias vezes, incapaz de expressar meus sentimentos. Minhas palavras saem rápidas e cruas.

– Caramba, Porter. Quero dizer, que cacete?

Ele sorri.

– Então mandei bem?

Respondo depois de dar vários passos. Engulo em seco e por fim digo:

– Hoje foi ótimo... Obrigada.

– Não faça parecer que acabou, ainda não são nem duas da tarde. Aperte o cinto, Rydell; é hora da parada número dois.

Não pretendo rir. Pareço uma demente. Acho que estou nervosa de novo.

Também me sinto um pouco drogada. Porter Roth tem esse efeito sobre mim.

– Aonde vamos agora? – De algum modo consigo botar essas palavras para fora da minha boca.

– Se este lugar foi uma amostra da minha infância, agora vou te dar um assento na primeira fila dos meus pesadelos.



A família de Porter tem uma assinatura anual no Aquário da Baía de Monterey, o que inclui um ingresso extra, portanto nós dois entramos de graça. Esta não é nenhuma atraçãozinha irrelevante. Porter me conta que o aquário recebe 2 milhões de visitantes por ano, e eu acredito. É enorme e lindo e mais profissional do que qualquer coisa em Coronado Cove.

Hoje as pessoas estão dispersas, e Porter as contorna. Ele claramente já esteve aqui umas cem vezes, e a princípio acho que vai ser um repeteco do museu: ele vai me dar um tour, apontando para todas as espécies de vida marinha. Contudo, depois que paramos para ver uma criancinha quase cair de cabeça no tanque das arraias, as coisas... ficam bem melhores.

Damos as mãos no meio da exposição da floresta escura de algas. Ao contrário do museu de história natural, este lugar é totalmente romântico, e espero que Porter não escute o suspiro feliz que escapa dos meus lábios quando seus dedos entrelaçam-se com os meus. Nem ligo que as juntas de seus dedos estejam me machucando um pouco, não estou disposta a soltar.

O próximo lugar escuro é a Sala das Águas-Vivas. Elas são maravilhosas, todas rendadas e etéreas, de tons chocantes de vermelho e laranja flutuando para cima e para baixo em tubos de água de um azul brilhante. O dedão de Porter segue os movimentos caprichosos delas, deslizando pela minha palma em círculos distraídos. Uma centena de arrepios se esparramam pela superfície da minha pele. Como posso me concentrar em águas-vivas quando estou recebendo toda essa ação manual? (Quem diria que esse tipo de ação manual poderia ser tão excitante?)

Eu ficaria perfeitamente satisfeita ali com as águas-vivas, mas um grupo turístico está lotando demais a sala, por isso saímos em busca de um lugar menos populoso. Não chegamos a verbalizar isso um ao outro, mas estou quase certa de que estamos em sintonia.

– Onde? – pergunto.

Ele avalia as opções. Tentamos alguns lugares, mas o único espaço que parece vazio agora é aquele ao qual ele não quer ir. Ou quer.

A Sala do Mar Aberto.

E acho que sei por quê.

– Era isto que eu queria te mostrar – diz ele com uma voz áspera, e estou ao mesmo tempo empolgada e um pouco preocupada ao entrarmos lá.

É quase um cinema. A sala é vasta e escura, e o foco é um enorme painel de vidro que apresenta uma água azulada pela qual irradia um único feixe de luz. Não há corais, nem pedras, nem elegantes ambientes falsos para peixes. A ideia é ver como seria olhar para o fundo do oceano, onde não há nada além de água escura. É efetivo, porque de jeito nenhum se parece com um tanque. É infinito, não há percepção de profundidade ou altura. Estou um pouco impressionada.

Algumas pessoas se juntam na frente da enorme janela de observação, suas silhuetas escuras contrastando com o vidro ao apontarem para cardumes de atum-rabilho e sardinhas prateadas deslizando em volta de tartarugas-marinhas gigantes. Nos aproximamos do vidro e achamos um ponto mais afastado das outras pessoas. A princípio, só consigo ver bolhas subindo e centenas de peixinhos minúsculos – ocupadíssimos, sempre em movimento –, então vejo algo maior e mais brilhante se movendo na água escura atrás dos peixes menores.

A mão de Porter aperta a minha.

Minha pulsação acelera.

Aperto os olhos, tentando ver a coisa maior e mais brilhante, mas ela escapa escuridão adentro. Acho que capto um lampejo dela de novo e chego mais perto do tanque, tão perto que sinto o vidro gelado tocar meu nariz. Sem aviso, um brilho prateado preenche minha visão, bloqueando a água escura. Afasto minha cabeça do vidro e descubro que estou a centímetros de um tubarão gigantesco passando ali.

– Merda! – Começo a rir de mim mesma por ter me sobressaltado, então percebo que minha mão está sendo feita em picadinho e que Porter não se mexeu. Ele está travado no lugar, congelado como se tivesse olhado para a Medusa, a testa encostada no vidro.

– Porter?

Ele não responde.

– Você tá machucando minha mão – sussurro.

É como se ele sequer notasse a minha presença. Agora estou começando a surtar. Forço meus dedos para soltar a mão dele, e é mais que difícil: é impossível. Ele me deixou num beco sem saída e é forte pra caramba.

Por um breve momento entro em pânico, olhando ao redor, me perguntando

o que devo fazer. Me perguntando se alguém mais vê o que está acontecendo. Mas está escuro e não tem quase ninguém aqui. Ele está sofrendo em silêncio.

O que eu faço? Será que dou um tapa na cara dele? Isso só chamaria a atenção para nós. Não consigo imaginar como isso nos ajudaria.

– Ei – digo com urgência, ainda tentando soltar os dedos dele. – Ei, ei. Ahn, que tipo de tubarão é esse? É igual ao que te mordeu? – Sei que não é, mas não sei o que mais posso fazer.

– O quê? – pergunta ele, soando desconcertado.

– Esse é o seu tubarão?

– Não – diz ele, piscando. – Não, o meu é o tubarão-branco. Este aqui é o tubarão-de-galápagos. É raro eles atacarem humanos. – Finalmente consigo soltar nossas mãos. Ele então baixa o olhar para entre nós dois e parece perceber que havia algo de errado. – Ah, minha nossa.

– Tá tudo bem – asseguro, resistindo à vontade de balançar meus dedos latejantes.

– Porra. – O rosto dele fica nublado. Ele se vira para encarar o tanque.

Agora estou preocupada que nosso encontro lindo e perfeito tenha sido arruinado.

Tenho que reunir toda a minha força de vontade para reprimir a onda de emoção caótica que ameaça me levar, porque a verdade é que nunca tive um encontro. Não um de verdade. Não um que fosse planejado por alguém. Eu tive alguns encontros de casais, acho que é assim que podem ser chamados, e algumas coisas mais instintivas, como, *Ei, quer ir estudar na cafeteria depois da aula?* Mas não encontros de verdade. Este é um território totalmente novo. Eu preciso que tudo corra bem. Preciso que seja normal.

Não entre em pânico, Bailey Rydell.

Mantenho minha voz leve e dou puxões na faixa de couro com as chaves do carro que fica pendurada em seu quadril até que ele se vire para me olhar de novo.

– Ei, lembra como pirei na festa da fogueira? Por favor. Você não é nem de longe tão zoado quanto eu.

– Você não tem como saber.

– Desculpa, tenho, sim. Desta vez você vai ter que confiar em mim.

– Bailey...

O tubarão passa nadando de novo, um pouco mais alto. Brinco com as

chaves.

– Preciso admitir, no entanto, que, apesar do que eu vivi, Greg Grumbacher parece uma florzinha comparada a essa criatura. Agora me conte sobre como seu tubarão é grande em relação ao de Galápagos.

Os ombros dele caem, seu pomo-de-adão sobe e desce, e o jeito como ele está me olhando agora, subitamente lúcido e penetrante, satisfeito – como se tivesse acabado de tomar uma decisão importante –, me faz sentir coisas engraçadas. Mas não estou mais preocupada, nem com ele, nem com nosso encontro ter sido arruinado. O perigo passou.

Ficamos olhando o vidro, e ele começa a me contar, numa voz baixa e firme, sobre o tubarão-de-galápagos e outro exemplar impressionante que passa nadando, um tubarão-martelo, explicando tamanhos, formas, dietas e estados de conservação das espécies. Enquanto fala, ele se posiciona atrás de mim e passa os braços pela minha cintura – titubeante a princípio, mas, quando eu o puxo mais para perto, ele relaxa e pousa o queixo no meu ombro, aninhando-se na lateral do meu pescoço.

Ele sabe tudo sobre esses tubarões. Este lugar é sua terapia. E, claro, ele travou ali por um segundo, mas veja só estes animais. Quem não travaria? Não pela primeira vez, fico impressionada com o que Porter viveu. Fico impressionada com ele.

– A mitologia havaiana – diz ele no meu cabelo, a voz reverberando pelo meu corpo – diz que os espíritos dos ancestrais continuam a viver em animais, pedras e plantas. Eles chamam o espírito ancestral de *aumakua*... como um espírito guardião, sabe? Minha mãe diz que o tubarão que nos atacou é nosso *aumakua*. Que, se ele quisesse matar a gente, é o que teria feito. Mas só estava nos avisando pra dar uma boa olhada em nossas vidas e reavaliar as coisas. Então deveríamos honrar isso.

– Como? – pergunto.

– Meu pai diz que tá honrando o *aumakua* ao admitir que tá velho demais pra subir numa prancha e que ele serve melhor a família em terra firme. Lana diz que tá honrando ao ser a melhor surfista possível e ao não ter medo da água.

Traço as cicatrizes de seu braço com meu dedo indicador.

– E você?

– Te aviso quando eu descobrir.

Quando o tom prateado do tubarão-martelo passa por nós, Porter me gira devagar em seus braços. Estou só vagamente alerta das silhuetas de pessoas

paradas mais adiante no painel de vidro, mas não me importo. No nosso cantinho de escuridão pacífica, parece que estamos sozinhos. Com meus braços circulando-o, ousou enfiar meus dedos por sob a ponta solta da camisa dele, subindo até tocar a pele firme e nua de suas costas. Bem no lugar onde uma de minhas próprias cicatrizes está, embora eu não tenha certeza se fiz isso sem querer ou de propósito, mesmo que inconscientemente.

Ele estremece com força, uma vitória das mais doces.

Um calor agradável se espalha pelo meu peito. O reflexo da água brilha nas linhas salientes das maçãs de seu rosto enquanto ele segura o meu com as duas mãos e baixa a cabeça para me beijar, suavemente, delicadamente, como se eu fosse algo especial que merece ser honrado.

Mas o que ele não sabe, o que espanta até a mim, é que não sou um espírito guardião gentil; eu sou o tubarão faminto. E temo que seu braço não seja o bastante. Eu o quero inteiro.

Capítulo 19

“Você é doce, e sensual, e a mais gostosa na minha opinião.” – Heath Ledger, *10 coisas que eu odeio em você* (1999)

Se antes eu estava preocupada em morrer por não beijar, agora o pêndulo foi para a direção oposta. Sem dúvida passamos dos limites. Chego em casa bem depois do meu horário limite, às onze da noite; antes disso, porém, Porter e eu tivemos tempo para jantar em Monterey num restaurante bacana que serve uma salada havaiana de atum cru chamada *poke* – muito boa – e muito mais tempo ainda para estacionar no parque Lovers Point e observar o sol se pôr atrás dos ciprestes e as ondas quebrarem na praia.

Ou, no nosso caso, não observar o sol de pôr. Que foi o que acabamos fazendo. Muito.

Agora meu vestido está coberto de manchas de grama, e, por causa da barba por fazer sensual e imbecil de Porter, meu rosto está vermelho e inchado, como se eu tivesse sido atacada por um enxame de abelhas furiosas. E ele me deu mesmo três chupões no pescoço? TRÊS? Ele jurou que foi um acidente, que eu sou “muito branca” e que fico marcada fácil. A princípio fiquei um pouco ofendida, mas talvez seja verdade, porque não me lembro de nenhuma sucção a vácuo rolando durante os procedimentos. E ele pediu um milhão de desculpas...

Mas o fato é que fiquei bem distraída, porque estávamos deitados na grama numa área elevada acima da praia, seu corpo estava contra o meu e foi ótimo. Quero dizer, não aconteceu nada mais sério, de verdade. Basicamente nos tocamos muito em partes não inconvenientes, a não ser que meu quadril e a lateral dos meus peitos contem. (Não contam, na minha opinião, mas foi bom. Muito bom.) Mas rolou muita respiração pesada, e nós concordamos de novo que somos argumentadores e beijadores compatíveis. Quando ele me deixou na loja de surfe, deu uma batidinha em sua têmpora e me disse:

– O dia de hoje está sendo cadastrado no meu banco mental como o melhor da memória recente.

No meu próprio banco mental, meus olhos de Matreira viraram desenhos de corações giratórios.

Mas as coisas ficaram um pouco complicadas depois disso.

– Minha nossa, o que aconteceu com você? – perguntou papai quando entrei em casa, vendo meu estado profano e desgrenhado.

– Grace e eu ficamos rolando na grama – falei. – Brincamos de lutinha e coisas do tipo com algumas pessoas do trabalho. Nada de mais.

Ele fez uma careta.

– Lutinha?

Putz. Isso pareceu mesmo algo que eu faria, só que não. Me encolhi mentalmente.

– O que aconteceu com a sua boca? – perguntou papai. Ele parecia horrorizado e preocupado, como se eu fosse contagiosa, e segurou minha cabeça com as duas mãos enquanto me inspecionava, para evitar pegar minha doença. – Você entrou em contato com carvalho venenoso ou algo do tipo?

– Ahn, talvez?

– Devo pegar aveia? Não tenho loção de calamina. Será que devo ir a uma farmácia 24 horas?

Eu estava bem horrorizada a esta altura.

– Tenho certeza de que vou ficar bem. Só uma queimadura leve ou algo assim.

Meu pai estreitou os olhos para mim. Seu olhar foi baixando. Não olhe o meu pescoço, não olhe o meu pescoço, não...

Uh-oh.

Então nós dois ficamos horrorizados. Ele soltou minha cabeça.

– Tudo bem. Se você tem certeza.

– Sim, sim, sim, muita certeza – falei.

– Você encontrou seu carinha fã de cinema? Qual era o nome dele? Alex?

Fiz uma careta, porque a simples menção ao nome dele me fere.

– Não estou falando com ele neste momento. Acho que ele arrumou uma namorada, porque me dispensou. E não, eu ainda não o encontrei.

– Bailey...

– Pai, só... Por favor, não.

– Só me deixe dizer uma coisa, pode ser? – disse ele, irritado de repente, o que é bem incomum e por isso me surpreendeu. E ele precisou de um momento para se acalmar o suficiente para terminar. Porém, quando voltou a falar, estava sério e estranhamente paternal. – Você cresceu e se tornou uma bela jovem, e as pessoas vão perceber isso, o que particularmente não aprecio.

Ai, caramba.

Ele ergue uma mão.

– Mas eu aceito. Porém, é sobre você que quero falar. Porque o lance, Zibelina, é que às vezes, quando coisas traumáticas acontecem às pessoas, elas se retraem até se sentirem confortáveis. E tá tudo bem. Mas, quando elas enfim estão prontas pra voltar a participar da vida, podem estar confiantes demais e cometer erros. Aí não tá tudo bem. Você entende o que quero dizer?

– Não exatamente.

– Lembra uma vez, sua mãe tinha acabado de vencer o caso do divórcio daquele senador e estava dirigindo rápido demais naquela pista congelada em Newark, quando estávamos indo pra festa do sr. Katter, e o carro derrapou, então, em vez de nos conduzir de volta à pista, ela puxou o volante e viramos demais e acabamos capotando na vala?

– Sim – respondi. Nós quase morremos. Foi um pesadelo. Difícil de esquecer.

– Pense nisso.

Enigmático, mas captei o sentido. Ele achou que eu estava vadiando por aí com um estranho só para curtir. Por um breve momento, quis abrir o jogo e lhe contar tudo a respeito de Porter, que eu não estava puxando demais e jogando a prudência pela janela. E pelo amor das armas, faz quatro anos! Por quanto tempo tenho que ficar no modo “trauma”? Não tenho permissão para tomar algumas decisões sozinha e aproveitar a vida? Apreciei sua preocupação sincera, mas eu sabia o que estava fazendo...

Na maior parte do tempo.

Enfim, foi isso o que ele disse. Ainda assim, meu pai é o cara mais legal do mundo, mas não é nenhum tonto. No dia anterior ao jantar marcado na casa de Grace, ele sugeriu me dar uma carona para que pudesse conhecer pessoalmente os pais dela. O que poderia dar errado? Quando contei a Grace, ela riu tanto e por tanto tempo que achei que ela estivesse tendo um derrame.

Nesse meio-tempo, embora meu rosto picado por beijos tenha voltado ao normal, meu coração e todas as partes funcionais do meu corpo não estão nada normais. Porque toda vez que Porter fica a uma certa distância de mim no trabalho, tenho a mesma reação. Quatro batidas na porta da Sauna? Enrubesco. Cheiro de coco na sala de descanso? Enrubesco. O som de Porter contando piadas para Pangborn no corredor? Enrubesco.

E toda vez que isso acontece, Grace está lá como um coro grego provocador, soltando uns *mmm-humm* de confirmação.

Até mesmo Pangborn nota.

– Está se sentindo mal, srta. Rydell?

– Sim – respondo um dia na sala de descanso antes do trabalho. – Aparentemente estou me sentindo muito mal, do pior jeito possível. E quero que saiba que eu não planejava que isso acontecesse. Isto não fazia parte dos meus planos de jeito nenhum. Se quer saber a verdade, eu tinha outros planos pro verão! – Penso no meu mapa do calçadão, dobrado e esquecido na minha bolsa.

Pangborn assente devagar.

– Não faço ideia do que quer dizer, mas te apoio total-mente.

– Obrigada – agradeço conforme ele vai embora asso-biando.

Meio minuto depois, Porter me puxa a um canto escuro do corredor, olha de um lado a outro, e me dá um beijo que *minha nossa senhora*.

– Sou eu, o destruidor de todos os seus outros planos – diz ele com a voz malvada. Se eu não o conhecesse, diria que ele parece enciumado. Então ele vai embora, me deixando acalorada e atormentada.

Vou ter um ataque nervoso.

A noite de terça na casa dos Achebe chega. A família de Grace vive numa parte ostentosa da cidade, numa casa estilo adobe com um jardim perfeitamente aparado. Quando papai e eu tocamos a campainha, minha pulsação explode. Ai, por que eu tive de dizer que estava com Grace quando saí com Porter? Foi tão idiota, e, agora que todo mundo vai se conhecer, sinto como se fôssemos ser pegos – o que é a última coisa que eu queria que acontecesse, por razões óbvias. E também porque não quero estragar o meu relacionamento com Grace. Ela é a primeira amiga decente que tenho em bastante tempo.

Passos ressoam do outro lado da porta. Acho que vou vomitar.

A porta se abre e revela uma mulher esbelta com cachos pretos longos e pele escura. Seu sorriso é caloroso e convidativo.

– Você deve ser Bailey. – Não tem a voz fina de Grace, mas sem dúvida tem o mesmo sotaque britânico.

Digo oi e começo a apresentar meu pai quando um homem de ombros largos aparece atrás dela, secando as mãos num pano de prato.

– É ela? – pergunta ele numa voz grandiosa e profunda cheia de alegria. Seu sorriso é grande e largo. – Olá, menina Bailey. Olhe só esse seu cabelo. Parece uma estrela do cinema de antigamente. Qual mesmo? Não é Marilyn Monroe.

– Lana Turner – forneço.

Ele faz uma expressão impressionada.

– Lana Turner – diz devagar, acrescentando um tom africano bacana às palavras. – Bem, bem, srta. Turner. Sou Hakeem Achebe. E esta é minha esposa, Rita.

– Pete Rydell – diz papai, apertando a mão dele. – Nós dois gostamos muito de Grace.

Vejo a cabeça de Grace pipocar nas escadas ao longe, sorrindo, porém rangendo os dentes. Ela também está tensa com a possibilidade de sermos pegas na mentira. *Droga!*

– Também gostamos muito de Grace – diz o sr. Achebe num tom jovial. – Acho que vamos ficar com ela.

Meu pai dá risada. Já consigo vê-lo combinando uma noite de jogo de tabuleiro com o sr. Achebe – o que espero que não aconteça, pois quero muito que esta conversa seja o mais breve possível.

– Ela tem comentado muito sobre trabalhar com Bailey naquela Sauna horrível – diz a mãe dela com um sorriso.

– Ouço reclamações disso também – replica papai. – Mas fico contente que elas estejam passando mais tempo juntas depois do trabalho.

Droga, merda! Por favor, não traga à tona a história falsa que inventei com Grace de “brincar de lutinha” na grama, papai. Será que ele faria isso? Com certeza não. Olho para Grace. Ela sobe de volta um degrau na escada. *Não ouse me abandonar!* Por garantia, me preparo para fugir. Para onde vou correr, não sei. Talvez eu possa fingir um desmaio.

– Bem, hoje vamos trabalhar antes de brincar – diz o pai de Grace, apontando com o pano de prato na minha direção. – Temos muitos preparativos a fazer na cozinha antes do jantar. Srta. Turner, está à altura da tarefa?

Ah, graças a Deus. Sr. Achebe: meu novo herói.

A mãe de Grace convida papai para ficar para jantar, mas ele recusa, e, quando papai deseja que minha noite seja agradável, quero entrar na casa dos Achebe o mais rápido possível.

O pai de Grace prepara um prato de arroz nigeriano chamado *jollof* – que é bem delicioso –, acompanhado de bife e legumes grelhados. Ele escala eu e Grace para montar os espetinhos de legumes. Ela tinha toda a razão: ele conta as piores piadas. Mas as conta com tanta alegria que é difícil não rir um pouco. Ela me dá um olhar do tipo *Eu avisei*.

Passamos o restante da noite ouvindo música ao lado da piscina no quintal. São principalmente bandas dos anos 1970 e 1980, acho eu, da coleção de música dos pais de Grace. Ela tira os sapatos e tenta me fazer dançar. Eu recuso, mas o pai dela não aceita um não como resposta. Então dançamos uma música *ska* de The Specials, “A Message to You, Rudy”. É bobo e divertido, e sou uma péssima dançarina. Grace ri da minha cara e então se junta à mãe.

Quando todos estão exaustos, os pais dela voltam para dentro para arrumar tudo, e Grace e eu encerramos a noite refrescando os pés na beira da piscina, compartilhando histórias sobre crescer em cantos opostos do país e sobre a infância dela na Inglaterra. Ela então me conta sobre Taran, seu namorado que está em Mumbai visitando a tia e o tio durante o verão. Grace e Taran estão juntos há um ano e já estão planejando se inscrever nas mesmas faculdades no outono. Me surpreendo um pouco, porque ela não fala muito dele no trabalho. Quero perguntar mais sobre o relacionamento, mas fico receosa. Talvez as coisas não sejam tão bacanas quanto ela diz. Gostaria de poder dar uma olhada pessoalmente nesse tal de Taran para julgar por mim mesma.

– Quando Taran volta pra Califórnia? – pergunto, deitando ao lado dela na beirada da piscina com as pernas caindo na água clorada.

– Não tenho certeza – responde a voz fina dela.

Isso não é bom. Não quero ter que pensar em como aplicar um golpe mortal num garoto em outro continente, mas, se chegar a tanto, eu faria isso por Grace. Me arrasto um pouco mais para perto e deitamos com nossas cabeças unidas, olhando as estrelas no céu, até papai chegar para me pegar.



Subestimei o tanto de trabalho que deu para tornar possível meu único encontro de verdade com Porter, porque mais de uma semana se passa sem que consigamos sair de novo. Acontece que, quando se combina minha necessidade de escapulir em segredo com nossos horários de trabalho, as obrigações de Porter na loja de surfe e todo o tempo gasto com compromissos familiares, o que sobra é muito pouco para resolver o problema.

E às vezes, quando menos se espera, você está caminhando, cuidando da sua vida, e encontra no meio da rua um bilhete de loteria premiado que o universo lhe deixou...

Às sextas-feiras e sábados à noite, no meio do verão, a Caverna fecha em seu horário costumeiro, seis da tarde, e então reabre das oito até dez da noite para quem quiser comprar ingressos para o tour fantasma. São basicamente três grupos de pessoas que pagam o dobro da tarifa normal pelo tour no

museu fora do horário de funcionamento com lanternas mequetrefes enquanto ouvem falsas histórias de fantasmas. Uma completa enganação. Sei disso porque os guias desse tour são Pangborn e Porter, e foram eles que escreveram a maior parte do roteiro no verão passado.

Foi principalmente Pangborn, Porter admite, que estava bastante chapado quando escreveu. O velho segurança também fica bastante chapado quando faz os tours, e todo mundo adora o senso de humor dele, além de seu cabelo branco espetado que praticamente brilha no escuro. Eu trabalho na Sauna sozinha, já que a quantidade de ingressos é limitada. Assim que vendemos todo o lote do dia, penduro na janela uma placa em que se lê ASSUSTADORAMENTE LOTADO e vou para a sala de descanso ler revistas até as dez horas, aguardando o fim do tour.

Noite passada foi meu primeiro tour fantasma, e Porter teve de correr para casa depois, o que foi uma droga, porque não tivemos oportunidade de passar um tempo sozinhos.

Hoje à noite a história é diferente.

É sábado, e papai e Wanda vão passar a noite em São Francisco. Eles vão voltar cedinho pela manhã, papai me informou um milhão de vezes, como se eu estivesse com medo de que ele fosse subir num trem para nunca mais ser visto. Mas acho que, agora que ele conheceu os pais de Grace, está mais tranquilo com aqueles chupões idiotas sobre os quais nunca, nunca mais conversamos. Então, depois que o tour fantasma termina, Porter e eu planejamos o impensável: talvez termos um... imagine só!... segundo encontro e, nesse encontro, talvez irmos ao cinema.

CINEMA.

É claro, provavelmente será qualquer grande lançamento que estiver em cartaz, e tudo bem. Não espero que ele aprecie meu bom gosto supremo para cinema. Ao menos não de cara. Ele pode ser ensinado, e ficarei contente em conceder tal aprendizado. Mas tudo em que consigo pensar agora é que é um filme e é Porter... ao mesmo tempo.

Estou tentando não ficar tão empolgada. Afinal, ele vai ter que levantar cedo pela manhã e trabalhar na loja de surfe, por isso não poderemos ficar fora a noite toda, mas mesmo apenas duas horas parecem ser o céu. Céu que talvez me faça chegar em casa ainda na hora que preciso estar lá, ou mais ou menos. Está vendo? Não estou nem mentindo. Uma boa filha, é o que sou.

Em algum momento perto de dez e quinze, na sala de descanso, paro de conferir se chegaram mensagens de Alex no meu celular (nenhuma, como de costume, e não sei por que sequer me incomodo com isso) e estico as pernas.

Marcamos de sair cerca de dez e meia. Embora fechemos às dez, Porter e Pangborn de fato levam trinta minutos para enxotar o último grupo, trancar tudo, guardar as lanternas e fazer uma varredura final pelo local para garantir que não há nenhum jovem drogado escondido nem ninguém sofrendo um ataque cardíaco no banheiro. Combinei de ajudar com as lanternas depois que os visitantes fossem embora – tem uma centena delas –, por isso, quando os outros dois únicos empregados que estavam trabalhando esta noite batem o ponto e passam pela saída dos funcionários, sigo para o saguão para cuidar disso. No meu caminho, trombo com Pangborn.

– Como foi?

– Excelente – conta ele. Está vestindo meias de um laranja brilhante com estampa de fantasminhas pretos, que são fáceis de ver porque as calças dele estão puxadas muito para cima, graças aos suspensórios que combinam com as meias. Ele se trocou só para fazer o tour fantasma. Nossa, como o adoro. – Uma mulher me ofereceu uma gorjeta de 20 dólares!

– Que bacana – comento, impressionada de verdade.

– Não aceitei, é claro. Mas mesmo assim foi um gesto bonito. – Ele sorri e dá um tapinha amigável no meu ombro, daquele jeito confortador dele. – Seu namorado tá fazendo a última vistoria no corredor de Jay. As portas estão trancadas e já gravamos a cópia do sistema. Só faltam as lanternas para encerrarmos.

Sei que ele acabou de dizer um monte de palavras, mas tudo o que ouvi foi “seu namorado”. Será que Porter contou a Pangborn que estamos saindo? Ou ele notou que alguma coisa estava acontecendo entre nós? Sou covarde demais para perguntar, especialmente quando os cantos dos olhos de Pangborn enrugam com ternura.

– Eu pego as lanternas – proponho.

– Estava torcendo pra você se oferecer – diz ele. – Estou mais exausto que o normal esta noite, e preciso abrir amanhã de manhã, por isso vou pra casa uns minutos mais cedo. Não quero dormir ao volante.

– Ei, não tem graça. – Agora que o estou olhando, ele parece mesmo cansado. Tipo, absurdamente cansado. Pela primeira vez desde que Grace me contou, de repente me lembro dos boatos sobre a doença dele. Podem não ser verdadeiros, quem sabe, mas de uma coisa tenho certeza: ele está velho demais para trabalhar até tão tarde assim. E Cavadini é um babaca por ter agendado Pangborn para abrir o museu amanhã de manhã.

– Vou ficar acordado, não se preocupe – ele me assegura. – Mas sua preocupação é muito bem-vinda. Só preciso de uma boa noite de sono. A

cachorra Daisy e eu não vivemos sem nosso sono de beleza. Diga a Porter que tô trancando vocês dois aí dentro com a nova senha mestre. Ele vai ter que usá-la no sistema pra vocês saírem. Ele sabe do que tô falando.

– Beleza.

Ao menos ele tem uma cachorra esperando-o em casa. Digo-lhe para tomar cuidado ao dirigir e, quando ele parte, vou procurar Porter. É esquisito estar sozinha no museu. Está escuro e o silêncio é sinistro: somente as luzes auxiliares estão acesas – apenas o suficiente para iluminar os corredores e impedir que tropeçemos no próprio pé – e a música de fundo que costuma tocar o tempo todo está desligada.

Rapidamente organizo as lanternas e verifico as pilhas e, como não ouço Porter andando por aí, encaro o telefone do balcão de informações. Quantas outras oportunidades como esta eu terei? Pego o fone, aperto o botãozinho vermelho perto da palavra TODOS e falo com uma voz grave:

– Chamando Porter Roth para o balcão de informações – digo com formalidade, minha voz crepitando por todo o saguão e ecoando pelos corredores. Então aperto o botão de novo e acrescento: – Já que está aí, confira seus sapatos pra garantir que são do mesmo par, seu tonto. Aliás, eu não te perdoei totalmente por ter me humilhado. Vai precisar de bem mais que um beijo e um biscoito pra eu esquecer isso e aquela vez em que você me provocou na Sauna.

Só estou brincando, o que espero que ele saiba. Estou um pouco embriagada com todo esse meu poder de megafone, o que me leva a comunicar uma última coisa:

– P.S.: você tá bem gostoso nessa sua calça justinha de segurança, e planejo ficar de mão boba com você no cinema, então é melhor a gente sentar nas fileiras de trás.

Desligo o telefone e cubro minha boca, rindo em silêncio de mim mesma. Dois segundos depois, as pisadas de Porter ressoam pelo corredor de Jay: *Bum! Bum! Bum! Bum!* Parece um tiranossauro correndo do Godzilla. Ele entra rápido no saguão e desliza até a frente do balcão de informações, agarrando a beirada para parar, seus cachos soltos voando para todo lado. Seu sorriso está gigantesco.

– O que é que você disse de mão boba em mim? – pergunta ele sem fôlego.

– Acho que você tá me confundindo com outra pessoa – provoco.

A cabeça dele pende contra o balcão. Afasto seu cabelo de um de seus olhos. Ele ergue o olhar e pergunta:

- É verdade que ainda não me perdoou?
- Se você ficar de mão boba *comigo*, talvez eu te perdoe.
- Não alimente assim minhas esperanças.
- Oh, suas esperanças deveriam estar bem gordinhas. Beeem gordinhas.
- Minha nossa, mulher – murmura ele. – E eu que te considerava uma dama de alta categoria.
- Pfff. Você não me conhece mesmo.

– Pretendo conhecer. O que ainda estamos fazendo aqui? Vamos vazar deste lugar e ir pro cinema, rápido.

Apostamos corrida pelo saguão e pegamos nossas coisas nos armários. Quando chegamos à porta dos fundos, Porter para na frente do painel do sistema de segurança e inclina a cabeça em dúvida.

– Ah – digo, estalando os dedos. – Pangborn me pediu pra te dizer que ele usou a nova senha mestre para nos trancar aqui dentro, e que você vai ter que digitar no sistema pra gente poder sair.

Porter meio que balança a cabeça, balbuciando para si mesmo, então parece dispensar a ideia. Ele solta a faixa de couro do cinto. Reconheço ali a chave de sua Kombi, porque tem um tubarão pequenininho preso ao chaveiro. Mas, quando ele a remexe na palma da mão, pausa de novo.

– A-a-ah, m-e-e-e-e-r-d-a-a – ele fala pausadamente. Sua cabeça cai. Ele está xingando baixinho com os olhos bem apertados.

– O que foi? – pergunto.

– Pangborn pegou minha chave mais cedo – diz ele com a voz baixa. – Logo antes do tour. Ele esqueceu a dele em casa no intervalo entre o turno normal e o tour fantasma e tinha que abrir a porta dos fundos. Eu estava pra começar um tour e esqueci de pegar a chave de volta. Aquele filho da mãe.

– Mas você consegue abrir pra gente sair com a senha mestre, não é?

Porter bufa e estende um braço na direção do painel.

– Se ele tivesse usado a senha mestre, sim. Mas ele não usou. Tá vendo este número aqui? Este código indica que o sistema tá bloqueado.

– E isso significa que...?

– Significa – diz Porter – que você e eu estamos trancados sozinhos dentro do museu pelo resto da noite.

Capítulo 20

“A noite toda eu tive o impulso mais terrível de fazer alguma coisa.”– Audrey Hepburn, *Sabrina* (1954)

Não pode ser verdade. Quero dizer, não de verdade verdadeira. Sempre há uma saída de um lugar grande como este, certo?

– Lembra aquele dia que eu tive que reinstalar todas as fechaduras das portas? – pergunta Porter.

Lembro.

– E lembra que eu tive que fazer isso porque perdemos o monitoramento remoto do nosso sistema de segurança e porque, em vez de trocar pra uma das outras cem empresas existentes, a administração preferiu comprar este sistema de quinta categoria que você vê aqui?

– Aham – digo, mas não estou compreendendo totalmente, e ele está ficando bravo de verdade. Quase sai fumaça de suas narinas.

Ele respira fundo uma vez e se acalma.

– Isso significa que Pangborn vaporizou muita maconha de novo, esqueceu as chaves dele em casa, pegou as minhas, inseriu um código que tranca todas as portas por oito horas e foi embora.

Encaro Porter.

Ele me encara de volta.

– Mas você consegue desativar a senha, certo?

Ele balança a cabeça.

– Pangborn é o chefe da segurança. Não tenho autorização pro código de bloqueio. – Ah, a ironia. – Ele mora a quinze minutos daqui. Precisamos esperar ele chegar em casa, então... e é aí que a coisa fica bem engraçada... vamos tentar ligar pra ele.

– Por que isso é engraçado?

– Ele costuma desligar o telefone residencial à noite. Ele não gosta de ser acordado. “Más notícias podem esperar o sol raiar” é o que ele diz sempre. Se não conseguirmos falar com ele... bem, não tenho muita certeza do que fazer. Acho que poderíamos tentar ligar na casa dos outros seguranças, mas são dez e meia da noite de um sábado. E isso não só vai irritá-los como provavelmente vai fazer Pangborn ser demitido. E todo mundo tá procurando um motivo pra dispensá-lo. Caso não tenha notado, ele tá um caco.

O comentário faz meu coração se retorcer.

– O sr. Cavadini? Um dos gerentes de turno? – sugiro, e imediatamente entendo a falha desse plano. Pangborn poderia ser demitido, e talvez Porter também, por deixá-lo ir mais cedo para casa.

Nós dois balançamos a cabeça.

Fungo e coço meu nariz com a lateral da minha mão.

– O que basicamente você tá me contando é que, se não conseguirmos falar com Pangborn ao telefone, vamos continuar presos aqui?

– Uma coisa de cada vez – recomenda Porter, mas dá para ver por sua expressão sombria que ele não tem muita esperança. Ele me conduz à sala da segurança, e estou tão em pânico que mal tenho tempo de registrar que enfim entrei no santuário: o céu. É estranho estar aqui de novo. Dezenas de telinhas em preto e branco atravessam duas paredes, todas numeradas, e há uma mesa em L com quatro computadores, dois dos quais parecem ter mais de uma década.

Sentamo-nos à mesa em cadeiras com rodinhas. Um abajur ajustável lança uma luz sobre um telefone velho, no qual Porter aperta o botão de discagem rápida do número residencial de Pangborn um zilhão de vezes. É claro que o velhote não tem celular. Na verdade tinha, conta Porter, mas nunca carregava a bateria, e o aparelho ficou por muitos anos no porta-luvas do carro; talvez ainda esteja lá.

– Porter?

– Diga – responde ele, devastado, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Pangborn tá doente?

Ele não responde de imediato.

– Os boatos chegaram em você?

– Sim.

– Ele teve câncer de cólon dois anos atrás. Tá em remissão. Mas ele passou na médica semana passada e não me contou como foi, e isso me preocupa. Ele sempre se gaba de ir às consultas, porque tem uma quedinha pela médica. Então tô achando que talvez o tumor tenha voltado e ele vai ter que fazer quimioterapia ou algo assim. Não sei.

– Ah, não. – A fonte de Grace tinha razão.

– É uma bosta mesmo. E é por isso que não dá pra ele perder este emprego, porque a última coisa de que ele precisa agora é perder tempo trocando de

médicos e de planos de saúde.

Meu peito dói. Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas? E, se ele estiver mesmo com câncer, ainda está vindo para estes tours fantasmas idiotas, vestindo seus suspensórios e suas meias de fantasminhas, recusando gorjetas de visitantes... Meu coração se parte em um milhão de pedacinhos.

Depois de meia hora tentando ligar, desistimos. Não vai rolar.

Respiração funda. Hora de avaliar a situação: 1) Um bondoso velhote com câncer nos trancou sem querer à noite na Caverna. É difícil para mim ficar muito brava com ele por esse motivo. 2) Não vamos ficar sem ar, sem comida ou água. 3) Não vamos congelar ou morrer de insolação. 4) Não corremos o risco de sermos engolidos por ursos ou tigres. 5) Não é culpa nossa.

– Olhe pelo lado bom – diz Porter, obviamente pensado em coisas similares. – O bloqueio vai liberar a gente às seis e meia da manhã, o que significa que você vai conseguir chegar em casa antes do seu pai voltar de São Francisco. E, se eu ligar pros meus pais e explicar o que aconteceu, eles vão entender, de boa. Os dois conhecem Pangborn. E eu já dormi no sofá daqui uma vez, quando estávamos resetando o sistema de segurança no verão passado.

Dou uma olhada no sofá caindo aos pedaços que fica ali no canto e meu coração acelera.

– E eu? Quero dizer, você vai contar que também estou aqui? Meu pai iria surtar muito se soubesse que ficamos presos juntos a noite inteira.

A tensão some do rosto de Porter e os cantos de sua boca se enrolam para cima devagar.

Ai, caramba.

– Ora, ora, ora – diz ele, reclinando-se para trás na cadeira em frente a um grupo de monitores de segurança. Ele entrelaça os dedos sobre o peito. – Esta é uma situação interessante, não acha? Aqui estávamos nós, prontos pra correr até um cinema lotado, mas agora temos um museu inteiro a nosso dispor. Por toda a noite. Um garoto pode rezar e rezar e rezar, e se comportar muitíssimo bem, mas nunca sonha que algo assim vai simplesmente cair em seu colo... por assim dizer.

– Por assim dizer – repito fracamente.

– Vários ambientes pelos quais se espalhar neste lugar enorme. – A lateral de seu joelho bate no meu. Uma pergunta.

Toda a minha ousadia anterior voou para longe daqui junto com a minha coragem. Agora só me sinto presa. Puxo minhas pernas e as escondo debaixo

da mesa.

– E as câmeras? Quero dizer, não vai aparecer nas filmagens de segurança? E se alguém for ver depois ou algo assim?

Ele dá risada.

– Acha mesmo que a Caverna paga por armazenamento de dados? Reflita melhor. Se quisermos gravar alguma coisa, só com ativação manual. Nada é gravado automaticamente.

Dou uma olhada para um monitor acima e procuro a Sauna. Achei. Ela está vazia agora, é claro, e escura, por isso não consigo ver direito, mas é surreal imaginar que Porter fica me observando daqui. Faço uma nota mental de nunca usar blusas decotadas para trabalhar, porque esta câmera tem um ângulo primoroso.

– Entretanto – diz Porter –, se você ainda estiver preocupada, sei de todos os pontos onde as câmeras não chegam. Sabe, se te deixar mais confortável.

Lanço um olhar feio a ele.

– Quem disse que quero ficar confortável? Só saímos uma vez.

– Ei, ei. – Ele ergue as duas mãos em rendição. – Agora você tá me fazendo parecer um abusador perverso. Caramba, Bailey. Uma hora atrás você estava falando de ficar de mão boba em mim nos fundos do cinema. Eu só estava brincando.

Solto o ar com força.

– Desculpe. Só tô nervosa e fiquei em pânico. Eu só...

– Só o quê?

– Eu só nunca... passei a noite num museu com ninguém.

As sobrancelhas de Porter se erguem.

– Ah, é?

Faço uma careta.

– Você pode ficar de costas ou algo do tipo? Não consigo olhar pra você e falar sobre este assunto.

– Como é?

Faço um movimento circular com a mão.

– Fique de frente pra parede.

Ele me olha como se eu fosse doida, então desiste e gira devagar a cadeira,

ainda me encarando, me perscrutando, até o último instante. Quando ele se vira para a parede, suspiro e começo a falar com suas costas.

– Como eu disse antes, só saímos uma vez. – Sou covarde, sim, mas esta conversa será bem fácil se eu não tiver que olhá-lo nos olhos. – E foi um encontro incrível. Tipo, uau! Não tenho muito com que comparar, mas acho que deveria entrar pros livros de história. E, embora você tenha me dado aqueles chupões e estragado minha saia favorita, eu faria tudo de novo.

– Desculpe de novo pelos chupões, mas, só pra registrar, minhas roupas também mancharam com a grama. E agora, toda vez que saio de casa, minha mãe me pergunta se estou saindo pra rolar no feno e meu pai começou a me chamar de Picador de Grama.

– Ai, meu Deus – sussurro.

– Valeu muito a pena – completa ele. – Por favor, continue.

– Enfim – digo, tentando reunir minhas ideias. – Éramos inimigos, tivemos um primeiro encontro, e agora temos a possibilidade de passar a noite juntos no museu, e não que eu não tenha pensado em passar uma noite num museu com você, porque, acredite, eu pensei bastante nisso.

Ele vira a cabeça para o lado, mas ainda não me olha.

– Bastante? – ele quer saber.

– Você não faz ideia.

– Aaah, é aí que se engana, minha amiga. – Seu joelho começa a dobrar num ritmo nervoso.

Sorrio quando um arrepiozinho passa zunindo por mim.

– Então, o que tô dizendo é que não me oponho à ideia. Mas suponho que você tenha passado muitas noites em muitos museus e, sabe, que seja. Bom pra você. Só que isso me intimida. E, no que diz respeito a este assunto, quero que você me deixe te dar o sinal verde.

– Primeiro – diz ele, erguendo um dedo sobre o ombro –, quero dizer que tô ofendido por você ter achado que eu não iria fazer exatamente isso. Obrigado por de novo fazer eu me sentir um abusador pervertido.

– Ai, meu Deus – balbucio.

– Segundo – outro dedo se junta ao primeiro –, eu estive com duas garotas, uma das quais era uma namorada de um longo relacionamento que, devo acrescentar, me traiu com Davy, então não é como se eu tivesse passado todos os meus fins de semana em museus, pra usar sua terminologia. Por isso não precisa levantar todo esse *slut shaming*.

Estou contente que ele não consiga ver meu rosto agora, porque tenho certeza absoluta de que está da cor exata de uma lagosta grelhada. Será que ele ficou bravo? Não dá para dizer pelo seu tom de voz. *Ugh*. Por que eu o fiz virar para a parede? Me empurro na cadeira mais para perto e apoio minha bochecha em sua cabeça, enterrando meu rosto em seus cachos.

– Sou uma boba – murmuro na nuca dele. – Não sei o que tô fazendo. Desculpa, desculpa mesmo.

A mão dele busca minha cadeira, tentando alcançar sem ver, dando batidinhas até conseguir agarrar minha camiseta.

– Aceito seu pedido de desculpa, mas só porque tô preso aqui com você a noite inteira e seria estranho se passássemos o tempo todo brigando.

– Não estamos brigando.

– Sempre estamos brigando. Faz parte do nosso charme – diz ele.

– Porter?

– Pois não?

– Essa namorada que você mencionou... É a garota que você citou quando discutiu com Davy na frente da loja de roupas vintage? Chloe?

– Sim. Chloe Carter. O pai dela faz pranchas de surfe customizadas. Eles são bem próximos da minha família. Ela é amiga da minha irmã, então a coisa toda foi uma confusão só.

– Você estava apaixonado por ela?

Ele fica sem falar nada por um tempo longo demais para o meu gosto.

– Não, mas mesmo assim fiquei magoado por ela ter me traído. Fomos amigos por anos antes de namorar, isso deveria ter significado alguma coisa, sabe?

Além do mais, foi com Davy, a pessoa que em tese era o melhor amigo dele, transformando a situação numa traição dupla, mas não falo isso.

Vários segundos se passam. Suspiro.

– Porter?

– Quê?

– Este sofá é pequeno, temos que dormir em algum lugar. E eu gosto mesmo da ideia de dormir perto de você.

– Eu também.

Depois de uma longa pausa, acrescento:

– Além de dormir, e se eu quiser ver alguns lugares do museu onde a câmara não chega... Assim, ver meio de longe? Talvez. Possivelmente. Teoricamente. Quero dizer, será que tem que ser sempre tudo ou nada?

Ele suspira fundo.

– Você tá me deixando louco, sabe disso, né?

– Sei.

– Bailey, passei vários dos meus dias olhando você por aquela telinha quadrada minúscula ali. Já fico feliz de estarmos no mesmo ambiente. E o fato de você me deixar tocá-la, pra começo de conversa, é um milagre inexplicável. Então, o que você quiser ou não quiser de mim, é só me dizer. Tudo bem?

– Tudo bem – sussurro, mentalmente flutuando em nuvens brancas fofinhas.

– Tudo bem – repete ele com firmeza, cheio de decisão, e se afasta da parede. – Me deixe ligar pros meus pais.

Ele faz a ligação pelo celular, explicando tudo à mãe, que, ao que parece, compreende por completo a situação. Mas então ele a aguarda contar ao pai, e de repente Porter gesticula para eu me agachar e ficar debaixo da mesa porque seu pai está fazendo uma videochamada agora, como se não acreditasse na história. Ouço a voz carrancuda do sr. Roth exigir que o filho repita tudo de novo, e Porter está lhe mostrando as telas do computador, em que claramente se lê BLOQUEIO e uma contagem regressiva mostra o tempo restante até o destravamento das portas, e, ainda bem, lhe mostra até as primeiras letras do nome de Pangborn, que representam a pessoa que iniciou o comando. Já são 23:45, e até mesmo o sr. Rabugento admite que as opções de Porter são limitadas e que causar a demissão de Pangborn não é uma delas.

– Eu poderia dirigir pela avenida da praia até a casa dele para acordá-lo – sugere o sr. Roth.

A voz da sra. Roth interrompe:

– São quinze para a meia-noite, e o homem talvez esteja doente. Deixe-o quieto. Porter, querido, tem uma manta aí? Você consegue dormir bem no sofá?

Ele a assegura que vai encontrar alguma coisa, e ela diz que Lana vai cobrir o turno dele na loja de surfe amanhã de manhã se ele não conseguir dormir direito. Enquanto eles estão combinando tudo, mando uma mensagem para papai e digo que estou em segurança – não é mentira, certo? – e que espero

que ele esteja se divertindo em São Francisco. Sua resposta chega de imediato e inclui uma piada relacionada aos Colonizadores de Catan, então acho que ele deve estar genuinamente de bom humor: *Tá demais aqui. Compramos uma surpresa pra você hoje. Te amo mais que a ovelhas.*

Mando uma resposta igualmente nerd: *Te amo mais que a trigo.*



Não faço ideia do lugar que a câmera não alcança ao qual Porter está me levando.

Primeiro ele pega uma chave antiga e esquisita de uma gaveta da mesinha na sala da segurança. Depois recolhemos nossas coisas e vamos até o achados e perdidos, onde tiramos a sorte grande de achar um cobertor de bebê. Claro, é nojento pensar em usar o cobertor de uma pessoa estranha, mas que seja. O cheiro é bom. Então ele me conduz pelo longo caminho até o fim da Ala de Vivian. Há uma porta ali que foi pintada do mesmo verde-escuro das paredes e que, por causa da iluminação, é difícil de ver. Também sei, porque decorei o mapa dos funcionários, que ela não deveria estar aqui... Ou seja, ela não deveria existir.

– O que tem aqui? – pergunto.

– Sala um-zero-zero-um – diz ele, me mostrando a chave velha, que tem uma etiqueta pendurada. – Tipo *As mil e uma noites*, Ali Babá etc.

– Tem outra sala? Por que não está aberta ao público?

Ele ajusta a mochila no ombro e espalma a mão contra a porta.

– Olha só. Este é um segredo enorme da Caverna Palaciana. Você tem que me jurar solenemente que nunca vai contar a ninguém o que estou prestes a te mostrar do outro lado desta porta. Nem mesmo a Gracie. *Principalmente* a Gracie, porque, apesar de eu adorá-la, ela conhece todo mundo e a história vai circular mais rápido que o vírus da catapora. Jure pra mim, Bailey. Erga sua mão e jure.

Ergo minha mão.

– Eu juro.

– Certo, este é o segredo mais sujo da Caverna. – Ele destranca a porta, acende as luzes, que demoram um segundo para piscar e iluminar o ambiente, e entramos numa sala perfeitamente redonda e iluminada em tons suaves de laranja e dourado. Cheira um pouco a mofo, como uma biblioteca que não tem recebido muitas visitas. Enquanto Porter fecha a porta, olho maravilhada ao redor.

Cortinas de um azul índigo salpicadas de estrelas cobrem as paredes. Um conjunto pendentes de lâmpadas de arabesco estica-se em comprimentos variados do teto abobadado sobre uma almofada de veludo do tamanho de uma cama grande. É estofada e sua altura alcança meus joelhos, e, coroando um lado, como uma meia-lua, estão centenas de almofadas menores com padrões geométricos que parecem ter vindo diretamente de um palácio em Istambul.

– Que lindo – comento. – Parece um sonho. Não entendo por que não é aberta. Estas almofadas são dos anos 1930? Deveriam ser restauradas.

Porter larga as coisas dele no chão perto de uma almofada de veludo.

– Você não se lembra da história da Caverna? Vivian odiava Jay. Quando o casamento deles acabou, ele não aceitou assinar o divórcio, então ela mandou construir esta sala como se fosse um grande dedo do meio pra ele. Venha deleitar seus olhos com a vingança dela. Só não diga que não avisei.

Ele se aproxima de uma das cortinas azuis estreladas na parede e puxa um cordão dourado para revelar um mural atrás. É uma pintura estilo *art déco* de tamanho natural de Vivian Davenport vestida como uma princesa do Oriente Médio, com sinos nos dedos e flores no cabelo comprido, um traje transparente esvoaçando em seu corpo roliço nu. Multidões de homens de terno estão a seus pés, em reverência.

– Ai... meu... Deus – murmuro.

Há vários desenhos de animais sorridentes e com olhos grandes observando, como se nem mesmo eles conseguissem desviar o olhar da nudez gloriosa de Vivian.

– Aquele é... Groucho Marx? – pergunto, apertando os olhos para ver um dos homens ajoelhados.

– Vivian deu vida à história – responde Porter, sorrindo.

– Faça isso parar – peço dando risada, e ele fecha a cortina.

Estou traumatizada, mas valeu a pena. Caímos na almofada de veludo juntos, e uma nuvenzinha de partículas de poeira voa. Acho que o serviço de limpeza não vem muito aqui. Porter finge uma tosse e espana o resto da almofada.

É então que percebo que estamos sentados numa cama.

– Você acha que Vivian deu festas insanas de sexo aqui? – pergunto, tirando minha mão do veludo. – Mais vingança contra o marido?

– Duvido. Mas, se ela fez isso, foi há uns cem anos – diz ele, apertando os

olhos alegremente ao me encarar. – E o destino dos dois foi tão trágico, ela ter atirado nele e depois se matado, que quase espero que ela tenha se divertido antes da derrocada, sabe? Tipo, como se ela tivesse mesmo posado pra esse retrato.

– É.

Depois de alguns momentos de silêncio, um estranhamento pesado floresce entre nós. Porter enfim suspira, senta e começa a tirar o equipamento de rádio do ombro. Meu coração martela.

Ele desliza um olhar de lado na minha direção.

– Olha, não tô ficando pelado nem nada, segura sua onda. E, afinal, como eu poderia competir com todas essas coisas engraçadas nas paredes? Só não consigo dormir com um monte de fios e coisas pendurados em mim. Ou sapatos. Não vou tirar a camisa e as calças. Você pode tirar o que quiser. Escolha das damas. – Ele dá uma piscadinha.

Seu bom humor me tranquiliza um pouco; tiro meus sapatos e os deixo ao lado dos dele. Ele desliga o rádio e coloca um alarme no celular para seis e meia da manhã. Mas, quando ele tira o cinto, todo o sangue do meu cérebro faz um barulho tão alto correndo nas veias que tenho medo de estar sofrendo um aneurisma.

A fivela do cinto bate no tapete de padrão turco com um *tum* fraco.

– Você é um grande mistério pra mim, Bailey Rydell.

– Eu sou?

– Nunca sei dizer se você tá com medo ou se vai pular em cima de mim.

Dou uma risada nervosa.

– Eu mesma não tenho certeza.

Ele me puxa mais para perto e nos deitamos, de frente um para o outro e de mãos dadas junto ao peito. Consigo sentir seu coração batendo rápido no meu punho. Me pergunto se ele consegue sentir o meu.

– Tenho medo – eu lhe digo – de como me sinto quando tô perto de você. Tenho medo do que quero de você, e não sei como pedir. – Também tenho medo de que, se pedir, possa ser horrível ou não atender às minhas expectativas, mas não falo isso, pois receio ferir seus sentimentos.

Ele beija minha testa.

– Sabe do que eu tenho medo?

– Do quê?

– Gosto demais da conta de você, e tenho medo de que, quando você me conhecer de verdade, vai perceber que consegue alguém bem melhor e vai partir meu coração e me largar por uma pessoa mais classuda.

Aspiro fundo seu ar.

– Quando cheguei aqui, tinha outra pessoa. Não Patrick – emendo, como se precisássemos desse lembrete.

– Seu “outros planos”? – pergunta ele.

– É – respondo. – Acho que dá pra chamá-lo de classudo, não sei. Mas, logo quando a gente acha que entendeu alguém, acontece de perceber que não o conhecia nem um pouco. Ou talvez o verdadeiro problema seja que eu não tenha entendido alguma coisa sobre mim mesma.

– Não entendi o que quis dizer.

Solto o ar longamente.

– Não importa. O que tô tentando dizer é que, antes de eu me mudar pra cá, não sabia que gostava de churros e bolinhos de lua e *poke* havaiano e arroz *jollof*, e não sabia que iria gostar de você. Mas gostei. E quem quer alguém classudo quando se pode comer *pozole* de um *food truck* à beira da praia? Eu não tinha noção do que estava perdendo.

Com um dedo, ele traceja devagar uma mecha ondulada perto da minha têmpora.

– Você gosta de mim, hein?

– Talvez. – Com o polegar e o dedo indicador, faço um sinal de quantidade bem pequena. – Um tanto assim.

– Só isso? Acho que preciso me esforçar mais, então – diz ele com a voz baixa contra meus lábios, quase me beijando, mas não ainda. E de novo. Pequenos quase-beijos. Me provocando.

Meu coração acelera.

– Vamos fazer um teste rapidinho, o que acha? – murmura ele. – Se eu puser minha mão aqui...

Seus dedos deslizam por baixo da minha blusa na barriga. É delicioso... por dois segundos inteiros. Então ele fica próximo demais da área proibida da minha cicatriz. E... não! Ele está tocando mesmo minha cicatriz. De jeito nenhum vou parar isto aqui para explicar. Eu só... não vou conseguir. Não.

Ele sente minha tensão e imediatamente recua.

– Ei. Eu...

– Não, não, não – sussurro depressa. – Não é você. É outra coisa. Não leve pro lado pessoal, eu só... hum... – Movo sua mão para o meio da minha coxa, por baixo da minha saia. Isso sim são águas perigosas.

– Bailey – diz ele. Um alerta.

– Faz o teste – eu o desafio.

Ele murmura um xingamento sujo, mas sua mão começa a subir, ah, tão devagar.

– Certo, Rydell. Se você ficar trancada num museu a noite toda com um cara de quem gosta, e ele é tão legal que te mostra o segredo mais sujo da Caverna... Nossa, sua pele é muito macia.

Murmuro algo, me mexendo para melhorar o acesso dele.

– Oh – ele murmura alegre em resposta.

Sua mão aperta com firmeza a parte de cima da minha coxa, e ele me beija, e eu o beijo, e é desesperado e maravilhoso.

– Tá – diz ele, parecendo drogado. – Onde eu estava? Ah, sim, aqui. – Para o meu deleite, a mão dele continua seu trajeto ascendente. Só que não há muito mais para onde subir. Ele hesita, com um riso abafado para si, e troca de perna, repetindo o mesmo processo na minha outra coxa.

Então para.

Arquejo. Estou frustrada de verdade.

Até que ele se move um pouco, e sinto uma pressão contra meu quadril. Não há como se confundir.

– Estou com certa dificuldade de me concentrar no teste – admite ele, sorrindo contra meu pescoço.

– O que quer que faça, não ouse me dar outro chupão.

Ele finge me morder, então me mostra outras coisas, além de bolinhos de lua e *pozol*, que eu não sabia que estava perdendo, coisas que duas pessoas presas num museu à noite podem fazer com suas mãos e dedos e uma porção de ingenuidade. O garoto tem todo o direito de ter aquele desenho do diabinho escrito FERVENTE no casaco.

Ao contrário do nosso rolamento na grama, esta pegação definitivamente não tem classificação livre, e, quando Porter se oferece para fazer em mim uma coisa que eu costumo fazer em mim mesma, quem sou eu para tirar o doce da criança? Talvez seja a coisa mais incrível que já me aconteceu na vida inteira. Eu até retribuo o favor... ainda bem incrível, embora muito mais para

ele, por razões óbvias.

Mas *uau*.

Toda essa pegação me deixa exausta, e são duas da madrugada, o que é tarde demais para a minha cabeça. Estou enroscada nele, braços e pernas, e ele é a concha grande da minha conchinha, e, quando estou quase dormindo, perdendo e retomando a consciência, as luzes piscam. Ouço vozes. Não vozes alarmadas. Não há ninguém no museu, ainda estamos sozinhos. Mas ele tirou o laptop da mochila e está sentado na almofada de veludo acima das nossas cabeças. Tem algo passando na tela.

– O que é isso? – pergunto, minha voz soando grossa para meus próprios ouvidos quando viro para olhar para cima. Não consigo abrir meus olhos por completo, mas consigo distinguir formas e luzes em movimento através das minhas pálpebras.

– Desculpa, desculpa – diz ele com a voz exaurida. – Tá te incomodando? Não consigo dormir sem um filme ou televisão ligada.

– Zuzubem – digo indistintamente, voltando a me aconchegar nele. Uns segundos depois, pergunto: – É *A princesa e o plebeu*?

Sua voz profunda vibra pelas minhas costas:

– É um filme independente, estão citando as falas. Espera, você conhece *A princesa e o plebeu*?

– Pfft – digo sem esmero, cansada demais para explicar meu amor pelo filme. – A pergunta é: como *você* conhece *A princesa e o plebeu*?

– Minha vó, a mãe da minha mãe, morava com a gente antes de morrer. Ela ficava até tarde vendo filmes na saleta, e, quando eu era criança, dormia em seu colo no sofá.

Que curioso. É por isso que ele também conhecia *Bonequinha de luxo*.

– Talvez nós tenhamos mais em comum do que você imagina – digo antes de me render aos sonhos.

Capítulo 21

“A vida não para nem começa ao seu bel-prazer.”– John Goodman, *O grande Lebowski* (1998)

Porter tinha razão. Saio do museu com tempo mais que suficiente para chegar em casa antes de papai voltar de sua viagem. Estou tão cansada que até volto a dormir por algumas horinhas. Quando acordo de novo, já está quase na hora de me aprontar para meu turno na Caverna, o que é insano. Talvez valha a pena eu me mudar para lá. Mas é difícil ficar muito amarga com isso, já que passei a noite com um garoto.

PASSEI.

NOITE.

GAROTO.

É isso mesmo. Foi o que eu fiz. Fiz outras coisas também, e todas foram excelentes. É um dia lindo, o sol está brilhando, e nem me importo de ter que passar quatro horas na Sauna. Pelo menos não tenho um turno integral hoje.

Tomo um banho e me visto antes de descer a tempo de encontrar papai e Wanda voltando de São Francisco. Pense em duas pessoas exaustas. Mas eles parecem felizes. Na real, não quero saber o que fizeram a noite toda, então não puxo papo. Mas eles reviram o porta-malas do carro de colecionador de papai até acharem os presentes que compraram para mim: um lenço de oncinha e um óculos com a mesma estampa.

– Para combinar com a Baby – diz papai, parecendo esperançoso, mas inseguro.

– O lenço é para cobrir qualquer chupão futuro – acrescenta Wanda, um dos lados de sua boca virando para cima.

Ai, meu Deus. Ela também? Será que todo mundo sabe? Papai tenta reprimir um sorriso.

– Desculpa, filhota. Você tem que admitir que foi meio engraçado.

Wanda cruza os braços no peito.

– Não tenha vergonha deles, é o que recomendo. Seu pai me deixou com uma marca de chupão e todo mundo na delegacia me encheu o saco, então eu lhes mandei praquele lugar. Eu que escolhi os óculos, aliás.

Suspiro fundo e os visto. As lentes são escuras e enormes, novinhas em folha, mas bem ao estilo italiano retrô descolado.

– São fantásticos, obrigada. E odeio vocês dois pelo lenço, mas mesmo

assim adorei. Pare de olhar pro meu pescoço, pai. Não tem chupões novos. – Eu conferi só por precaução.

Depois que eles me contam um resumo do dia deles na baía, saio correndo e dirijo até a Caverna. Sei que Porter está trabalhando, e estou indo rápido e flutuando, alto como uma pipa, ansiosa para vê-lo de novo. Quero saber se ele está se sentindo tão bem quanto eu depois de ontem à noite. Também quero ver Grace e lhe contar a loucura toda. Embora, desta vez, não acho que eu vá compartilhar tantos detalhes. Algumas coisas devem ficar no âmbito particular. O que acontece na Sala um-zero-zero-um fica na Sala um-zero-zero-um.

Contudo, quando estaciono Baby na minha vaga costumeira, vejo Porter parado do lado de fora de sua Kombi, o que é estranho. Ele costuma estar no prédio bem antes de eu chegar. E não é só isso. Tem algo errado: ele está com o rosto apoiado nas mãos.

Freio com tudo, salto da scooter e corro até ele. Ele não percebe que estou ali. Quando puxo suas mãos e descubro seu rosto, lágrimas escorrem por suas bochechas.

– O que foi? – pergunto.

A voz dele sai rouca e quase inaudível.

– Pangborn.

– O que tem ele? – quero saber, meu estômago pesando.

– Ele não apareceu pra trabalhar esta manhã – conta ele. – Aconteceu em algum momento ontem à noite na casa dele. Não havia nada que pudéssemos fazer. Ele mentiu pra mim sobre onde o câncer estava. Desta vez era no pâncreas, não no cólon.

– Não entendo o que você quer dizer. – Estou começando a tremer o corpo todo.

– Ele morreu, Bailey. Pangborn morreu.

Ele arqueja uma única respiração trêmula, então se enrola contra mim, soluçando por um segundo comigo, depois fica em silêncio e mole em meus braços.



O funeral acontece quatro dias depois. Acho que metade de Coronado Cove aparece, o que não me surpreende. Ele devia ser o homem mais legal da cidade.

Fiquei um tanto destruída nos primeiros dois dias. A lembrança de Porter e

eu fazendo o que fizemos enquanto Pangborn morria era um fardo bem pesado. Porter tinha razão: não havia nada que pudéssemos ter feito. O câncer de Pangborn estava avançado. A irmã mais nova dele conta a mim e a Grace, durante o funeral, que o médico havia dado a ele entre poucos dias e poucas semanas. Ela diz que, quando estão nesse estágio, algumas pessoas morrem na mesma semana que recebem o diagnóstico. Ele não sabia quando iria ocorrer, por isso seguiu com a vida normalmente.

– Ele era teimoso assim – diz ela numa voz feminina que é estranhamente parecida com a dele. Ela vive com o marido a duas horas ao sul da costa, numa cidadezinha perto de Big Sur. Fico aliviada de saber que ela vai adotar Daisy, a cachorrinha de Pangborn.

Saímos da igreja e vamos de carro até o cemitério. Não consigo achar Grace no espaço reservado para o funeral ao lado do túmulo, por isso fico em pé com papai e Wanda. Acabaram de encerrar os serviços com “Me and Julio Down by the School Yard”, a música favorita de Pangborn. Isso me deixa destruída de novo, então estou num estado enfraquecido, fungando no ombro de papai, quando chegam os Roth, todos os quatro.

Bem.

Estou cansada demais para manter este segredo, e parece um horror desonrar a memória de Pangborn. Então jogo pela janela toda a cautela e lanço os braços ao redor de Porter.

E não é de uma forma casual do tipo *somos amigos*.

Ele hesita por um segundo, depois me envolve num abraço apertado, me segurando por um período de tempo maior do que o apropriado, mas não ligo nem um pouco. Antes de me soltar, sussurra em meu ouvido:

– Tem certeza disso?

Eu sussurro em resposta:

– Chegou a hora.

Quando nos afastamos, a sra. Roth me abraça pelo pescoço rapidamente – uma flor perfumada e fresca que ela tem presa na orelha faz cócegas na minha bochecha – e o sr. Roth me surpreende ao dar um apertão na minha nuca, o que quase me faz chorar de novo; só então encaro papai. Dá para ver pela sua expressão engraçada que está somando as coisas e se perguntando como raios eu conheço essa família. Seu olhar dispara para o braço do sr. Roth e um momento de clareza cai sobre ele.

– Pai, estes são o sr. e a sra. Roth, e Porter e sua irmã, Lana.

Papai estende a mão e cumprimenta os Roth, e Wanda já os conhece, por

isso estão dizendo oi a ela também. Porter dá um passo à frente e encara papai. De repente fico nervosa. Papai nunca conheceu de verdade nenhum garoto interessado em mim, e ele nunca conheceu nenhum garoto que ele especificamente me proibiu de ver... e com quem eu saí escondida mesmo assim. Embora, aos meus olhos, Porter nunca tenha estado tão bonito, com terno e gravata pretos, ele ainda ostenta sua juba de cachos rebeldes que beija o topo de seus ombros e aquela barba por fazer no maxilar. No sr. Roth, tatuagens escapam pelo colarinho da camisa no pescoço. Então, não, os Roth não são exatamente aprumados. Se mamãe estivesse aqui para julgar, ela os estaria olhando com condescendência. Mentalmente cruzo os dedos e torço para papai não ser assim.

Depois de uma pausa desconfortável, papai diz:

– Você é o colega de trabalho da minha filha que recuperou a scooter roubada dela.

Meu coração para.

– Sim, senhor – responde Porter depois de um longo momento, sem piscar. Na defensiva. Corajoso.

Papai estende a mão.

– Obrigado por isso – diz ele, balançando o braço de Porter com afeto e usando a outra mão para cobrir a de Porter num daqueles apertos ainda melhores, o que faz parecer que Porter salvou minha vida em vez de uma moto besta.

Meu coração dispara de novo.

– Sim, senhor – diz Porter, agora visivelmente aliviado. – Não foi problema nenhum.

É isso? Nenhum comentário irritado a respeito dos chupões? Nenhuma acusação? Não vão rolar cinquenta perguntas nem esquisitices? Nossa, nunca vou amar tanto papai como agora. Não mereço o pai que tenho.

– Você não conseguiu ver mesmo quem roubou, é? – pergunta Wanda, apertando os olhos ao fitar Porter. – Porque eu adoraria saber se você tem alguma informação.

Droga.

– Ahn... – Porter coça a parte de trás da cabeça.

Lana masca o chiclete:

– Como assim? Foi o...

– Quieta, Lana – murmura Porter.

Wanda direciona os olhos estreitados para mim.

– Lembro de alguém ter notado sua scooter no *food truck* de *pozole* uns dias antes de ela ter sido levada.

Ah, porcaria. Ela não deixa nada passar, né? Acho que por isso é policial.

O sr. Roth ergue uma mão.

– Sargento Mendoza, Porter e eu tivemos uma longa conversa sobre o assunto e acho que todos queremos a mesma coisa. Diabos, acho que provavelmente queremos mais do que você. – O sr. Roth olha com suspeita para papai, que deve ser a única pessoa aqui que não somou dois e dois e não entendeu que o ladrão da minha scooter é Davy... ou talvez ele tenha entendido. Não sei dizer. Enfim. O sr. Roth pigarreja e continua: – Ainda mais com meu filho tendo sido esmurrado naquele dia, ao dirigir até Timbuktu pra pegar a moto dela de volta.

Informação demais na frente de papai, *ugh*.

– Eu não diria “esmurrado” – argumenta Porter com bom humor. – Você deveria ter visto o outro cara.

O sr. Roth o ignora e prossegue:

– O que tô tentando dizer é que ninguém quer punir aquele panaca mais do que eu. Mas Porter lidou com a situação da melhor maneira possível na hora, e eu o apoio.

– Ei, eu tenho um filho – diz Wanda. – E, em *off*, não discordo de você. Mas aquele “panaca” ainda está por aí, e, marque minhas palavras, ele vai atacar de novo. Na próxima vez, talvez você não tenha tanta sorte. Ele pode ferir a si mesmo ou a alguém.

O sr. Roth assente.

– Entendi claramente. Me preocupo com isso o tempo todo. Na verdade, eu o vi manquejando pelo calçadão na semana passada e a única coisa que consegui fazer foi não mandá-lo de volta ao hospital.

Um nó nas minhas entranhas se aperta. A última notícia que tive foi a de que Porter descobriu pela boca pequena que Davy ficou de cama em casa pelas últimas duas semanas por causa da pancada de Porter em seu joelho ferido durante a briga na garagem de Mike Rápido. Parece que ele está em pé de novo.

Wanda aponta um dedo para nosso grupo.

– Me prometam uma coisa, todos vocês. Na próxima vez que Davy Truand fizer algo ou apenas começar a fazer, vocês vão ligar para a central de emergências e pedir para falar comigo. E vamos combinar de não nos encontrarmos de novo num funeral, pode ser?



Depois da cerimônia, papai não me enche nem um pouco em relação a Porter. Ele sequer me enche em relação a Davy ser o ladrão da minha scooter. Então, quando ficamos sozinhos, só peço desculpa por não ter lhe contado nada daquilo, explico meus motivos e digo que não vai se repetir. Nunca, nunca, nunca.

– Fico chateado que você tenha sentido a necessidade de mentir, Zibelina – diz ele.

O que me faz chorar de novo.

E, porque ele é o cara mais legal do mundo, papai me abraça até que as lágrimas parem de cair. Quando não corro mais o risco de inundar o cemitério inteiro na minha infelicidade, ao estilo *Alice no País das Maravilhas*, ele ajeita minha postura e me deixa passar o restante da tarde com Porter.

Os Roth vivem numa casa antiga a uma quadra da praia nos limites da cidade, num bairro que provavelmente foi meio bacana há uns dez anos. Agora está começando a ficar um pouco degradado, e metade das casas tem uma placa de VENDE-SE nos jardins arenosos. A cerca de madeira está caindo, os painéis de cedro estão começando a se soltar, e o ar brutal do oceano batia nos mensageiros do vento que se alinhavam às calhas. Entretanto, quando entro na casa, ela cheira a parafina de surfe e madeira, e está tomada, do chão ao teto, de troféus, pedaços de madeira carregados por ondas, estrelas-do-mar secas, fotos de família e uma toalha de hibisco havaiano vermelho brilhante sobre a mesa da cozinha.

– Tô morrendo de fome – diz Lana. – Funerais me dão fome.

– Eu também – diz a sra. Roth. – Precisamos de uma comida gostosinha. P&A?

– O que é P&A? – pergunto.

– Pipoca e amendoim – Porter me informa.

Ela olha ao redor em busca de aprovação, e todos assentem. Acho que esta deve ser uma tradição da família Roth. Parece um pouco estranha, mas estou numa sequência de vitórias no que diz respeito à comida nesta cidade, então quem sou eu para argumentar contra? Quando ela estoura a pipoca em uma panela gigante no fogão com milho de verdade, o cheiro é tão gostoso que

chego a salivar.

Enquanto ela está salgando a pipoca, Porter vai ao quarto dele trocar de roupa, e eu fico ajudando a sra. Roth a pegar tigelas na cozinha. É esquisito estar sozinha com ela, e desejo em segredo que Porter se apresse. Agora que ele não está aqui para facilitar as coisas, me sinto como uma atriz que esquece todas as falas durante as filmagens de uma cena. O que eu deveria estar dizendo? Talvez eu precise daqueles cartazes com as colas das falas.

– O que sua mãe acha de você ter vindo pra Califórnia? – ela me pergunta do nada.

– Não sei – respondo. – Ainda não tive notícias dela.

– Vocês não são próximas?

Dou de ombros.

– Achava que sim. Esta é a primeira vez que fico longe de casa. – *Caramba. É sério isso? Não posso chorar de novo. Funerais são péssimos.* Limpo as lágrimas antes que elas tenham a oportunidade de cair e tento me livrar da sensação ruim.

– Desculpa, querida – diz a sra. Roth com uma voz gentil. – Não queria cavucar coisas ruins.

– É só que ela não me mandou nem um e-mail ou mensagem de texto. Já faz semanas que cheguei aqui. Era de se esperar que ela quisesse saber se eu tô bem. Se eu estivesse morta, ela nem saberia.

– Você tentou ligar pra ela?

Balanço a cabeça.

– E o seu pai fala com ela?

– Não sei.

– Talvez você devesse perguntar a ele. Ou ao menos conversar com ele sobre isso. Ela pode estar passando por alguma coisa no casamento ou no trabalho, não dá pra saber. Talvez ela precise que você entre em contato primeiro. Às vezes pais não são muito bons em serem adultos.

Ela dá uma batidinha no meu ombro, o que me lembra Pangborn.

Seguimos para o sofá da saleta, que fica debaixo de uma prancha de surfe gigante suspensa por vigas expostas; a prancha tem a palavra PENNYWISE entalhada numa bonita letra manuscrita. Sento entre Porter e Lana, segurando uma tigela plástica grande de pipoca e amendoim torrado com a quantidade certa de sal. Os amendoins são pesados e caem para o fundo do recipiente, por isso somos

forçados a chacoalhar tudo e a caçá-los, fazendo as pipocas voarem para nossos colos, o que eles dizem ser metade da diversão. Os Roth estão sentados perto um do outro, em duas poltronas reclináveis, embora a do sr. Roth pareça ter sido produzida em 1979.

– É a cadeira favorita dele, Bailey, da qual ele não abre mão – explica a sra. Roth, esticando o braço para tocar o rosto do marido. – Não olhe muito tempo pra ela, senão vai criar pernas e dar o fora daqui.

Lana dá uma risadinha. O sr. Roth só grunhe e quase sorri. Pelo canto do meu olho, vejo-o beijar a mão da esposa antes de ela recolhê-la.

Enquanto banqueteamos, assistimos a *O grande Lebowski*, o que é meio bizarro, porque Alex estava tentando me fazer ver esse filme uns dois meses atrás. Os Roth têm em DVD, e todos ficam impressionados por eu nunca ter visto. E não é que é muito bom? E a melhor parte, além de Porter me preparar para o som de tiros no filme – de modo que eu não seja pega de surpresa – e de repetir as falas com os atores, o que me faz sorrir apesar dos eventos tristes do dia, é quando ele se inclina para perto e sussurra no meu ouvido:

– Seu lugar é aqui comigo.

Por um momento, acredito que sim.

Capítulo 22

“Não sou quem você pensa que eu sou.”— John Boyega, *Star Wars: O despertar da Força* (2015)

Não sei bem quanto tempo as pessoas levam para voltar a se sentirem normais depois que alguém morre. Mas acho que esperei que Porter fosse se recuperar mais rápido por ser tão confiante. Tenho de me lembrar que ele já tinha cicatrizes emocionais, e que parte de sua petulância era só aparência. Por isso, quando o vejo se afundar no que temo ser depressão após o funeral de Pangborn, me pergunto se deveria dizer ou fazer algo para ajudá-lo. Só não sei exatamente o quê.

Ele me diz que vai ficar bem, que só precisa de tempo para superar. Quando eu lhe pergunto se quer comer alguma coisa depois do trabalho, ele responde que talvez esteja muito cansado. Ele parece mesmo cansado. Pede muitas desculpas. Não parece ele... nem um pouco, para ser franca.

Papai me diz para não forçar muito a barra. Não sou exatamente o tipo de pessoa “forçadora”. Mas, depois do que parece ser um período interminável de melancolia de Porter, começo a me perguntar se devo me meter. Porém, Grace repete o conselho de papai, dizendo-me para dar um tempo a Porter. O que é ainda mais estranho é que, pela primeira vez, sou eu quem não quer ficar sozinha. Acho que Grace percebe isso, ou algo assim, porque ela tem me chamado direto para sair. Nossos cafés da manhã no Pancake Shack antes de ir para o trabalho estão se tornando rotina. Definitivamente são um ponto alto do meu dia. Eles me ajudaram a afastar Pangborn da minha mente... e a parar de me preocupar tanto com Porter. Mais ou menos. Não aliviam a dor esquisita no meu coração quando penso nele lidando com tudo isso sozinho. Gostaria que ele me deixasse ajudar. Gostaria que ele conversasse comigo. A esta altura, eu trocaria a pontinha do meu dedinho do pé direito por uma de nossas boas e velhas discussões. Dá para sentir saudade de alguém que a gente vê quase todo dia?

Duas semanas depois do funeral de Pangborn, às 6:45 da manhã, sou acordada por uma série de vibrações. É meu telefone. Quem será que está me mandando mensagens tão cedo assim? Minha primeira reação é entrar em pânico, porque, vamos combinar, a vida tem sido uma grande pilha de merda nos últimos tempos.

Porter: *Acorda.*

Porter: *Aaaaacooooordaaaa.*

Porter: *Você dorme até que horas, afinal? Precisa de um despertador. (Eu adoraria ser esse despertador, aliás.) (Senhor, permita que seu pai não pegue*

seu telefone.)

Porter: *Vamos lá, dorminhoca. Se não acordar logo, vou te deixar pra trás.*

Digito uma resposta rápida: *O que foi?*

Porter: *Vai rolar um surfe do bom.*

Eu: *Quer dizer surfe pra você?*

Porter: *Essa é a ideia. Então, você vai me ver surfar?*

Eu: *Tente me impedir.*

Estou tão animada que jogo as cobertas para longe e pulo fora da cama. Tudo bem, talvez este não seja um convite romântico, porque algumas novas mensagens me informam onde vou encontrar a família dele, mas não ligo. Só estou aliviada por ele parecer mais felizinho. Meu único problema é Grace, com quem eu tinha combinado de tomar café da manhã hoje. Ela já acordou e, quando lhe mando uma mensagem pedindo para adiarmos, ela me pergunta se pode ir junto. Não respondo imediatamente e recebo suas novas mensagens.

Grace: *Por favooooor?*

Grace: *Preciso muito bater um lero.*

Eu: ???

Grace: *Conversar. Bater um papo de amigas. Pode ser?*

Normalmente eu diria claro, mas não passei tempo nenhum com Porter desde que assistimos a *O grande Lebowski* depois do funeral. E se ele não quiser uma plateia grande? Fico pensando no melhor jeito de lidar com a situação enquanto me visto, mas minha mente continua vagando até Porter.

Ao sair de casa, a neblina ainda não dissipou. O lugar onde vou encontrar os Roth é um ponto a pouco mais de três quilômetros ao norte da cidade, logo depois da praia do Bone Garden. É bonito lá, com paisagem natural e coberto de pedrinhas. Embora não esteja cheia como a praia do calçadão, fico surpresa de ver tão cedo uma pessoa que seja. Aparentemente, é um local popular de surfe, porque uma dúzia de outras vans estão estacionadas pela estrada e vários outros espectadores se reúnem, inclusive duas pessoas que passeavam pela praia com seus cachorros enquanto as ondas rolavam e quebravam.

Claramente este não era um evento particular. Vejo até Sharonda, a presidenta do clube de teatro de Brightsea, a quem Grace me apresentou durante a festa da fogueira. Por um momento, me lembro de Grace e digo a mim mesma que preciso responder sua mensagem, mas a sra. Roth acena para eu me aproximar, pois ela trouxe *donuts*. Não quero ser grosseira, e ela está

com o humor ótimo, por isso deixo Grace de lado por ora e silencie meu telefone.

Enquanto fico de papinho com a sra. Roth, avisto o restante da família. O sr. Roth está no modo de treinamento, descarregando uma prancha com Lana e gritando ordens. Mas estou com dificuldade de prestar atenção a outra coisa além de Porter. Se ainda há qualquer traço de melancolia ali, ele o guardou. É um novo dia, e posso ver a mudança no jeito como ele percorre a areia, como mantém a cabeça erguida. Ele está pronto para seguir em frente.

Ele vestiu um traje de neoprene regata preto e verde-água que aperta seu corpo em todos os lugares certos. Ao lado da sra. Roth, tenho medo de olhar com muita atenção e por tempo demais, mas caramba. Meus olhos encontram os dele uma vez, quando sua mãe está ocupada conversando com Sharonda, que aparentemente é amiga de Lana. Não posso dar uma piscadinha, então apenas olho para ele de cima a baixo e faço *Uau* com a boca. Porter me dá um sorriso espetacular em troca. Ele é tão arrogante; o garoto sabe como fica bem com essa roupa. Reviro os olhos, mas não consigo parar de sorrir, e ele ama a atenção. De minha parte, ele poderia construir castelos de areia na praia e nunca mais pegar uma onda na vida. Missão cumprida.

Depois dessa “conversa”, seu foco muda. Percebo o momento exato em que isso acontece. Tanto ele como Lana estão se alongando, pernas e braços, alongamentos comuns e alguns pulos esquisitos. Os dois são superflexíveis. E o tempo todo seus olhos estão na água. Ele está calculando as ondas gigantes. Marcando o tempo delas ou algo assim. Às vezes olha o relógio, mas principalmente observa a água e confere o céu. Ele está muito intenso. Gosto dele assim.

Tem algum tipo de etiqueta do surfe que não compreendo, mas dá para ver que Porter e Lana estão esperando sua vez. E dá para ver também que os outros surfistas não são muito bons, alguns estão desistindo e desocupando. Depois de um minuto, o sr. Roth faz um sinal com a cabeça para a esposa.

– Muito bem, garotas – ela diz para mim e Sharonda. – Vamos ali em cima.

“Ali em cima” é uma subida rápida em uma duna de areia imensa que nos presenteia com uma vista incrível do oceano. Dali, podemos ver bem melhor as ondas rolando e todos os outros surfistas que estão ou surfando as ondas menores mais próximas da praia (nada impressionante) ou tentando pegar as maiores mais ao longe e não aguentando muito tempo. O oceano os está engolindo vivos. Agora estou um pouco preocupada.

– Eles não vão surfar naquelas, vão? – pergunto. Vistas da praia, as ondas gigantes pareciam menores e mais lisas.

– Pode apostar que sim – diz ela, cheia de orgulho materno feroz. E, pelo andar da multidão que se aglomera atrás de nós para assistir, ela não é a única interessada na apresentação.

Espero que esta seja uma zona livre de tubarões.

Lana está de amarelo e preto e vai primeiro. Ela deita de barriga na prancha e vai remando com as mãos, o que demora mais do que eu imaginava. Porter deixa ela ganhar distância, mas agora também está remando. Quanto mais eles se afastam da praia, mais assustador fica. Às vezes eles desaparecem debaixo de ondas menores, que parecem lombadas numa estrada, para então reaparecerem do outro lado.

– Você já os viu surfar antes? – pergunto a Sharonda e dou uma mordida no meu *donut*. Odeio ter que ser a portadora de más notícias para a sra. Roth, mas isto aqui não chega aos pés do churro ou do bolinho de lua.

– Sim. Eu moro descendo a estrada, e vejo a Lana surfar umas duas vezes por semana. Às vezes assisto aos eventos, quando não acontecem muito longe daqui. Uma vez fui até a praia Huntington com os Roth. Lembra?

– Claro que lembro, querida – diz a sra. Roth, observando a água.

– E Porter? – pergunto.

Sharonda assente.

– Assistio a Porter competir localmente desde que ele tinha uns 13 anos. O cabelo dele vinha até aqui – diz ela, sinalizando o meio das costas com a mão.

– Eram cachos e mais cachos. Todas as garotas da nossa turma tinham uma quedinha por ele.

A sra. Roth gira o bastão do seu batom com um ar sentimental.

– Ele era um garoto tão doce. Meu peixinho.

– Ah, e nós vamos assistir juntos às baterias de surfe da Lana pela *TV* – diz Sharonda com empolgação, esticando o braço à minha volta para dar um tapinha no braço da sra. Roth. – A gente podia fazer umas festinhas, o que acha?

Fico surpresa. Não tinha sequer passado pela minha cabeça que Lana fosse tão profissional assim. Agora que a conheço, ela parece somente uma garota agradável que masca muito chiclete e baba quando cai no sono no sofá – o que aconteceu naquela tarde na casa deles.

Tanto Lana como Porter estão flutuando em suas pranchas, balançando sobre as ondas em movimento. Não tenho certeza do que estão esperando, mas todos estão tensos. Antes que eu possa perguntar o que está acontecendo,

o traje amarelo e preto de Lana pula sobre a prancha. Ela está de pé, com os joelhos flexionados, e cortando uma onda imensa que eu nem tinha percebido que estava ali.

Lá vai ela!

Ela parece uma linda abelha preta e amarela, zunindo pela água, fazendo movimentos de zigue-zague curtos que parecem se repetir eternamente. Não consigo acreditar que ela seja capaz de pegar a onda por tanto tempo. É insano. Como é possível? Parece ir contra a natureza.

– É isso aí, Lana – a sra. Roth grita para o oceano, batendo palmas no ritmo do zigue-zague de Lana. – Vai, que-rida, vai!

Quando Lana termina, está tão distante, do outro lado da duna, que vai levar cinco minutos para voltar andando até nós. Não admira que esses jovens estejam em forma. Esse lance de surfe é exaustivo.

A multidão na duna de areia explode em aplausos e assobios, e bato palmas junto. A sra. Roth gira a mão no ar, incitando-os.

– Aquela coisinha vai ganhar tudo – ela diz a todos à nossa volta, e algumas pessoas dão um toca-aqui.

Ela está muito orgulhosa. Todo mundo está sorrindo. É tudo bem empolgante, mas agora estou observando Porter, porque ele remou um pouquinho mais longe, o que faz meu estômago embolar.

O sr. Roth sobe a duna de areia aos saltos, com os olhos na água. Quanto tempo faz desde que Porter surfou assim? De repente fico nervosa. Se ele falhar, ou sei lá como é que se diz, não quero que aconteça na minha frente, para ele ficar envergonhado depois. Não vou conseguir lidar com isso. Quero desviar o olhar, talvez dar alguma desculpa do tipo “passei mal por causa do *donut* e precisei ir embora”. Posso ouvir depois o relato de como foi.

Então ele fica de pé na prancha.

Tarde demais. Não consigo desviar o olhar.

A onda dele é maior que a de Lana. Sua postura é diferente da de Lana. Ele conduz a prancha acima na água que se curva para a frente, e vai mais para cima, para cima, para cima... (por favor, não caia!) e, no topo, ele... Minha Nossa Senhora, ele está voando, com prancha e tudo! De um jeito impossível, num segundo, ele vira a prancha em 180 graus com firmeza. Então desce pela onda, lisa como vidro, e espuma branca espirra da ponta da prancha como a cauda de um vestido de noiva.

– ISSO! – brame o sr. Roth, erguendo o braço.

A multidão atrás de mim grita junto com a sra. Roth.

Está acontecendo tão rápido. Aquele foi um único movimento e, embora Porter não volte a saltar no ar com a prancha, ele já fez a virada número dois (rastejando baixo na base da onda, espere, espere... e sobe nela de novo) e *vuush!* Virada número três! Agora ele está descendo pela água, ainda na onda, com os braços estendidos para se equilibrar, como barbatanas.

O estilo de Lana era rápido e ligeiro, cheio de brio; Porter é mais lento e seus movimentos são mais grandiosos. Poéticos. Lindos. Ele está cortando a água como se estivesse pintando um quadro com seu corpo.

Eu não sabia que surfe era assim.

Eu não sabia que Porter podia fazer isso.

Ele faz uma última virada no fim da onda, uma viradinha de nada, porque não há muito mais onda para pegar, então para com destreza onde a areia se eleva na direção da praia, uma onda lavando seu entorno, como se o oceano o tivesse encontrado naufrago e o estivesse entregando em segurança à costa.

A multidão berra.

Esmago meu *donut* com a minha mão.

– Caceta – digo maravilhada, então peço desculpa, e então repito diversas vezes, mas ninguém ouve nem se importa.

O sr. Roth dá meia-volta, sorri para a multidão – sorri! – e beija a esposa antes de correr duna abaixo do outro lado para cumprimentar o filho. A sra. Roth me pega num abraço de urso. Para uma mulher que não é atleta, ela é bem forte. Quando me devolve ao chão, ela pousa uma mão em cada bochecha minha e, chocantemente, me beija nos lábios.

– Obrigada, obrigada, obrigada. Eu sabia que você conseguiria fazê-lo voltar lá.

– Eu não fiz nada – digo, enrubescendo por empolgação e um pouco por vergonha.

– Oh, querida, fez sim – diz ela com os olhos brilhando. – Ele não surfava desse jeito desde o tubarão.



Porter surfa cerca de uma dúzia de ondas gigantes. Ele falha uma vez, caindo bem forte da prancha ao tentar fazer uma rotação aérea. A sra. Roth culpa o vento pela queda. Fora isso, ele é praticamente um demônio. Ele e Lana se envolvem em uma disputa amigável entre irmãos, e é fantástico. Depois de algumas horas, a notícia já se espalhou, e mais ou menos cem pessoas se

alinham na praia. Fico rouca de tanto torcer.

Quando parece que estão reduzindo – tanto as ondas como os surfistas –, a sra. Roth pede ao marido para chamar os “bebês” de volta à praia logo. Ela não quer que Porter se exceda e acabe se machucando. O sr. Roth resmunga e parece ignorá-la, mas lentamente desce a duna. Acho que Lana tinha razão quando disse que a mãe era a mandachuva da família.

Alguém dá um tapinha no meu ombro.

– Como eles estão indo?

Eu me viro e vejo Grace num casaco magenta e óculos de sol gigantes com armação dourada. A boca dela está retíssima, combinando com a linha tensa de seus ombros. Ela não é uma espectadora feliz.

– Grace – diz a sra. Roth com alegria. – Você devia ter vindo mais cedo. Porter estava com tudo.

Grace sorri para ela, e é quase autêntico.

– É mesmo? Uma pena eu ter perdido. Levei um tempinho pra descobrir onde eles estavam surfando.

– Você podia ter me ligado – diz a sra. Roth distraidamente, não prestando muita atenção.

Grace mira em mim seus dois olhos, que parecem lâminas.

– Tudo bem. Eu mandei uma mensagem pro Porter e ele ficou bem contente de me avisar.

Ah, meu Deus.

– Grace – sussurro. – Esqueci totalmente de responder sua mensagem.

– Não tem problema. Não sou legal o bastante, suponho – diz ela, e vai embora andando.

Meu coração despenca. A Matreira em mim sussurra para deixar Grace ir, mas outra parte do meu cérebro está em pânico. Chamo a atenção da sra. Roth.

– Desculpa, mas preciso falar com Grace.

A sra. Roth faz um aceno de “xô”.

– Vai lá, querida. Eles praticamente acabaram. Falo pro Porter te procurar quando ele chegar na areia.

Depressa, sigo Grace para longe da pequena multidão na praia, duna abaixo, chamando-a pela nome. Ela para perto de uma pedra onde está

nascendo um amontoado de tremoceiros. Minha garganta está apertada, e não consigo fitá-la nos olhos. Ela está tão agitada que quase consigo sentir a emoção irradiando dela como o calor de uma fornalha. Nunca antes ela ficou chateada comigo. Nunca.

– Por que você quer falar comigo agora? – questiona Grace. – Nem se deu ao trabalho de responder minha mensagem de manhã.

– Desculpa! – despejo. – Eu ia te responder, mas...

– Eu liguei duas vezes – ela bate duas palmas furiosas no ritmo de suas palavras para enfatizar – depois das mensagens. Caiu direto na caixa postal.

Pisco. Meus dedos estão coçando para pegar meu telefone abandonado no bolso e conferir, porém resisto.

– Eu só...

– É fácil esquecer da amiga quando o namorado de repente volta à cena. Quando ele estava pasmando, você tinha todo o tempo do mundo pra mim. Mas, no segundo em que ele liga, você me joga fora mais rápido que jornal de ontem.

Vergonha e arrependimento desenrolam-se por mim.

– Não é verdade. Eu só me distraí. Não te joguei fora.

– Bem, foi o que pareceu. Não pense que nunca estive nesta mesma situação com outros amigos. No instante em que se apaixonam, esquecem totalmente de mim. Bem, vou te dizer uma coisa, Bailey Rydell: eu tô cansada de ser descartável. Se você não quiser ser minha amiga de verdade, encontre alguém que não ligue de ser dispensada.

Não sei o que dizer. Não sei como melhorar a situação. Sou uma surfista, deslizando e me afogando debaixo de uma daquelas ondas monstruosas. Só que não acho que sou habilidosa o suficiente para voltar a ficar de pé.

Depois de um silêncio longo e desconfortável, digo:

– Não sou boa nisso.

– Isso o quê?

– Ser próxima das pessoas. – Gesticulo para ela, então para mim. – Eu ferro com tudo. Muito. É mais fácil para mim evitar as coisas que lidar com confrontamentos.

– Essa é sua desculpa? – diz ela.

– Não é desculpa. É a verdade.

Por que fiz isso? Se eu pudesse fazer o relógio voltar para esta manhã, teria respondido a mensagem dela e tudo estaria bem. Se evitei as mensagens de Grace ativa ou passivamente, se as esqueci de propósito ou sem querer, nada disso importa. Eu falhei com ela. E talvez, ao fazer isso, tenha falhado um pouco comigo mesma também.

Não quero perder Grace. De alguma forma, enquanto Porter abriu a minha porta da frente, ela se esgueirou pela dos fundos. Tento minha última alternativa: a verdade.

– Você tem razão – digo-lhe, as palavras tropeçando ao sair. – Eu não te valorizei. Esqueci de você esta manhã porque supus que sempre estaria lá pra mim, porque você sempre está. Eu posso contar com você, porque você é confiável. E eu não sou. Eu gostaria... Eu gostaria que você pudesse contar comigo como eu conto com você. Quero ser mais como você. Você não é descartável pra mim, Grace.

Ela não diz nada, mas posso ouvir sua respiração acelerar.

– Acho que me convenci de que você não iria sentir minha falta – digo, cutucando o tremoceiro amarelo. – Foi como justifiquei.

– Bem, eu senti sua falta. Você escolheu um dia ótimo pra não aparecer. Porque eu precisava muito de um ombro amigo hoje – diz ela, ainda um pouco chateada, mas agora a emoção está mudando para uma que não consigo identificar direito. É difícil decodificar pessoas quando elas estão usando óculos de sol grandes e estão de braços cruzados.

Um vento chicoteia meu cabelo. Espero ele passar e pergunto:

– Aconteceu alguma coisa?

– Sim, aconteceu alguma coisa – reclama ela. Agora consigo ouvir a angústia em sua voz e, quando ela ergue os óculos de sol e os apoia no topo da cabeça, vejo o sentimento refletido nos seus olhos. – Taran não vai voltar. Ele vai ficar na Índia pelo resto do verão. Talvez pra sempre.

– Ah, nossa, Grace. – Meu peito se contrai dolorosamente.

Lágrimas lentas e silenciosas rolam pelas bochechas dela.

– Estamos juntos há um ano. Íamos pra mesma faculdade. Não é assim que a vida deveria ser.

Incerta, estendo o braço em sua direção, sem saber se ela vai me aceitar. Mas não há um instante sequer de hesitação, e ela está lançando seus braços ao meu redor, chorando suavemente enquanto me abraça. Seus óculos de sol caem da cabeça e pousam na areia.

– Sinto muito. – Engasgo, surpresa ao descobrir que eu estou chorando junto com ela. – Por tudo.

Meu antigo terapeuta me alertou sobre como a evasão é uma maneira disfuncional de interagir com pessoas com quem você se importa, mas agora começo a entender o que ele queria dizer quando comentava que isso as feria também. Talvez seja hora de eu descobrir um jeito melhor de lidar com meus problemas. Talvez ser Matreira não esteja mais funcionando tão bem para mim.

Capítulo 23

“Nunca estive sozinha com um homem antes, mesmo de vestido. Sem vestido, então, é bastante incomum.” – Audrey Hepburn, *A princesa e o plebeu* (1953)

No meio de julho, Porter e eu temos outro dia de folga juntos. Ele me diz que podemos fazer o que eu quiser, que ele é um gênio da lâmpada que vai me conceder um desejo. Digo-lhe que não quero ver outra vivalma durante toda a tarde. Estou pronta para compartilhar uma coisa.

Ele me busca em sua Kombi ao meio-dia, duas horas depois do meu encontro permanente com Grace no café da manhã.

– Aonde vamos? – pergunto, baixando o quebra-sol para bloquear a luz ao saltar para o banco do passageiro. Estou vestindo meu shortinho branco vintage estilo Annette Funicello e os óculos de oncinha que Wanda e papai me trouxeram de São Francisco. Meu penteado estilo Lana Turner está especialmente perfeito.

Porter espia minhas sandálias (são as de que ele gosta) e então meu short (para o qual ele continua olhando enquanto fala comigo):

– São duas opções: praia ou floresta. A floresta tem um córrego que é bem legal, mas a praia tem um arco de pedra, que é tão legal quanto. Nossa, esse short é sensual.

– Obrigada. Não tem ninguém em nenhum desses lugares?

– Se virmos alguém, vou pagar de doido e correr atrás da pessoa com um pau. Mas não, esses dois lugares costumam estar desertos.

Depois de refletir um pouco, o que incluiu levar em consideração insetos que só se encontram no meio da mata, não existe bem uma escolha para o propósito que tenho em mente, por isso sigo minha intuição.

– Quero ir pra praia – respondo.

A viagem leva cerca de quinze minutos. Ele tem de passar com dificuldade por uma estrada estreita de pedras que corta a mata até a praia, e galhos de pinheiros roçam o teto da Kombi. Porém, quando emergimos das árvores, é glorioso: areia, pedrinhas cinza, piscinas de maré e, erguendo-se na beirada do oceano, um arco de rocha. Está coberto de pássaros e cracas, e as ondas batem contra ele.

A praia é pequena.

A praia não é sensual.

A praia é nossa.

Porter estaciona a Kombi perto das árvores. Ele abre a porta lateral deslizante e jogamos nossos sapatos lá dentro. Vejo ali sua prancha e seu traje de neoprene bem guardados; ele tem surfado quase todo dia.

Brincamos com a água das piscinas de maré por um tempo. Elas estão repletas de estrelas-do-mar – que eu só tinha visto secas até então. Ele aponta para algumas outras criaturas, mas minha mente está tomada por questões além das maravilhas costeiras da Califórnia.

– Ei, cadê a praia de nudismo?

– O quê?

– Ouvi dizer que existe uma praia de nudismo em Coronado Cove.

Porter dá risada.

– Ela fica no resort Beacon. Não tem nem quinze metros de extensão e é cercada dos dois lados, pra ter privacidade. Não dá pra espiar lá dentro, e você não iria querer, te garanto.

– Por quê?

– É um clube de swing pra aposentados. Pra você ter ideia, nossos pais são novos demais pra entrar.

– Mentira.

– Verdade. Pergunte a Wanda. Direto eles param na delegacia por violar o horário de silêncio nas festas dos swingers regadas a bebida. Foi por isso que tiveram de botar as cercas. As pessoas reclamaram.

– Eca.

– Você diz isso agora, mas, quando tiver 80 anos e quiser ficar pelada na praia e tomar uns bons drinques de guarda-chuvinha ao lado de outro octogenário pelado, vai ficar grata por isso existir aqui.

– Acho que tem razão.

Ele aperta os olhos ao me encarar.

– Por que você perguntou isso?

Dou de ombros.

– Só estava curiosa.

– Pra ficar pelada numa praia?

Não respondo.

Os olhos dele se arregalam muito.

– Caceta, é nisso que você estava pensando, não é? – Ele aponta para mim e balança a cabeça. – Tem alguma coisa errada aqui. Não é do seu feitio. Eu sou um grande fã de tudo relacionado a nudez. Se me pedisse pra tirar a roupa agora, eu tiraria. Não tenho vergonha. Passei os meus primeiros anos de vida neste planeta pelado no mar.

Eu acredito nisso. Acredito mesmo.

– Mas você? – prossegue ele, apertando os olhos. – O que significa tudo isso?

Hesitante, mordo a parte interna da minha bochecha.

– Lembra quando estávamos ficando no museu aquela noite?

– Lembro disso a cada minuto do meu dia – diz ele com um sorriso lento.

Solto uma risada.

– Eu também – admito antes de retomar o foco. – Lembra quando você começou a tocar minha barriga e eu te fiz parar?

Seu sorriso some.

– Sim. Fiquei me perguntando quando você me falaria disso.

– Acho que estou pronta agora.

Ele assente diversas vezes.

– Legal. Fico feliz.

É claro que, agora que falei isso, o medo me assola. Hesito, apertando os dentes.

– O negócio é que não dá pra falar, eu preciso te mostrar. Acho que esse é um dos motivos por que odiei praias por tanto tempo... a questão do biquíni. Então acho que deveria simplesmente fazer isso, sabe? – Não tenho certeza se estou falando com ele ou comigo mesma, mas não importa. – É. Vou fazer isso.

Ele parece confuso.

– Estou prestes a ficar pelada nesta praia – conto-lhe.

– Ah, caramba – diz ele, parecendo verdadeiramente atordoado. – Tá. Humm, tudo bem. É, tudo bem.

– Mas eu nunca fiquei pelada numa praia com mais ninguém, então é estranho pra mim.

Ele aponta para mim e dá um sorrisinho.

– Sem problemas. Quer companhia? Gosto de ficar pelado. É mais fácil quando o jogo está nivelado.

Avalio a proposta.

– Sim, tudo bem. Isso facilitaria mesmo.

– Só queria dizer que tem um milhão de piadas que eu poderia fazer agora – comenta ele.

Nós dois rimos, eu com um pouco de nervosismo, então decidimos fazer um esquema pingue-pongue para tirar as roupas. Porter se oferece para começar. Ele passa os olhos pela praia para garantir que ainda estamos sozinhos e, sem mais delongas, arranca a camiseta. Legal, mas não foi muito justo, porque a) eu já vi antes e b) ele não está expondo nada que não pudesse expor publicamente. Ele sinaliza que é minha vez.

Peso com cuidado todas as minhas opções (fui esperta e vesti roupas de baixo combinando) e tiro o short. Ele fica surpreso. Porter também não consegue tirar os olhos de mim. Gosto disso... acho. Ainda não decidi. Só digo a mim mesma que é o mesmo volume de tecido que um biquíni, então qual é a diferença?

– Você joga sujo, Rydell – diz ele, desabotoando a bermuda. Antes que eu possa abrir a boca para argumentar, ele não está vestindo nada além de uma cueca boxer verde-oliva.

Fiiiii. Suas pernas são maravilhosas.

Tudo bem, minha vez de novo, como ele encarecidamente me lembra com um gesto de mão que diz *vai logo com isso. Acho que é a vez da blusa*, penso conforme a tiro pela cabeça e a joga na areia. Um sutiã tem o mesmo volume de tecido de um biquíni, e é um sutiã bom. Ouço-o puxar o ar uma vez rápido; acho que é um bom sinal. Será? Meus peitos não são incríveis, mas não são ruins também, e...

Os dedos dele traçam a parte inferior da minha cicatriz.

– É isto? Foi isto o que senti?

Olho para baixo, para as minhas costelas, e cubro sua mão, apertando-a contra minha barriga. Então tiro a mão dele e olhamos juntos. Está um dia claro e ensolarado, e nós dois estamos seminus. E, estranhamente, se tem alguém com quem me sinto segura... se tem alguém em quem eu confio, esse alguém é Porter.

– Sim, é isto – respondo.

Ele olha para a marca. Espia meu rosto. Espera.

– Foi por aqui que a bala entrou – conto, botando o dedo na elevação pregueada do ferimento que nunca cicatrizou direito. Viro de lado e mostro minhas costas. – E foi por aqui que ela saiu.

– Não entendo.

– Greg Grumbacher. Foi aqui que ele atirou em mim.

– Você falou que... Quero dizer, eu achei que ele tivesse atirado na sua mãe.

Balanço a cabeça devagar.

– Não era pra minha mãe estar em casa. Ele me seguiu até lá naquele dia porque seu plano era me matar. Ele tinha escrito um bilhete para deixar junto ao meu corpo. Seu raciocínio era que, como minha mãe tinha tirado a filha dele no divórcio, ele tiraria a filha dela.

Porter me encara.

– Mamãe pulou pra cima da arma, por isso ele errou a maior parte dos meus órgãos vitais. Sangrei pra caramba. Tiveram que costurar algumas coisas. Meu pulmão parou. Fiquei hospitalizada por umas semanas.

Seus ombros caem.

– Sinto muito. Eu não sabia.

– Você é a primeira pessoa pra quem eu conto. Meus colegas de turma ouviram falar, mas mamãe me transferiu de escola depois do acontecido. Enfim, é isso. Falei que eu era zoada – digo, dando-lhe um sorrisinho.

Ele passa a mão pela minha cintura, esfregando-a da cicatriz na frente até a de trás.

– Obrigado por me contar. Por me mostrar.

– Obrigada por não tornar isso estranho. Só queria que não fosse mais uma coisa importante, sabe? Por isso queria te mostrar. Ao ar livre e sob o sol.

– Eu entendo – diz ele. – Entendo totalmente.

Inclino para a frente e pressiono os lábios na depressão doce entre suas clavículas. Ele afasta meu cabelo para trás com a mão e beija o meio da minha testa, minhas duas pálpebras e a ponta do meu nariz. Então me puxa mais para perto dele e me envolve com seus braços. Inspiro-o para dentro dos meus pulmões o mais fundo possível, toda sua bondade bronzeada e cálida. *Obrigada, obrigada, obrigada*, tento lhe dizer com meu corpo. E, pelo jeito como ele está me segurando – como se eu fosse uma pessoa inteira, e não um brinquedo quebrado –, acho que ele compreende.

– Isso significa que você não quer continuar com o nosso jogo? – murmura ele depois de um tempo.

Inclino a cabeça para trás para olhar seu rosto.

– Você tá com medinho?

Ele dá aquele seu sorriso devagar e presunçoso e me afasta até que fico a meio metro dele.

– Os dois ao mesmo tempo, no três.

– Não é justo! Eu tenho duas peças de roupa ainda.

– Vou fechar meus olhos até você dizer que posso abrir. Um, dois...

Com um grito eufórico, me atrapalho com o fecho do sutiã e tiro minha calcinha. Consegui!

– Caramba, você é linda – murmura ele.

– Trapaceiro. – Estou cem por cento pelada. Numa praia pública. E, mais importante, não ligo, porque Porter tirou suas roupas também, e isso é bem mais interessante que qualquer senso fugaz de modéstia que eu possa ter. Porque ele está pelado. E é esplendoroso.

E ele está bem excitado com nossa mútua situação desnuda.

– Oh – digo, olhando para o chão entre nós.

– Eu tô bem orgulhoso disso aqui – admite ele com um sorriso, impelindo minha mão para a frente. Quando eu o toco, ele fica na ponta dos pés por um momento e parece que vai desmaiar, o que *me* deixa muito excitada com nossa mútua situação desnuda.

– Agora estou pensando na traseira da Kombi – digo.

Ele solta o ar com força e afasta minha mão.

– Acho que essa é uma ideia perigosa. Talvez a gente devesse botar as roupas de volta antes. Nossa, você é linda demais.

– Foi você que mencionou.

– Deixa eu te olhar só mais uma vez. Preciso memorizar você todinha pra depois. Vai que eu nunca mais veja isto. Droga. Não acredito que você me convenceu... – Seus olhos estão pesados. – Esta é a melhor ou a pior ideia com a qual já concordei. Você tá me matando, Bailey Rydell.

– Sei que você tem camisinhas no seu kit de primeiros socorros.

Uma onda quebra na ponte de rochas.

– Bailey...

– Porter.

– Pode ser péssimo. Acredite em mim, tenho experiência nesses assuntos.

– Mas pode não ser péssimo, não é?

Gaivotas voam em círculos, grasnando.

– Tem certeza?

– Tenho certeza – digo. Venho pensando muito nisso nas últimas semanas. E tomei uma decisão. – Se você quiser fazer comigo, quero dizer. Não tô tentando te pressionar.

Ele fala um palavrão suavemente.

– Vai ser um milagre eu conseguir chegar até a traseira da Kombi. Mas tudo bem se você mudar de ideia, você sabe, né? A qualquer momento. Mesmo no meio da coisa.

Mas eu não mudo de ideia.

Nem no caminho até a van, nem quando estamos jogando a prancha de surfe para fora para abrir espaço. E nem quando ele me pergunta umas dez vezes se tenho certeza, nem quando tenta me convencer do contrário ao fazer aquela coisa fabulosa com os dedos que ele fez comigo no museu, o que só me faz desejá-lo mais. Nem quando começamos, e ele está tomando cuidado e indo devagar e sendo deliberado, e não suporto olhar seu rosto, mas não sei para onde olhar, então estou olhando para o espaço entre nós, porque estou com medo de que seja uma bagunça, de que vai doer, e dói, mas a dor passa rápido, então é só... tão mais intenso do que eu esperava. Mas ele está indo devagar, então diz com uma voz rouca e sem fôlego:

– Você ainda tá bem?

Sim, ainda estou bem.

E não mudo de ideia no meio da coisa, quando é acachapante, e ele para, porque tem medo de que eu queira que ele pare, mas estou bem – estou tão bem – e eu o convenço a continuar.

E nem depois, quando nos agarramos como se o mundo tivesse acabado de ruir e estivesse lentamente se recompondo, peça por peça, respiração por respiração... batida de coração por bela batida de coração.

Não me arrependo de um momento sequer.



– O que é isso? – pergunto um tempo depois, puxando um objeto branco que

está enfiado numa fenda na traseira da Kombi, onde estamos deitados enroscados sobre um cobertor antigo. No fundo da minha mente, estou pensando que com certeza vi outra camisinha no kit de primeiros socorros, e estou me perguntando quanto tempo devo esperar para tocar nesse assunto sem parecer ansiosa demais. Mas estou apoiada nos meus cotovelos e Porter está passando os dedos preguiçosamente pelas minhas costas, serpenteando pelo meu bumbum e pela parte de trás da minha perna, e isso é muito bom, então acho que não estou com pressa nenhuma.

O objeto pontudo que arranco da fenda tem cerca de três centímetros e é triangular, e tem um pedaço de metal prateado ajustado de um lado, em cuja abertura uma argola de metal também prateada está presa.

– Huh. Achei que tivesse perdido isso – diz ele, pausando o arranhar sensual nas costas para pegar o objeto das minhas mãos. – Isso saiu do meu braço. Um dente verdadeiro de tubarão-branco. É um amuleto. Ou uma maldição, dependendo de como queira ver. Eu o mantinha no meu chaveiro, mas troquei de chaves e tirei. Deve ter rolado do banco do carro ou algo assim.

– É enorme – comento.

– De jeito nenhum, isso é um dente de bebê. Você viu os tubarões no aquário. O tubarão-branco tinha o dobro do tamanho daqueles. E era só um adolescente.

Tento imaginar o dente implantado no braço de Porter.

– Sei que é uma lembrança ruim, mas o dente em si deveria ser um troféu de sobrevivência ou algo do tipo. Uma medalha de honra.

– Quer emprestado?

– Eu?

– Pra botar no chaveiro da sua scooter. Talvez combine com todo aquele estilo de estampas animais. – Ele pausa. – Quero dizer, se for demais, não tem problema. Não tô tentando te marcar, como se você fosse minha garota ou algo assim.

Porque se as pessoas verem isto, saberão com certeza que estamos namorando.

– Mas eu sou? Sua garota, quero dizer.

– Não sei. É? – Ele oferece o dente de tubarão em sua palma aberta, hesita, então fecha os dedos. – Se for, tem que me prometer uma coisa antes.

– O quê?

– Tem que começar a se abrir comigo. – Ele olha para as minhas costas. – Olha, eu entendo totalmente por que você não quis me contar a história toda do seu ferimento de bala até agora, mas não pode mais ser assim comigo. Eu já tive uma namorada que escondia segredos de mim, e passei semanas andando distraído por aí enquanto ela estava transando com Davy pelas minhas costas.

– Primeiro, eca, tenho mais bom gosto que isso, e, segundo, eu nunca faria isso com você.

Ele beija minha orelha.

– Acredito em você.

– Então, é, já que falamos de Chloe... Você e Davy estavam fazendo sexo com Chloe ao mesmo tempo?

– Juntos? – Ele soa estar chocado.

Sorrio.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Não – responde ele, acanhado. – Chloe e eu estávamos numa seca na época. Não rolou contaminação cruzada, se é com isso que está preocupada.

Eu meio que estava.

– E sempre usamos camisinha. Toda vez.

– Bom saber – balbucio. *Muito bom.*

– Enfim, voltando a você – diz ele. – O que quero dizer é que você é meio ruim em armazenar as coisas aí dentro. Não tô dizendo que precisa virar uma Grace. Gosto de você assim como você é. Mas, pra isto dar certo, você vai precisar me contar as coisas. Preciso que confie em mim...

– É claro que confio. – *Ei, nós não acabamos de fazer sexo?*

– ... e preciso poder confiar em você – completa ele.

Começo a discutir, mas estou envergonhada por ele ter tocado no assunto.

Ele cutuca meu queixo com o dele, me forçando a encará-lo, e fala calmamente contra minha boca.

– Me escuta, tá? Isto que temos é a melhor coisa que já aconteceu comigo na minha vida inteira, e não quero que acabe. Às vezes você parece tão difícil, como neblina sobre o oceano... como se tivesse aparecido no começo do verão e um dia o sol vai nascer e você vai desaparecer e voltar pra sua mãe. E isso me assusta pra caramba. É por isso que te conto as coisas a meu respeito,

porque acho que, se jogar todo o peso da minha história nas suas costas, vai ser mais improvável de você fugir.

Meu coração retorce.

Encosto a testa na dele.

– Matreiro.

– Quê?

– Eu sou assim. Ou era. – Aquela manhã na praia, quando Grace ficou brava comigo, me assombra. Preciso ser melhor. – Estou tentando, Porter. Estou mesmo. Quero que você confie em mim.

– É só isso o que eu peço. – Ele se inclina para trás para me olhar, sorri suavemente e reabre os dedos para revelar o dente de tubarão. – Então... você quer? As pessoas talvez comentem.

Eu agarro o dente com um sorrisinho.

– Talvez elas digam que você é meu.

– Bailey, eu já *era* seu. Só estava esperando você tomar sua decisão.



Mais tarde, à noite, depois que Porter me deixa em casa, estou feliz demais para ficar perto de pessoas, especialmente de papai. Então pego meu lenço e meus óculos de sol de oncinha e levo Baby para um passeio pelo bairro. Quando chego à grande colina no final da nossa rua, ergo minhas mãos e grito para as sequoias:

– Estou apaixonada!

Capítulo 24

“Não preste atenção àquele homem atrás das cortinas.” – Frank Morgan, *O mágico de Oz* (1939)

Papai não é nenhum chef de cozinha, mas o contador nele é capaz de seguir uma receita sem problema algum. Juntos, porém, conseguimos estragar um frango assado, que ainda estava cru depois de horas assando. Foi aí que descobrimos que tinha algum problema com um dos elementos do forno. Jogamos o frango fora, prestamos as últimas homenagens sobre a lata de lixo (descanse em paz) e pedimos pizza. E, embora tenhamos ficado um pouco chateados com o fracasso, nossos convidados – Wanda, Grace e Porter – não pareceram se incomodar.

Faz uma semana desde a praia de nudismo, e é a primeira vez que Porter foi convidado a vir à minha casa, então estou nervosa. E não sei bem o motivo. Talvez seja porque já passei várias vezes na casa de Porter, e é tão confortável lá, e agora estou preocupada que não seja confortável aqui. Ele já soltou uma piada sobre estar junto com uma policial, então tem isso também. Embora eu não pense em Wanda como um tipo de figura de autoridade intimidadora, entendo por que Porter talvez se sinta assim. Agora me coloco na defensiva a respeito dela e quero que ele goste tanto dela como de papai, e isso é... estressante.

Mas quando a pizza chega e Porter está passando os dedos pela coleção de DVD de papai, as coisas começam a melhorar. Acontece que papai e Porter compartilham o gosto por diversos filmes de ficção científica. Porter não faz ideia do erro que acabou de cometer, porque papai está empolgadíssimo e não vai parar com o papo nerd: Você já viu este pirata espacial de 1977? E esta fita esquecida de 1982? Se eles começarem a falar de *Star Wars*, vou ter que encerrar a noite.

Durante todo o tempo que eles conversam, não consigo desviar os olhos de Porter. O que sinto por ele agora é como se estivesse me afogando e flutuando ao mesmo tempo. Quando ele me lança um olhar rápido, estou tomada de emoções. Será que ele sente isso também? Essa conexão épica entre nós? É emocionante e assustador. Como se o resto da minha vida fosse apenas uma série de filmes B ruins e tivéssemos acabado de entrar nos estúdios de *Cidadão Kane*.

– Minha nossa, você tá mal – sussura Grace perto do meu ouvido. – Deve ter sido bom, hein?

Ugh, eu nunca deveria ter contado a ela o que aconteceu na praia. Não dei nenhum detalhe, mas talvez seja esse o problema. Ela está preenchendo as lacunas com sua mente suja. Dou um tapa em seu braço para afastá-la, e

nosso troca-tapa discreto e brincalhão evolui para risadinhas imaturas. Quando papai e Porter percebem, algo parecido com histeria me toma, e arrasto Grace para o sofá, me escondendo.

Estou tentando muito ser mais aberta com ele, falar sobre... tudo isso. Esses sentimentos caóticos. Sobre o que aconteceu na traseira da Kombi. Desde então não ficamos mais juntos, não daquele jeito. Não tivemos tempo. Demos adoráveis beijos profundos sentados no banco da Kombi depois do expediente e um monte de ligações à meia-noite para falar sobre nada em especial – só queríamos ouvir a voz um do outro. Contudo, toda vez que tento lhe falar sobre como realmente me sinto, sobre o *quanto* eu sinto, parece que um punho de 50 quilos aperta meu coração.

Puro pânico.

Uma vez covarde, sempre covarde.

E se eu não conseguir mudar? Se eu não conseguir ser honesta e aberta como ele precisa que eu seja? Se não for uma amiga confiável como Grace quer que eu seja? E se Greg Grumbacher me estragou para sempre? Isso é o que mais me assusta.

Depois de toda essa conversa de homem para homem sobre ficção científica, vamos todos para a varanda e nos sentamos ao redor da mesa do pátio, perto da sequoia que atravessa o telhado. Papai traz nosso jogo de tabuleiro gasto e consagrado.

– Então – diz ele bem sério. – O que Bailey e eu queremos compartilhar com vocês hoje é uma tradição da família Rydell. Ao tomar parte deste jogo... ou melhor, desta cerimônia querida e sagrada...

Solto uma risadinha enquanto ele continua o discurso.

– ... vocês estão aceitando honrar nossa orgulhosa herança familiar, que data de... Bem, acho que a etiqueta de preço na caixa é de cerca de 2001, portanto é bem antiga.

Wanda revira os olhos.

– Eu vou dar atenção a isso por quinze minutos, Pete.

– Não, sargento Mendoza – diz ele dramaticamente, cortando o ar com a mão como se fosse um político austero num palanque, exigindo atenção. – Você dará atenção a Colonizadores de Catan por uma hora inteira ou duas, porque é o tempo que as colônias merecem.

– E também porque leva pelo menos isso de tempo para erguer seus assentamentos – emendo.

– Tem mestre do jogo? – pergunta Porter.

Tanto papai como eu damos risada.

– O quê? – diz Porter, sorrindo.

– Temos tanto a te ensinar – digo, pousando minha mão sobre a dele. – E não tem mestre. É outro tipo de jogo nerd.

– Isto é mais chato ou menos chato que Banco Imobiliário? – pergunta Grace.

– Menos – papai e eu respondemos em uníssono.

– Banco Imobiliário é coisa de perdedores – papai informa a ela.

Porter franze o cenho.

– Eu adoro Banco Imobiliário.

– Temos um armário inteiro cheio de jogos de tabuleiro antigos – sussurro com orgulho para ele.

– Não vou gostar disto, vou? – pergunta Wanda com um suspiro pesado.

– Agora talvez seja uma boa hora para abrir aquela garrafa de vinho cara que vocês trouxeram de São Francisco – sugiro.

Porter me dá um sorriso e esfrega as mãos, empolgado.

– Isto parece superesquisito. Quero *muito* jogar. Vamos lá.

Meu Deus, eu adoro ele. Não sei nem por que estava tão preocupada antes. Está tudo bem agora.

Papai organiza os itens do jogo e explica as regras, confundindo a todos no processo. Enfim resolvemos ensinar conforme jogamos. Eles pegam o esquema da coisa. Não sei se gostam tanto quanto papai e eu, mas todos parecem estar se divertindo. Estamos dando muita risada e brincando uns com os outros, de qualquer modo. Tudo está ótimo, até mais ou menos uma hora de jogo.

A pizza me deixa com sede. Peço licença para pegar um pouco de chá gelado na cozinha e pergunto se alguém quer mais. Papai quer, então saio da varanda para buscar chá para nós dois. Quando estou me afastando da mesa, papai diz:

– Obrigado, Zibelina.

Atrás de mim, ouço Porter perguntar a papai:

– Do que você a chamou?

– Ahn? Ah, “Zibelina”? É só um apelido de infância – diz papai pela porta aberta.

– Já o ouvi chamando-a assim várias vezes – observa Wanda –, mas você nunca me contou por quê.

– É uma história engraçada – diz papai.

Gemo enquanto sirvo nosso chá, mas papai já encarnou o contador de histórias, e posso ouvi-lo da cozinha.

– Foi assim. Quando Bailey era mais nova, com 14 anos, ela ficou hospitalizada por duas semanas. – Dou uma olhada para trás e o vejo erguendo as sobancelhas para Wanda, o que indica que eles já falaram do assunto, então ela sabe do tiroteio. – Durante todo o tempo que ela esteve lá, a ^{TV} ficou num canal de cinema clássico. Sabem, com todos aqueles astros de cinema das antigas: Humphrey Bogart e Cary Grant, Katharine Hepburn. Só passava isso, dia e noite. Estávamos tão preocupados com ela que, quando enfim alguém pensou em mudar de canal, ela já tinha começado a gostar de verdade de alguns dos filmes e não nos deixou trocar.

Solto um suspiro dramático ao voltar à varanda e botar na mesa nossos copos de chá.

– Enfim, por alguns dias, depois da cirurgia, era tudo meio incerto. E, como pai, eu estava preocupado, é claro. Eu disse que se ela se recuperasse e saísse do hospital, eu lhe daria qualquer presente que ela quisesse. A maioria das garotas da idade dela provavelmente pediria, não sei, talvez um carro. Ou um pônei? Uma viagem pra Flórida com os amigos? Mas Bailey não. Ela via aquelas atrizes glamorosas vestindo casacos de pele, antes disso ser politicamente incorreto, e disse: “Papai, quero um casaco de zibelina”.

Wanda gargalha.

– E você comprou um?

– De pele falsa – diz papai. – Foi a atitude dela que nunca esqueci. E ela ainda ama esses filmes antigos. Tá tudo bem, Porter?

Quando estou puxando minha cadeira para sentar mais perto da mesa, olho para cima e vejo que Porter está com um olhar peculiar no rosto. Ele parece que acabou de saber que o cachorro morreu.

– Qual é o problema? – pergunto.

Ele está encarando a mesa e se recusa a olhar para mim. Um minuto antes ele estava rindo e fazendo palhaçadas, e agora, de repente, ficou em silêncio e seu maxilar está petrificado e parece que vai quebrar a qualquer instante.

Todos estão olhando fixamente para ele. Ele se remexe na cadeira e levanta uma mão segurando o celular.

– Recebi uma mensagem da minha mãe. Preciso ir, desculpem.

Nem a pau. O velho truque do *recebi uma mensagem*. É uma manobra de Matreiro. Ele acabou de aplicar o meu próprio golpe em mim?

– Qual é o problema? – pergunto de novo, ficando de pé como ele.

– Nada, nada – balbucia ele. – Nada de mais. Ela só precisa da minha ajuda e não dá pra esperar. Desculpem. – Ele parece agitado e distraído. – Obrigado pelo jantar e por tudo mais.

– Sempre às ordens – diz papai, a preocupação riscando uma linha entre suas sobrancelhas enquanto ele troca um olhar com Wanda. – Você é sempre bem-vindo aqui.

– Até mais, Grace – murmura Porter.

Mal consigo acompanhar o passo de Porter conforme ele dispara para a porta da frente, e, quando estamos do lado de fora, ele salta os degraus sem nem olhar para mim. Agora estou surtando. Talvez ele tenha mesmo recebido uma mensagem, mas não da mãe. Porque só há uma pessoa que o deixa tão intenso assim e, se ele está evitando papai e Wanda, me preocupa que pode ter algo a ver com Davy.

– Porter – chamo quando ele segue pelo gramado da frente da casa.

– Preciso ir – diz ele.

Isso apenas me deixa brava. Ele pode evitar papai o quanto quiser, mas a mim?

– Ei! Que droga, qual é o seu problema?

Ele dá meia-volta, e seu rosto subitamente está lívido de fúria.

– Que tipo de jogo doentio foi esse?

– Ahn? – Estou totalmente confusa. O que ele fala não faz nenhum sentido, e seu olhar está perscrutando meu rosto. – Você tá me assustando. Aconteceu alguma coisa? – pergunto. – Tem a ver com Davy? Ele fez algo de novo? Por favor, fale comigo.

– O quê? – Perplexidade nubla seu rosto. Ele aperta forte os olhos e balança a cabeça, murmurando: – Isso é tão zoadado. Eu não posso... Preciso ir.

– Porter! – grito para as costas dele, mas ele não se vira. Não olha mais para mim. Só fico ali parada, impotente, apoiando meus cotovelos na entrada, observando sua Kombi roncar e desaparecer pela rua atrás das sequoias.

Capítulo 25

“A hora de se decidir em relação às pessoas é nunca.” – Katharine Hepburn, *Núpcias de escândalo* (1940)

Mando mensagem.

Ligo.

Mando mensagem.

Ligo.

Ele não retorna.

Grace também tenta, mas ele tampouco a responde.

– Tenho certeza de que foi um mal-entendido idiota – ela me garante. Mas estou bem certa de que ela não acredita nisso.

Depois que Grace vai embora, continuo a repassar toda a conversa na varanda na minha cabeça, em busca de pistas, tentando lembrar exatamente quando percebi que tinha algo errado. Pergunto a papai, mas ele não ajuda nada. Estou tão angustiada que pergunto até a Wanda, e quando consigo ver em seu semblante que até ela está com dó do meu estado desesperado, quase começo a soluçar na frente dela, e é então que sei que as coisas foram pelo ralo.

– Ele alegou que recebeu uma mensagem durante ou depois que seu pai contou aquela história – diz Wanda.

Esfrego os meus globos oculares com a base da palma das minhas mãos; a minha cabeça está latejando. Além disso, acho que estou ficando doente.

– Mas por que então ele não me contaria?

– Odeio ter que perguntar – diz papai com a voz gentil –, mas você fez algo que possa ter ferido os sentimentos dele? Contou algum tipo de mentira que ele pode ter descoberto?

– Não! – exclamo. – Tipo traição ou algo assim?

Papai ergue as duas mãos.

– Não quis dizer isso. Ele sabe do seu amigo da internet?

– Alex? – Balanço a cabeça. – Faz semanas que não falo com ele. E nunca o conheci pessoalmente... nem o encontrei. Ele me dispensou porque arranjou uma namorada ou algo assim, não sei. Não importa. Nós nem flertamos de verdade. Ele era um cara bacana. Éramos só amigos, juro.

– Não rolou nenhuma troca de mensagens sexuais ou de fotos picantes que possam ter vazado na internet? – pergunta Wanda.

– Meu Deus, não – digo, e papai praticamente murcha de tão aliviado. *Que bela confiança, caramba.*

– Só estava conferindo – diz Wanda. Ela está totalmente no modo “interrogatório policial”. – E Porter foi o responsável pelos chupões, certo?

– Sim – vocifero. Não pretendo, mas não consigo evitar.

Não gosto do rumo que a conversa está tomando. Não vai demorar para ela me pedir para fazer exame de DST. Enquanto isso, papai, que ficou encarando distraidamente seus filmes de ficção científica, faz um som de engasgo, como se tivesse acabado de perceber alguma coisa, mas, quando pergunto o que é, ele dispensa com um aceno de mão.

– Não é nada – diz ele, parecendo atordoado e quase... divertido. – O que quer que seja, tenho certeza de que você vai resolver, querida.

Isso só me deixa ainda mais frustrada, e um pouco irritada, para ser sincera. Nada disso está ajudando de fato, então por que prosseguir? Espirro duas vezes e, quando papai me pergunta se eu estou ficando resfriada, eu o ignoro e vou para o meu quarto. Então ligo meu telefone e o encaro como se o destino de todo o planeta dependesse de uma melodiazinha que emana de seu pequeno alto-falante.

Espero até duas da manhã e, quando a melodia não vem, viro de lado na cama e encaro a parede, com o coração despedaçando, até cair num sono inquieto.



Quando vai chegando a hora do meu turno na Caverna no dia seguinte, fico tão doente de preocupação que não sei dizer se quero ver Porter ou não. Tenho me esforçado muito ultimamente para não usar táticas de Matreira, mas hesito no estacionamento quando vejo a Kombi dele, e tomo a rota mais longa até a entrada de funcionários. Deve ser assim que alcoólatras se sentem quando têm recaídas.

Quando enfim o vejo, é na sala da sangria, no exato instante em que Grace entra para contar sua gaveta. Meu corpo fica tão tenso diante da visão dele que sinto uma dor física. Grace assume o papel de pacificadora ao nos cumprimentar, reclamando levemente sobre como agendaram nossos intervalos de almoço, mas nem Porter, nem eu dizemos nada. É estranho. Todo mundo sabe.

Não consigo fazer isso. Não dormi nada. Minha mente está com a

consistência de areia molhada. Tenho quase certeza de que estou com febre, estou com calafrios, meu nariz não para de escorrer, e meus olhos doem. Não sou a única: metade dos funcionários pegou um vírus de verão esquisito e mutante, que Grace chamou de “moléstia”. Mas ignoro como me sinto fisicamente, porque preciso saber o que está acontecendo com Porter. Preciso!

– Não – digo a Porter, bloqueando sua saída da sala. – Não é justo. Passei a noite em claro de preocupação. Você precisa me dizer agora mesmo o que tá acontecendo.

– Podemos fazer isso em outro lugar? – pergunta Porter, olhando para Grace.

– Onde, então? Mande mensagens e liguei. Como posso consertar isto se você não me contar qual é o problema?

– Eu precisava pensar. – Agora que pela primeira vez o encaro diretamente nos olhos, vejo que ele parece tão mal quanto eu. Círculos pretos sublinham seus cílios inferiores, e sua barba por fazer está mal cuidada. Ele parece exausto. Que bom. – Talvez você precise pensar um pouco também.

– Pensar em quê? – pergunto, totalmente perplexa.

Ele lança outro olhar para Grace.

– Veja – diz ele com a voz baixa –, eu só... Estou bem soterrado agora. Preciso de um pouco de espaço, ok?

Suas palavras me picam como mil zangões.

– Porter – sussurro.

A porta da sala de sangria se abre, e o sr. Cavadini entra com sua prancheta. Ele abre a boca para nos cumprimentar, mas o que quer que ele começa a dizer é afogado pelos meus espirros. E não são espirros educados; tenho de alcançar a caixa de lenços de papel perto das gavetas esvaziadas depois, e me viro para limpar meu nariz. Estou uma bagunça nojenta.

– Você também pegou? – quer saber Cavadini, parecendo horrorizado. Quando dou meia-volta, ele dá um passo atrás e balança a cabeça. – De jeito nenhum. Grace, desinfete tudo que ela tocou na sala da sangria. Bailey, vá pra casa.

– Quê? Eu tô bem! – digo através de um lenço de papel.

– Você é a Maria Tifoide. Vá pra casa. Ligue amanhã pra me dizer como você tá. Vamos te dar novos turnos quando você não estiver mais contagiosa.

Não importa o quanto eu tente, ele não me deixa discutir. Porter e Grace são despachados para a Sauna, e com eles se vão minhas chances de descobrir

por que Porter precisa de “espaço”. Infeliz e febril, retorno para casa sem respostas e me arrasto até minha cama.

Mas vou dizer uma coisa: Cavadini provavelmente tinha razão em me enxotar da Caverna. Umas duas horas depois, acordo e meu corpo todo dói. Não consigo ficar aquecida. Ligo para papai no trabalho depois de tirar minha temperatura: estou com 38,5 graus. Ele corre de imediato para casa e me leva ao posto de saúde, onde me consulto com um médico que me dá algo para baixar a febre, basicamente me dizendo o que eu já sabia – *Você pegou a moléstia!* – e me prescreve um monte de remédios para gripe.

No segundo dia da minha doença mutante, papai troca os meus lençóis, porque suei como um animal durante a noite. Mas pelo menos minha febre cedeu. O que é bom, porque agora estou cuspiendo fora meus pulmões. Ele vai trabalhar pela manhã, mas tira o restante do dia de folga, volta para casa ao meio-dia e me dá de almoço sopa e biscoitos salgados. Ele também tenta me levar para o térreo da casa, mas estou satisfeita em ficar indo do banheiro ao quarto pelo meu estreito corredor, que parece de avião. Tenho uma conta de *streaming* e um aparelho de DVD no meu quarto. Isso é tudo de que preciso para superar a doença. Começo a ver um filme que, estranhamente, me lembra de Alex, o que faz eu me sentir pior do que já me sinto.

Grace me mandou várias mensagens para saber como estou. A Caverna está com um número mínimo de funcionários, mas ela conseguiu fugir da doença até agora. Não lhe pergunto sobre Porter. Mesmo assim, ela me informa: é dia de folga dele, então ela não sabe se ele ficou doente também – mas quer saber se eu gostaria que ela mandasse uma mensagem para ele perguntando. Não, eu não gostaria. Ele quer espaço? Pode ficar com as planícies de Serengeti, que seja. Estou mais que ferida agora. Estou brava. Pelo menos acho que sim. É difícil dizer. Comecei a tomar xarope para tosse com codeína hoje, que está me dando um zumbido na cabeça.

Outro tipo de zumbido agita meu telefone no meio da tarde. Pauso o filme a que estou assistindo. É uma notificação da Fanáticos pela Lumière Filmes. Recebi uma nova mensagem? Talvez este xarope esteja me causando alucinações. Mas não. Clico no aplicativo e ali está:

@alex: Ei. Zibelina, tá aí? Faz tempo que não falamos.

Encaro a tela por um minuto antes de digitar uma resposta.

@zibelina: Ainda tô aqui. De cama, doente. Que estranho, agorinha mesmo eu estava pensando em você, e receber sua mensagem me deixou meio surtada.

@alex: Você estava? Por quê? *curioso* (Que droga que você tá doente.)

@zibelina: Eu tô vendo *Paixões em fúria*. (Obrigada. É uma droga mesmo. É nojento, juro.)

@alex: Uou. Paixões em fúria, com o Bogie e a Bacall? Achei que você tivesse dito que não tinha estômago pra isso. E toda aquela história de só por cima do seu cadáver?

@zibelina: Não é tão ruim quanto pensei que seria. Tô quase acabando. É bem bom. Você tinha razão.

@alex: Tô chocado. (Eu sempre tô.) Então... alguma novidade? Faz muito tempo que não nos falamos. Me intere do que tá rolando do mundo da Zibelina. Senti sua falta.

Pauso, incerta do que digitar. Seria esquisito dizer *Também senti sua falta*, embora eu tenha sentido, porque a sensação é de que estou traindo Porter. Estou tão confusa. Talvez ele não queira dizer nesse sentido. Talvez ele nunca tenha tido esse sentido. Deus sabe que não sou boa em entender as pessoas.

@zibelina: O mundo da Zibelina implodiu. Você tem o dia todo?

@alex: Engraçado, tenho sim.

Não sei se é a codeína correndo pelas minhas veias ou se é o vírus dizimando meus neurônios, mas me recosto nos travesseiros e digito a mensagem mais direta que já mandei a Alex.

@zibelina: Na verdade, eu meio que estou namorando uma pessoa... bem, a gente tipo terminou. Eu acho. Não tenho certeza. Ele não quer falar comigo. Mas eu não o superei. Só não queria que você entendesse mal. E talvez você não fosse fazer isso, não sei. Mas eu costumava achar que havia alguma coisa entre nós dois – você e eu –, ou que poderia haver. Então esse cara meio que apareceu do nada. Eu não estava esperando. Enfim, estou parecendo uma idiota completa agora, especialmente se você não se sentia assim em relação a mim. Mas estou tentando virar a página e ser uma pessoa mais honesta, então só queria que você soubesse. Caso você ainda estivesse com alguma ponta de esperança. Não posso fazer isso. Não agora.

@alex: Eita. É muita coisa pra assimilar.

@zibelina: Eu sei. Desculpe.

@alex: Não, tô feliz que você tenha falado. De verdade. Você não tem ideia do quanto eu tô aliviado de abrir as coisas, na real.

@zibelina: Verdade?

@alex: Juro. Então... como esse cara é?

@zibelina: Honestamente, ele é meio babaca. Se acha. Superteimoso. Está sempre provocando brigas.

@alex: ??? E por que você gosta dele, então?

@zibelina: Tô tentando lembrar... Ok, ele também é doce e inteligente, e me faz rir. Ele é um surfista, na verdade. Tipo, muito talentoso mesmo. E é um nerd em relação ao clima, o que é meio fofo.

@alex: Entendi. Mas ele te faz rir?

De repente me sinto horrível. Aqui estou eu, despejando tudo a respeito de Porter, mas não sei como Alex se sente em relação a isso. Em relação a mim. Em relação a toda esta situação que acabei de depositar aos pés dele.

@zibelina: Ninguém me faz rir como você.

@alex: Era tudo o que eu queria.

Rio um pouco, então começo a chorar.

@zibelina: Sinto sua falta também. Tenho saudade de ver filmes com você. E desculpe que tudo mudou. Eu não sabia que as coisas iriam acabar assim. Mas espero que ainda possamos ser amigos, porque minha vida é melhor com você nela. E essa é a verdade.

@alex: Também espero que ainda possamos ser amigos. Mas preciso ir agora.

Quando o aplicativo me avisa que ele está *off-line*, meu choro suave se intensifica para um choro convulsivo. Não sei por quê, mas sinto como se tivesse perdido algo importante. Talvez porque ele não tenha concordado totalmente que deveríamos e seríamos amigos – ele disse que espera que ainda possamos ser amigos. O que significa? Que ele não tem certeza? Será que estraguei não só um, mas dois relacionamentos?

Meu estado doente não me permite chorar por muito tempo antes de todo o meu sistema respiratório se entupir e ameaçar se fechar. Deve ser melhor assim. Me forço a me acalmar, tento assoar o nariz, e termino de ver os últimos minutos de *Paixões em fúria*. Pelo menos posso contar com Humphrey Bogart voltando a ficar com Lauren Bacall, embora, por um segundo, a situação tenha sido incerta.

Quando os créditos sobem, ouço um barulho na escada, então papai aparece à porta.

– Você... Ei, você estava chorando? – diz ele com a voz sussurrada. – Você tá bem? O que foi?

Faço um aceno com a mão.

– Não foi nada. Tá tudo bem.

Seu cenho franze por um segundo, mas ele parece acreditar em mim.

– Tem uma visita pra você, Zibelina. Acha que dá conta? – Ele me lança um olhar de alerta, mas a interpretação que devo fazer desse olhar me escapa.

Sento-me direito na cama. Visita? Grace está no trabalho.

– Acho que... sim?

Papai sai da frente da porta e gesticula para alguém entrar no meu quarto.

Porter.

– Ei – diz ele, apertando os dentes ao me ver. – Putz, você não estava fingindo, né? Preciso botar uma daquelas máscaras de médico?

Papai dá risada.

– Eu ainda não peguei. Mas talvez você prefira manter distância e lavar as mãos ao sair.

Porter cumprimenta papai casualmente e, antes que eu perceba, estamos sozinhos. Só Porter e eu. No meu quarto. Uma semana atrás, isso pareceria uma fantasia. Agora estou enfiada num shortinho curto que me veste bem mal e numa camiseta surrada com a estampa de uma banda vergonhosa e nem um pouco descolada que não ouço mais. Meu cabelo sujo está preso num daqueles coques bagunçados que são mesmo bagunçados, e nem um pouco sensuais. E não consigo pensar direito porque estou dopada de xarope para tosse.

– Então, este é seu jardim secreto? – pergunta ele, dando uma volta pelo quarto enquanto tento disfarçadamente jogar na lixeira maços de lenços de papel usados que estavam sobre minhas cobertas. Ele para diante da minha penteadeira e inspeciona todos os recortes que grudei no espelho: instruções de como prender os cachos com grampos para um estilo vintage, guias de esmaltação retrô e várias fotos com detalhes do cabelo de Lana Turner. – Ah, agora entendi.

Eu meio que desejo que ele não tivesse entendido. Me sinto muito exposta, como se ele estivesse espiando atrás da cortina do Mágico de Oz. Por que eu não fechei a porta do meu closet? Espero que não tenha nada de vergonhoso ali.

Ele acabou de chegar às minhas caixas.

– O que é tudo isso? Está indo pra algum lugar?

– Não, eu só não desempacotei tudo ainda.

– Faz quanto tempo mesmo que você chegou na Califórnia?

– Eu sei, eu sei – balbucio. – Não tive tempo ainda, só isso.

Ele me dá um olhar desconfiado antes de seguir até a minha prateleira de

DVDS.

– Mas teve tempo de desempacotar 50 milhões de filmes? Caramba, você é igualzinha ao seu pai, né? Uma fanática completa por filmes e superorganizada. Estão em ordem alfabética?

– Por gênero, e então por ordem alfabética dos títulos – respondo fracamente, me sentindo tola.

Ele assobia.

– Precisamos já de você na Casa Roth pra reorganizar o manicômio que é nossa cinemateca. Lana sempre esquece de guardar o DVD de volta na caixinha depois de ver alguma coisa.

– Odeio isso – digo.

– Né? É um crime.

– Porter?

– Quê?

– Por que você tá aqui?

Ele se vira, com as mãos nos bolsos da bermuda.

– Não preciso mais de espaço. Foi idiotice. Esquece isso.

– Espere, *o quê?* Como posso esquecer isso? O que é “isso”? Preciso saber o que foi que eu fiz.

– Você não fez nada. Foi só um mal-entendido.

Ainda estou confusa.

– A meu respeito? – Meu cérebro atordoado de xarope para tosse volta àquela noite, como já fez tantas vezes, e tudo que consigo captar é... – Você recebeu uma mensagem de alguém? Você disse que não foi do Davy, mas era mentira? O que isso tem a ver comigo?

Ele aperta os olhos.

– Você tá bêbada ou é assim que você é quando tá doente?

– Errmm – gemo, acenando para o frasco no meu criado-mudo. – Codeína.

– Caceta... Você tá usando drogas? Ainda bem que Davy não tá aqui, ou ele iria roubar isso e tomaria o vidro todo numa única golada. Você tá tomando a dose certa?

Mostro a língua e faço um som de *ahh*. Quando as duas sobrancelhas de Porter se erguem devagar, entendo como um sinal de que minha resposta não foi apropriada e suspiro fundo, puxando as cobertas até cobrir meu peito.

– Sim, tomei a dose certa – digo mal-humorada. – E se você tá tentando fugir da minha pergunta, gostaria que fosse embora.

Ele me encara por tempo demais, como se estivesse pensando nas coisas ou arquitetando algum tipo de plano maligno – não sei dizer qual das opções. As chaves que ficam penduradas na faixa de couro de seu cinto batem em seu quadril enquanto ele remexe nos bolsos. Então, do nada, ele se vira e vai até minhas prateleiras de DVDs, passa os dedos pela fileira de caixinhas e puxa uma.

– O que você tá fazendo? – pergunto.

– Cadê seu aparelho de DVD? Aqui? Vamos ver, o que temos aqui... *Paixões em fúria*? É bom? Deixa só eu devolver na caixa. Não quero dar uma de Lana. Está tudo...

– Porter!

– ...pronto ou tenho que trocar de canal? Cadê o controle remoto? Se você contaminou o controle com sua doença, não vou tocá-lo. Vai mais pra lá. E não tussa em mim. – Ele está tirando seu casaco ^{FERVENTE} e fazendo eu me mover para poder sentar ao meu lado na cama de casal.

De repente fico bem consciente de que papai está no andar de baixo. E, espere... por que me importo? Estou doente. E nojenta. E não estamos mais juntos.

Estamos?

– Porter...

– Abra espaço.

Eu abro espaço. Ele cai ao meu lado, as pernas esticadas sobre as cobertas e os tornozelos cruzados. Quando vê um dos meus lenços melequentos perto do seu cotovelo, seu rosto ganha uma expressão azeda.

Jogo o lenço no chão com raiva.

– Não vou ver um filme com você até me contar por que saiu daquele jeito da minha casa naquela noite.

– Estou sendo totalmente sincero com você quando digo que foi o maior mal-entendido do mundo. E você não fez nada de errado. Eu entendi isso agora. Como te disse antes, precisava de um tempo para pensar numas coisas, porque... bem, não importa. Mas – ele cruza os braços no peito quando começo a protestar, como se não fosse ceder – vamos esquecer a coisa toda.

– O quê? Isso é...

– Veja, não é nada, mesmo. Foi idiotice. Desculpe ter te causado preocupação por nada. Vamos só deixar pra lá. Dá o *play*, por favor.

Encaro-o estupefata.

– Não.

– Não o quê?

– Não aceito. Preciso saber o que aconteceu.

Ele se recosta na cabeceira e me olha por muito tempo. Por muito tempo mesmo. Agora estou desconfortável, porque ele está sorrindo para mim – aquele seu sorriso estranho e lento de quem guarda um segredo. Que me faz querer me esconder ou bater nele.

– Talvez eu tenha vontade de conversar depois que o filme começar – diz

ele. – Sobre o que é esse filme, aliás? Escolhi um ao acaso.

Momentaneamente distraída, olho para o menu do DVD na tela da televisão.

– *Núpcias de escândalo*? Nunca viu este?

Ele balança a cabeça devagar, ainda com aquele sorriso peculiar.

– Me fale dele.

É estranho, porque parecia que ele estava escolhendo algo específico na prateleira, mas que seja.

– É um dos meus filmes favoritos. Katharine Hepburn é uma *socialite*, uma herdeira, sabe, que aprende a amar o homem certo, que é o pomposo ex dela, Cary Grant, com quem ela briga o tempo todo, ao beijar o homem errado, que é Jimmy Stewart.

– É mesmo?

– Sua vó nunca assistiu a esse? – pergunto.

– Não me lembro. Acha que vou gostar? Ou deveria escolher outro? – Ele joga uma perna pela beirada da cama. – Porque, se quiser, posso pedir sugestões pro seu pai...

Pego o braço dele.

– Ah, espere, é maravilhoso. Tão engraçado. Tipo, engraçado de um jeito brilhante. Vamos assistir.

– Dá o *play* – diz ele, voltando a se afundar nos meus travesseiros. – Você pode me contar curiosidades sobre o filme enquanto vemos.

– E depois você me conta? – insisto.

– Dá o *play*, Zibelina.

Estreito meus olhos diante do uso do meu apelido, sem saber se ele está tirando sarro de mim, mas deixo para lá. Porque, oi!, é *Núpcias de escândalo*. Eu poderia assistir mil vezes sem nunca cansar. Assistir com alguém que nunca viu é ainda melhor. E com Porter? Não posso acreditar na minha sorte. Espero que ele goste.

Começamos o filme e, por ora, não ligo mais para a minha doença. Só estou feliz que Porter esteja aqui comigo, e que ele esteja rindo calorosamente nos momentos certos. Seria perfeito, na verdade, se ele não parasse de me encarar. Ele está olhando para meu rosto mais do que para a tela, e todo vez que eu o fito com curiosidade, ele sequer desvia o olhar. Só sorri aquele mesmo sorriso esperto. E isso está me assustando.

– O que foi? – enfim sussurro brava.

– Isto é... incrível – diz ele.

– Oh – respondo, me iluminando. – Então espere para ver. O filme fica ainda melhor.

Sorriso lento.

Puxo as cobertas até meu queixo.

Depois de meia hora de filme, papai aparece para me lembrar de tomar os meus vários remédios para gripe, e diversas piadas são feitas às minhas custas entre os machos do ambiente. Os dois se acham comediantes. Veremos quem estará rindo quando Porter pegar a moléstia depois de deitar na minha cama.

Na metade do filme, Porter de repente me pergunta:

– Quais eram seus planos para este verão?

– Ahn? – Eu o observo com o canto dos olhos.

– Uma vez, no trabalho, você disse pro Pangborn que tinha outros planos para este verão e que eu não era parte desses planos. Que planos eram esses?

Meu coração bate forte conforme tento pensar numa desculpa plausível, mas o xarope para tosse está desacelerando meu processo mental.

– Não lembro.

Seu maxilar tensiona.

– Se você abrir o jogo quanto a isso, eu te conto o motivo de eu ter saído da sua casa no dia do jogo de tabuleiro. Combinado?

Droga. De jeito nenhum vou confessar que estava no rastro de outro cara durante metade do verão – um cara anônimo com quem venho conversando pela internet há meses. Vai parecer... instável. Nunca proclamamos nosso amor um pelo outro nem trocamos poesias de amor ou obscenas.

– Não faço a menor ideia do que você tá falando – digo a Porter.

Apesar da minha confusão e do meu zumbido mentais, posso sentir sua decepção, mas não consigo divulgar meus segredos a respeito de Alex.

– Pense melhor – diz Porter com a voz baixa. Quase um apelo. – Você pode me contar qualquer coisa. Pode confiar em mim.

Eis de novo. Essa palavra com C. Minha mente volta à nossa conversa na traseira da Kombi. *Preciso poder confiar em você.*

Sei que ele quer que eu lhe conte. Eu só... não posso.

Não tenho certeza de quando aconteceu, mas a última coisa que recordo é de Jimmy Stewart beijando Katharine Hepburn. Depois, acordo dopada várias horas mais tarde.

Porter já foi faz tempo.



Dois dias depois, Cavadini me coloca de novo nos turnos, e sigo para o trabalho. Não vejo Porter na sala de sangria. Só estão ali Grace e o segurança que substituiu Pangborn. Porter está aqui hoje – sei disso porque conferi os horários –, então eu o procuro enquanto vamos para o meu andar. É ali que eu o vejo, cuidando da troca de guardas. Ele está conduzindo para fora da Sauna os responsáveis por receber os ingressos: dois garotos bestas, Scott e Kenny. Fico parada ao lado da porta de trás até que todos se afastem e entrego a Grace minha gaveta de dinheiro, sinalizando para ela entrar sem mim.

– Você foi embora da minha casa sem se despedir – digo a Porter.

– Você estava bem mal. Estou meio ocupado agora, então...

– Você também foi embora sem me contar sobre a noite do jogo de tabuleiro.

Ele dá uma olhada para Scott e Kenny.

– Depois, quem sabe – diz.

– Você já disse isso antes.

– E minha oferta ainda vale. – Ele se aproxima e sussurra: – *Quid pro quo*, Clarice.

De novo não. Ele não vai usar *O silêncio dos inocentes* para me fazer confessar sobre Alex. Em hipótese nenhuma. Tento outra tática.

– Você primeiro, então vou considerar te contar.

– Bailey – diz ele como se fosse algum tipo de alerta codificado que eu devesse entender. – Você não vai querer fazer isto aqui. – Ele dá uma olhada para os dois garotos.

Sou atingida como se tivesse levado um soco pelo fato de ele estar usando técnicas de evasão contra mim, desde o momento em que tudo aconteceu na noite do jogo de tabuleiro com a mensagem de texto falsa – porque era falsa, não era? –, passando pela distração de *Núpcias de escândalo*, até agora, quando ele está convenientemente cercado de pessoas e, portanto, impossibilitado de discutir a questão.

É assim que as pessoas se sentem ao ser *matreiradas*? Porque é uma droga enorme.

Porter pigarreia.

– Eu... hum. Tenho que os levar à sala de sangria, mas...

– Não – digo, cortando-o. Percebo que pareço irracional agora e estou só um pouquinho envergonhada de elevar a voz na frente de Tweedledee e Tweedledum, mas não consigo evitar. – Preciso saber o que aconteceu na noite do jogo.

– Ei. Falamos depois. Confie em mim, ok?

– Ah, agora estamos no seu tempo? Será que Porter vai condescender em doar uma migalha? Eu deveria ficar por perto, esperando, como um cachorrinho bem-comportado?

Seu rosto escurece.

– Eu nunca disse isso. Só te pedi pra confiar em mim.

– Me dê uma razão para eu confiar.

A cabeça dele se lança para trás como se eu tivesse dado um tapa nele, então seu rosto petrifica.

– Achei que já tivesse dado.

Meu peito se contrai, e de repente desejo poder retirar tudo o que disse. Não quero brigar com ele. Só quero que as coisas voltem a ser como antes daquela noite em que tudo mudou. Conforme ele se afasta com os dois idiotas, ouço Kenny dizer:

– Caramba, Roth. Sempre tem umas minas gostosas atrás de você. Preciso começar a surfar.

– É, mas elas são sempre umas resmungonas, quem precisa desse drama todo? – diz Scott. – Mulher é tudo louca.

Porter dá risada. Risada!

De repente sou Alice no País das Maravilhas, caindo pela toca do coelho, observando as lembranças lindas dos últimos dois meses passarem por mim enquanto desço rumo à insanidade. E, cada vez mais longe, está o Porter Roth de antes, o surfista idiota que eu odiava. Aquele que me humilhou.

Estou arrasada.

Bato à porta da Sauna. Grace a abre, o rosto tomado de preocupação. Não tenho tempo para explicar; a fila é extensa e ela inseriu minha gaveta de dinheiro, preparando tudo para eu começar.

Ugh. Já está fazendo um milhão de graus aqui dentro. Meu peito está

dilatando de confusão e mágoa, e as emoções se intensificam a cada segundo.

– Dois ingressos. – Um garoto maconheiro com cabelo loiro desgrehado está parado diante da minha janela ao lado de uma garota e está me dando um olhar do tipo *Não tenho o dia todo*. Eu o encaro. Acho que esqueci como se usa o computador. Estou começando a ficar paralisada.

– O que raios tá acontecendo? – sussurra Grace, dando um tapinha no meu braço. – Você ainda tá doente? Você tá bem?

Não, não estou bem. Não estou nem um pouco bem. Não consigo fazer entrar ar suficiente pelas minhas narinas. Parte de mim culpa Porter por me deixar assim. Mas, assim que passa o choque da risada dele diante do comentário machista, ainda fico com a sensação acachapante de que a origem da nossa briga é culpa minha na verdade, só não sei dizer por quê.

O que foi que eu fiz de errado na noite do jogo? Ele disse que foi só um mal-entendido, mas parece outra coisa. Porque alguma coisa o chateou muito, e ele me culpou por isso naquela noite. Agora me sinto uma completa idiota, porque não sei o que fiz e ele não quer me contar.

É como se eu estivesse olhando para um quebra-cabeça gigante no qual falta uma pecinha, e estou vasculhando tudo para encontrá-la: olho debaixo de todas as almofadas do sofá, debaixo da mesa, debaixo do tapete, confiro a caixa vazia.

ONDE ESTÁ ESSA PEÇA DO QUEBRA-CABEÇA?!

– Ei, eu disse dois ingressos – enuncia o garoto à janela como se eu fosse burra. Estou vendo o logo de uma empresa de surfe na camiseta dele? Este é... um dos abomináveis desprezíveis que estavam no grupo de Davy no *food truck* de *pozole*? O que estava sendo nojento, assediando aquelas garotas na frente de papai e de Wanda? Oh, que maravilha. Que ótimo. – Tem alguém aí? Não tô parado aqui pra crescer, fofa.

Balde cheio, última gota.

Não sei direito o que acontece a seguir.

Um calor estranho sobe rápido para a minha cabeça – algum tipo de sobrecarga induzida por estresse, causada por tentar identificar o que aconteceu com Porter... o coração doendo por causa da nossa briga, por causa da reação dele diante do comentário machista de Scott. E, em cima de tudo isso, a cereja no bolo é esse panaca na minha frente agora.

Ou talvez, só talvez, depois de um verão longo, a Sauna enfim tenha me vencido.

Só sei que alguma coisa se quebra dentro do meu cérebro.

Ligo meu microfone.

– Quer ingressos? Então toma.

De um jeito maníaco, abro a impressora, arranco a pilha dobrada de papel de ingresso em branco e começo a enfiar tudo pelo burquinho da janela: papel, papel, papel, papel! O papel cascadeia do outro lado como se o cara tivesse acabado de ganhar um milhão de tíquetes num fliperama.

– Pegue quantos ingressos quiser – digo pelo microfone. – Mulher é tudo louca.

O cara detestável parece atordoado. Mas não tão atordoado quanto o sr. Cavadini, cujo rosto aparece ao lado do dele. Cavadini está segurando sua prancheta e fazendo suas rondas. Seu olhar se alterna entre mim e a pilha de ingressos dobrados no chão, e ele está horrorizado. É o pesadelo do serviço ao cliente.

Ao amigo de Davy, ele diz:

– Deixe-me cuidar disto e o senhor pode entrar de graça hoje. – Ele gesticula para alguém deixar o grupo do rapaz entrar e recolhe a pilha de ingressos em branco.

A mim, ele diz:

– Qual é a porcaria do seu problema, mocinha? Você perdeu a cabeça? – Seu nariz está apertado contra o vidro da Sauna. Seu rosto está tão vermelho que sua gravata da Caverna parece prestes a cortar sua circulação e o enforcar.

– Desculpa mesmo – sussurro pelo microfone, agarrando-o com as duas mãos enquanto lágrimas feias escorrem pelas minhas bochechas –, mas acho que *sim*, perdi minha cabeça.

– Bem – diz o sr. Cavadini, impassível diante da minha exibição lamentável de emoção –, você vai ter bastante tempo para encontrá-la de novo, porque está demitida.

Capítulo 26

“Detesto acabar com seu ego, mas esta não é a primeira vez que apontam uma arma para mim.”—
Samuel L. Jackson, *Pulp Fiction: Tempo de violência* (1994)

Não faço escândalo, só esvazio meu armário e vou embora enquanto todos me observam boquiabertos e em silêncio. Quando Porter me chama pelo estacionamento, me recuso a virar. Capacete. Apoio erguido. Chave no contato. Parti. A Caverna Palaciana agora é um “era”. Não tenho mais um emprego de verão.

Considero por cinco minutos não contar a papai sobre eu ter sido demitida, mas estou cansada demais de ser covarde. Além disso, ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Me pergunto se o Pancake Shack tem vagas.

Grace vem em casa depois do turno dela e lhe conto a história toda, cada detalhe e tudo mais. Antes de perceber o que estou dizendo, conto sobre Greg Grumbacher e uma versão resumida de como levei um tiro. Como Porter foi a primeira pessoa para quem contei de verdade, e agora veja – só veja! – aonde essa confiança me levou. E claro, eu estava falando com um cara pela internet antes de me mudar para cá e, sim, eu tinha planejado conhecê-lo, mas não nos falamos mais, e NADA ACONTECEU, e isso não é da conta de Porter. Não é da conta de ninguém, só da minha.

Por um breve momento, fico com medo de tê-la assustado.

Mas ela diz bem sério:

– É uma pena que serei forçada a provocar um trauma testicular severo naquele rapaz.

Depois disso, nosso apetite por vingança rapidamente foge ao controle. Ela xinga Porter de um palavrão que aparentemente é aceito na Inglaterra. Então, ela pergunta se eu quero falar com ele (não quero) ou se quero espalhar boatos horríveis sobre ele no trabalho (meio que quero). Quando ela solta a criatividade ao imaginar os boatos, fico só triste e começo a chorar de novo. Papai chega em casa do trabalho no meio da minha sessão de soluço, e Grace relata os acontecimentos. Ela deveria ser comentarista de TV. Quando ela termina sua explicação, minhas lágrimas já secaram.

Papai parece exausto.

– Aposto que tá arrependido de ter aceitado receber sua filha adolescente para morar com você, hein? – digo, extremamente infeliz. – Talvez seja por isso que mamãe não me ligou durante o verão todo. Ela deve estar pensando *Me livrei de uma*.

Ele parece momentaneamente confuso, mas logo dispensa o último comentário, se aproxima por trás de mim, envolve meus ombros com seus braços e me aperta.

– Tá brincando? Não perderia isso por nada deste mundo. E se tem uma coisa que eu sei fazer, essa coisa é superar términos. Ou términos em potencial. O que quer que seja. Peguem suas coisas, meninas. Vamos sair pra comer lagosta e jogar *laser tag*.



Porter começa a me mandar mensagens no dia seguinte. Nada de mais, só várias mensagens curtas.

Mensagem 1: *Ei*.

Mensagem 2: *Sinto muito pelo trabalho. Tô me sentindo péssimo*.

Mensagem 3: *Precisamos conversar*.

Mensagem 4: *Por favor, Bailey*.

Papai me aconselha a ignorar todas essas mensagens e deixá-lo em banho-maria. Afinal, Porter fez o mesmo comigo. Passar um tempo longe é saudável. Papai também me questiona se entendi por que Porter foi embora na noite do jogo.

– Você é uma detetive boa, Zibelina. Consegue descobrir isso sozinha.

Talvez eu não queira mais. Praticamente desisti de tentar.

Além disso, tenho outras coisas em que pensar, como procurar outro emprego, um que não ligue para o fato de eu ter sido dispensada do meu último local de trabalho. Papai se oferece para perguntar em seu escritório de contabilidade. Recuso com educação.

Quando estou olhando os classificados do jornal local grátis que pegamos durante nosso banquete milionário de lagosta na noite anterior, papai me pergunta:

– O que você quis dizer quando falou que sua mãe não te ligou o verão todo?

– Exatamente isso. Ela não ligou. O verão todo. Nem mandou mensagem. Nem e-mail.

Um momento longo se estica.

– Por que você não falou nada?

– Achei que soubesse. Ela te ligou?

Ele esfrega a mão na cabeça.

– Não, desde junho. Ela falou que entraria em contato depois, para ver como estávamos indo, mas me disse que estaria se comunicando principalmente com você. Sou um idiota. Eu deveria ter te perguntado. Acho que estava tão ocupado sendo egoísta por tê-la aqui que deixei passar. É minha culpa, Bailey.

– E se tiver algo errado? – pergunto depois de um momento.

– Eu recebo a newsletter da firma dela. Ela tá bem. Acabou de vencer um caso importante na semana passada.

– Então...

Ele suspira.

– Sabe esse tempo que você tá levando pra superar Greg Grumbacher? Bem, ela tá levando tanto tempo quanto. Porque pode ter te ferido e te assustado, mas ela não só viveu isso como também carrega o peso de a coisa toda ser culpa dela. E ela ainda não se perdoou. Não sei se um dia vai conseguir totalmente. Mas a diferença entre vocês duas é que você tá pronta pra tentar seguir em frente, e ela ainda não.

Penso a esse respeito.

– Ela vai ficar bem?

– Não sei – diz ele, fazendo um carinho na minha bochecha com as costas da mão. – Mas você vai.



No dia seguinte, decido pôr fim ao banho-maria de Porter. Chega de joguinhos. Esta coisa toda escapou demais do controle. Apenas... basta.

Às oito da manhã, mando uma mensagem para Porter e digo que quero encontrá-lo para conversar. Ele sugere a loja de surfe. Diz que a família está na praia, vendo Lana surfar, e que ele está lá sozinho para abrir a loja. Dói no meu coração que ele não esteja lá com a família, mas não digo nada, é claro. Nossa troca de mensagens é bem cortês. E um encontro num local público parece um plano razoável.

Levo um tempinho para reunir coragem. Cruzo a avenida Gold. Circundo os estacionamentos do calçadão. Paro um minuto para ver o topo do Teleférico dos Abelhões coberto de neblina. Desacelero ao passar pelo beco para confirmar que a van do sr. Roth não está parada ali atrás.

Estou incerta do status do nosso relacionamento, então decido parar Baby na porta da frente, como as várias outras scooters ao longo das fachadas de

lojas do calçadão. Nada de privilégios especiais: posso passar pela entrada como qualquer outra pessoa.

Ignorando o cheiro atraente do primeiro churro sendo frito na manhã, espio o movimento na loja e aguardo Porter me deixar entrar. O cheiro de parafina sopra quando a porta se abre. Mas é a visão de seu rosto lindo que faz minha garganta fechar, dolorosa.

– Oi – digo estoicamente.

– Oi – responde ele com dureza.

Fico ali parada por um segundo, então ele gesticula para eu entrar. Aquele gato branco grande e fofo que vi no telhado com Don Gato tenta se esgueirar pela porta comigo. Porter o espanta com o pé e diz:

– Some.

Ele tranca a porta atrás de mim antes de olhar para o relógio de surfe vermelho, então muda de ideia e destranca a porta.

– Falta um minuto para as nove – explica ele. – Hora de abrir.

– Ah – digo. Não parece que tem uma fila de pessoas ansiosas para entrar, por isso acho que temos privacidade o bastante. No entanto, não sei quando a família dele vai voltar. Melhor ser rápida.

Uuf. Por que estou tão nervosa?

Ele parece ora esperançoso, ora preocupado, ora cauteloso. Ele enterra as mãos nos bolsos e vai para o fundo da loja. Eu o sigo. Quando ele chega ao balcão, o contorna e fica de frente para mim como se eu fosse uma cliente.

Então tá.

– Então – diz ele. – Você comentou que estava pronta pra conversar.

Assentindo, tiro do meu bolso o dente de tubarão. Já o soltei do meu chaveiro. Eu o deposito sobre o balcão e o deslizo até Porter.

– Você me deu isto com a condição de que eu fosse mais honesta porque você precisava confiar em mim. Porém, claramente fiz algo que te magoou, e devo assumir que quebrei sua confiança. Assim, estou te devolvendo o seu dente, e desfazendo nosso... o que quer que sejamos...

– Bailey...

– Por favor, me deixe terminar. Minha mãe é advogada. Sei a importância que contratos verbais têm.

– Que droga, Bailey.

A porta da loja se abre atrás de mim. Que ótimo. Será que as pessoas não conseguem esperar nem cinco minutos para comprar Mr. Zog's Sex Wax? Quero dizer, convenhamos, né?

Estou prestes a sair da frente para deixar Porter lidar com o cliente que se aproxima atrás de mim quando a expressão de Porter se transforma para algo bem próximo de fúria. E é nesse momento exato que reconheço o padrão que ouço no chão de madeira. Não é o som de alguém andando; é o som de alguém mancando.

– Cai fora daqui, porra – grita Porter.

Dou meia-volta, com o coração acelerado, e vejo Davy vindo na minha direção. Ele parece ainda pior do que da última vez que o vi na garagem de motos do Mike Rápido, o que diz muito. Ele não só está vestindo uma camiseta, milagre dos milagres, como também está com um sobretudo cor de areia, e parece que ainda está apoiado numa muleta, escondida parcialmente pelo casaco.

– Olá, vaqueira – diz ele numa voz sem emoção e preguiçosa. Ele está alto pra caramba... de qual droga, eu não sei. Mas seus olhos estão tão mortos quanto suas palavras, e sua cabeça está se movimentando meio esquisita, balançando e se torcendo.

Pelo canto do olho, vejo Porter se mexer.

– Nana-nina-não. – Davy ergue a muleta e a aponta na direção de Porter.

Só que não é uma muleta. É a espingarda da festa da fogueira.

Congelo. Assim como Porter, que estava quase saltando por cima do balcão.

– Eu te vi passeando pelo estacionamento mais cedo – Davy diz para mim.
– Achei que talvez fosse me pedir desculpa. Mas você passou reto por mim.

Merda! Como não notei a picafe amarela enorme de Davy?

– Baixa a arma, Davy – diz Porter numa voz casual que soa um pouco forçada. – Vamos lá, cara. É doideira. Onde é que você conseguiu isso? Se alguém te vir andando com essa coisa aí, você pode acabar preso. Não seja idiota.

– Quem vai me ver?

– Qualquer pessoa que entrar aqui – responde Porter. – Cara, a loja tá aberta. Meus pais estão voltando da praia. Eles acabaram de ligar. Vão chegar em dois minutos. E você sabe que o sr. Kramer vem aqui toda manhã. Ele vai chamar a polícia, bróder.

Davy reflete sobre o assunto por um segundo e faz um sinal com a arma na minha direção.

Respire, digo a mim mesma.

– A vaqueira aqui pode trancar a porta. Quero ter uma conversa particular, só nós três. Fui ofendido por vocês dois. Vocês me devem um pedido de desculpas, e talvez uma grana do caixa, já que você está aí. É o preço pela dor e miséria sofridas. Pelo que você fez ao meu joelho.

Não me movo.

– Meus pais estão logo ali descendo a rua – repete Porter, agora soando bravo.

Davy dá de ombros.

– Acho então que é melhor você se apressar no caixa. Vá trancar a porta, vaqueira.

Arrisco espiar Porter. Sua respiração está pesada. Não consigo decifrar seu rosto tão bem, mas dá para ver que ele está absolutamente triste e em conflito. O engraçado é que, pela primeira vez em muito tempo, eu não estou. Estou assustada e preocupada, sim. E odeio a visão dessa arma maldita com um imensurável ardor profano.

Mas não estou com medo de Davy.

Estou furiosa.

Só não sei o que fazer em relação a ele.

Com os olhos atentos, arrasto meus pés até a porta da frente e a tranco. É enorme e toda de vidro; consigo ver o reflexo dele ali, então o observo por todo o caminho. Eu o observo fitar Porter, porque é para ele que Davy aponta a arma agora. E por que não faria isso? Foi Porter quem acabou com a raça dele. Foi Porter quem quase saltou o balcão. Porter é um atleta, nada além de músculos. Mesmo uma pessoa racional e sóbria o consideraria a ameaça maior.

Davy não está sóbrio.

Levo um tempão para voltar até eles, e reflito sobre os alertas de papai a respeito de puxar demais o volante para tentar acertar a rota, e sobre como explodi na Sauna... duas vezes. Reflito sobre todas as habilidades Matreiras e sobre como elas são parcialmente uma herança do meu pai contador, com todo seu amor por detalhes e números, e parcialmente uma herança da minha mãe advogada, com seu amor por encontrar brechas. Reflito sobre como papai disse que vou ficar bem porque estou disposta a tentar me recuperar.

Porém, em especial, reflito sobre aquele dia no mês passando quando os dois maloqueiros tentaram roubar o falcão maltês na Caverna. Eles também me subestimaram.

Davy me lança um olhar rápido, o suficiente para ver que estou me aproximando, mas lhe dando um bom espaço, de cabeça baixa.

– Trancou lá? – pergunta ele.

– Sim – respondo.

– Beleza – diz ele, apontando a espingarda para Porter. – Caixa. Esvazie.

O ponto mais baixo de todos. Assaltando a família do melhor amigo. Sei que Porter está pensando isso, mas ele não diz nada. Seu maxilar está tenso conforme ele aperta alguns botões na tela do computador.

– Não iniciou ainda – explica ele. – Não dá pra abrir a gaveta até que o programa esteja rodando. Espere um segundo.

Quanta bobagem. Ele mesmo deve ter inserido a gaveta, então o computador está ligado. Provavelmente ele tem a chave da gaveta. Mas Davy está drogado demais para perceber, por isso aguarda. Nesse ínterim, os olhos de Porter disparam até os meus. E nesse momento lindo e singular, sei que estamos conectados um ao outro.

Confiança é uma joia rara e, desta vez, não vou desperdiçá-la.

Desvio meu foco para Davy. À sua frente está o balcão e às suas costas há prateleiras com pranchas de *bodyboarding*, mais curtas – um terço do tamanho da prancha de surfe, mas “bem mais bobo”, como Porter brincou certa vez.

Espero. *Vamos lá, Porter. Me dê uma brecha.*

Como se lesse minha mente, de repente ele diz:

– Oh, veja só. O computador finalmente está iniciando, Davy.

A cabeça de Davy se vira para Porter.

Dou um passo atrás, deslizo para o lado da prateleira e tiro uma das pranchas de *bodyboarding*. Meu ato provoca um som. *Droga!* A prancha é bem mais leve do que eu esperava. *Oh, caramba.* Tarde demais, porque Davy está se virando, ciente de que estou mais perto do que ele esperava. Não tenho escolha.

Assim que seu olhar se conecta ao meu, agarro a prancha com as duas mãos, impulsiono para trás e acerto seu rosto.

Ele grita conforme sua cabeça chicoteia para o lado. Seu passo falha e ele

cambaleia.

O cano da espingarda se agita no ar e bate de leve em meu ombro. Eu a pego e tento arrancar da mão dele. Súbito ela se solta, e voa para trás com a arma – mas isso porque Porter pulou o balcão.

Porter derruba Davy no chão conforme bato as costas nas prateleiras de pranchas, derrubando-as. Me esforço para me equilibrar e segurar firme a espingarda, mas não consigo.

Caio de cara no chão.

– Porter! – Estou nadando num mar de pranchas de espuma. Os garotos estão lutando no chão, e só consigo ver o braço de Porter batendo como um pistão e o sobretudo de Davy se agitando e se enroscando em suas pernas.

E então...

Um ganido alto.

Com o coração batendo contra minhas costelas, empurro as pranchas de lado e fico de pé num salto.

Porter está deitado no chão.

Davy está debaixo dele, de bruços. Uma bochecha está pressionada contra o chão. Um olho pisca, tentando afastar as lágrimas.

– Sinto muito – diz Davy roucamente.

– Eu também – diz Porter, prendendo os braços de Davy no chão. – Eu tentei, cara. Outra pessoa vai ter que te salvar agora.

Porter olha para mim e assente. Ponho a arma no chão e a chuto para longe. Então pego meu telefone no bolso e disco para a central de emergência.

– Uh, então – digo ao telefone, sem fôlego, engolindo com dificuldade. – Estou na Loja de Surfe Penny Boards, no calçadão. Houve uma tentativa de assalto à mão armada. Estamos bem. Mas precisamos que enviem alguém para prender o cara. E também preciso que liguem imediatamente para a sargento Wanda Mendoza e digam a ela para vir aqui agora.

Capítulo 27

“Talvez eu volte a odiar você. Era mais divertido.”— Cary Grant, *Intriga internacional* (1959)

No fim das contas, a espingarda de Davy era roubada. Ele também tinha uma quantidade absurda de heroína e outras drogas no sobretudo. Wanda diz que, como falta só um mês para ele completar 18 anos e ele já foi preso antes, talvez ele seja julgado como adulto e cumpra uma pena na prisão. Agora, ele está sendo desintoxi-cado em uma cela da delegacia. Wanda diz que o advogado vai tentar convencer o juiz a enviá-lo para um centro de reabilitação estadual por duas semanas, enquanto ele aguarda o julgamento. Contudo, não há garantia de que isso vá acontecer.

Consigo todas essas informações no dia seguinte aos eventos na loja de surfe, por isso repasso tudo a Porter por mensagem. Com todo o caos, não tivemos muito tempo para conversar. A família dele apareceu alguns minutos depois da polícia e, como era de se esperar, todos surtaram. O sr. Roth estava tão bravo com Davy que teve de ser contido até que a sra. Roth conseguisse acalmá-lo. Wanda ligou para papai, que imediatamente deixou o trabalho e correu para a loja de surfe para garantir que eu estivesse bem. Foi um fiasco total.

Quando terminamos de dar nossos depoimentos e todos foram embora, Porter tinha que ir para seu turno na Caverna, então fui para casa com papai. Foi só quando ele estava pedindo comida para almoçarmos que percebi que, em algum momento em que eu não estava prestando atenção, Porter colocou o dente de tubarão no meu bolso. Recebi uma mensagem dele alguns minutos depois.

Só dizia: *Não acabamos de conversar.*

No dia seguinte, depois do jantar, do nada, papai pede para ver meu mapa do calçadão. Eu quase o joguei fora, de caso pensado quando Alex me dispensou semanas atrás. Preciso revirar a gaveta da escrivaninha do meu quarto. Papai abre o mapa na mesa da varanda perto da nossa sequoia e o estuda, assentindo devagar.

– O que foi? – digo.

Ele se recosta na cadeira e sorri para mim.

– Sabe, você é obstinada e teimosa. Herdou isso da sua mãe. É o que a torna uma advogada ótima. Eu amo mulheres obstinadas. Foi o que me atraiu em Wanda. É o que a torna uma policial ótima.

Olho-o de lado. *Aonde ele quer chegar com isso?*

– Entretanto, essa obstinação também tem seu lado ruim, porque é como só ir em frente, mas com antolhos. Como um cavalo, sabe? – Ele simula estar com antolhos, colocando uma mão espalmada em cada lado do próprio rosto na altura dos olhos. – Vocês vão em frente e progridem, mais do que outras pessoas, mas não conseguem ver o que se passa de cada lado da estrada. Vocês têm pontos cegos. Ignoram as coisas que estão bem ao lado. Sua mãe fazia isso o tempo todo.

– Foi por isso que vocês se divorciaram?

Ele pensa a respeito por um momento longo.

– Foi uma das razões. Mas isto não é sobre mim e sua mãe. Tô falando de você. E seus pontos cegos. Não seja obstinada demais. Às vezes, é preciso parar e dar uma olhada em volta.

– Por que você nunca abre o jogo e me fala o que tá tentando dizer, mestre Yoda?

– Porque eu tô tentando criar você para pensar por si só, jovem padawan. Posso oferecer conselhos, mas você tem que botar a mão na massa. O objetivo principal de ser pai é fazer com que você se torne uma mulher independente e consiga suas próprias respostas. Não devo dá-las a você.

– Isso parece tirado de um livro sobre como criar filhos.

Ele segura um sorriso.

– Talvez seja mesmo.

– Que nerd – provoco. – Mas então, qual é o seu conselho? Quero ouvir.

– Você já contou a Porter que você conversava com Alex antes de se mudar pra cá?

– Ahn, não.

– Talvez você devesse. As pessoas conseguem sentir quando alguém está escondendo algo delas. Eu sabia que sua mãe estava me traindo com Nate meses antes de ela me contar. Eu não tinha provas, mas sentia que havia algo errado.

Fico tão assolada por isso que não sei o que dizer. Papai nunca falou muito a respeito de Nate... ou que ele sabia que mamãe o estava traindo com Nate. Me sinto desconfortável. É esquisito que ele esteja tão *blasé*. Mas é mais esquisito que possamos falar disso juntos agora. E ei, espere um segundo aí...

– Eu não estava traindo Porter com Alex – digo a papai. – Nem traindo Alex com Porter.

– O que você de fato fez ou não fez não importa – replica ele. – É o segredo que destrói. Conte a Porter, só isso. E aproveite para abrir o jogo com Alex também. Você vai se sentir melhor, prometo.

– Não sei – murmuro.

– Como eu disse, não é meu trabalho resolver isso pra você. – Ele dobra o mapa em um quadrado perfeito. – Mas meu conselho, querida filha, é que você lide com seus problemas com garotos por ordem, um de cada vez.



Levo um dia inteiro refletindo sobre tudo o que papai disse, mas acho que finalmente entendo a lógica. Alex foi uma parte importante da minha vida diária por bastante tempo. E, claro, ele me dispensou. Mas eu deveria tê-lo avisado de que me mudei para o outro lado do país. Se eu lhe contar agora, talvez ele nem ligue mais, especialmente depois que quebrei o gelo falando sobre Porter na nossa última troca de mensagens honestas. Acho que não saberei até tentar.

@zibelina: Ei. Eu de novo. Você tá aí ainda?

Sua resposta chega duas horas depois.

@alex: Tô aqui. O que foi?

@zibelina: Já que a gente foi supersincero na última vez que conversamos, achei que podia contar mais uns segredos. Este é um pouco maior. Tá pronto?

@alex: Devo sentar? *com medo*

@zibelina: Provavelmente.

@alex: Sentei.

@zibelina: Então, é o seguinte. Estou na sua cidade, morando com meu pai, e faz um tempo já. Desculpe não ter te contado. O lance é que eu estava preocupada que fosse ser esquisito, e tenho uma tendência a evitar confrontamentos. Mas antes tarde do que nunca, eu acho. Eu queria saber se você quer me encontrar pra almoçar. Enfim... Isso tá ficando estranho, então vou calar a boca. Só queria pedir desculpa por não ter falado nada sobre estar aqui, e achei que talvez pudesse me desculpar pessoalmente, já que estamos os dois na mesma cidade e costumávamos ser amigos. (Espero que ainda sejamos.) O que me diz?

Espero, e espero, e espero a resposta dele. Isto foi um erro. Eu devia ter deletado minha mensagem. Se ele ainda não leu, talvez eu consiga...

@alex: E o seu namorado?

@zibelina: Esse nosso almoço não seria como um encontro. Desculpe, nada mudou desde a última vez que falamos. Ainda não o superei.

@alex: Por que não ficamos com nosso plano original? Me encontre domingo à noite na praia, na bandeira da Califórnia, meia hora antes da exibição de *Intriga internacional* no festival de cinema.

Ah, droga. Eu não estava preparada para isso! Vasculho meu quarto em busca do folheto do festival de cinema que Patrick me deu e confiro a

programação de filmes com exibição gratuita na praia. *Intriga internacional* só começa às nove da noite. Já vai estar escuro. Será que eu deveria encontrar um garoto que não conheço depois do anoitecer? Não parece recomendável. Contudo, é um espaço público e, conforme olho o folheto todo, vejo fotos do ano passado; todas as áreas concedidas para o festival parecem bem iluminadas. Com certeza a bandeira fica por ali.

Devo fazer isso? A Matreira com certeza não faria. Mas será que ainda sou essa pessoa?

@zibelina: Combinado. Te encontro lá.

Um problema de garoto resolvido. Vamos ao próximo. Este parece mais difícil. Mando uma mensagem rápida.

Eu: *Ei, tá ocupado? Eu estava querendo te encontrar em algum lugar pra conversar. Tô pronta para fazer o lance quid pro quo agora. Você venceu.*

Porter: *Na real, tô meio ocupado até domingo. Que tal depois disso?*

Eu: *Combinado. Te mando mensagem depois, então.*

Na verdade, estou aliviada. *Intriga internacional* é no domingo, o que me dá tempo de encontrar Alex e acertar as coisas com ele antes de conversar com Porter. Quem diria que dois rapazes dariam tanto problema?

Em *Intriga internacional*, Cary Grant interpreta um publicitário executivo que é confundido com um agente da CIA chamado Kaplan. Só que Kaplan não existe de verdade. Ao longo do filme, Cary Grant é constantemente forçado a fingir ser alguém que não é: uma falsificação de uma falsificação. Nada é o que parece, e isso torna a história bem divertida. Alex e eu discutimos pela internet os méritos desse filme, mas é estranho pensar a respeito dessas conversas agora. Com certeza eu gostaria de poder vê-lo sob circunstâncias mais felizes.

Quando a noite de domingo chega, estou estranhamente calma. Talvez seja porque o encontro com Alex seja algo que há muito tempo estava para acontecer. Ou talvez seja porque não sinto em relação a ele o que já senti antes, agora que tenho Porter em minha vida. Me lembro do início do verão, quando eu estava toda preocupada e nervosa com tudo o que Alex poderia ou não ser – alto ou baixo, careca ou cabeludo, tímido ou conversador – e nada disso importa mais.

Ele é quem ele é.

Eu sou quem eu sou.

Quem essas pessoas são exatamente não é algo que poderia ser identificado de verdade num perfil na internet nem capturado corretamente em nossa

comunicação escrita, não importa quão sinceros tentássemos ser. Só estávamos mostrando um lado nosso, um lado que foi cuidadosamente aparado e selecionado. Ele não via toda as minhas manias nem meus problemas bobos, ou quanto tempo levo delineando minhas sobrancelhas toda noite. Ele não sabe que tentei ficar com um recepcionista gay de tour de baleias porque achei que fosse ele. Ou que não sei diferenciar um gato macho de uma fêmea... Não sabe de todos os GIFs sujos dos quais ri com Grace, ou do número de churros que consigo botar para dentro de uma só vez antes de começar a passar vergonha com o vendedor do carrinho de churro, pois ele sabe que não é verdade que estou comprando para “um amigo”. (Cinco.)

Só Deus sabe o que não conheço de Alex.

Então, sabe, que seja. Se ele for legal, ótimo. Senão, tudo bem. Na minha cabeça, estou de queixo erguido e vestindo uma camiseta inspirada em Grace, em que se lê SÓ VIM AQUI PARA BOTAR UM PONTO-FINAL em letras garrafais.

Chego à praia mais de meia hora antes de o filme começar. A exibição será, ironicamente, perto de um dos primeiros lugares dos quais me lembro quando vim à cidade: a faixa de pedestre dos surfistas. Porém, a área toda foi transformada esta noite, com um daqueles holofotes duplos gigantes que giram apontado para o céu, anunciando ao mundo *Ei, aqui tem filmes!* Eles também iluminaram as palmeiras ao longo da avenida Gold e penduraram pôsteres do festival de cinema no estacionamento do outro lado da rua, que está lotado de carros. Consigo espremer Baby num espaço ao lado de outra scooter antes de seguir uma fila de pessoas que balançam cestos de piquenique e isopores de bebida, indo na direção da tela branca gigante disposta na areia.

Alex tinha razão, tantos meses atrás, quando me falou disto pela primeira vez: parece bem divertido. O sol está se pondo na água. Famílias e casais estão descansando sobre cobertas, e, mais perto da estrada, uma fila de barraquinhas e *food trucks* vende hambúrgueres, *tacos* de peixe e lembrancinhas relacionadas ao festival. Vou naquela direção, em busca de mastros de bandeiras. Todas as palmeiras estão iluminadas, por isso suponho que o mastro também esteja, certo? Mas, quando passo por toda a fila de vendedores, não consigo achar. Também não há bandeiras perto da tela de cinema. É uma tela bem grande, então confiro atrás dela, por garantia. Nada. *Niente*.

Isso é esquisito. Quero dizer, Alex mora aqui, portanto conhece o lugar. Ele não me diria para encontrá-lo num lugar tão específico se não existisse. Confiro o grupo de cinema para confirmar que não recebi nenhuma nova mensagem dele e, como não encontro nada, volto pelo caminho de que vim, até o começo da fila de concessão e atrás da área para sentar. É então que o

vejo.

O mastro está lá no alto de uma série de degraus, numa larga plataforma de pedra natural – um observatório sobre o oceano, onde termina a faixa de pedestre dos surfistas.

Bem na frente da estátua memorial de Pennywise Roth.

Suspiro, então bufo para mim mesma, porque, sério, não importa o que eu faça, não consigo fugir dele. Se Alex for o cara legal que espero que seja, poderemos rir juntos disso depois.

Desviando de cobertores, vou na direção do observatório e subo os degraus de pedra. Estou ficando um pouco nervosa agora. Não muito, mas isto é surreal. O observatório é bastante espaçoso. Está cercado por uma grade de madeira e tem alguns bancos embutidos na área voltada para o oceano, onde um casal mais velho assiste ao pôr do sol. Não é ele, com certeza. Ergo o olhar para a estátua de Pennywise. Vi fotos dela na internet, é claro, e também ao passar de carro por ali, mas é estranho observá-la de perto. Alguém pendurou um colar havaiano no pescoço dela; me pergunto se foi a sra. Roth.

Alguém está sentado num banco atrás da estátua. Solto o ar por um tempo, endireito os ombros e circundo a velha estátua, me arrastando. Hora de arcar com as consequências.

– Olá, Zibelina.

Meu cérebro vê quem está à minha frente, ouve as palavras, mas não acredita. Recalcula e recalcula, de novo e mais uma vez, mas ainda assim estou travada. Então tudo volta à minha mente, de um jeito desorganizado.

A loja de DVDs.

Bonequinha de luxo.

A preocupação dele com o roubo do falcão maltês.

A princesa e o plebeu.

Gato branco na loja de surfe.

Carrinho de churro.

É errado odiar alguém que costumava ser seu melhor amigo?

Namorada traidora.

O grande Lebowski.

Assistir a filmes no trabalho.

Meu colega de trabalho, o baseado humano.

Núpcias de escândalo.

Sr. Roth... Xander Roth.

Alexander.

Alex.

Meus joelhos cedem. Estou caindo. Porter salta do banco e me agarra pela cintura antes de eu chegar ao chão. Chuto o piso de pedra sob meus pés, como se estivesse nadando sem sair do lugar, tentando conseguir tração. Tentando recuperar o controle das minhas pernas. Por fim consigo. E perco um pouco a cabeça; é aquela porcaria de cheiro de coco dele. Eu o empurro, bato nele – forte –, desferindo socos em seus braços até que ele me solta para poder proteger o rosto. Então desmorono.

Eu choro.

E choro.

Encolho-me no banco e choro mais.

Não sei nem por que estou chorando tanto assim. Me sinto tão idiota. E chocada. E impressionada. Meio que traída, também, mas isso é ridículo, porque como seria possível? Paro de chorar e arquejo um pouco, porque percebo que é exatamente assim que Porter deve ter se sentido quando descobriu.

Ele se senta no banco e pouisa minha cabeça em seu colo, suspirando fundo.

– Em que ponto desta situação toda ferrada você tá? Porque há camadas de todo tipo.

– Nós basicamente nos traímos um com o outro – digo.

– É – concorda ele. – Isso é bem zoadado. Quando contei pra minha mãe, ela disse que fizemos uma “Piña Colada” invertida. É uma música brega dos anos 1970 sobre um casal que publica um anúncio pessoal em busca de um amor e acaba se conhecendo.

– Ai, meu Deus – resmungo. – Você contou pra sua mãe?

– Ei, isto aqui é uma doideira. Eu tinha que contar pra alguém – argumenta ele. – Mas veja por este lado. Acabamos gostando mais da nossa pessoa na vida real que da versão *on-line*. É alguma coisa, né?

– Acho que sim.

Reflito mais um pouco. *Ugh*. Papai sabia. Ele estava tentando me contar com todo aquele papo de antolhos e cavalos. Outra onda de VOCÊ É A MAIOR IDIOTA DO MUNDO me acerta e, desta vez, deixo ela me lavar, não imponho resistência. O casal

mais velho que estava no observatório foi embora – acho que uma adolescente chorona estragou a visão pacífica deles do pôr do sol –, por isso temos o espaço só para nós por ora, e fico grata por isso. Abaixo do observatório, centenas de pessoas se aglomeram na praia, mas estão tão lá embaixo que não me importo.

– Você não sabia até aquela noite de jogo lá em casa, né? – pergunto.

– Não.

Isso faz eu me sentir um pouco melhor, suponho. Pelo menos nós dois não nos ligamos até ele ouvir meu apelido. *Ah, meu Deus*. Ele assistiu a *Núpcias de escândalo* comigo de propósito. Ele já sabia e não me contou. Minha humilhação não tem como ser mensurada.

– Por quê? – pergunto com a voz baixa. – Por que você não me contou?

– Eu estava confuso. Não sabia o que fazer. Não conseguia acreditar que você tava morando aqui esse tempo todo. Não podia acreditar que você... era *ela*, a Zibelina. No começo achei que você estivesse zoando com a minha cara, mas, quanto mais pensava no assunto, mais via que não fazia sentido. Surtei por um tempo. Então... acho que quis me agarrar a isso. E queria que você descobrisse sozinha. Achei que você descobriria se eu desse várias pistas, Bailey... juro. Mas então comecei a pensar no motivo de você não ter me contado... quer dizer, de não ter contado ao Alex que se mudou pra cá, e no que eu sentia, como se você estivesse mentindo pra mim... Aí quis que você abrisse o jogo.

– *Quid pro quo*. – Fecho meus olhos, totalmente ciente da ironia.

– Não queria que as coisas escorressem pelo ralo – insiste ele. – Quando você foi demitida... Grace me contou o que aconteceu na Sauna. Pra registrar, ela também fez ameaças à minha masculinidade que me causaram alguns pesadelos.

Solto um gemido.

– Não culpo você pelo que fiz na Sauna. Eu estava chateada na hora, mas já superei.

– Só queria que soubesse que aquilo que Scott e Kenny disseram no outro dia... Não acho engraçado. Não sei nem por que dei risada. Acho que foi só uma reação nervosa. Me senti péssimo depois. Tentei te mandar mensagem para dizer isso, mas você não estava falando comigo. Então aquilo com Davy aconteceu...

Suspiro trêmula, completamente atordoada.

– Nossa, que bagunça.

Depois de um segundo, ele diz:

– Sabe, o que não consegui entender ainda é por que você mentiu sobre onde morava antes de se mudar pra cá.

– Não menti. Minha mãe e o marido mudaram de Nova Jersey pra cidade de Washington uns meses antes. Eu só nunca contei ao Alex. Você. Você-Alex. *Ugh*. Esse não é um avatar aleatório, é?

– Alex é meu nome do meio.

– Alexander. Como seu pai?

– Sim. E como meu avô também. – Ele afasta uma mecha de cabelo cacheado para atrás da orelha. – Você sabe que toda essa doideira poderia ter sido evitada se Você-Zibelina tivesse me contado desde o princípio que ia se mudar pra cá... né?

Uso sua mão para cobrir meu rosto. Então o descubro e me sento ereta, encarando-o e secando as lágrimas.

– Sabe de uma coisa? Talvez não. Digamos que eu tivesse marcado de conhecer Você-Alex no Pancake Shack logo que mudei pra cá e que eu não tivesse conseguido o emprego na Caverna. Será que a gente teria se dado bem? Não sei. Você também não sabe. Talvez tenha sido a nossa situação na Caverna.

Porter balança a cabeça e passa os dedos pelos meus.

– Nem. Não acredito nisso, e não acho que você acredite. Duas pessoas que viviam em lugares diferentes e se uniram não uma, mas duas vezes? Daria pra deixar um de nós no Haiti e o outro num foguete rumo à Lua que ainda assim acabaríamos fazendo exatamente isto.

Dou uma fungada.

– Acha mesmo?

– Sabe quando eu disse que você era difícil como neblina, e que eu tinha medo de você voltar correndo pra sua mãe no fim do verão? Não tenho mais medo.

– Não?

Ele olha para o oceano, que tem um tom roxo-escuro por causa dos últimos raios de luz.

– Minha mãe diz que estamos todos conectados: pessoas, plantas e animais. Todos nos conhecemos uns aos outros por dentro. E o que está do lado de fora é o que nos distrai. Nossas roupas, nossas palavras, nossas ações. Ataques de

tubarão. Tiroteios. Passamos a vida tentando encontrar outras pessoas. Às vezes ficamos confusos e damos as costas para as distrações. – Ele sorri para mim. – Mas nós não fizemos isso.

Sorrio de volta, os olhos brilhando com lágrimas de alegria.

– Não, não fizemos.

– Eu te amo, Bailey “Zibelina” Rydell.

Engulo uma risada soluçante.

– Também te amo, Porter “Alex” Roth.

Nós dois buscamos o outro e nos encontramos no meio do caminho, meio beijando, meio murmurando sobre como sentimos saudade. É desleixado e maravilhoso, e nunca recebi um abraço tão forte. Beijo-o por todo o pescoço, debaixo de seus cachos soltos, e ele segura minha cabeça com as duas mãos e beija meu rosto todo, então limpa com a ponta da camiseta as minhas marcas de maquiagem causadas pelas lágrimas.

Aplausos e vivas nos sobressaltam. Eu quase tinha me esquecido do filme. Porter se levanta me puxando junto, e nos apoiamos na grade do observatório para espiar a escuridão. Luzes piscantes enchem a praia, e o antigo logo da MGM aparece com o leão rugindo. A música começa. Os créditos iniciais disparam pela tela. cary GRANT. EVA MARIE SAINT. Calafrios sobem e descem pelas minhas costas.

É então que percebo: vou poder compartilhar tudo isso com Porter. Tudo de mim. Tudo de nós dois.

Olho para ele, que também está emocionado.

– Ei – diz ele, com a testa apoiada na minha.

– Oi.

– Quer descer pra praia? – pergunta ele, passando um braço pelos meus ombros.

– Acho que me lembro de odiar praias em algum momento.

– É porque você nunca foi a uma de verdade. As praias da costa leste são péssimas.

Dou risada, com o coração cantando de alegria.

– Ah, é mesmo. Me mostre então uma praia de verdade, surfista. Vamos assistir a um filme.

Capítulo 28

“Eu queria que fosse você. Eu queria tanto que fosse você.”– Meg Ryan, *Mensagem pra você* (1998)

Solto duas lufadas rápidas de ar e enfio minha bolsa no armário emprestado. Atrás de mim, por um corredor estreito que leva ao andar principal, consigo ver a multidão nos bancos e as luzes brilhantes do auditório. Está quase começando. Alongo a cabeça para os dois lados e estalo o pescoço antes de conferir meu telefone mais uma vez.

Algumas pessoas florescem sob os holofotes; outras preferem trabalhar nos bastidores. Não dá para fazer um filme só com atores. É preciso escritores, maquiadores, figurinistas e agentes. Todos são igualmente importantes.

Não sou uma garota de holofote e já fiz as pazes com isso.

Nos últimos tempos, praticamente abri mão das minhas táticas de Matreira. Não totalmente. Tive uma breve recaída no início das aulas dois meses atrás, no outono. Mas não significa que estou pronta para concorrer à presidência do grêmio estudantil, como Grace. Significa, *sim*, que desde a minha conversa com ela na praia, depois que eu a deixei na mão, tenho tentado ser uma amiga confiável, por isso eu a ajudei em sua campanha. Ela venceu, mas não foi surpresa nenhuma. Todo mundo adora Grace. Eu só a adoro um pouco mais.

Depois da aula, trabalho na Ray-Gun Vídeo, onde tem bem menos pressão que na Sauna – e bem menos suor. Além disso, tenho prioridade na escolha dos DVDS usados que chegam lá. Como os turnos de Porter na Caverna são somente aos fins de semana durante o período escolar, posso encontrá-lo no meu horário de almoço, porque a loja de surfe fica a cinco minutos a pé da loja de DVDS. Só benefícios.

E preciso encontrá-lo sempre que possível, porque na semana que vem ele vai viajar para o Havaí com a mãe. Eles vão encontrar o sr. Roth para ver Lana competir em Oahu em algum torneio especial de surfe. E para conversar com alguém da Liga Mundial a respeito de Porter surfar num evento classificatório em janeiro no sul da Califórnia. Ele já está inscrito e tem treinado sempre que dá. Há um burburinho *on-line* absurdo na comunidade de surfe de que os irmãos Roth podem ser os próximos gigantes; um repórter de uma revista australiana foi até a loja de surfe semana passada entrevistar o pai deles.

É tudo muito emocionante, e estou empolgadíssima por Porter enfim querer surfar. Ele nasceu para isso. Ao mesmo tempo, estou contente que ele não esteja desistindo da ideia de cursar uma faculdade. Ele diz que pode fazer os

dois. Acho que ele não percebia isso antes, mas consigo entender por quê. Sua família passou por maus bocados. É difícil pensar na semana seguinte quando não se tem certeza de que vai sobreviver ao dia de hoje.

Não me preocupo com ele agora. E não me preocupo que ele queira ser profissional como Lana, e se ele vai viajar pelo mundo, passando uma semana aqui e outra lá, Austrália e França, África do Sul e Havaí. Talvez eu possa viajar com ele às vezes. Talvez não. Mas não importa. Porque ele tem razão. Seja surfando em Pipeline ou pegando um foguete até a Lua, nós vamos encontrar um ao outro.

– Cinco minutos – grita minha capitã para o time.

Várias das garotas à minha volta se apressam para terminar os ajustes finais em sua maquiagem e aprumam suas *leggings* pretas, joelheiras e shortinhos dourados. Uma garota está atrasada e ainda está colocando os patins. Se a capitã do time, LuAnn Wong, descobrir, ela vai ter que ficar no banco no primeiro período. LuAnn não aceita nenhuma desculpa.

Eu passei a integrar a equipe local de *roller derby*, a Coronado Cavegirls, há dois meses. Participamos da Liga Regional Rollergirls, então competimos contra três times da região, inclusive um de Monterey. Isso funciona bem para mim, porque a cada dois sábados eu trabalho como voluntária no Museu de História Natural Pacific Grove. Faço principalmente catalogação de conchas no depósito, e não recebo salário nem nada, mas eu adoro.

A princípio, estava um pouco assustada de entrar para o time de *derby*. Parecia “holofote” demais para mim, e a maioria das garotas é uns dois anos mais velha. Tem uma patinadora que está no fim dos seus 30 anos. Mas Grace me incentivou, os uniformes são muito legais e, quanto mais fui pensando no assunto, mais fui gostando da ideia. Quando estou patinando, não é para mim, é para a equipe. Trabalhamos juntas, como um grupo. Sou uma *jammer*, o que significa que posso usar o capacete com a estrela, e meu objetivo é ultrapassar as defensoras do time adversário o mais rápido possível. Minhas habilidades de Matreira são usadas melhor na pista de *derby* que na minha vida diária.

Além disso, o esporte me ajuda a desestressar. Quando eu estava trabalhando na Sauna, superaqueci, figurativa e literalmente. Patinar me dá um escape para as minhas frustrações. Não preciso pular em cima de maloqueiros ladrões de falcões de museus, jogar ingressos na cara de clientes nem arrancar espingardas de drogados à força. Posso derrubar garotas maiores que eu, e isso não só é permitido como também é encorajado.

Espio pelo corredor e esquadrinho as arquibancadas em busca de rostos familiares, e os encontro quase de imediato. Papai está sentado com Wanda; eles nunca perdem meus confrontos de *roller derby*. Na frente deles estão

Grace e Taran – que voltou da Índia no fim do verão, felizmente, portanto não precisei ir até lá para dar uma surra nele – e Patrick com o namorado, além da sra. Roth e de Porter. Ele está com seu casaco do diabinho ^{FERVENTE}, o que me faz sorrir. (Nota mental: arrancar esse casaco na traseira da Kombi dele mais tarde.)

– Três minutos, meninas – grita LuAnn atrás de mim. – Estejam prontas para a fila.

Conforme minhas colegas de equipe zumbem à minha volta, pego meu telefone e peço para uma das garotas tirar uma foto de mim olhando para trás, sorrindo, com a multidão de fundo. Meu nome de patinadora está impresso em letras douradas nas costas da minha camisa: ^{ZIBELINA}.

Envio a foto pelo celular com a hora, a data e a localização, para mamãe. Não espero uma resposta; sei que não vai vir. Mas ainda não abri mão da esperança de que um dia ela estará pronta para se perdoar. E para me perdoar por deixá-la e me mudar para cá. Quando ela estiver pronta, poderá vir e visitar a mim e papai. Talvez a gente até a leve para comer *pozole*, vai saber.

Depois da última chamada, guardo o telefone no armário e entro na fila com minhas companheiras de time. Todo mundo está murmurando. É sempre assim antes de entrarmos. É tanta agitação! Chacoalho os braços e ajusto a tira do meu capacete. Está tudo pronto. Posso ouvir o locutor instigando a multidão. Todos estão torcendo. Está quase na hora.

– Prontas, meninas? – pergunta LuAnn, patinando pela fila, fazendo contato visual com cada uma de nós.

Ela toca meu ombro, me fazendo lembrar de Pangborn, e lhe faço um aceno de cabeça.

Sou Zibelina. Mais do que nunca, estou pronta.

Agradecimentos

Imensamente grata:

10. À minha extraordinária agente, Laura Bradford, pelos extremos que teve de aturar para me dar boas notícias, deixando no chinelo o lema dos correios americanos: “na chuva, no sol, na escuridão da noite”.

9. À minha editora durona, Nicole Ellul, por ser a melhor que já tive, sem comparação.

8. À incrível equipe americana da Simon Pulse – Mara Anastas, Liesa Abrams, Tara Grieco, Carolyn Swerdloff, Regina Flath e todos os nomes e rostos que ainda não conheço –, por investir neste livro e por acreditar em seu potencial.

7. À equipe inglesa incrível da Simon and Schuster UK – Rachel Mann, Becky Peacock, Liz Binks e todas as outras pessoas que trabalharam sem cessar nos bastidores –, por seu entusiasmo contagiante.

6. Aos meus editores estrangeiros, especialmente Barbara König e Leonel Teti, por continuarem acreditando em meus livros, e a Christina da LOVEBOOKS por apostar em mim.

5. Aos meus leitores beta, Veronia Buck e Stacey Kalani, por sua honestidade e gentileza.

4. À minha agente de direitos estrangeiros, Taryn Fagerness, por tolerar minhas perguntas idiotas.

3. À minha equipe de apoio pessoal – Karen, Ron, Gregg, Heidi, Hank, Patsy, Don, Gina, Shane e Seph – pela torcida infinita. Não mereço nenhum de vocês.

2. Ao meu marido, por continuar a suportar minha Loucura de Escritora. De todos, você é quem menos mereço.

1. Aos meus leitores. Obrigada por me darem razões para acreditar em mim mesma. Espero poder retribuir o favor por meio das palavras deste livro, mesmo que só um pouquinho.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**

com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, dez. 2017

FONTE Sign Painter 50/60 pt; Adobe Garamond Pro 12,5/16 pt

Jenn Bennett

Ana- tomia de um cora- ção

PLATA
FORMA 3

A anatomia de um coração

Bennett, Jenn

9788550700298

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Beatrix se sente num limbo quando o assunto é relacionamento. Estranha demais para os esportistas, não estranha o suficiente para os geeks. O fato é que ela é uma jovem artista, mas geralmente os rapazes se assustam com um detalhe: seu talento peculiar em fazer ilustrações da anatomia humana. E, na real, ela não está nem um pouco preocupada em se encaixar num padrão. Determinada a ser uma grande ilustradora, ela sabe muito bem o que fará nas férias de verão antes de concluir o Ensino Médio: seguir os passos de grandes mestres como Leonardo da Vinci, ou seja, desenhar cadáveres de verdade. Contudo, enquanto tenta se infiltrar nas aulas de anatomia da universidade, Beatrix conhece um rapaz misterioso que vira seus planos de cabeça para baixo. Jack é encantador, irresistivelmente atraente e... um dos grafiteiros anônimos mais procurados de São Francisco. Entre passeios noturnos, fugas da polícia e palavras douradas dominando a cidade, ela começa a desvendar quem Jack realmente é, assim como o grande segredo escondido sob sua melancolia. E Beatrix também precisa enfrentar os próprios fantasmas, como os problemas financeiros, o pai ausente e a solidão. Numa paixão irreprimível, os dois vão descobrindo um ao outro – e como transformar essa profusão de sentimentos em expressão, arte e amor.

[Compre agora e leia](#)

BRIGID KEMMERER

AOS
PERDIDOS,
COM
AMOR

A stylized flower made of folded letters and words, with the title text overlaid. The flower is white and has a long stem with several leaves. The petals are made of folded letters and words, creating a textured, three-dimensional effect. The title text is in a bold, pink, handwritten-style font.

CARTAS,
SEGREDOS E UM ENCONTRO
ARREBATADOR

PLATA 3
FORMA 3

Aos perdidos, com amor

Kemmerer, Brigid

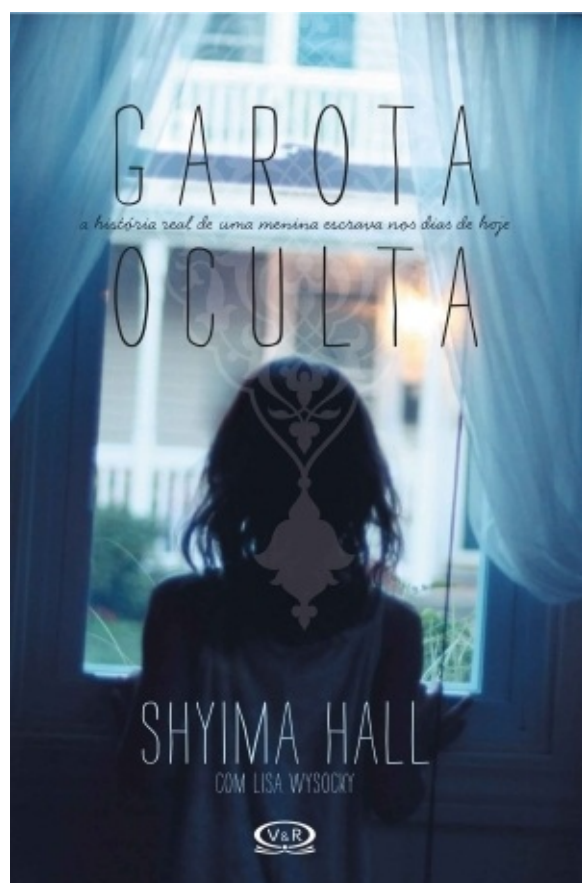
9788592783372

452 páginas

[Compre agora e leia](#)

Juliet Young sempre escreveu cartas para sua mãe. Mesmo depois da morte dela, continua escrevendo – e as deixa no cemitério. É a única coisa que tem ajudado a jovem a não se perder de si mesma. Já Declan Murphy é o típico rebelde. O cara da escola de quem sempre desconfiam que fará algo errado, ou até ilegal. O que poucos sabem é que, apesar da aparência durona, ele se sente perdido. Enquanto cumpre pena prestando serviço comunitário no cemitério local, vive assombrado por fantasmas do passado. Um dia, Declan encontra uma carta anônima em um túmulo e reconhece a dor presente nela. Assim, começa a se corresponder com uma desconhecida... exceto por um detalhe: Juliet e Declan não são completos desconhecidos um do outro. Eles estudam na mesma escola, porém são tão diferentes que sempre se repeliram. E agora, sem saber, trocam os segredos mais íntimos. Mas, aos poucos, a vida real começa a interferir no universo particular das confidências. E isso pode separá-los ou uni-los para sempre. Entre cartas, e-mails e relatos, Brigid Kemmerer constrói uma trama intensa, repleta de descobertas e narrada sob o ponto de vista dos dois personagens. Uma história de amor moderna de arrebatador o coração.

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

“Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor” Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como “garota estúpida” e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simmone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinis e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro “Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica.” – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3

S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. “Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?” Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 1](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 2](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 3](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 4](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 5](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 6](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 7](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 8](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 9](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 12](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 17](#)

[Mensagens](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Agradecimentos](#)

[Sua opinião](#)